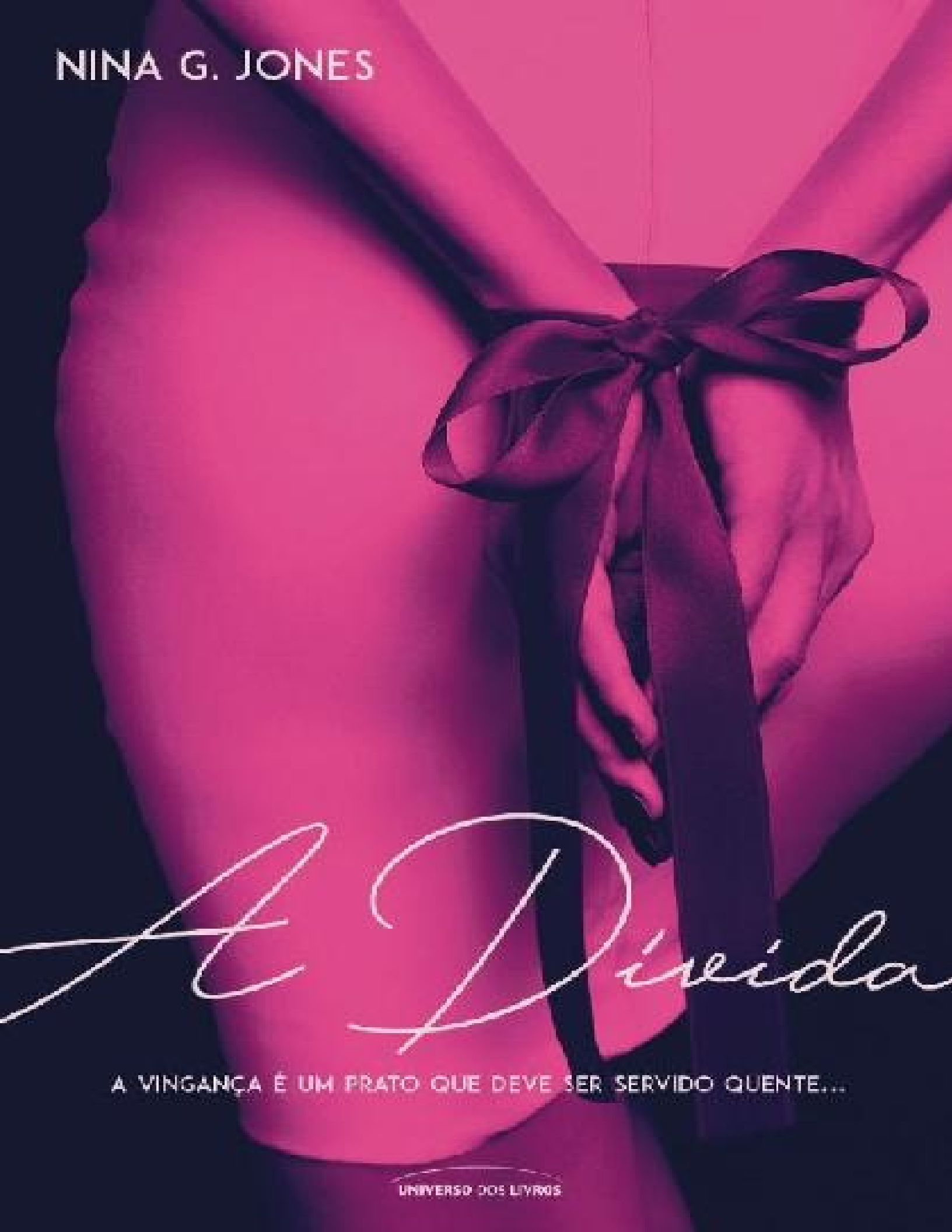
NINA G. JONES
A Pérola
A VINGANÇA É UM PRATO QUE DEVE SER SERVIDO QUENTE...
UNIVERSO DOS LIVROS

NINA G. JONES

A Dívida

A VINGANÇA É UM PRATO QUE DEVE SER SERVIDO QUENTE…

São Paulo
2018
Grupo Editorial
UNIVERSO DOS LIVROS

Copyright © 2014 by Nina G. Jones
© 2017 by Universo dos Livros

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor editorial
Luis Matos

Editora-chefe
Marcia Batista

Assistentes editoriais
Aline Graça
Letícia Nakamura

Tradução
Carolina Sampaio

Preparação
Francisco Sória

Revisão
Juliana Gregolin
Alexander Barutti

Arte
Aline Maria
Valdinei Gomes

Capa
Marina de Campos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Star Books Digital

J67d
Jones, Nina G.
A dívida / Nina G. Jones ; tradução de Carolina Sampaio. — São Paulo : Universo dos Livros, 2018.

448 p.

ISBN: 978-85-503-0286-1987
Título original: *Debt*

1. Literatura norte-americana 2. Literatura erótica I. Título II. Sampaio, Carolina

18-0052 CDD 813.6

Universo dos Livros Editora Ltda.
Rua do Bosque, 1589 – Bloco 2 – Conj. 603/606
CEP 01136-001 – Barra Funda – São Paulo/SP
Telefone/Fax: (11) 3392-3336
www.universodoslivros.com.br
e-mail: editor@universodoslivros.com.br
Siga-nos no Twitter: @univdoslivros

Advertência: este livro contém cenas de sexo, violência, linguagem adulta e pode se tornar um gatilho para pessoas que vivenciaram situações de violência psicológica, física e/ou sexual.

A todos aqueles que enfrentaram corajosamente um leão em um covil de leões.

Prólogo

14 anos antes

The Smashing Pumpkins – “To Forgive”

PRESSÃO. PRESSÃO IMPLACÁVEL. Essa é a primeira sensação que reconheço conforme recobro a consciência. Sinto como se minha cabeça fosse explodir. Quando tento abrir os olhos, a luz fluorescente queima as minhas pupilas. Eu os aperto novamente para que possam se adaptar.

Tento levantar o braço para proteger os olhos do brilho, e é aí que sinto o latejar. Como uma espécie de efeito dominó, todo o resto começa a doer. Meu corpo inteiro dói.

– Sil? Sil? Você está acordado? – É a voz do meu pai. *Merda.*

Abro a boca para responder, mas sufoco de tão seca que minha garganta está.

– Espere. Tome um pouco de água – ele diz gentilmente. A coisa deve estar realmente ruim para ele estar sendo legal.

Sinto um canudinho ser empurrado nos meus lábios e sugo. A água choca que preenche a minha boca parece ser a melhor coisa que já provei na vida.

Através de olhos embaçados, eu o encaro, tentando recordar o que me colocou nessa situação e, então, lembro: a carta, a floresta e Jude… Jude!

– Onde está Jude? – pergunto, o pânico manifestando-se em mim. Tento me sentar, mas desabo, com uma careta de dor.

– Vai com calma, Silvio – ele diz com ar severo. Meus olhos se focam em sua bochecha inchada e nos pontos de sutura embaixo de seu olho esquerdo. – Ela está bem. Agora cale essa boca por um segundo e ouça. – Eu sabia que ele não conseguiria ficar fazendo o papel de simpático por muito tempo.

Caio de volta no travesseiro, esgotado e grogue devido à sedação.

– Você se lembra do que aconteceu?

Hesito. Nunca senti que ele quisesse o que era melhor para mim, e mesmo aqui, deitado em uma cama de hospital, ainda não acho que queira.

– Sim. Bem, grande parte.

– Bem, agora você não se lembra mais.

– O quê? – perguntei, tentando focar meus pensamentos nebulosos. – Do que você está falando?

– Não me questione, porra.

Isso não faz o menor sentido. Sim, ele é uma merda, mas por que ele não se importaria? Continuamos sendo seus filhos.

– Não entendo…

Ele segura a minha garganta e a aperta com força.

– Você não se lembra de merda nenhuma, seu bostinha – ele sibila. – Jude também não. Caso encerrado. Depois do que você aprontou na outra noite, tem sorte de eu mesmo não te matar. Algumas coisas precisam simplesmente ser esquecidas.

Quando ele solta a minha garganta, tusso e busco por ar. A cada inspiração e exalação, parece que um bastão de beisebol está acertando a minha caixa torácica. Devo estar com algumas costelas quebradas. E então me dou conta: o pai de Tripp deve ter pago o meu para encobrir o que aconteceu.

– Eles pagaram você?

– Isso não é da sua conta. Já era hora de eu ser pago. Ter que criar você e a sua irmã não é barato.

Esta merda de cidade. Esta porra de cidade de merda e todos nela. Juro que um dia vou botá-la abaixo.

– Agora, vou dizer ao xerife Tibbett que você está acordado. E ele vai te perguntar o que aconteceu. Você vai dizer que não se lembra. E todos nós vamos seguir em frente. E se você não fizer isso, vai acabar com mais ossos quebrados do que já tem. E quanto à sua irmã, todos saberão o que aconteceu com ela. Ela será um caso perdido. Compreendeu?

Capítulo 1

Presente

Mia

– TEM PLANOS PARA ESSE FIM DE SEMANA? – Laney pergunta do cubículo adjacente.

– Humm, na verdade não. Talvez encontre uma amiga. Fora isso, acho que vou ficar de bobeira. E você?

– Então… o Luke vai me levar a um restaurante chique no sábado – ela conta, levantando de repente a cabeça por trás da divisória. – Não sei não, mas estou com a sensação de que… vai rolar!

Retiro os meus fones de ouvido, que deveriam ser um sinal universal de que não estou a fim de conversar, mas ela capturou a minha atenção.

– Quer dizer que você acha que ele vai te fazer o pedido?

– É! – ela confirma alegremente.

– Bem, isso é ótimo! – digo. Estou sendo sincera quando falo isso, mas um nozinho se forma no meu estômago. Laney é uma doçura, não me entenda mal, mas ela é uma daquelas garotas cuja vida gira em torno do fim da linha que é o casamento. É sempre Luke isso, Luke aquilo. Um ano e meio atrás, era Matt isso e Matt aquilo, até que terminaram. E se me aprofundar demais nessa conversa com ela, isso vai acabar se tornando algo a meu respeito, e aí ela começará a perguntar se estou saindo com alguém, e então vai tentar agitar alguém para mim. Laney parece ficar completamente aterrorizada com a ideia de eu ficar sozinha. Por mim, tranquilo. Bem, talvez não esteja tão tranquilo assim, mas estou cansada de defender minha pacata vida amorosa dela. – Boa sorte! – desejo, dando-lhe o toque de que estou encerrando a conversa ao levar as mãos aos meus fones de ouvido.

– Só que esta noite… – *droga, ela não vai desistir de conversar* – eu e Luke vamos sair com alguns dos antigos amigos de faculdade dele. E adivinha só? Alguns deles são solteiiiiiros!

Aí está aquele nó no meu estômago ficando ainda mais apertado. Acabei de dizer pra ela que não tenho planos. Merda, ela me encurralou.

Naquele momento, Dewey para ao lado de nossas mesas. Dewey é o nosso chefe e proprietário da Alea Brinquedos Íntimos para Mulheres. Basicamente, fabricamos brinquedos sexuais; brinquedos sexuais de designer, lindos e de altíssima qualidade, para mulheres. Deve ser por isso que estou sozinha. Tenho acesso aos melhores brinquedos do mercado. A maioria dos caras não consegue manter o meu interesse, já que tenho o Afrodite "giratório" na minha mesa de cabeceira. Tá, isso não é verdade. Estou sozinha de verdade porque a maioria dos homens me deixa entediada. Não apenas dentro do quarto, mas também fora dele. Neste momento, estou concentrando as minhas energias em construir a minha carreira. Sou independente, talvez até um pouco em excesso. Pelo que já vi – e já namorei –, simplesmente não sinto que a maioria dos homens tenha algo a me oferecer que eu própria não possa proporcionar a mim mesma. Ficar às voltas com hordas intermináveis de criançõe e babacas não demora muito para encher o saco, então dei um tempo dessa coisa toda. Um tempo de nove meses, até agora.

– Dewey! – grito, feliz por vê-lo, especialmente porque ele acabou de me salvar de um dos encontros às cegas arrumados por Laney.

Ele olha para o seu relógio de pulso.

– Estou me sentindo generoso hoje. Estou pensando em deixar todos vocês irem para casa uma hora mais cedo.

– É por isso que nós te amamos – sorrio.

Logo que digo isso, meu celular emite um ruído.

Quer curtir esta noite?

Oh, graças a Deus! A amiga com a qual eu talvez tivesse planos deu sinal de vida, Deus a abençoe!

Claro! Quer vir lá pelas 6?

Beleza, vou levar a bebida!



Relaxo no meu sofá, confortável com um top e suéter, já tomando um pouco

de vinho, quando a campainha toca.

Conheço Tiff o suficiente para reconhecer a expressão em seu rosto assim que abro a porta. Ela está tentando parecer tranquila, mas está prestes a explodir. Está louca para me contar alguma coisa. Isso também explica por que foi pontual esta noite, coisa que não é a cara dela.

– Trouxe umas coisinhas pra gente beliscar! – ela anuncia, dirigindo-se numa linha reta até a cozinha e largando as sacolas do mercado em cima do balcão.

– Obrigada. Como você anda? – perguntei, dando-lhe um forte abraço. – A propósito, você me salvou da Laney.

– Oh, Deus, aquela garota… – responde Tiff. Eu diria que Tiffany é a antítese de Laney. Laney provavelmente olha pela janela toda noite e faz um pedido a uma estrela cadente de que um Príncipe Encantado venha e a carregue em seus braços. Já Tiff é uma mina de cabelo azul, ou roxo, ou verde, toda tatuada, que usa coturnos e é dona de um barzinho famoso. Ela o herdou de seu pai, junto com a personalidade prática e direta. Eu a conheci quando me formei na Universidade Marquette, há oito anos. Aluguei um dos dois horríveis apartamentos em cima de seu bar, e ela morava no outro. Não demorou nadinha para nos tornarmos grandes amigas. – Por que você não manda ela à merda?

– Porque ela é gente boa e trabalho com ela. Não é um bar, não posso mandar os meus colegas de trabalho à merda.

– Você vende vibradores, não ações e títulos.

– Mais um motivo para eu ser profissional, Tiff. Nós nos cercamos de sexo o dia todo, então temos de nos certificar de que exalamos profissionalismo. E, como eu disse, sei que reclamo pra caralho dela, mas ela está tentando ajudar, ela só não entende que não quero nem preciso disso.

– Você não acha o máximo receber conselhos não solicitados de alguém que não consegue acertar a própria vida? Fica tentando te empurrar um par, mas ela própria não consegue segurar um namorado ao lado dela.

Levamos para perto do sofá uma grande garrafa de vinho moscatel, dois cálices e pratos de comida, nos aconchegando sob cobertores enquanto colocamos a conversa em dia. Passada uma hora e detonado o moscatel, posso dizer que ainda há algo que Tiff não está me contando.

– E aí… no que você está pensando? – questiono.

– Hmmm? – ela pergunta com ar de inocência, pegando um pedaço de queijo e uma bolacha.

– Assim que você entrou pela porta, ficou bem claro para mim que você tinha alguma coisa que queria me dizer. Então, me conta.

– Às vezes eu te odeio. Você me conhece muito bem.

– Me conta! – insisto, puxando um cobertor para longe dela enquanto ela luta para mantê-lo em seu lado do sofá.

– Ok… – ela protela, em parte porque está escolhendo as palavras para expressar o que vai dizer, em parte porque está "altinha". Ela dá um profundo suspiro, dando um tapa em sua coxa. – Ok. Você se lembra que conversamos muito tempo atrás sobre as nossas maiores fantasias?

– Siiiiiiiiim… – respondo com hesitação, perguntando-me aonde ela está querendo chegar com isso.

– Ok, nós duas concordamos que seria excitante ter um cara que, tipo, fingisse que era um estranho que, tipo, invadia a nossa casa ou algo assim e aí, tipo, fodia a gente sem piedade.

A quantidade de "tipos" na frase dela é diretamente proporcional ao nível de desconforto que estou começando a sentir.

– Sim, me lembro disso.

– E você sabe que sou uma vadia depravada, e que você é uma vadia depravada enrustida.

– Talvez não fossem as palavras exatas que eu usaria, mas sim, aprecio uma variedade de atividades entre quatro paredes.

– Ok, então escuta só isso: eu fiz! – ela revela num impulso.

– Espera, espera, espera – respondo, balançando a cabeça enquanto tento assimilar suas palavras. – O que você quer dizer com "eu fiz"? Você invadiu uma casa qualquer e fodeu com alguém lá?

– Não! – ela exclama, como se a louca fosse *eu*. – Contratei alguém para me atacar.

Capítulo 2

Mia

– O QUÊ? – PERGUNTO, AINDA NÃO compreendendo o que ela está dizendo. – Tiff, explica isso direito pra mim, porque ou sou muito idiota para entender ou estou muito bêbada.

Ela ri. Evidentemente, qualquer nervosismo que ela tenha sentido por me contar se dissipou.

– Ok, tenho uma cliente regular no bar. Ao longo do tempo, eu a conheci melhor… Acontece que ela é uma acompanhante de luxo. Então, certa noite, ela começa a me contar sobre esse serviço e me dá esse cartão.

Tiff me entrega um cartão preto no qual está escrito apenas www.happykitty.onion.

– Mas que porra é essa…? – eu me espanto, pegando o cartão e o examinando.

– Ela me disse que eles são especialistas em fantasias de estupro e ataque. Você entra na internet, preenche um questionário, e eles mandam alguém. Espera-se que todos os caras sejam gostosos pra caralho, limpos e tenham paus maravilhosos.

Eu a ouço boquiaberta.

– Sei o que você está pensando, mas é uma operação totalmente profissional. O site provavelmente troca de servidor um zilhão de vezes e está na *deep web*. É muito parecido com o cartão: com fundo preto, sem informações, apenas um questionário, em seguida você paga. E então, você aguarda.

– Opa, opa, vai com calma… Você está fazendo isso soar simples demais. Então, como você sabe quando aguardá-lo? Como sabe que não está sendo de fato atacada? E está me dizendo que realmente passou por isso?

– Você não sabe exatamente quando esperar por ele. Você preenche um questionário sobre horários e locais em que você gostaria de ser "abordada". Então, há uma janela de tempo, mas não dá pra saber exatamente quando. E eles sempre usam ternos. É como um uniforme invisível. Como estão sempre bem-vestidos, as chances de um estuprador de verdade estar usando Hugo Boss são mínimas. Você precisa estar sozinha; caso contrário, eles vão vazar e tentar depois só mais uma vez. Mas existem precauções. Tem uma pergunta que você

pode fazer cuja resposta apenas ele conhece e uma senha para fazê-lo parar.

– Como você sabe de tudo isso?

– É baseado em indicação, o site não contém nenhuma informação. Então, a garota que me deu o cartão respondeu a todas as minhas perguntas. Ela própria faz umas dessas merdas pervertidas. Ela ganha uma puta grana para amarrar e espancar diretores de empresas e essa porra toda.

– Diz pra mim que você não fez isso! – pergunto com um misto de decepção e curiosidade.

– Fiz – ela confessa com ar de alguém que foi flagrado roubando sobras da geladeira.

– Não consigo acreditar! – eu a repreendo, tentando mostrar desaprovação, mas de alguma forma sua loucura está me contagiando, porque quero saber mais a respeito.

– Mia, foi incrível pra caralho. Quero dizer, selvagem, animalesco, brutal! – Ela ergue as palmas das mãos e depois as fecha enquanto cerra os olhos. – Gozei, tipo, umas três vezes! Pra caralho! O cara era lindo. E o pau dele, oh, Deus! – ela descreve, como se estivesse revivendo a coisa toda de novo.

– Como? Onde?

– Enquanto eu estava fechando o bar – ela conta com malícia. – Fiz planos para fechá-lo sozinha uma noite e incluí no questionário como um intervalo de tempo disponível. Foi batata – vangloria-se, como que pressionando um botão invisível no ar.

Mais uma vez, fico sem palavras e agora, não sei explicar por quê, com inveja.

– Ele veio por trás de mim e cobriu a minha boca. Minha primeira reação foi gritar, entrar em pânico. Me debati. Mas ele era tão grande e forte, não havia como me defender. É como se, mesmo sabendo que havia sido algo armado por mim, meu sistema nervoso perdesse a porra do controle. Ele me empurrou para dentro do bar e trancou a porta atrás de mim. Então, ele me arrastou para o escritório nos fundos. Foi quando olhei para ele. Lindo pra cacete. Bronzeado… E que rosto! Que olhos! Que tudo! – ela vai ao delírio.

– Não consigo acreditar no que estou ouvindo. – Meu coração fica acelerado enquanto espero ela prosseguir. – Isso é uma maluquice completa!

– Ele me deixa numa posição submissa e não consigo nem… Ele já está puxando meu cabelo, me mordendo, sendo totalmente violento comigo. Falando coisas obscenas. Ainda estava com medo, mas tão excitada. Ficava pensando que deveria parar, mas não queria.

– Você é louca! – grito, mas um sorriso está plantado em meu rosto.

– O pau dele. Meu Deus. Você tem que tirar um molde daquele troço e usá-lo para o seu próximo vibrador na Alea. Ele me fodeu de todas as formas possíveis. Gozei tanto, da forma mais intensa que já gozei em toda a minha vida. Eu estava vendo estrelas!

A essa altura, estou andando nervosamente em torno do sofá. Isso é muita coisa para assimilar.

Então, ela faz uma pausa, respira fundo e me olha nos olhos.

– Mia, você *tem* que fazer isso.

– Eu? O quê? Você perdeu a porra da sua cabeça!

– Como sua melhor amiga, e alguém para quem você confessou ter essa fantasia, estou lhe dizendo que você nunca terá sexo igual a esse. É como lutar contra alguém ou fazer sexo no avião, a adrenalina é tão forte. Estou lhe dizendo: você tem que experimentar.

– Olha só, não estou te julgando, mas você está maluca. Não chego nem perto de ser ousada como você é. Quero dizer, e se a polícia prendê-los ou algo assim e os nossos nomes forem revelados? – A ideia de minha primeira preocupação residir no fato de eu ser pega, e não na moralidade do esquema em si, faz com que eu fique desconfiada de mim mesma.

– Como eu disse, está na *deep web*. Você usa um navegador especial, uma VPN (Virtual Private Network), e paga em *bitcoins*. É tudo criptografado. É quase impossível eles serem pegos. O ponto é exatamente esse: discrição. É uma maneira de satisfazer a sua fantasia de forma segura e sem vergonha.

– Eu… não sei… – titubeio, pegando o cartão e olhando para ele. – Sexo com um total estranho?

– Como isso é diferente de uma trepada casual?

– E se eu quiser que ele pare e ele não parar?

– Eles só existem por causa do boca a boca, sua reputação seria destruída se não respeitassem os limites que apresentam. O cara fez o trabalho dele e depois foi embora. Nós não trocamos nenhuma palavra. Foi anônimo e lindo.

Meu ventre formigou a essas últimas palavras.

– Você realmente quer que eu tente isso? Hein?

– Sim. Não é barato, mas pelo menos faça uma vez. Antes de morrer, você precisa sentir como é isso. Além do mais, recebo 50% de desconto na próxima foda.

– Tá de brincadeira comigo? – rio, incrédula, enquanto balanço o cartão para ela. – Você está tentando me convencer a fazer isso por causa de um desconto?

– Não! Vou fazer de novo de qualquer jeito. Estou apenas tentando fazer a

divulgação completa.

– Desculpe, minha amiga, mas acho que não sou tão aventureira quanto você.

– Apenas fique com o cartão, sem pressão. Se for fazer isso, use o número que escrevi na parte de trás. É o meu código de referência – ela me lança uma piscadela.

Capítulo 3

Mia

ISTO É RIDÍCULO. JÁ FAZ UMA SEMANA desde que Tiff me contou sobre o tal serviço de “estupro contratado” e AINDA não consigo dormir.

Estou enojada comigo mesma porque, a cada dia que penso a respeito disso, cada vez mais vou convencendo a mim mesma. Justifico prosseguir com a ideia.

Quero dizer, o corpo é meu, certo? É a minha sexualidade. Tudo o que falamos na Alea tem a ver com dar poder às mulheres de explorar a sua sexualidade, de não ter vergonha. Mas isso – esse negócio parece tão sujo e errado. E acho que é por isso que, cada vez que penso no assunto, sobe um calor da minha barriga e me causa arrepios nos meus braços inteiros.

Nunca vi Tiff tão empolgada assim com uma coisa, o que quer que fosse. Não chegou nem perto. Desde que ela me contou sobre isso, tenho invejado aquela expressão de exultação no rosto dela.

É isso que *eu* quero sentir. Não quero uma vidinha perfeita com cerquinhas brancas ou que um cara qualquer me leve ao cinema em um encontro. Quero aquela expressão que estava estampada nos olhos de Tiff. Aquele barato, aquela luxúria histérica, aquele frenesi.

Pelo menos quero isso antes que eu possa ter que me conformar com alguma outra coisa um dia.

Já fiz sexo selvagem antes, mas sempre foi cuidadoso. Estive próxima daquela magia que Tiff descreveu, mas não cheguei àquela minha parte animalesca profunda. E eu ansiava por isso. O cara com quem eu estava saindo parecia inseguro, desempenhando um papel que tinha medo que pudesse passar de um ponto aceitável. Eu não queria apenas que fosse selvagem, queria que fosse doloroso, queria que fosse degradante. Queria que alguém me fizesse subir pelas paredes. Não – que me *forçasse* a subir pelas paredes. Que violentamente me afastasse do convencional. Sou muito controlada e sempre quis encontrar alguém que me virasse do avesso. Mas o nível de agressão que eu desejava não era algo que alguém que eu tivesse namorado pudesse fornecer. Eles simplesmente não conseguiam – ou estavam dispostos – a ir até esse ponto. Talvez você não consiga isso com alguém que lhe seja familiar. Porque, depois que tudo é dito e

feito, você tem que encarar essa pessoa no mundo real. É difícil ser ao mesmo tempo primitivo e normal com a mesma pessoa. Talvez seja por causa disso mesmo que este serviço existe pra começo de conversa.

Gosto de um tipo de pornô que seria humilhante para mim se alguém descobrisse: bater, amarrar, puxar, apertar. Atores fingindo capturar mulheres para fazer o que quiser com elas. Mas apenas no faz de conta. Isso atravessava o limite entre o faz de conta e a realidade.

Eu me agito e viro o travesseiro. *Não. Não. Não. Não.*

Qual é o seu problema, porra? Está seriamente pensando em deixar um estranho te atacar e te foder? Você oficialmente perdeu a cabeça!

Desta vez, eu me sento na cama, bem desperta. Vou apenas dar uma espiada, simplesmente navegar no site. Só mergulhar um dedinho na água imunda.

Saio do quarto e vou até a sala de estar, sento-me no chão em frente à mesa de centro e abro o meu laptop.

Digito o endereço eletrônico, mas isso me leva para uma página em branco.

Espera um pouco, Tiff disse algo sobre a *deep web*. Já ouvi falar disso. Preciso de uma VPN e de um navegador especial.

Algumas buscas no Google e uma taça de vinho depois e estou há algum tempo já navegando na sombria *deep web*. Este é o beco escuro da internet, onde você pode encomendar drogas, prostitutas e encontrar pornografia ilegal.

São duas da manhã e estou na deep web *buscando um prostituto masculino para me estuprar. Isso exige mais vinho.*

Vou até a cozinha, balançando a cabeça para mim mesma enquanto encho de novo a minha taça. Volto a me sentar diante da mesa de centro.

Aqui estou eu, encarando esta página preta na minha frente. É um questionário.

No topo, diz:

ABSOLUTAMENTE SEM RESTITUIÇÕES. ESTA TRANSAÇÃO NÃO PODE SER CANCELADA DEPOIS DE ENVIADA. VOCÊ PRECISA UTILIZAR SUA PALAVRA-SENHA DESIGNADA PARA CANCELAR O COMPROMISSO NO MOMENTO DA ENTREGA.

Essa merda é bem séria.

COMO VOCÊ FICOU SABENDO SOBRE NÓS? DIGITE AQUI O SEU CÓDIGO DE REFERÊNCIA.

Ok, vou apenas brincar um pouquinho, preenchê-lo só por diversão. Pego o cartão de Tiff e insiro o código de referência dela.

POR FAVOR, SELECIONE SUAS PREFERÊNCIAS EM UM PARCEIRO SEXUAL. MARQUE TUDO QUE SE APLICAR.

Há trocentas caixas de seleção para marcar e vou selecionando sem me preocupar:

☑ ALTO
☑ ATLÉTICO/MUSCULOSO
☑ CABELO ESCURO
☑ TATUAGENS
☑ TOM DE PELE: PELE CLARA OU TRIGUEIRA
☑ COR DOS OLHOS: SEM PREFERÊNCIA
☑ PELOS DO CORPO: APARADOS (NÃO INTEIRAMENTE RASPADOS) OU RASPADOS
☑ PELOS FACIAIS: BARBA POR FAZER OU BARBEADO

Isso é como construir meu homem perfeito!

Em seguida, vêm as datas. Seleciono datas de um calendário e depois, em outros campos, agendo os horários e locais para a disponibilidade do meu estupro falso. Rio comigo mesma enquanto preencho essa parte. *Sim, gostaria de agendar o meu ataque para quinta-feira às 18h. Sim, minha casa está ótimo.*

Depois, há uma lista de preferências sexuais. Novamente, devo selecionar tudo que se aplicar. Esta parte me deixa desconcertada. Quero dizer, conheço todas as coisas normais de que gosto, e as coisas com as quais eu fantasiei, mas as opções disponíveis são coisas que nunca havia considerado.

EU GOSTO DE SER SUFOCADA/ESPANCADA/CORTADA?

Deixo essa parte em branco, seleciono outra. Na caixa de comentários, escrevo: *Disposta a experimentar, mas nada muito doloroso. E NADA DE FACAS.*

Inesperadamente, me deparo com um questionário de saúde. Ele me faz lembrar muitas das perguntas que são feitas quando se doa sangue.

NOS ÚLTIMOS 12 MESES, VOCÊ:

TEVE CONTATO SEXUAL COM ALGUÉM QUE TEM HIV/AIDS OU TEVE UM TESTE POSITIVO PARA O VÍRUS HIV/AIDS?

TEVE OU FOI TRATADA POR SÍFILIS OU GONORREIA?

TEVE CONTATO SEXUAL COM UMA PROSTITUTA OU QUALQUER PESSOA QUE RECEBA DINHEIRO OU DROGAS OU OUTRO TIPO DE PAGAMENTO EM TROCA DE SEXO?

Rá! Essa última pergunta me faz rir sozinha. Ao que parece, eu poderia estar impedida de utilizar este serviço se eu na verdade usasse outro serviço. Happy Kitty: serviços *prostitucionais* para pessoas que não usam prostitutos.

"Prostitucional" é uma palavra? Bem, deveria ser.

O questionário de saúde fornece apenas uma leve segurança. Evidentemente, a Happy Kitty não é um cafetão de rua com uma bengala e um chapéu de plumas, mas a ideia de tamanha intimidade com um estranho, por mais gostoso que ele seja, é aterrorizante.

Eu me pergunto quem são os homens que executam esse serviço. Será que eles têm empregos comuns? São pilares em sua comunidade? Aliás, como é que a Happy Kitty recruta esse belo e supostamente saudável estábulo de garanhões?

À medida que preencho cada uma das seções seguintes do questionário, a ideia de eu realmente estar fazendo isso torna-se cada vez mais fácil. Não é muito diferente de se candidatar a uma vaga de emprego ou doar sangue, é tão… metódico. Estou apenas colocando palavras em uma página da web. Não consigo estabelecer uma relação de que isso de fato levará a algo real, algo que pode potencialmente mudar a vida de alguém.

Depois de ter tomado três taças de vinho, chego ao fim do questionário.

O botão me encara de volta: ENVIAR.

Logo abaixo, aquela mesma advertência que havia no topo do questionário. Então, é isso: se clicar nesse botão, a única maneira de parar a coisa toda é dizendo a minha senha de segurança para o meu agressor, cara a cara. Selecionei a palavra "arco-íris", certa de que é algo que nunca gritaria durante o sexo, a menos que eu quisesse que ele terminasse.

Ah, sim: também vou perder 900 dólares.

Balanço o dedo sobre o *trackpad* do meu note. Direcionando o cursor para mais perto e depois afastando-o, me testando e me tentando. Me atrevendo.

Só leva um segundo. Não, menos de um segundo. É só apertar esse botão. E me arriscar nessa maluquice. Basta clicá-lo, e não tem mais volta. Uma vez enviado, não me deixo outra opção senão, pelo menos, ficar cara a cara com esse homem.

Desta vez, meu dedo está parado sobre o *trackpad*. Eu literalmente poderia espirrar e, por acidente, concluir a transação, mas alguma coisa continua me segurando. Talvez seja o pouco de sanidade que me resta.

– Pare! – alerto a mim mesma, baixando a tela do meu laptop, me levantando e rondando a mesa de centro.

Em que diabos estou pensando?

Corro as mãos pelo cabelo e meus olhos voltam a pousar no computador. É quase magnético. Está me provocando.

Fiz tudo que é considerado normal. Tentei, e percebi que isso não é pra mim. Venho de uma pequena cidade onde tudo o que as pessoas queriam fazer era se conformar aos padrões e deixei essa merda exatamente por esse motivo.

Preciso de mais. E essa é a única coisa na minha vida que pode ser isso, esse mais.

Além disso, Tiff fez, e ela jamais me daria um conselho ruim.

Corro para o meu laptop, abro-o e a tela ressurge.

Fecho os olhos e estremeço, como se estivesse prestes a arrancar *silver tape*, e bato o dedo no *trackpad*, sentindo o clique sutil no meu dedo indicador.

Abro os olhos e na minha frente a tela diz:

TRANSAÇÃO BEM-SUCEDIDA.

SENHA: ARCO-ÍRIS
SUA PERGUNTA SECRETA: VOCÊ JÁ DANÇOU COM O DIABO SOB A PÁLIDA LUZ DO LUAR?
RESPOSTA CORRETA: ABACAXIS.

CUIDADO POR ONDE ANDA.

ATENCIOSAMENTE,
HAPPY KITTY

Sou inundada por uma onda de alívio: está feito. Agora não está mais nas minhas mãos. Mas aí, tão rápido quanto surgiu a onda de alívio, sinto um frio na

barriga e minha cabeça fica zonza.

Não sou maluca como a Tiff, não saio no braço com homens em bares. Eu desenho lindos vibradores!

Pelo amor de Deus, o que fui fazer?

O frio na barriga sobe para a minha garganta e corro para o banheiro para vomitar o conteúdo do meu estômago.

Capítulo 4

Mia

HOJE É O ANIVERSÁRIO DE DEWEY e estamos comemorando depois do trabalho, no deque do telhado do Café Benelux.

Já se passou uma semana desde que eu, em um terrível momento de fraqueza e falta de juízo, cliquei na palavra: ENVIAR.

Quando preenchi o calendário, não percebi que a festa de aniversário de Dewey também cairia no primeiro dia que disponibilizei para que o meu misterioso estuprador de aluguel me fizesse uma visita.

Tenho sentido um frio na barriga o dia todo. As únicas coisas que me impedem de surtar por completo são: 1) Estarei cercada de pessoas até praticamente eu ir para a cama e 2) Duvido que alguém venha atrás de mim no primeiro dia, isso seria fácil demais. Tiff me disse que esperou por uma semana e meia até ser abordada pelo agressor dela.

Então, fico recitando sem parar a minha senha de segurança. Opto por usá-la no instante em que ele puser as mãos em mim. Essa coisa toda foi uma péssima ideia. Não sou a Tiff, ou aquela acompanhante de luxo. Eu sou Mia; se por um lado gosto de pensar em mim mesma como sexual e pervertida, por outro, não sou uma doida varrida.

Ah, e Tiff, não contei nada a ela. Quero apenas esquecer que isso um dia aconteceu.



Laney está chorando no meu ombro. Ela está ultrabêbada. Luke não a pediu em casamento. Ele a levou àquele restaurante legal para lhe contar que recebeu uma nova oferta de emprego em São Francisco. Ela não ia se mudar a menos que ele se comprometesse totalmente, e bem… não havia anel.

– Não sei o que vou fazeeeeeer – choraminga ela, seu rosto uma bagunça por causa do batom e rímel borrados.

– Pronto, pronto, está tudo bem, acalme-se – eu a conforto, enquanto meus olhos perscrutam o bar procurando por algum indivíduo à espreita que esteja impecavelmente vestido, e seja alto e sexy. Sinto que estou sendo observada,

como se eu fosse uma gazela vigiada à distância por um tigre escondido, abaixado no mato. É apenas nervosismo, Mia. Você pode dizer a ele que pare. Aí você ficará novecentos dólares mais pobre, mas ainda terá sua dignidade intacta.

As festas da Alea podem rolar por horas a fio, já que esse grupo curte uma farra. Mas está ficando tarde e, assim como Laney, já bebi demais. Estou pronta para ir para casa e desmaiar na minha confortável cama.

Tenho um plano: pego um táxi, dou ao motorista uma graninha extra e peço-lhe que aguarde até que eu esteja em segurança na minha casa antes que ele vá embora. Não tem erro!

Eu me recosto despreocupadamente no banco de trás do táxi, aliviada por ter conseguido atravessar esse primeiro dia sem um encontro erótico bizarro. Conforme ensaiado, apesar da minha ligeira embriaguez, sou capaz de comunicar ao motorista que gostaria que ele se certificasse de que entrei na minha casa e fechei a porta atrás de mim. Ele até sugeriu que eu acendesse e apagasse as luzes para avisar que ele poderia partir.

E, então, segui o exato protocolo. Tirei as minhas chaves da bolsa e entrei. Acendi e apaguei as luzes algumas vezes, vi o motorista ir embora pela janela da frente e, em seguida, soltei um suspiro de alívio.

Consegui.

Tiro os sapatos e ligo o CD player, tomada de súbito por um humor alegre. As coisas estão indo muito bem: adoro o meu trabalho, estou de pilequinho e finalmente estou só, depois de socializar e festejar durante horas e horas.

Danço sozinha na minha sala de estar e sou acometida por uma súbita onda de fome. Caminho até a geladeira, remexendo o corpo durante o percurso, acompanhando a letra de um dos clássicos do Backstreet Boys.

Assim que abro a geladeira e enfio a cabeça lá dentro, a música para. Eu me endireito, aguardando que ela volte a tocar.

– Droga! – resmungo para mim mesma. A música estava prestes a chegar à minha parte preferida. Tanto o CD como o aparelho são velhos e, às vezes, a música salta. Mas, dessa vez, a música não recomeçou. Dessa vez, o que deveria ser um inconveniente menor me causa um arrepio nos braços; os pelos finos ficam em estado de atenção como se eu estivesse em contato com eletricidade estática.

Então, a luz da sala de estar se apaga.

Não tenho nem tempo de me assustar, ou analisar o que está acontecendo. Viro a cabeça para investigar e vejo uma sombra escura aparecer diante de mim.

Ele é alto e seus ombros são largos. Ele deve ter o quê, sei lá, uns dois metros

de altura?

Abro a boca para dizer alguma coisa. O quê? Nem faço ideia, e ele coloca uma mão enluvada sobre a minha boca.

– Não diga nem uma palavra, vadia.

Capítulo 5

Tax

JÁ SÃO ONZE DA NOITE e a porra da minha paciência está se esgotando. Sei que ela está em uma festa, mas não dou a mínima. Eu a quero aqui agora.

Finalmente, ouço um carro encostar na frente. Um táxi. Perfeito. Ela está sozinha, como eu esperava.

Observo Mia de dentro de um armário enquanto ela entra em casa e tranca a porta atrás dela. Ela até faz esse negócio de apagar e acender a luz. Vadiazinha estúpida.

É tentador atacar agora, mas preciso ser paciente. Tenho que pegá-la completamente desprevenida e desavisada.

Ela está cambaleando por todo o lugar, deve estar alta. Eu não poderia ter pedido por uma condição melhor: pessoas bêbadas são fáceis de dominar. Não que eu esteja preocupado que ela consiga oferecer alguma resistência.

Ela tira os sapatos e o suéter e admiro as curvas de seu corpo no top branco e jeans apertados. Seus seios são perfeitos, cheios, mas ainda assim empinados, e agora seus mamilos estão rijos, apontando através do material fino de seu top. Sua bunda é redonda e firme. Seu corpo mudou ao longo dos anos, preenchendo todos os lugares certos. Meu pau lateja antecipando as coisas que farei com ela.

Agora, se essa cadela fosse para o quarto, eu poderia começar. A janela da sala fica de frente para a rua principal e ela gritará. Seu quarto, por outro lado, é na parte de trás da casa e dá para o quintal. Lutar em uma cama é muito mais silencioso do que numa sala cheia de abajures e prateleiras abarrotadas de besteiras aleatórias. De quantos malditos bibelôs um ser humano precisa? Isso é um gato de porcelana? Sinceramente, estou arrancando-a de sua desgraça. Ela deveria me agradecer.

De qualquer forma, quero me demorar com ela, então, preciso aguardar um pouco mais. Merda, já esperei catorze anos.

Não posso acreditar nessa merda, ela está ligando seu aparelho de som.

Que bobagem é essa que ela está ouvindo? Claro, a porra dos Backstreet Boys.

Não posso deixar de sorrir um pouco quando ela dança. Está tão

despreocupada agora. Acha que está segura.

Mas ela não entende que esta noite é a noite em que ela morre.



Mia

Nine Inch Nails – “Closer”

Eu grito, mas o som é abafado por sua mão. Ele me segura firmemente contra si, esperando minha resistência. Minhas pernas se debatem contra a geladeira derrubando um pote de queijo cottage que explode no chão da cozinha. Outro chute desloca uma prateleira e os potes plásticos deslizam para o chão.

Eu sabia que o ataque iria acontecer, mas isso não me deixa nem um pouco menos apavorada quando a adrenalina inunda o meu corpo. Meu coração dispara. Eu me sinto mais forte, como se os meus músculos estivessem energizados, mas, mesmo assim, seu controle sobre mim não cede. E, embora eu esteja mais alerta, há uma névoa estranha embotando os meus pensamentos. Tenho toda essa energia mental renovada pelo terror, mas não consigo me concentrar em nada além da mão na minha boca. Eu só preciso tirar a mão da minha boca. Mas esse cara é feito de pedra: pesado, maciço, denso. Posso dizer que ele está usando apenas uma fração de sua força contra mim, enquanto estou usando tudo o que tenho e perdendo energia a cada chute.

Então minha mente salta para algo que Tiff mencionou, de como ela estava assustada, como ela bateu, mas, eventualmente, acabou se deixando levar. De repente, percebo que meu único caminho para a liberdade é a passividade. Não conseguirei dizer a senha para parar a não ser que eu me acalme. Então, ele moverá a mão para que eu possa falar. Isso faz sentido, tudo isso depende do anonimato, se um vizinho me ouve gritar e chama os policiais, então nosso sigilo vai para o espaço.

Respiro pesadamente na mão enluvada do estranho enquanto tento relaxar meu corpo. Naquele momento, meus sentidos se tornam aguçados. Posso sentir o volume de seus músculos pressionados contra mim. Posso cheirá-lo: ligeiras notas de almíscar, pinho e baunilha misturadas com a química do corpo. Ele é cálido e seu calor se espalha para meus ombros nus e através do tecido da minha roupa.

Enquanto relaxo, a tensão de seu aperto diminui e percebo que arfamos em

uníssono, seu peito se expandindo contra a curva da parte superior das minhas costas a cada respiração que tomamos.

Por fim, fora a minha ofegante respiração, fico quieta.

– Vou mover minha mão do seu rosto, mas não grite, vadia. Se gritar, tá fodida, entendeu? – ele pergunta. Sua voz é grave e melodiosa; faz com que eu sinta calafrios no meu ventre. Não de terror, mas de excitação. Não pude dar uma boa olhada nele, só percebi sua estatura, força, cheiro e masculinidade gritante. Domínio. Ferocidade. Coisas que eu tentei encontrar, mas nunca consegui. Já sinto neste momento uma brutal e desconhecida excitação dentro de mim e ele quase nem fez nada. Sinto minha pele arrepiar nos braços e pescoço, meus mamilos formigam contra o tecido da blusa.

Aceno com a cabeça freneticamente. Ele desliza a mão lentamente.

Ele está aqui. Posso dizer a senha de segurança. Posso gritar, mas ainda não tenho de fazê-lo. Posso fazê-lo a qualquer momento que quiser.

E agora, por algum motivo inexplicável, não quero.

E é aí que sinto o membro grosso e duro como pedra contra o meu traseiro. Faz tempo que não fico com um homem e há algo primitivo nesse encontro. A maneira como este homem maciço está em cima de mim, seu cheiro, sua voz de barítono, a sensação de seu desejo por mim pressionando minha bunda. Nada de brincadeiras, nada de papo, apenas um homem que quer foder uma mulher. Não apenas fodê-la, mas possuí-la.

Eu me atenho à senha, ela faz eu me sentir segura. Ela me recorda de que ainda tenho o controle final. Mas agora, neste momento, quero mais.

Pressiono meu traseiro contra ele e estico o pescoço para olhar para trás. O seu aperto firme sobre mim afrouxa enquanto eu giro para encará-lo.

A luz da geladeira sobre ele me dá uma tênue visão do misterioso estranho: ele é tão alto quanto eu estimara e está bem-vestido, com um terno preto e camisa branca, sem gravata. Através do alto da camisa desabotoada, posso dizer que ele é musculoso. Mas não consigo ver seu rosto, porque está coberto por uma máscara de esqui. Tudo o que posso ver são dois olhos escuros me encarando e lábios carnudos à mostra no buraco da boca.

Há um momento de quietude. Pode ser apenas um segundo, mas a adrenalina faz com que tudo pareça rápido e lento ao mesmo tempo. Hesitante, estendo o braço para tocar a máscara e sua grande mão se aproxima e afasta meu pulso dolorosamente, torcendo-o.

– Aiiii – grito de dor. Mas a dor é passageira, é mais um lembrete do que propriamente o desejo de machucar.

– Cala a boca – ele diz de forma grosseira.

E eu obedeço. Não digo uma palavra, mas nossa respiração pesada enche o ar silencioso da minha casa.

A geladeira fecha com um baque e toda a casa escurece.

A luva de couro desliza por minha barriga, sobre o meu mamilo endurecido, meu pescoço e aperta o meu rabo de cavalo.

Mais uma vez, grito.

A outra mão cobre a minha boca:

– Shhhh.

Sua ereção pressiona meu ventre e mais uma vez, quase que involuntariamente, eu me contorço contra ela.

– É isso que você quer, sua putinha?

Mordo meu lábio. Posso pôr um fim nisso, posso fazê-lo ir embora. Posso dizer a palavra que ensaiei a semana inteira, convencida de que era algo que eu absolutamente não queria.

Faço que sim com a cabeça.

Ele me empurra contra a geladeira, o aço inoxidável frio contrastando com o calor de seu corpo me causa um choque. Eu choramingo numa mistura de excitação e passividade diante de sua vontade irresistível.

Então, ele morde o meu pescoço. No começo, parece agradável, como uma mordida de amor, mas, então, ele crava os dentes fundo, tão forte que me causa uma dor alarmante e, instintivamente, soco-o com os punhos fechados. Ele os agarra e os torce-os para trás das minhas costas.

O local onde ele mordeu irradia dor, de modo que eu ainda sinto sua marca em um lugar onde ele nem está me tocando mais. A forma como ele me marcou com a boca me deixa com tesão. A sombria figura me arrasta para a sala de estar, tropeçando em uma espreguiçadeira, enquanto luto para libertar meus braços, e me joga no tapete, de cara para baixo.

Sua mão pressiona as minhas costas para me imobilizar, enquanto sinto uma lâmina fria tocar minha pele. Minha aceitação quase passiva até o momento dá lugar ao desafio e eu empurro para o alto sua virilha com a minha bunda. Fico surpresa por conseguir deslocar sua massa sólida, um efeito colateral da adrenalina percorrendo meus músculos. Mas ele reage largando seu peso sobre mim, deixando-me incapaz de me mover. Frustração e raiva fervem em mim. Eu me pergunto se eu deveria dizer a senha e acabar com isso. Eles me sacanearam, traindo minha confiança ao incluir um apetrecho que eu proibi. Imagens de cortes na minha pele e sangue permeiam meus pensamentos e eu arfo por

oxigênio, sufocando com pânico, incapaz de expelir o ar para formar a palavra-senha. Finalmente, um som emerge da minha garganta.

Justo quando estou prestes a gritar algo sobre facas, escuto as costuras do meu top se rasgando, enquanto o material elástico se afasta do meu corpo, a faca cortando-o como manteiga quente.

Uma corrente de ar atinge minha pele exposta e nesse instante percebo que a coisa realmente está acontecendo. Estou bêbada, de cara no chão e nua da cintura para cima com um estranho que paguei para me foder. Isso está chegando a um ponto que já não poderia simplesmente atribuir a um engano, curiosidade, ou mesmo taças de vinho a mais. Se eu não puser um fim nisso agora mesmo, significa que estou fazendo uma escolha deliberada.

Mas ainda não quero que ele pare.

Ele me rola para cima, meus olhos se ajustam à escuridão e a luz da rua que atravessa as janelas me dá outra visão dele. Seu paletó já se foi, e eu tenho uma noção melhor do seu corpo: a silhueta em V de seus ombros largos e cintura estreita. Suas clavículas são cinzeladas e proeminentes. Não é uma característica que eu já tenha notado em um homem, e muito menos achado sexy, até reparar nas dele.

Ele afasta as minhas pernas, agitado como uma fera no cio, e isso provoca uma onda de calor e formigamento entre minhas pernas. A pressão aumenta. Preciso ser tocada, ser aliviada da tensão que emana desta área para o resto do meu corpo.

Alcanço o cinto dele, aceitando o meu papel neste enredo e, novamente, ele segura os meus pulsos. Há outro momento de quietude, enquanto aguardo o que ele fará comigo, e então ele prende as minhas mãos no chão acima de mim. Ele recolhe meus pulsos em uma mão, enquanto busca os meus seios, rijos de excitação, e belisca meu mamilo.

Gemo e contorço os quadris em resposta. Quero sua boca em mim. E eu quero que ele remova a porra da máscara.

– Fica quieta – ele ordena, apertando meus pulsos. Estremeço de dor, mas isso só me deixa mais sensível ao calor erótico fermentando abaixo de meu umbigo.

– Por favor, sugue-os – imploro submissa. E, instantaneamente, percebo o outro componente que torna a coisa toda tão poderosa: sim, é o abandono total, primitivo e animalesco, mas também é o anonimato: posso dizer o que quiser, porque não me importo com o que ele pensa de mim.

Sua garganta produz um ruído. De hesitação. Tiff viu o rosto de seu atacante, e eu quero ver o meu.

– Eu quero sua boca em mim. Sem a máscara – imploro. – Você pode fazer o que quiser – digo, minha voz trêmula indo de um vago senso de medo a uma intensa excitação. Esta sou eu entregando-me à vontade dele.

Ele se inclina sobre mim, com a mão ainda fixando meus braços no chão, todo o peso de seu corpo sobre o meu, e há apenas um silêncio vazio na casa escura. Mas depois de alguns segundos tensos, meus ouvidos estudam o som da nossa respiração, meus olhos examinam o contorno de nossos peitos, aproximando-se e distanciando-se a cada inspiração e exalação. É uma canção a cappella de intensidade sexual e medo.

Então, sem aviso, ele puxa a máscara para trás, deixando-a como uma toca, para que eu possa distinguir seu rosto. Está escuro e é difícil para mim ter uma visão clara, mas posso dizer que ele é impressionante: mandíbulas bem definidas, lábios cheios, um nariz romano. Meus olhos vagam até seu pescoço e a tatuagem ali, grande e colorida, parece perfurar a escuridão da sala. Um amontoado de cobras que ganham vida quando os músculos de seu pescoço se tornam tensos ou relaxam. Antes que meus olhos possam se concentrar mais, ele mergulha, chupando meus seios, sua barba de poucos dias arranhando minha pele macia. Ele me morde de novo, fazendo com que eu me retorça, ao mesmo tempo me debatendo contra ele e aceitando-o.

– Foda-se! – grito. Sua boca está em todo o meu torso, beijando, mordendo, consumindo. Nem dá pra dizer o que machuca ou agrada, já que ele mistura suavidade com selvageria.

Quero tanto isso que meu corpo luta contra ele, novamente tentando afastá-lo de mim. Sei que é inútil, mas eu o quero mais perto, quero o corpo dele no meu. Toda ação minha provoca uma reação igual, mas oposta. Quanto mais eu luto, mais perto ele chega.

Seu corpo pressiona o meu, deixando-me indefesa, mas não me sinto indefesa porque escolhi isso. Apesar do que eu disse a mim mesma a semana toda, uma parte de mim que estava escondida, reprimida por decoro e decência, teve coragem de aflorar. Tentei escondê-la de novo, mas esse homem em cima de mim está arrastando-a para fora, viva e exuberante. Eu *quero* esse homem grande e rude tomando meu corpo para seu prazer.

Ele tira as duas mãos de mim para desabotoar meu jeans e, então, pega a faca. Meus olhos se arregalam de medo. *Digo a senha de segurança? Devo lembrá-lo de que eu não pedi facas no questionário?*

Escolho aguardar mais alguns segundos e ver o que ele fará. Agora que a faca já foi usada, não parece tão ameaçadora quanto as imagens mentais que eu criei.

De fato, nesta escuridão, ela brilha, refletindo a luz âmbar das luzes da rua. Ironicamente, a sinistra ferramenta é a única fonte de luz entre nós. Ele desliza o lado plano da faca sob a virilha aberta do meu jeans e depois gira a lâmina para cima e para fora, cortando-o. Quando obtém um rasgo, suas duas mãos fortes completam o serviço, rompendo o jeans sem esforço, arrancando o tecido do meu corpo e expondo-me a ele.

Uma frágil tira de renda é agora a única barreira entre mim e esse encantador estranho. Ele usa a faca para cortar os dois lacinhos que prendem a tanga em meus quadris. Eles cedem fácil e ele enrola a calcinha na mão e aperta minhas bochechas de forma rude.

– Abra a boca.

Relaxo a mandíbula, enquanto ele usa a mão coberta de couro para empurrar a calcinha para dentro da minha boca. É quase um pouco demais para aguentar: a porcaria, a excitação, o medo. É como se eu estivesse cambaleando na borda de um prédio e perdendo meu equilíbrio. É a mesma e amplificada sensação de terror e excitação que você sente ao lutar para manter o equilíbrio, só que, em vez de durar geralmente apenas um segundo ou dois, é persistente e implacável.

Meus olhos são novamente atraídos para sua tatuagem enquanto o emaranhado de cobras se contorce em seu pescoço. Quero mordê-lo, quero beijá-lo, mas ele não vai me deixar tocá-lo.

– Não mova as mãos, caralho – diz ele. Não as movi desde que ele as colocou acima da minha cabeça. Sua mensagem soou alta e clara muito antes de ele ter que pronunciar as palavras.

Assisto como que inebriada pela luxúria alimentada com adrenalina quando ele abre o cinto e a mão coberta de couro puxa o pau para fora. Fico boquiaberta com o contorno que consigo divisar na sala escura: seu membro é grosso e longo. Isso eu já esperava depois de me esfregar contra ele, mas o troço é liso e simétrico, com a cabeça grossa e bela. É lindo. E se curva. *Caramba, ele se curva*.

Sou especialista na criação de brinquedos para satisfazer mulheres e, se há no mundo um pau com a capacidade de maximizar o prazer de uma mulher, é o que está sendo segurado pela luva de couro na minha frente.

Ele se aproxima e me agarra pelo rabo de cavalo, fazendo-me sentar. Ele puxa a calcinha da minha boca, como se fosse um mágico num palco.

– Lambe.

Eu hesito, minha cabeça girando com a constante mudança de altura, lembrando-me de que ainda estou muito bêbada. Ele ainda segura seu pau duro

na mão, bem diante dos meus lábios. A cada respiração profunda que tomo, eles chegam a roçar-lhe a cabeça, antes que minha boca se afaste. Ele intensifica o aperto no meu cabelo, forçando ligeiramente minha cabeça para a frente, com uma insistência silenciosa.

Até este ponto, tudo não passara de uma dança violenta, com o estranho conduzindo. Mas era só isso. Se eu fizer o que ele pede – manda, serei para sempre uma Mia diferente. Por mais liberada que eu me considere em relação à minha sexualidade, também sempre fui muito responsável. Isso era mais que irresponsável, era imprudente, era descuidado… Nunca mais me veria do mesmo jeito.

Eu avançara lentamente, centímetro por centímetro naquela direção, começando por guardar o cartão que Tiff me entregara na noite em que me contou sobre o serviço. E agora olho para trás e percebo que já estou a uma certa distância da pessoa que zombou da ideia. Como se, arrastada por uma corrente oceânica, eu tivesse chegado até o aperto feroz desse homem, e nem ao menos senti vontade de me afastar de verdade. Eu já estou aqui, muito distante daquela Mia que nem mesmo consideraria a ideia de deixar esse homem invadir sua boca. Não há retorno.

E, então, hesitante, mas obediente, eu encosto a língua levemente na ponta do pau e provo o fluido de sua excitação.

A cada lambida, sou um pouco mais generosa. E ele se torna mais ávido.

– Chupa, puta.

Eu rosno com a palavra. Odeio essa maldita palavra e ele continua usando-a contra mim. Mas a raiva, isso me deixa com mais tesão, mais sem controle, e eu me pego com os lábios ao redor dele. *Vou mostrar-lhe só quem é a puta, ele vai gemer o meu nome*. Suas mãos se aproximam e seus dedos entremeiam os meus cabelos, conduzindo minha cabeça no ritmo que ele quer.

Ele quer. Mas eu também quero, então, chupo com vigor, apaixonadamente, porque quero tentá-lo a me dar mais.

O aroma de sua virilha, uma delicada mistura de sabonete e seus feromônios naturais faz com que minha boceta inche de desejo.

Estou exausta.

Ele guia minhas mãos para cima, dando-me permissão para usá-las em seu caralho e também nas bolas. Tomo seu saco com uma mão, massageando-o, enquanto uso a outra em seu pau.

Sua boca está fechada, mas gemidos roucos escapam do fundo de sua garganta e receio que ele possa gozar antes de eu ter tido qualquer satisfação.

Eu me afasto. Sei que ele ficará zangado, mas eu não ligo.

Olho diretamente em seus olhos escuros, cavernas sem alma, e imploro sem dizer uma palavra.

– Você quer que eu foda você – ele responde. Não é realmente uma pergunta, é mais uma confirmação.

Não digo nada, mas continuo implorando com os olhos.

Ele sorri, um sorriso convencido e arrogante. Então, empurra minha boca de volta para ele e eu continuo lambendo, sugando, esfregando. Ele fode meu rosto sem se preocupar com o meu conforto, metendo fundo na minha garganta. A ferocidade só me faz desejar seu pênis na minha boceta ainda mais. Então, ele sai da minha boca. Vai me foder, mas em seus termos.

Ele coloca as mãos enluvadas com couro frio na parte interna das minhas coxas e as afasta com raiva. Minha reação inicial é resistir, um simples reflexo à força de seu movimento, mas meus músculos internos da coxa cedem à sua força quase que instantaneamente. Seu rosto desaparece lá embaixo enquanto sinto sua língua se deslocar para dentro de mim. Gemo em voz alta, minhas pernas reagem tentando envolvê-lo, mas ele agarra a parte interna das minhas coxas com os dedos e os nervos sensíveis dessa região gritam de dor.

Gemo baixinho como um gato no calor, enquanto a dor alarmante amortece nas ondas quentes de umidade da minha boceta. Consigo sentir quando estou pronta, mas isso é mais do que pronta, é como se a minha boceta o desejasse, convidando-o com um calor escorregadio.

O sombrio desconhecido corre uma língua chapada por toda a minha abertura, lambendo o sumo que ele fez o meu corpo liberar. Estremeço pelo esmagador erotismo do ato, pela maneira como ele está saboreando o fruto de sua completa tirania sobre o meu corpo.

Então ele me chupa, com abandono, como alguém que tem sede de mim há muito tempo e finalmente é capaz de aplacá-la.

Faz tanto tempo que não sinto o calor da boca de alguém na minha boceta, e essa sensação, esse nível de excitação, de paixão e tesão é algo que nunca experimentei. Berro como um animal, sem um nome para chamar, nenhuma identidade verdadeira para atribuir à pessoa cuja boca engolfa minha boceta. Nem somos pessoas, somos apenas sexo. Isso é tudo o que somos um para o outro.

Ele suga meu clitóris e, embora não me seja permitido, minhas mãos buscam sua cabeça, apertando o tecido da máscara de esqui que repousa ali, enquanto uma explosão de alívio e energia irrompe de meu clitóris, enviando pulsos de

calor elétrico que vão irradiando como as ondas de destruição que partem do epicentro de um terremoto.

Grito sacanagens e palavrões enquanto meus quadris pressionam o seu rosto. Sua língua e seus lábios continuam a dançar por minha boceta enquanto as ondas vão se tornando mais fracas.

– Nós ainda não terminamos – suas palavras vibram na minha carne sensível.

Graças a Deus. Eu preciso sentir esse belo pau dentro de mim.

Ele me puxa e eu caio de joelhos diante de seu peito. É como uma muralha, e isso me lembra quão vulnerável eu sou. Ele me manipula como se eu fosse uma boneca, como se eu não tivesse substância, apenas um trapo inútil.

Talvez seja isso o que eu sou para ele: um brinquedo sexual vivo, que respira.

Meus olhos correm para a tatuagem e por algum motivo estúpido, tento beijá-la.

Meu pescoço é chicoteado de volta por um puxão firme no meu rabo de cavalo.

– Este é o meu último aviso. Não me beije e mantenha as mãos longe de mim.

Ele se põe de pé e me levanta pelo rabo de cavalo, arrastando-me para o sofá. O sofá onde, apenas duas semanas antes, Tiff me contou sobre sua experiência. O estranho me atira de cara sobre o estofado, de modo que eu fique de joelhos, meu peito descansando contra o encosto.

Suas mãos puxam os meus quadris rudemente, a fim de aproximar minha bunda. A cabeça inchada de seu pau se esfrega para cima e para baixo na minha fenda escorregadia. Mordo os lábios e afundo meu rosto no encosto, debatendo-me pela agonia de suas provocações. Parei de pensar no fato de que isso é um estupro contratado assim que minha língua lambeu seu líquido pré-ejaculatório. Parei de considerar a ideia de usar a senha de segurança assim que ele colocou a boca na minha boceta. Toda lógica, bom senso e moral bateram em retirada dos meus pensamentos.

Minha casa agora é um covil de cobras, assim com a tatuagem no pescoço dele.

Seus dedos atravessam a base do meu rabo de cavalo.

– Peça “por favor”, sua putinha.

Meu peito estremece. Como isso aconteceu? Como estou aqui, implorando ao meu falso estuprador que me coma? Mas ele me encurralou: posso sentir o calor da cabeça de seu pau descansando contra os lábios hipersensíveis da minha boceta; Os músculos das minhas paredes internas se fecham em torno do vazio implorando para ser preenchido. Meu corpo não me deixa parar.

Mas eu hesito. Quanto mais ele pode me provocar e me degradar? Fui jogada de um lado para o outro, chamada de vadia, de puta, minhas roupas foram rasgadas, as marcas de mordida permanecem na minha pele.

Ele desliza para cima e para baixo outra vez, lentamente, provocando e atraindo-me.

Todos os meus músculos se derretem, quase me dissolvendo em uma poça no sofá enquanto eu ronrono. Ele puxa meu cabelo novamente, despertando todos os meus músculos, me deixando tensa e pronta para receber sua violência.

Sua barba incipiente roça as terminações nervosas da minha bochecha e seus lábios acariciam a curva da minha orelha:

– Eu disse “peça por favor” – seu punho fechado repuxa as raízes do meu cabelo dolorosamente.

Uma pulsação em meu interior insiste obstinadamente por liberação. Não se trata mais de um desejo. Tornou-se uma necessidade, absolvendo-me do ônus do livre-arbítrio.

– Por favor… – gemo com voz trêmula.

– Mais alto – seu tom grave e áspero é um véu fino que encobre a nota de prazer em sua voz.

– Por favor – digo com mais firmeza.

– Mais alto – ele diz com crueldade.

– Por favor – eu projeto a voz.

Ele desliza a cabeça do pau dentro de mim enquanto suspiro e, então, ele para.

– Mais alto, vadia. – ele não ficará satisfeito até que eu esteja completamente despojada de dignidade.

– Por favor! – quase grito, mas minha voz está carregada de vergonha.

Ele mete tudo, raivosamente.

Grito, jogando minha cabeça para trás e segurando o topo do encosto do sofá. Seu pênis se curva para dentro profundamente, dolorosamente.

– Não pare de implorar, e alto, para que eu possa ouvi-la gritar.

Ele retira quase tudo e me empala novamente.

– Por favor! – eu grito, arqueando as costas para aguentar o impacto de seu pênis.

Ele acerta um ritmo, cada estocada complementada com uma súplica minha. Quanto mais eu imploro, quanto mais alto eu imploro, mais ele me fode.

A casa, que não fosse isso estaria silenciosa, está repleta dos sons de seus quadris batendo na carne macia da minha bunda, dos sons dos meus sucos escorrendo em torno de seu pênis, da minha súplica alta e chorosa:

– Por favor! Por favor! Por favor! Por favor! – minha voz treme com as arremetidas violentas do estranho contra o meu corpo.

– Isso mesmo, putinha de merda – ele resmunga.

Se eu parar de implorar, ele para. É humilhante, é sujo e, de alguma forma, acende todas as zonas erógenas do meu corpo.

Suas bolas estapeiam-se violentamente contra mim, lembrando-me de seu domínio sobre mim a cada batida e despertando ainda mais as terminações nervosas logo atrás da minha boceta.

Esse estranho que me invade com violência enquanto imploro descaradamente por seu pau me faz sentir como uma estrela que explodiu. Com sexo transpirando de todos os meus orifícios, todos os poros. Minha mente está concentrada nele e só nele. Este é o abandono que eu procurava. Toda vergonha e decência debandaram há muito. Posso ser livremente sexual. Posso admitir que quero pau, quero porra, quero que meu cabelo seja puxado, quero meus mamilos beliscados. Posso uivar tão alto quanto quiser. Nada mais importa a não ser a sensação do caralho desse homem pressionando as paredes da minha boceta.

Eventualmente, ele permanece dentro de mim em vez de entrar e sair. Ele mantém um contato constante e fricção com minhas paredes enquanto seu pau se esfrega em meu interior. A tensão só faz aumentar.

Tudo se estreita: todos os poros do meu corpo encolhem, meus mamilos se contraem ao menor e mais sensível ponto, sua barba arranha o meu pescoço, os músculos na parte interna das minhas coxas se retesam, sua respiração quente sopra contra minha bochecha.

– Por favor! – imploro a plenos pulmões, a voz rouca com a certeza da minha intenção. Ele não pode parar agora, ele tem que me levar até o final. Ele estende a mão para me esfregar, dando a atenção perfeita ao meu clitóris já superestimulado.

Eu me contraio e contraio, tudo encolhendo para o seu ponto mais compacto em torno de seu pau duro e, em seguida, BUM. Tudo é lançado. Tudo explode, entra em erupção, estilhaça.

Ouço minha própria voz preencher a sala: um tremendo e trêmulo berro. Ele cobre minha boca com a mão enluvada, porque é tão alto que pode chamar a atenção de um vizinho.

À medida que minhas paredes internas se fecham ao redor dele e meu corpo entra em erupção, seu pau incha dentro de mim, seu aperto ao meu redor se intensifica. O estranho mantém seu ritmo, cobrindo minha boca com uma mão e apertando um peito com a outra, rolando um mamilo entre os dedos. E antes

mesmo que eu termine de gozar, começo a me excitar novamente com ele.

Não posso acreditar que estou prestes a ter outro orgasmo antes que o primeiro termine. Desta vez seus gemidos quase se tornam rosnados, ele morde meu pescoço, parando a pressão antes de eu gritar de dor.

Ele aperta meu peito tão forte que eu grito e então seu pau pulsa dentro de mim enquanto ele grunhe no meu pescoço, seus gemidos quentes me envolvendo. Seu calor brota dentro de mim, e eu gozo outra vez em torno de seu pau latejante.

Imprudente. Irresponsável. Sujo. Perigoso.

Emocionante. Erótico. Selvagem. Eufórico.

Como uma coisa só pode ser tudo isso?

Como uma espiada na sarjeta da minha alma pode se parecer com alcançar o céu?

Capítulo 6

Mia

– Levante-se – ele diz entre respirações enquanto apanha a máscara para cobrir o rosto novamente.

Meus ouvidos zumbem por conta da intensidade dos múltiplos orgasmos. Minha audição está amortecida, abafada. A voz do estranho soa distante, como se eu estivesse debaixo d'água. É como se uma bomba houvesse sido lançada nas proximidades. Engulo com dificuldade, tentando desesperadamente recuperar o meu sentido de orientação e clarear a audição.

– Hã? – pergunto, exaurida e mentalmente esgotada. Acho que seu ato não acabou. Procuro desesperadamente lidar com as consequências físicas do que aconteceu, enquanto ainda tento estar presente para o homem que me deixou em chamas. Olho para o chão e minhas roupas estão rasgadas e espalhadas por toda parte. Um abajur está caído junto com algumas bugigangas, e o tapete está todo torto. *Quem sabe uma bomba tenha, de fato, caído?*

Ele me segura pelo cotovelo e me coloca de pé.

– Venha. – Sua voz é grave e séria, desprovida de paciência.

Ele me arrasta para o banheiro, abre a cortina do chuveiro com um puxão e liga o chuveiro.

– Entre.

Eu o encaro com hesitação enquanto ele segura o meu antebraço e eu entro. O estranho fecha a cortina com violência, deixando apenas uma pequena fresta para que ele possa vigiar.

– Limpe a sua boceta. – Ele olha pela abertura e me observa enquanto me ensaboo. Quando parece estar satisfeito, o estranho fecha completamente a cortina.

Finalmente sozinha, olho para as minhas mãos e elas ainda estão tremendo por causa do nosso encontro.

Penso no que eu devo dizer. *Devo agradecer-lhe por seus serviços? O que diabos acabou de acontecer? O que está acontecendo? Quem sou eu, porra, e o que acabei de fazer? Acabei de deixar um completo estranho me foder sem camisinha! Oh, meu Deus. Puta merda. Puta que o pariu.*

O banho traz sobriedade e o pânico me atinge forte. Meu peito se comprime enquanto me inclino contra o azulejo frio e esfrego agressivamente minha pele com a barra de sabão. Minhas pernas ainda estão bambas como gelatina e mal consigo me manter em pé. Arrepios percorrem meu corpo para cima e para baixo como os abalos sísmicos secundários que sucedem um terremoto, lembrando-me do prazer intenso nas mãos de um homem cujo nome eu sequer sei.

Meu sistema nervoso simpático está a todo vapor, deixando-me incapaz de relaxar ou completar um pensamento coerente e me reduzindo a uma bola de energia física nervosa.

Não sei como me sentir a respeito de nada nesse momento. O que fiz foi estúpido, insensato e maluco pra cacete. E, no entanto, foi a experiência mais insana, erótica, excitante e sensual da minha vida. Nunca gozei antes com tamanha intensidade e tão numerosas vezes. Eu nunca me entreguei da forma como fiz naquela sala de estar.

Nunca tive um homem que metesse assim, com pura luxúria e desejo físico, sem que nenhum de nós dois desse a mínima para as convenções ou os sentimentos ou a decência. Foi rude, vulgar, errado… imoral. Não houve desconforto ou estranheza. A vergonha não existia quando ele me possuiu. Mas agora, sozinha atrás da cortina do chuveiro, não consigo lavar o manto fresco de vergonha, não importa o quanto esfregue.

Minha mente lógica me situa de volta ao presente. Há ainda um homem sexy, mas estranho, dentro da minha casa. Eu puxo a cortina para abri-la e o banheiro está vazio. Desligo o chuveiro, me enrolo em uma toalha e, cautelosamente, saio do banheiro, o corpo ainda pingando de molhado. A casa continua completamente escura.

– Olá? – eu chamo. – Você ainda está aqui?

Percorro cada aposento andando na ponta dos pés, deixando um rastro de água no meu percurso, resquícios de uma tentativa inútil de lavar a imundície da minha carne. Mas é tarde demais, ele já está dentro de mim e na minha mente. Apesar de todo o planejamento meticuloso, eu sinto a ameaça irracional de perigo. Eu não deveria, esse cara é um profissional. Mas, ainda assim, eu não o conheço.

Não sei uma coisinha sequer sobre ele.

Eu caminho silenciosamente de um cômodo vazio para o outro, terminando na sala de estar. Uma cadeira está tombada de lado, um abajur está caído, o tapete amarrotado, minhas roupas esfarrapadas estão espalhadas, o chão da cozinha ali do lado está uma bagunça só com comida e potes de plástico por todo canto.

Então me dou conta de que, tão rapidamente como o estranho surgiu na minha vida…

Ele se foi.



Tax

Eu bato a porta do meu carro com força e golpeio o volante repetidas vezes com o punho fechado.

O que acabou de acontecer, porra?

Isso NÃO saiu conforme o planejado.

Jogo a cabeça para trás e passo as mãos pelo rosto, respirando fundo. O cheiro dela permanece na minha roupa, um perfume doce, de sabonete. Ainda posso sentir o gosto dela nos meus lábios, e isso me faz lembrar a forma como a boceta dela desabrochou para mim, o jeito como ela me implorou para fodê-la, a maneira como ela tremia em torno do meu pau.

Tiro rapidamente o meu paletó, tentando me livrar dela. Da essência daquela vadia.

Ainda sem fôlego, brinco com a faca de caça que eu havia planejado usar esta noite. E eu a usei, só que não da maneira como tinha planejado.

Essa merda não deveria acontecer assim. Esse deveria ser o fim. O *grand finale*. Tudo deveria voltar a ser como era antes.

Mas eu perdi o foco e fiz merda.

Quando se trata de uma missão, sempre consegui da primeira vez, então, esse território é novo para mim. Mas vou interpretar isso como um sinal de que o fim dela deve ser muito mais cerimonioso.

Nunca pensei que iria dizer isso, mas… acho que é hora de *um plano B.*

Capítulo 7

Mia

– MIA!

Eu quase bato no teto quando Dewey chama pelo meu nome, dando um tapinha no meu ombro.

– Ah… oi… o que foi?

– Não tive a intenção de assustá-la, mas eu já tinha chamado o seu nome umas cinco vezes. Talvez você devesse abaixar o volume nos fones de ouvido. Eu odiaria que perdesse a audição, minha amiga.

Eu forço um sorriso.

– Você me conhece, fico tão concentrada nas coisas. – *Estou mentindo tão absurdamente agora…* Existe apenas uma razão para minha mente estar em outro lugar.

– Enfim, eu só queria lhe dar um toque. Antes de ir para casa hoje, gostaria que você passasse no meu escritório. Tem algumas coisas sobre as quais eu gostaria de conversar com você.

– Ah… sim. Claro. Está tudo bem?

– Sim – ele assegura, afastando a minha preocupação balançando a mão no ar. – Vamos conversar… – ele murmura enquanto se afasta.

Uma reunião privada quando todos deixaram o escritório não faz o estilo de Dewey e isso me deixa nervosa. Bem, durante esses últimos cinco dias, tudo me deixa nervosa. Para falar a verdade, eu nem estava ouvindo música, só usava os fones de ouvido para que as pessoas em geral me deixassem em paz. Mas meus pensamentos não paravam de voltar àquela noite.

Ainda não sei como me sinto sobre isso. É um misto de coisas. Como se estivesse guardando um segredinho sujo. Tenho intensos momentos introspectivos de desgosto comigo mesma. E também há medo por causa do sexo desprotegido (a promessa de uma experiência sem DST neste misterioso serviço não é tão segura quanto eu pensei que seria, agora que tudo está feito). Mas, na maior parte do tempo, minha mente retorna a momentos ou lembranças específicas.

Penso na sensação de suas mordidas na minha pele, do jeito como sua barba

por fazer roçou na minha barriga quando ele a lambeu até chegar entre as minhas pernas. Lembro-me de *seu cheiro*… uma mistura inebriante de masculinidade e colônia. Penso em seu pau grosso e curvo e como ele o esfregou em todos os lugares certos, e na maneira como ele me forçou a implorar até que eu me livrasse de toda e qualquer inibição. Isso me dá um friozinho na barriga. Não consigo comer. Não consigo dormir. Não consigo me concentrar no trabalho que eu amo.

E eu acho que é por isso que Dewey quer me ver. Ele continua me perguntando se algo está diferente, se tudo está bem. Eu trabalho aqui há oito anos, e nos conhecemos muito bem. Ele é o tipo de cara que se importa. E provavelmente quer me perguntar quando o escritório estiver quieto.

Eu quase não lembro de nada desta semana de trabalho, porque tudo o que eu tenho feito é reviver trechos da noite de sexta-feira.

No entanto, não conseguiria pressionar o botão "ENVIAR" novamente. Há algo de sujo que torna isso o tipo de experiência que ainda mexe com você uma semana depois de acontecer, mas também te faz sentir mal. Faz você se sentir errada. Porque é uma coisa errada, *certo*? O que eu fiz? Contratei um homem estranho para entrar na minha casa e me violar.

Não me importa quantas pessoas fizeram a mesma coisa. Não me importa se o cara pararia se eu dissesse *arco-íris*, há algo de errado nesse cenário.

E, ainda assim, por que é que eu me pego sorrindo em momentos aleatórios? Por que eu guardei o top rasgado que ainda tem o cheiro dele?

Acho que cometi um grande erro. Um erro terrível, incrível e inesquecível.



– Sente-se – diz Dewey, quando entro em seu escritório, sem tirar os olhos da tela do computador. Ele está tentando agir de forma natural, mas sinto que está escondendo algo pesado.

Eu me sento diante dele, enquanto Dewey olha para cima e franze os lábios.

– Dewey… o que está acontecendo? Você parece muito sério – digo com nervosismo.

– Você é a primeira pessoa a quem estou contando isso, então é difícil pronunciar as palavras – ele respira fundo antes de desabafar: – Eu vendi a Alea.

– Você vendeu a empresa? – pergunto incrédula. Alea é como um filho para ele, uma empresa que ele construiu do nada com sua esposa, Barb. Estou com ele desde quase o início, sendo a segunda pessoa que ele contratou. Juntos,

fizemos o faturamento anual da empresa crescer de cinquenta mil para quase dez milhões. Eu sei que Alea é dele, mas devo dizer que dói ser pega de surpresa assim.

– Me escuta. Você sabe que Barb teve seus problemas de saúde, e eu quero passar mais tempo com ela. Queremos fazer algumas viagens. Um comprador veio com uma oferta que eu não podia recusar. Mas você sabe que eu amo vocês, e jamais deixaria vocês na mão. O comprador quer ser um proprietário silencioso, enquanto a empresa segue com as suas atividades como está. Eles entendem que são as pessoas aqui que a tornam tão grande, e tentar entrar e mudar o que nós temos impediria o sucesso da Alea. Então, a nova empresa-mãe da Alea, a Draconi Corp, irá apenas se comunicar com a estratégia, mas tudo permanece como está. Será como sempre foi.

Se por um lado estou aliviada, por outro me pergunto se será mesmo como sempre foi. Dewey é o coração desta empresa, e ser comprado por alguma entidade maior sempre significa que haverá mudanças, independentemente das promessas que foram feitas.

– Mas, se você vai sair, como vai ficar como está? Quem será o nosso chefe? – eu questiono.

Dewey sorri.

– Por que você acha que você é a primeira pessoa para quem estou contando?

– Hã? – pergunto, incrédula. Acho que sei aonde ele está querendo chegar, mas não quero tirar conclusões precipitadas. Porque seria foda pra caralho.

– Porque é você, Mia. Quero que você ocupe o meu cargo.

Eu suspiro, tentando segurar o nó que se forma na minha garganta.

– Mia, você é a funcionária mais antiga da Alea, e ninguém entende a cultura e o lado comercial da Alea como você. Você me ajudou a expandir essa empresa para o que ela é hoje. Eu não teria outra pessoa para ocupar o meu lugar. Eu disse a Draconi que colocar você no leme seria a única maneira de garantir uma transição perfeita. Eles concordaram e veem a sua mudança para a minha posição como um investimento e estão preparados para remunerá-la muito bem. A ponto de mudar a sua vida, eu quero dizer.

– Eu não sei o que dizer – respondo, balançando a cabeça com descrença. Eu amo trabalhar aqui, e ralei pra caramba, mas nunca senti isso porque sempre foi uma alegria.

– Diga que você vai ocupar o meu cargo, para que eu saiba que a Alea está em boas mãos.

– Você sabe que a Alea também é meu bebê. Caramba, vou sentir falta de você

e da Barb, mas eu ficaria feliz e honrada em garantir que a Alea continue sendo incrível.

Eu abraço Dewey enquanto lágrimas escorrem pelas minhas bochechas. Estou comovida por sua confiança em mim e empolgada por ser promovida, mas realmente sentirei falta dele.

E, por um momento, eu me esqueço da decisão completamente estúpida e irresponsável que fiz há apenas alguns dias.

Capítulo 8

Mia

CAMINHO PELA GARAGEM VAZIA do prédio de escritórios com um enorme sorriso estampado no rosto. Trabalhei muito duro para ajudar a Alea a crescer, e sempre me senti uma felizarda por trabalhar aqui. Não são muitas as pessoas que podem dizer que amam o seu trabalho e o seu chefe.

Mas a minha felicidade é agridoce, porque amo mesmo os meus patrões. Barb costumava estar sempre na Alea até que foi diagnosticada com lúpus e teve que deixar a empresa, cerca de um ano atrás. Foi difícil perder sua presença maternal no escritório, e agora eu também estaria perdendo Dewey. Seria meu trabalho manter a cultura de forte ética no trabalho, abertura e diversão que se estabelecera na Alea.

Não vou mentir, a responsabilidade me deixa nervosa, mas sei que Dewey está certo. Se existe alguém que está qualificado para esse trabalho, esse alguém sou eu. Ergui a Alea ao lado de Barb e Dewey; sei tudo o que há para saber no que diz respeito à fabricação, e ajudei a criar os nossos canais de distribuição atuais. Só espero que esse novo grupo que adquiriu a Alea respeite nossa vontade de manter a empresa funcionando da maneira como tem operado até agora.

Desço os degraus até o estacionamento vazio e cavernoso e os meus passos ecoam enquanto caminho em direção ao meu carro. Sempre me senti segura nesta garagem. Temos um pequeno prédio de escritórios e o estacionamento é seguro. Somente alguém com um código de acesso consegue entrar. Como a Alea é majoritariamente composta por mulheres, a segurança foi um quesito importante quando estávamos à procura de edifícios de escritórios.

Esta noite, entretanto, tenho uma sensação estranha ao atravessar o estacionamento vazio, como se estivesse sendo observada. Eu paro e analiso o espaço aberto, meu carro sendo o único que ainda está ali. Não vejo ninguém e atribuo isso ao meu estado de nervos residual da sexta-feira.

Eu acelero o passo enquanto me atrapalho com o meu chaveiro, apertando com força o botão do *keyless* do meu automóvel e ouvindo o reconfortante clique das portas do meu veículo anunciando que elas foram destravadas. Deslizo para dentro do carro o mais rápido possível, soltando um profundo

suspiro de alívio enquanto travo as portas e, quase que imprudentemente, dou a ré da minha vaga e saio dirigindo, me afastando.

Nesse momento, meu celular toca, e eu me sobressalto. Ainda estou nervosa com a sensação de desconforto que tive no estacionamento. É a Tiff. Penso duas vezes antes de atender a ligação. Ainda não contei a ela sobre aquela noite. A princípio, eu estava convencida de que seria um assunto irrelevante, já que eu não iria prosseguir com aquilo, e eu não queria que ela tentasse me fazer mudar de ideia. Então, quando aconteceu, fiquei tão em conflito que não estava preparada para compartilhar as novidades com ela. Imaginei que uma hora ela receberia um desconto e perceberia que fui eu, mas Tiff tem centenas de amigas. *Um monte* de amigas perturbadas. Tenho certeza de que não sou a única referência que ela colocou lá.

Esse negócio todo da agência Happy Kitty deveria passar. Ao contrário de Tiff, que parecia não sentir conflito algum quanto à euforia proporcionada pela coisa toda, estou travando uma batalha interna com o que fiz. Mas eu a tenho evitado desde a noite em que ela foi à minha casa, e isso não é típico de mim. Então, respiro fundo e atendo a ligação dela pelo sistema Bluetooth no meu carro.

– Fala – eu digo, tentando agir como se estivesse tudo numa boa.

– E aí – diz Tiff, um pouco apanhada de surpresa, como se não esperasse que eu atendesse.

– Que foi?

– Ah, nada de mais, só queria dar um alô. Não falo com você desde que eu acho que te apavorei com toda aquela experiência que tive.

Eu balanço a cabeça muito embora ela não possa me ver.

– Ah, não… Só tenho estado ocupada no trabalho.

– Fui agressiva demais? Sei que tenho uma tendência a fazer isso quando estou muito empolgada com alguma coisa.

– Tem mesmo, mas não. Eu adoro que você defenda as coisas que ama e aja como uma espécie de pregadora de rua em relação a elas. Quero dizer, para ser sincera, foi um choque. Mas eu acho que a essa altura você sabe que nada, tirando assassinato em massa ou algo do tipo, é chocante demais para mim. Então, só não saia matando por aí e estaremos de boa.

Ouço Tiff soltar um suspiro de alívio.

– Falei sério sobre o que disse, sobre achar que você deve experimentar… – Meus dedos esmagam o volante. – Mas eu sei que você não está confortável com esse lance. Então, vamos apenas esquecer que eu mencionei isso. A menos que

você queira, sim, experimentar, aí você pode conversar comigo a respeito, se você quiser, é claro. Pode ter certeza de que farei isso de novo quando eu conseguir guardar o dinheiro, e esteja certa de que vou te contar todos os detalhes, tintim por tintim.

– Obrigada – digo, perguntando-me se atualmente estou mentindo por omissão. – Agradeço por você pensar em mim, mesmo que seja no que diz respeito a escapadas sexuais realmente perturbadoras.

Ela ri.

– Só estou falando que você está perdendo uma piroca boa de verdade. – *Oh, não, minha amiga, fui eu que recebi a piroca boa. Eu recebi a MELHOR piroca do mundo. Recebi a piroca que me arruinou para os outros caras.* Meu cérebro, operando no limite, para pensar na resposta mais natural, deixa alguns segundos de silêncio entre nós. – Então, o que mais você me conta? – ela pergunta.

– Bem… grandes notícias, na verdade. Dewey vendeu a Alea e eu vou assumir o cargo de presidente.

– Está falando sério?

– Sim! Eu acho que fiquei chocada demais para estar empolgada. E estou triste por Dewey estar indo embora.

– Ah, você vai superar isso, dona patroa. Isso pede uma comemoração!

Normalmente, eu estaria a fim, mas não quero ver Tiff ainda. Essa conversa telefônica já me deixou suficientemente tensa. Preciso voltar a um estado de espírito um pouco normal antes que ela e eu nos encontremos novamente.

– Podemos deixar pra depois? Estou tão cansada.

– Tá bem, sua enjoada.

– Tá, eu prometo, vamos comemorar em breve. Te amo.

– Também te amo.

Durante o restante do trajeto, o sentimento de repulsa que me invadiu sem parar desde sexta-feira ressurge. Minha conversa vaga com Tiff só ajudou a fazer a sensação vir à tona. Aqui estou eu, com tudo o que sempre quis, e, no entanto, tive que encontrar um jeito de ferrar um pouco as coisas. Eu tento me concentrar no aspecto positivo: todos nós tomamos más decisões. Em algumas semanas, essa será uma lembrança distante, um segredo que irei carregar comigo. Mas, com sorte, a vergonha irá diminuir, e o sentimento de obscenidade irá se abrandar. Como disse Tiff, é muito parecido com uma ficada de uma só noite que foi bem “rock’n’roll”. Isso é tudo que aquilo foi, uma ficada de uma só noite muito intensa, regada a múltiplos orgasmos, de arrebentar a boca do balão.

Eu estaciono na entrada da minha garagem, desligo o carro e apanho a minha

bolsa e o casaco antes de sair. Assim que fecho a porta do carro, batendo-a, vejo os arbustos em frente ao meu jardim farfalharem, e escuto um som embaralhado.

Antes que meus olhos possam se focar na comoção, uma figura escura força sua presença sobre mim. Minhas chaves e bolsa caem no chão enquanto eu colido com o meu carro.

Eu arquejo audivelmente.

– Cala a boca – diz ele.

As luzes fortes da minha garagem permitem que eu o veja claramente.

Ele está vestindo um terno cinza e é alto, com um maxilar esculpido. Ele é muito bonito e bem-arrumado. Esse cara não parece um assaltante. Será que o conheço? Poderia ser *ele*? Ele voltou para mais?

Impossível. Eu só paguei por um encontro e recebi mais do que o valor do meu dinheiro.

O pânico se instala. Ter acontecido já uma vez antes não torna esta segunda vez menos aterrorizante.

– Entra no carro – ele ordena, apertando o meu braço e abrindo a porta traseira do automóvel. – Agora.

Isso não faz sentido. Nada disso faz sentido. Isso já aconteceu. Por que… ou melhor, como pode estar acontecendo de novo?

Eu hesito, tentando compreender o ataque duplo. Isso é algum tipo de nível extra de alucinação? Estou tão confusa. Esse cara está realmente me atacando? Será que ele é mesmo da Happy Kitty?

Eu olho para os seus olhos frios e imediatamente percebo que eles são azuis. A casa estava escura na primeira vez, mas tenho certeza de que os olhos do outro cara eram castanhos.

– Eu… Quem é você? – eu pergunto.

– Cala a boca e entra no carro – ele sussurra furiosamente. Ele me arrasta pelo braço mais para perto da porta traseira. E, ao mesmo tempo que ele está sendo ríspido, existe ainda um certo nível de autorrestrição, como se ele realmente não pretendesse me machucar. Parece que ele está *interpretando*.

De repente, me vem à cabeça a pista que revelará com certeza se esse é o cara que me atacou na minha casa: a tatuagem no pescoço.

Eu dou uma espiada do lado direito dele e nem sinal das cobras rastejando pelo seu pescoço. A tatuagem do outro cara corria por toda a extensão do pescoço, ameaçando subir para a mandíbula.

Não é ele. Não é ele.

Não é ele?

Então, quem é esse? E, PUTA QUE PARIU, quem era o outro cara?

– ARCO-ÍRIS! – eu conjuro. – ARCO-ÍRIS!

Os olhos do cara se apertam suavemente e ele solta o meu braço.

– Está tudo bem – diz ele. – Estou parando. Está tudo bem.

É como se eu tivesse desligado o seu personagem.

– Você é… do site? – pergunto com a voz trêmula.

– Estamos finalizando o encontro. Entre na sua casa. Você está segura. Isto acabou. Você não me verá novamente.

– Mas… mas… alguém já veio…

O belo rosto me encara com descrença, como se eu estivesse completamente perturbada.

– Isso não é possível.

Minha voz está tremendo.

– Não… sim, é possível sim. Alguém veio na última sexta-feira. Ele estava usando um terno. Ele…

E é aí que eu percebo que algo está terrivelmente errado.

Eu não cheguei a verificar o homem misterioso fazendo-lhe a pergunta secreta opcional, ele estava usando uma máscara, ele não me abordou na entrada da minha calçada, conforme especificado, ele estava *dentro* da minha casa.

Ele estava com uma faca. Puta merda, ele estava com uma FACA.

– Eu tenho que ir. Você está segura, o encontro está finalizado – ele repete como se tivesse ensaiado uma fala que passaram pra ele. E então corre de volta para a escuridão de onde veio, deixando-me sem palavras e confusa na entrada da minha garagem.

Se o estranho sombrio não era alguém que eu contratei para me atacar, então de onde ele veio? Quem é ele?

Fiz sexo com alguém que realmente invadiu a minha casa?

Eu realmente fiz sexo com o meu estuprador?

Capítulo 9

Tax

ASSISTO A COISA TODA ACONTECER. Eu a tenho seguido desde a sexta-feira, ciente de que ela seria abordada por algum idiota nas duas semanas seguintes. E a ideia de que ela poderia deixá-lo fazer o que eu fiz com ela me enfureceu.

Eu estava preparado para arrebentar o otário se ele chegasse um pouco além do estágio de confronto, e então eu a arrastaria para dentro da casa e a foderia novamente. Eu a faria lembrar-se de mim.

Mas ela o deteve. Em poucos segundos, o cara correu de volta para os arbustos. Não posso deixar de rir aqui no meu carro. A mente dela deve estar girando. Ela deve estar confusa pra caralho. Provavelmente, deve estar se perguntando quem sou eu e de onde eu vim.

Ela está ali parada, simplesmente em estado de choque, sua bolsa e as chaves ainda esparramadas a seus pés na entrada da garagem. Uma parte de mim quer sair do carro apenas para vê-la novamente, monopolizar a sua confusão e depois arrastá-la para dentro da casa e fazê-la gritar enquanto eu meto o meu pau em sua boceta cremosa.

Quando pressionei-a contra o meu corpo naquela noite em que invadi sua casa, senti o aroma de seu xampu, senti sua pele macia, e meu pau se rebelou, transformando minhas intenções de raiva em luxúria. E, desde aquela noite, a luxúria não arrefeceu.

Mas eu tenho que manter distância, porque ela não ficará por aqui por muito tempo.

Devo admitir, no entanto, que há algo imensamente satisfatório no fato de ela ter rejeitado aquele filho da puta.

Porque eu sei que é a mim que ela quer.



Mia

Entro a passos largos na minha sala de estar, frenética, chorando.

Não sei o que fazer. Não sei o que aconteceu. É como se eu estivesse sendo

punida por ser uma vagabunda imunda. Eu queria que um estranho chegasse sorrateiramente em mim e me fodesse? Bem, eu consegui isso.

Não posso chamar a polícia. Como eu poderia sequer começar a me explicar? Eu nem disse não para o cara. Eu implorei para ele. Eu implorei sem parar para ele me foder.

Puta meeeeeerda.

Eu apanho o meu celular e fico olhando para ele por um tempo. Eu poderia ligar para Tiff, mas agora estou ainda menos preparada para contar sobre aquela noite. Essa merda toda se transformou num pesadelo. Eu sei que Tiff me ajudaria, mas, mesmo na frente dela, eu me sentiria muito estúpida. Porque sou uma idiota. Eu me deixei levar. Eu o senti, eu o cheirei, eu o vi e perdi completamente a cabeça. Aos meus olhos, ele era a perfeição física, ele preenchia todos os requisitos que selecionei naquele maldito "questionário sobre o homem perfeito" para a Happy Kitty. Em seus braços, todas as chamadas garantias à prova de falhas eram inúteis. À prova de falhas o cacete. Eles não estavam preparados para uma desmiolada tão grande quanto eu.

Não há o que fazer. Talvez eu tenha que aceitar o fato de que jamais terei respostas para o que aconteceu comigo naquela noite. Um cara qualquer invadiu a minha casa com o objetivo de… sei lá… me estuprar ou me roubar, e eu trepei até dizer chega com ele! Talvez ele ataque outra mulher inocente porque não o detive nem o denunciei.

Oh, meu Deus, preciso ver um médico imediatamente. Claro, ele usava um terno caríssimo e estava impecável, mas isso não significa merda nenhuma.

Isso não está certo. Como alguém que se orgulha de ser esperta, trabalhadora e inteligente faz algo tão impetuoso? Sempre tive esses desejos, essas fantasias de um homem fazendo o que ele bem quisesse comigo, mas isso era tudo o que elas deveriam ser: fantasias. E agora eu trouxe esse mundo para a vida que tão cuidadosamente construí para mim e que já é mais do que aquilo pelo que barganhei.

Então, sou assolada pelo medo. Ele estava na minha casa. Ele teve acesso ao interior da minha casa sem arrombar a porta. Talvez ele tivesse uma chave, talvez tenha aberto uma janela. Não sei. O que sei é que tenho que sair daqui. Acho que não estou segura em minha própria casa.

Corro para o meu quarto e pego uma mochila, puxando aleatoriamente roupas do meu closet e da cômoda, enfiando-as dentro dela. Em poucos minutos, estou fora da casa e de volta ao meu carro, dirigindo até o hotel mais próximo e olhando pelo meu espelho retrovisor como uma doida paranoica.

Nunca me senti tão sozinha. Nunca senti tanta falta do meu pai como sinto agora. Eu não poderia ter contado a ele sobre a enrascada em que me meti, mas só de conversar com ele já me sentiria segura. Ele sempre fez com que me sentisse segura.

Capítulo 10

Mia

FAZ DUAS SEMANAS E MEIA. Duas semanas e meia desde que aquele homem entrou na minha casa e despedaçou tudo o que eu sabia a respeito de mim mesma. Ainda penso nele o tempo todo. Ainda me debato entre um misto de repulsa e luxúria.

Estou aterrorizada porque não tenho respostas. Se eu soubesse quem era ele, o que ele estava fazendo na minha casa, eu teria algo do que me esconder. Mas ele poderia muito bem ser um fantasma. Ele pode estar em qualquer lugar.

Acima de tudo, tem algo que me assusta mais do que qualquer coisa: acredito que eu talvez nunca mais me sinta como me senti naquela noite outra vez. E eu me odeio por pensar isso.

Fui ver a minha ginecologista na semana passada. Como comecei a fazer meu checkup anual recentemente, tive que solicitar uma nova avaliação completa para DSTs. Ela é muito profissional e nunca esboçou reação alguma sobre que motivos me levariam a querer uma coisa dessas, mas não pude evitar projetar meus sentimentos de vergonha nela. Senti como se ela pudesse farejar o cheiro da minha devassidão em sua presença. Fico tão feliz por, apesar da vida sexual devagar que impus a mim mesma, eu ter permanecido tomando as minhas pílulas anticoncepcionais em vez de dar uma pausa, como havia considerado fazer. Porque isso, sim, teria sido epicamente desastroso. Os testes para DST deram negativos, mas eu teria que retornar daqui a seis longos meses para outro teste de HIV. Porque sou uma idiota que fez sexo desprotegido com um estranho.

Hoje deve ser o dia mais feliz da minha vida. Sou oficialmente a Presidente da Alea Brinquedos Íntimos para Mulheres. Tenho um trabalho que me faz muito feliz, estou recebendo um salário melhor, tenho uma boa casa, sou saudável. Mas esta semana foi preenchida com uma agitação interna tão forte que me deixou abalada por completo durante todos os dias.

Ainda não consigo dormir nem comer. Espero que passe, mas o estresse de me aclimatar ao novo papel só agravou a angústia que eu já vinha sentindo sobre a minha vida pessoal.

Para completar, estou a caminho da minha primeira reunião com os novos

proprietários da Alea. É o meu primeiro cara a cara com eles, e Dewey também estará lá, para simbolicamente me passar a tocha, suponho. Uma coisa já foi confirmada para mim: quando eles dizem que são discretos, eles querem dizer DISCRETOS mesmo. A reunião foi agendada para as cinco da manhã, três horas antes de nosso primeiro funcionário estar programado para aparecer no escritório. Parece que eles não têm interesse em se misturar com seus novos subordinados. Eles querem ter certeza de que eu estou conduzindo o navio corretamente, de que seu investimento está sendo bem cuidado, e é até aí que vai o envolvimento deles com a Alea.

Espero que isso seja um sinal de que estão cumprindo a promessa que fizeram a Dewey, de que ficarão de fora do gerenciamento diário da empresa, e não que eles sejam uma espécie de entidade sem rosto, dando-me ordens que terei de transmitir sozinha aos meus colaboradores. Porque, se for a segunda opção, isso realmente poderia me distanciar das pessoas com quem trabalhei durante tantos anos.

Estaciono na garagem no prédio de escritórios e meu estômago se contrai quando me lembro da última vez que estive sozinha neste estacionamento vazio. Foi na noite em que soube que tinha feito merda imensamente e permitido que um invasor me comesse.

Tive um pressentimento de que algo estava errado naquela noite antes mesmo que o verdadeiro falso agressor tivesse me abordado na entrada da garagem. Meus instintos estavam certos, algo estava prestes a dar terrivelmente errado, mas então por que meus instintos falharam tão feio da primeira vez?

Quando saio do carro, eu desamasso a minha saia lápis e a blusa. Geralmente, nos vestimos casualmente no escritório. Somos um grupo eclético e quase tudo é permitido. Mas hoje estou tentando parecer mais civilizada para o meu novo cargo e em respeito aos nossos convidados. Eu rapidamente dou uma corrigida no meu batom usando o espelho retrovisor lateral e aliso os cabelos.

Respiro fundo, tentando aliviar a tensão que parece ter se instalado permanentemente nos meus músculos nesses últimos dias. Então, me dirijo até a porta que conduz ao prédio. Meus saltos ressoam alto no estacionamento vazio, lembrando-me de como estou sozinha, como me sinto sozinha.

Relaxe, mostre confiança. Você é uma profissional. Mantenha a merda pessoal fora do escritório.

A porta para a Alea está destrancada, e eu imaginei que estaria, já que presumo que Dewey tenha entrado no escritório antes de mim. Todas as luzes estão apagadas, exceto a de dentro da sala de reuniões. Olho para o meu

telefone. São 4:55. Não estou atrasada, então tudo bem. Suponho que todas as partes estejam lá dentro, mas não saberia dizer, já que as persianas estão descidas na sala envidraçada.

Dirijo-me até a porta da sala de reuniões, forçando um enorme sorriso no rosto ao atravessar o batente.

No extremo oposto, há um homem alto trajando um terno azul-marinho que aparenta ser bem caro. Ele está de costas para a porta, analisando nossa linha de produtos orgulhosamente exibida ao longo de algumas prateleiras de vidro abertas. Meus olhos buscam por Dewey freneticamente pela sala, mas ele não está lá.

Limpo a garganta para tornar ciente de minha presença a intimidante figura do outro lado da sala.

Ele se vira suavemente, como se não tivesse sido surpreendido pela minha presença. Antes mesmo de ele me encarar, meu nariz detecta algo familiar… É um leve toque de colônia, creio eu. Mas, antes que eu consiga localizar a origem, meus olhos pousam em um alvo visual, como dois mísseis guiados por calor.

E eu nem penso. Minha reação é puro instinto: minha garganta fica seca, meu coração bate acelerado, meus pensamentos reduzem-se a uma série de imagens.

Porque o que os meus olhos tentam focar é a tatuagem de cores vibrantes, um covil de cobras, que se enrolam e rastejam subindo pelo pescoço dele.



Tax

Alegria.

Não há muitas coisas na vida que me trazem alegria. Mas o olhar no rosto daquela vadia quando ela me reconhece me deixa totalmente alegre.

Ela nem sabe o que a atingiu.

– Prazer em conhecê-la, senhorita Mia Tibbett – eu a cumprimento. Eu mantenho um tom de voz desinteressado, mas estou aproveitando pra caralho este momento.

– Eu, hã… eu…

É difícil não rir. Sua completa confusão, seu desconforto: eu vivo por essa merda.

– O sentimento não é mútuo? – pergunto.

– Não! Claro – responde ela, mentindo na cara dura. Ela pode temer por sua

segurança. Será que a vadia não percebe que, se eu quisesse matá-la, ela já estaria morta há semanas?

Mia fica pálida. Ela pode desmaiar. Eu a estudo enquanto sua cabeça está a mil, ela é pateticamente transparente. Posso dizer que ela está tentando descobrir se eu sei que ela sabe.

Eu não estou escondendo, vadia.

– Mas esta não é a nossa primeira reunião, não é? – pergunto com um sorriso malicioso.

Seu rosto por pouco não se transtorna. Estou farto de joguinhos. Bem, na verdade não, mas estou cheio de brincar de romance policial com ela.

Ela começa a ficar com a respiração pesada, quase hiperventilando. Eu amo isso.

– Quem… é você? – Ela lentamente recua como se pensasse que tem a opção de ir embora.

– Sou o dono da Draconi Corp. Comprei a Alea. Me disseram que você é essencial para o sucesso desta empresa, que você sabe tudo o que há para saber.

– Onde está Dewey?

– Ah, eu disse-lhe que não precisamos dele esta manhã. Nada de muletas para você, Mia. Você dirige a Alea agora, sob minha propriedade, é claro. Ele não tem mais nenhum vínculo com a Alea e vinha apenas para ser um bom menino. Prefiro que esta reunião entre nós seja particular.

Eu observo sua garganta subir e descer enquanto ela engole em seco. Quase sinto pena dela. *Quase*. Ela não sabe com quem se meteu, mas em breve saberá. Assim que souber do que se trata tudo isso e aceitar, não haverá lugar para a piedade.

Caralho, como ela está maravilhosa. Geralmente ela usa jeans justos e camisetas que ficam apertadas contra os seus seios, mas hoje ela está vestida para mim: uma saia lápis azul-marinho que deixa seu traseiro duro lisinho, e uma camisa de seda branca de botões ajustada que cai suavemente sobre a curva dos seios. Eu queria que ela tivesse desabotoado um botão mais no topo para que eu pudesse obter uma visão melhor do vale de seus seios à medida que ele sobe e desce a cada respiração nervosa. Mas acho que terei de usar a minha imaginação… ou não.

Seus lábios cheios estão cobertos por um batom avermelhado que eu fantasio rodeando o meu pau. Seu cabelo castanho-escuro está preso em um coque conservador, mas as mechas roxas me dão uma indicação de que ela possui um lado selvagem escondido debaixo daquela camisa abotoada. Embora eu não

precise de uma mecha roxa para me informar que, debaixo daquele exterior reservado, ela é uma vagabunda suja.

– Quem é você? – ela pergunta novamente.

– Meu nome é Tax Draconi. Você pode me chamar só de Tax.

– Que tipo de nome é "Tax"?

– É o nome de uma pessoa que sempre cobra uma dívida – informo, observando sua respiração vacilar em resposta às minhas palavras.

– Isso é inadequado. – *Essa é a explicação mais inconclusiva do século.* – Eu… eu não posso trabalhar com você.

– Sente-se – convido, sem dar a mínima para a opinião dela.

– Não – ela replica com firmeza.

Ela é cheia de determinação, e está à beira de me irritar. Mas vou manter minha calma. Vai ser divertido fazê-la pensar que apita alguma coisa. Então, vou pegar esse tiquinho de autonomia que ela acha que tem e liquidá-lo. Mal posso esperar para destruir essa expressão de fúria que ela tem nos olhos agora. Vou mijar no fogo dela.

– Se você está preocupada com a sua segurança, posso lhe garantir que não tenho a intenção de machucá-la.

Por fim, a emoção rompe a barreira do choque e sua voz assume um tom de indignação.

– Você invadiu a minha casa… Você levou uma faca…

– É o que você queria, não é? Você me implorou – digo, rememorando aquela noite. Eeeeeeeee, merda, aí vem aquela latejante sensação do meu pau ficando duro. Eu me sento para ocultá-lo, mas também para deixá-la à vontade, para lhe dar a ilusão de controle.

Ela olha para mim com desprezo, como se quisesse cortar a minha garganta, e eu sei que é porque cada uma das palavras do que acabei de dizer eram verdadeiras. Ela gritou *por favor* toda vez que eu meti em sua boceta. Se ela não dissesse alto o suficiente, eu parava e ela voltava a implorar. Suas nádegas firmes e redondas tremiam toda vez que eu enfiava com força o meu pau dentro dela, suas tetas balançavam enquanto eu investia. Ela foi feita para foder.

– Por quê? Por que você foi até a minha casa?

– Porque eu queria.

– Você sequer está vinculado àquelas pessoas?

– Àquele site? Deus, não. Por acaso eu pareço ser alguém que está fingindo, porra?

Ela fica em silêncio. Estou lentamente acabando com a sua determinação e

despertando sua curiosidade. Ela quer respostas, e sabe que eu sou a única pessoa que pode fornecê-las.

– Você está… limpo? – ela pergunta, suas bochechas ficando vermelhas. Haha, ESSA é a pergunta que a faz corar?

Movo minhas mãos gesticulando para o meu terno de seis mil dólares, o corte de cabelo recente e o corpo esculpido por meio de uma dieta feita sob medida e ginástica.

– Eu me amo mais do que qualquer outra merda no mundo. Cuido muito bem do meu corpo. Você não tem nada com que se preocupar, boneca.

– E como você sabe que *eu* estou? – ela diz, com um olhar desafiador. *Aaah*, essa vadia não faz ideia de com quem está se metendo. *E por que diabos meu pau simplesmente brochou?*

Eu me levanto devagar e caminho até ela. Ela está de pé contra uma parede, nem sequer percebe que está encurralada em um canto. Conforme me aproximo, seus olhos se arregalam de medo, mas ela estufa o peito como uma demonstração de força. Que hilário vindo de alguém que não deve ter mais de 1,67 de altura e pesar talvez 58 quilos, e eu diria que um quinto disso é só teta e bunda.

Eu me planto diante dela, e não falo nada por um segundo. Quero lembrá-la de onde ela se encontra nesta equação, quem possui quem, quem tem o poder.

– Porque eu sei tudo sobre você.

Capítulo 11

Mia

Fiona Apple – “Limp”

Ele fica a poucos centímetros de mim, poderia muito bem ser uma montanha. Tudo nele é ameaçador, mas não sinto que esteja aqui para me machucar. Pelo menos não por enquanto.

Minha mente está repleta de raiva, confusão, medo… mas o meu corpo, ele se aquece em sua presença. Não posso deixar de recordar a conexão que tivemos. E posso ver logo abaixo do seu cinto que, qualquer que seja o motivo para ele ter decidido aparecer na minha vida, ele também sente o mesmo.

Quem é este homem e o que diabos ele quer de mim?

Talvez eu devesse correr, mas o meu corpo, pesado pelo choque, recusa-se a fugir. De qualquer forma, para onde eu iria? Se ele realmente é o dono da Alea, enfrentá-lo é inevitável. Isto é, a menos que eu deixe para trás a carreira que construí nos últimos oito anos.

Eu deslizo para o lado e me sento numa cadeira da mesa de conferências, puxando o meu laptop e abrindo-o.

– O que você está fazendo? – ele questiona.

– Estou digitando a minha carta de demissão. – Meu peito dói. Eu acho que fiquei entorpecida porque basicamente estou jogando pela janela o trabalho dos meus sonhos neste exato momento. Eu sei que mais tarde vou chorar pra caramba por conta da devastação.

– Não, você não está – ele diz, inclinando-se sobre mim para fechar calmamente o laptop. Como se ele não tivesse razão para sequer dispensar o menor esforço extra, como se acreditasse que não há chance de eu partir.

Ele se inclina contra a mesa ao meu lado, perto o suficiente para eu captar o seu perfume masculino. É o aroma que ainda sinto quando sonho com ele, aquele que me enche de luxúria e, agora mesmo, de raiva e confusão.

– Mia, você assinou um contrato para ficar na Alea por um ano e, com isso, recebeu um generoso bônus…

– Eu vou devolver.

– Não interrompa.

Desgraçado.

– Você também tem uma cláusula de não concorrência em seu contrato. – Ele volta para a ponta da mesa e apanha uma pequena pilha de papéis. Parece uma cópia do meu contrato. – Mas nada disso importa – ele diz, atirando-o no cesto de lixo mais próximo. – Porque, se você sair, você nunca mais irá trabalhar nesta cidade. E se você deixar esta cidade, eu me certificarei de que jamais consiga emprego em qualquer outro lugar. Confie em mim, há formas de fazer acontecer.

Meu peito se comprime, lutando contra as lágrimas. Eu não vou dar a ele as minhas lágrimas.

– O que você quer?

– Um ano. Eu quero que você cumpra a sua obrigação com a Alea. Quem sabe, você pode até gostar…

– Então, você veio aqui para caçoar de mim? Você não percebe que, se tivesse ficado afastado, você me teria aqui por pelo menos um ano? Se você nunca tivesse aparecido por aqui, eu poderia ter ficado. Eu não teria conhecimento disso. Mas eu não posso agora… Não posso trabalhar com você.

– Mia, você não tem que fazer de mim um inimigo.

– Inimigo? Porque não quero ser subalterna de um predador?

– Não vamos fingir que você era um cordeirinho inocente – ele franziu o cenho. – Você engoliu o meu pau com prazer.

Suas palavras retorcem o meu estômago, e o café que tomei de manhã ameaça fazer um reaparecimento.

– Vai se foder. Não. Não vou ser refém. Tudo bem, acabe comigo – eu digo. Estou tão assustada, mas não posso. Simplesmente não posso ficar. – Você terá que encontrar outra pessoa para dirigir a Alea.

Eu abro novamente o meu laptop para digitar a minha carta, mas minhas mãos estão tão trêmulas que mal consigo abrir o programa de processamento de texto. Olho para a frente com firmeza, tentando mostrar força, mas é o medo que me conduz. Como uma criança escondida debaixo de suas roupas de cama, espero que, se eu não conseguir ver o monstro, ele também não vai me ver.

Sem dizer uma palavra, Tax puxa o celular, toca a tela algumas vezes, e a sala silenciosa é preenchida com a minha súplica: *Por favor! Por favor! Por favor!* Mesmo o escritório estando vazio, sinto que todos na Alea podem me ouvir implorando para um estranho me foder.

Grunhindo. Gemendo. Dando tapas. Suplicando.

– Você gostaria de ver? – ele pergunta.

Eu olho fixo para a tela do meu laptop, rangendo os dentes, borbulhando de

raiva. Por dentro, desmorono derrotada. Ele nos filmou.

Meus lábios tremem, usando todas as forças para manter minhas emoções contidas. Minha cabeça e meu peito parecem um contêiner pressurizado, pronto para explodir.

– Certifiquei-me de que meu rosto não estava visível, mas o seu está em toda a gravação. Permita que eu deixe isso bem claro: você vai perder tudo. Não estou dizendo apenas profissionalmente. Eu me certificarei de que todos tomem conhecimento sobre as suas propensões. Sobre como você contrata homens para estuprá-la. Este vídeo estará em toda parte. Assim como suas pesquisas pornográficas on-line, seu questionário para aquele site. Eu tenho tudo. E eu me certificarei de que isso irá persegui-la para o resto de sua vida. E se um dia houver uma pequena chance de você conseguir uma posição semelhante em outro lugar, bem, ninguém quer contratar esse tipo vulgar de mulher. – Ele desliza o telefone para a minha linha de visão e eu viro a cabeça. Não vou assistir. Ele se inclina, apoiando uma mão no espaldar da minha cadeira, e lufadas de sua respiração tocam a minha orelha enquanto ele expele o restante do seu veneno. – Você irá servir mesas pelo resto de sua vida. E, mesmo assim, eu me certificarei de que, aonde quer que você vá, as pessoas que trabalharem com você saibam. Você é gostosa, Mia. Você sabe disso. Os homens já olham para você e se imaginam enfiando o pau deles dentro de você. Consegue imaginar trabalhar em um pesadelo de emprego de merda, enquanto os seus colegas de trabalho assustadores se masturbam para você? Enquanto sussurram pelas suas costas? Porque é isso que a sua vida vai virar, Mia. Você vai passar de uma empresária de sucesso a um objeto de masturbação para o seu chefe gordo de meia-idade, ganhando uma ninharia. Pense bem a respeito disso. Você pode ter uma vida de humilhação e julgamento… ou pode dar à Alea um ano.

– Eu direi à polícia – eu falo, afastando minha cadeira dele para ganhar alguma distância.

– Não vai fazer diferença, vadia. Você entende que, depois que tudo isso for revelado, você é que será julgada, certo? Você não compreende com quem está se metendo. Me processe. Os seus advogados estarão lambendo o cu dos meus antes do meio-dia.

Meu estômago queima. O sangue ferve dentro de mim. *Vadia.* Essa palavra, no auge do calor sexual, no que eu pensava ser uma encenação, parece tão diferente do que é agora. Agora, causa horror e aversão. Eu aperto os punhos, tão frustrada por ele estar totalmente com a faca e o queijo na mão. Há muito a perder. Eu não posso tomar uma decisão precipitada. Ele vai destruir minha vida

se eu fizer isso.

– Mia, use a cabeça. Não tome uma decisão emocional. Este é um acordo comercial. Só isso.

– Você comprou a Alea para me pegar? – questiono, percebendo quão ridículo isso soa somente depois de eu ter pronunciado as palavras. Mas está ficando claro para mim que isso é pessoal, não apenas uma enorme coincidência. Ele não caiu de paraquedas por acaso na companhia da mulher que ele atacou. Não sei por quê, mas eu me tornei seu alvo.

Ele ri, daquele jeito arrogante e tão seguro de si mesmo, e se inclina na minha direção.

– Eu peguei você antes mesmo de comprar Alea.

Suas palavras queimam através da minha alma. E, ainda assim, o calor de sua respiração incendeia algo novamente. E isso me deixa tão enfurecida comigo mesma.

– O que você quer?! – pergunto, uma lágrima finalmente escorrendo dos meus olhos, e eu estou ainda mais brava comigo mesma por ter perdido a minha fleuma. Algo me diz que isso é o que ele quer. – Por que você está fazendo isso comigo?

Ele olha para mim com esses olhos da cor do cacau, emoldurados por longos cílios pretos, e simplesmente diz:

– Porque você me deve.

Minha mente se inunda de pensamentos, vasculhando a minha vida, tentando compreender esse homem na minha frente. Eu vivi uma vida boa. Cresci em uma cidade pequena, fui boa para as pessoas. Eu parti para Marquette e comecei de novo aqui em Milwaukee. Eu não irritei ninguém. Como eu poderia ter feito alguma coisa para merecer uma situação dessas? Sempre fiz o que é certo, e a única vez em que me arrisco, a única vez em que faço algo ruim, isso explode como uma arma nuclear.

– Eu devo a você? Que diabos eu devo a você? Por que eu lhe devo alguma coisa?

Ele cruza os braços e apenas me encara fixamente, seus olhos escuros se endurecendo, queimando de fúria da mesma forma que a obsidiana é forjada pela lava. O que quer que ele pense que eu devo a ele está acompanhado de muita raiva.

– Isso é um mal-entendido. Eu tenho crédito. Eu não roubei nada. Eu não devo nada a ninguém.

Ele quase ri.

– Crédito? Não é esse tipo de dívida. Não há escapatória, você não pode declarar falência. Esse tipo de dívida persegue você até o seu túmulo.

– Eu não entendo. Por favor, apenas me diga.

– Você sabe.

– Não sei. Por favor, se você me disser, talvez eu possa explicar.

– Já chega de discutir.

Solto um suspiro exasperado.

– Posso pelo menos pensar a respeito disso?

– Claro. Você tem trinta segundos antes de eu clicar enviar neste vídeo. Você realmente deveria assisti-lo. É uma obra-prima do caralho. Eu me certificarei de que Dewey seja o primeiro a recebê-lo se você se recusar.

Eu olho ao redor da sala, como se houvesse alguma solução oculta que eu estava deixando passar.

– 25…

– Pare! Merda, merda, merda… – eu resmungo, tentando pensar, mas a contagem regressiva só atrapalha ainda mais os meus pensamentos.

– 18… Estou falando bem sério aqui, Mia. Eu não blefo.

Em um último esforço, tento tirar o telefone dele, mas ele o puxa bruscamente para longe sem interromper sua contagem regressiva.

– Por favor… – Imploro com lágrimas nos meus olhos. Minha raiva não ajudou, mas talvez exista um lado misericordioso para o qual eu possa apelar.

– 10… 9… 8…

Isso não pode estar acontecendo.

– 4… 3…

– Pare! Tá bom! Tá bom!

Pelo menos neste momento, estou farta de lutar. Estou tão cansada, cansada de olhar por cima do meu ombro, cansada de me perguntar o que aconteceu naquela noite. Eu tenho minhas respostas agora, pelo menos algumas delas. Talvez eu possa simplesmente trabalhar sob o comando dele, dar-lhe o ano na Alea e depois seguir em frente. O que muda, de fato? Eu continuo amando a Alea, eu ainda prometi a Dewey que manteria essa empresa em funcionamento. Só não entendo por que esse homem sente a necessidade de me chantagear para fazer algo com que eu já havia concordado. Será que irá reter o meu salário, como alguma forma de servidão contratada? Algo não se encaixa. Eu sei o que faria sentido, mas não posso sequer me permitir pensar nessa possibilidade. Se eu fingir que isso não existe, então talvez de alguma forma não exista.

– Então, você quer que eu trabalhe aqui? Por um ano? Tudo bem. Mas você

deve ser discreto como prometeu. As coisas estão bem aqui. Eu posso comandar a Alea e torná-la até ainda mais lucrativa do que no ano passado. – Eu luto para disfarçar a total perda de controle que sinto. – Como isso saldaria uma dívida? Você não vai me pagar para trabalhar aqui? Vou viver do quê?

– Ótimo – ele diz, sorrindo e caminhando de volta à ponta da mesa. Fico indignada comigo mesma por ter reparado em seus lindos dentes brancos e na forma como seu sorriso destaca suas feições, que se parecem ainda mais belas à luz do dia. – E não se preocupe com o seu salário. Você tem a minha palavra.

Tax olha para o seu relógio de pulso e fecha a porta da sala de reuniões. E aí, a *tranca*.

Ai, que merda.

Eu me enrijeço na minha cadeira, mas não digo nada. Dessa vez, eu o observo com tensa expectativa. Tax se senta na ponta da mesa de conferências e afasta sua cadeira.

Lá no fundo, com base em nossa primeira interação, eu me pergunto se essa minha "dívida" seria paga de outras formas. Mas ele me pediu para dar à *Alea* um ano. Para mim, parecia que ele só queria que eu dirigisse sua nova empresa sem sair, uma vez que fiquei sabendo de sua identidade. Estou começando a pensar que isso foi pensamento positivo.

– Então, mostre-me sua linha de produtos.

– Perdão?

– Como novo dono da Alea, eu gostaria de ouvir do melhor membro da equipe sobre a sua linha de produtos. – *Ufa, tudo bem, ainda são só negócios.*

Limpo a garganta.

– Hã, tudo bem, claro – A tensão ainda é abundante no ar, mas pelo menos agora eu posso me concentrar no meu trabalho e simplesmente cair fora desta sala quando terminarmos. *Por favor, que sejam apenas negócios.*

Eu me forço a levantar, os meus pés trêmulos, e caminho até as prateleiras de vidro que orgulhosamente exibem os brinquedos sexuais coloridos e elegantes.

Minha mão estremece quando mostro um vibrador.

– Bem, este é o Artemis… – minha voz fica presa na garganta. – Este modelo é pequeno para que possa ser discretamente escondido em uma bolsa para noite.

Eu o examino. Sua ereção ainda está pronunciada, enquanto seus olhos estão fixos em mim. O azul-marinho de seu terno complementa perfeitamente o seu bronzeado. Seus cabelos escuros são lustrosos e espessos, raspados nas laterais e muito mais longos no topo da cabeça. Nunca cheguei a ver o seu cabelo naquela noite, pois ele estava coberto pela máscara, mas isso só acrescenta para a sua

beleza. Só de olhar aquela barba por fazer minha pele já formiga, como se o meu sistema nervoso lembrasse e estivesse tentando me recordar de como é bom senti-lo. E essa tatuagem no pescoço… Não sei ao certo por quê, mas ela provoca alguma coisa em mim. É como se, não importa quão bem ele se vista, a tatuagem me lembrasse de quem ele realmente é. Reconhecer como ele é atraente faz com que eu me odeie ainda mais. Foi a minha luxúria imoral que me arrastou para esse caos pra início de conversa.

– Traga-o para cá. Eu gostaria de ver isso – ordena ele.

Meu coração acelera novamente, antecipando a mudança na proximidade física. Eu estufo o peito e caminho até ele com o pequeno vibrador oblongo prata e cor-de-rosa. Ele o pega em sua mão e o vira, estudando-o.

– Você gosta de usar isso?

– Como disse? – pergunto, como se essa questão de alguma forma estivesse além dos limites de nossas interações até agora.

Seus olhos se estreitam. Eles têm essa característica, como se ele estivesse sempre extasiado, em um constante estado de pré-orgasmo. Eles parecem estar sorrindo diabolicamente.

– Acho que você me entendeu mal, Mia. Eu não queria que você me explicasse como funciona a linha de produtos. Eu quero que você me *mostre*.

O ar foge dos meus pulmões e eu contraio o peito. *Eu estou muuuuuuito ferrada.*

– Não posso fazer isso – eu respondo.

– Você vai fazer isso – ele retruca. – Eu garanto que não estou blefando. E se você sair da sala de reuniões, o vídeo é liberado. E aí acabou. Você não poderá voltar atrás. Nunca mais.

Humilhação pública ou humilhação privada: qual dos dois é o mal menor?

– Não aja para cima de mim como se não gostasse dessa merda, Mia. Eu sei que você quer que alguém a torne uma safada. Eu vou torná-la uma devassa do caralho. Agora, me mostra.

– Eu nunca tive escolha… – eu digo a mim mesma, percebendo de repente que toda a discussão até agora não passava de uma ilusão. Era como domar uma égua, só que tornando a dissolução da minha rebeldia muito mais satisfatória. Ele já me tinha em suas mãos no momento em que eu vi as serpentes em seu pescoço. Enquanto me encara firmemente com uma mistura de satisfação e cobiça, seu pau duro faz com que eu me sinta desejada, meu corpo me trai quando minha boceta transborda com a sensação. *Traidora da porra.*

– Todos nós temos uma escolha – observa ele. – Você já está ciente de suas

opções. Eu não vou detê-la se você for embora.

Mas ele sabe que me deu uma escolha falsa. Eu posso ter minha carreira aniquilada, minha reputação manchada para sempre, ou eu posso me masturbar na frente de um homem com quem já fiz sexo. Um homem com quem eu fantasiei desde a primeira vez que ele me possuiu.

De certa forma, há uma pequena parte de mim que está quase aliviada por eu não ter uma escolha real. Se eu não tenho escolha, então não é minha responsabilidade. Qualquer coisa que aconteça entre mim e ele, o culpado é ele, e eu sou uma vítima inocente.

Estou profundamente enojada com ele, mas ainda mais comigo mesma. Porque, neste momento, odeio esse homem. Droga, eu nem conheço esse homem. Não posso controlar suas ações. Eu *me* conheço, eu posso *me* controlar. Mas talvez eu nem me conheça mais de verdade. Talvez perto dele eu não consiga me controlar. Porque quero me sentir da forma como me senti duas semanas e meia atrás: despertada. Viva. Como uma porra de um vulcão entrando em erupção.

Outra lágrima escorre pela minha bochecha. Ele provavelmente pensa que estou com medo ou zangada com ele, mas o problema é comigo. Estou traindo a mim mesma. Porque ele está certo. Eu ainda tenho uma escolha. Ainda posso sair daqui. Talvez eu não tenha mais a minha carreira, ou mesmo minha reputação, mas eu ainda teria a minha dignidade.

Mas não vou a lugar algum.

– E como eu posso confiar que você não mostrará o vídeo mesmo assim?

– Eu cumpro todas as minhas promessas. Se eu disser que vou revelar, é porque eu vou. Manter minha palavra é muito importante para mim.

Eu quero rir da sua moral *tão imensa*, mas tenho que acreditar que há uma saída no fim do túnel para fazer isso. Eu acho que ele realmente acredita em sua definição bastante seletiva de honra. Esses códigos de honra não são inéditos, é a razão pela qual ladrões e assassinos tratam com desprezo os dedos-duros. Existe honra até entre ladrões.

– Tudo bem – eu digo, minha voz rouca pelo abalo.

Seus olhos se estreitam ainda mais, e enquanto ele esfrega a mão sobre o seu volume, sua boca se curva em um sorriso presunçoso.

Eu respiro fundo de modo vacilante e me inclino para trás sobre a mesa, bem na frente dele.

– Puxe a sua saia – ele ordena. Sua orientação, na verdade, me proporciona um pouco de alívio. Não estou em condição de guiar a mim mesma.

Coloco o Artemis na mesa ao meu lado e me curvo para agarrar a bainha da saia e em seguida levantá-la.

Mantenho os joelhos unidos, mal expondo a calcinha branca que cobre o meu monte de Vênus.

Ele se inclina lentamente, colocando as mãos fortes nas minhas coxas trêmulas. Há uma esperança momentânea para o conforto, pois seu toque é suave, mas, então, seus dedos cravam na carne macia e puxam as minhas pernas bambas para o lado, abrindo-as.

Ele suavemente puxa para o lado a minha calcinha, resvalando os dedos nos lábios da minha boceta enquanto faz isso. Sinto uma onda quente de umidade em resposta ao seu toque.

– Já estava molhada, sua safadinha – ele diz, mordendo seu carnudo lábio inferior.

Ele se inclina para trás em seu assento, balançando a cabeça em aprovação.

– Põe os peitos para fora.

Minhas mãos trêmulas se erguem e desabotoam a minha blusa, um botão de cada vez. Eu deixo o tecido sedoso escorrer pelos meus ombros, então solto o meu sutiã de renda e o deslizo também.

Ele lambe inteiramente os lábios à visão dos meus seios.

– Agora me mostra.

Eu apanho o Artemis, ligando-o. O zumbido é uma agradável distração do som de minha própria respiração nervosa. Segurar o dispositivo vibratório força minha própria mão a ficar firme.

– Não goze. Quero que me mostre a linha de produtos, e não apenas um.

Eu assinto levemente e toco a ponta do Artemis contra o meu mamilo. A vibração constante o deixa sensível, e não consigo deixar de me perder na sensação.

A boca dele permanece fechada, mas um grunhido baixo escapa da garganta. Ele se levanta e caminha até a prateleira, retirando mais alguns brinquedos de suas caixas.

– Mostre-me como você usaria isso – ele diz, trazendo o nosso vibrador campeão de vendas, o Athena, e ligando-o. Ele é longo e grosso, como um pênis de bom tamanho, e tem uma extensão para a estimulação do clitóris. – Espere, acho que talvez eu saiba como isso funciona – ele diz sarcasticamente. Tax o empurra contra os meus lábios para que eu o chupe.

Eu aperto os meus lábios, me opondo.

– Chupa. – Ele o esmaga contra a minha boca. – Não me irrita, Mia – ele

ameaça, tocando agressivamente minha umidade. – Eu sei do que você gosta. Não há segredos comigo.

Suas palavras são assustadoras, mas, estranhamente, trazem segurança. Ele já conhece o meu segredo mais sujo. Ele é o meu segredo mais sujo.

– Agora chupa, sua putinha.

Relutantemente, eu abro os meus lábios, deixando-o deslizar o vibrador para dentro da minha boca. E então ele o empurra de um lado para o outro, forçando-me a manipulá-lo ou engasgar com ele.

Então, Tax desliza alguns dedos dentro de mim para me preparar para sua inserção. Eu me xingo por ficar tão molhada, tornando tão fácil para ele me penetrar. Ele curva os dedos e uma onda de prazer relaxante consome minhas entranhas. Não consigo evitar inclinar meus quadris para a mão dele enquanto ele esfrega meu ponto G. Eu gemo, e a cada próximo nível de prazer, fico com mais raiva. Outra lágrima escorre, e mais uma.

Mas ele é imune às minhas lágrimas. Na verdade, ele deve até gostar delas.

Ele pega o vibrador e o desliza para dentro de mim, massageando-me com ele lentamente enquanto a extensão vibra contra o meu clitóris. Levanto os meus pés sobre a mesa para abrir bem as pernas e jogo a cabeça para trás com prazer enquanto as lágrimas descem pelas minhas bochechas por conta do nojo que tenho de mim mesma.

Mas mesmo os nossos melhores brinquedos não são páreo para o talento dado por Deus: esse pau; esse pau grosso e duro, que se curva exatamente no ponto certo. Eu o quero tanto dentro de mim. Quero que o meu mundo exploda novamente.

E eu sei o que ele quer, eu sei o que o filho da puta quer. Ele quer que eu implore. E a cada novo brinquedo que coloca no meu corpo, ele está erodindo a minha força de vontade.

Ele me observa com um olhar predatório, a raiva misturada com avidez. E eu sou transportada de volta à noite em que ele entrou na minha casa. Como cada palavra rancorosa me fez ser preenchida de desejo, cada pegada dolorosa provocava calor no meu âmago. E agora a ira reprimida que sinto em relação a esse homem não tem para onde ir, e a única forma de extravasá-la é através do êxtase.

Eu estendo a mão para puxá-lo para perto de mim, para me proporcionar uma espécie de ilusão de que isso é voluntário, mas ele a afasta e afunda os dedos nos meus cabelos, me puxando para a frente, para que a minha testa se encontre com a dele, enquanto ele continua a massagear o vibrador dentro de mim. Sua

respiração quente acaricia os meus lábios, mas eu sou esperta o bastante para não tentar beijá-lo. Gemo cada vez mais alto, mas meu objeto de desejo é ele, não a porra de um brinquedo. Se eu for trocar a minha dignidade pelo sexo, então é melhor usufruir um pouco da porra do sexo.

– Você quer que eu enfie o meu pau dentro da sua boceta? – ele pergunta.

Eu quero. *Como posso ser tão perturbada?*

Eu afasto os olhos, tentando evitar seu olhar fuzilante e sombrio. Seus dedos apertam meus cabelos com mais força, obrigando-me a encará-lo novamente. Ele puxa o vibrador para fora, deslizando-o para cima e para baixo da minha fenda. Brincando, provocando.

– Você quer que eu te foda com o meu pau?

Eu mordo meu lábio com tanta força que quase rasgo a pele. Lágrimas salgadas pinicam meus lábios.

– Sua boceta está tão molhada. Você está ensopando a sua calcinha. Você quer que eu te foda. Você é uma boa garota, e quer que eu faça de você minha putinha.

Ele pressiona o volume de suas calças contra o meu centro latejante, e eu gemo. Ironicamente, o único homem que pode aliviar toda a frustração é o mesmo que a causou.

– Agora, fale.

– Não.

Ele serpenteia seu pau contra meu clitóris inchado, provocando um gemido involuntário da minha garganta. Por dentro, eu aperto, minha boceta implorando comigo para deixá-lo me preencher.

– Diga, sua puta.

Entre lágrimas, eu abro mão da minha moral.

– Me fode – eu murmuro.

Seus lábios se curvam de um lado. Eu me odeio por ele ter me derrotado assim tão facilmente.

– Você tem que me pedir melhor do que isso.

Ele não fica feliz até que eu esteja completamente humilhada, até que não me sobre um pingo de dignidade.

– Por favor – eu digo com voz estrangulada. – Por favor, me fode.

– Mais. Me fala como você quer que eu te foda.

– Eu quero você dentro de mim. Por favor… não me faça implorar de novo. Não consigo fazer isso. Você venceu.

Ele desabotoa seu cinto e enfia a mão dentro das calças para sacar seu belo

cacete, e desta vez ele não está usando luvas. Suas mãos são grandes, fortes, masculinas e, ainda assim, muito bem-cuidadas.

Ele pressiona seu peito contra o meu. Seus lábios resvalam pelo lóbulo da minha orelha.

– Implora, puta – ele sussurra. – Diga a merda do meu nome.

Lágrimas escorrem dos meus olhos enquanto lamento meu desejo por esse ser humano desprezível.

– Tax, por favor, me fode.

– Mais.

– Por favor, não.

– O que você quer que eu faça?

Cada vez que ele me faz implorar, meu tesão torna-se ainda mais intenso.

– Eu quero que você deslize para dentro de mim, goze dentro de mim.

Minha cabeça tá tão ferrada.

E, finalmente, ele bate seus quadris em mim e me pressiona de volta contra a mesa. Eu grito, totalmente entregue. Minhas mãos encontram os meus cabelos, pois sei que ele ficará furioso se eu tentar tocá-lo. Ele morde os seios, puxando meus mamilos com seus dentes enquanto ele me fode, rosnando para mim o tempo todo. É quase como se ele se sentisse do mesmo jeito que eu, como se tivesse que me foder apesar de não querer fazê-lo.

Ele agarra a carne da minha bunda com tanta força que eu rosno de raiva enquanto seu pau me penetra da forma como só ele consegue.

Eu gemo seu nome enquanto lágrimas escorrem pelo meu rosto. Meu núcleo aperta-se em torno de seu pau. Nesse ângulo, a base de seu pau esfrega o meu clitóris, enquanto a cabeça roça o meu ponto G, e as paredes da minha boceta começam a latejar, implorando por liberação.

Ele me fode sem piedade. Parece que vai me rasgar ao meio, mas essa ferroada de dor só acrescenta à miríade de sensações.

Estou mais próxima da liberação, meus gemidos tornando isso óbvio.

– Implore ou eu vou parar. Implore pela minha porra – ele diz com crueldade. – Implore chamando o meu nome.

Estou tão perto, mas tão perto da explosão, que não tenho escolha.

– Tax, por favor, goza em mim. Goza – eu suplico, entre respirações trêmulas.

E, como uma sinfonia bem orquestrada, cada parte dentro de mim que ameaçava estourar explode de uma vez e eu grito em êxtase despudorado. Perdendo o controle, tento estender os braços para ele, apertá-lo em meus braços, para transferir o calor que está explodindo dentro de mim, mas ele agarra

os meus pulsos para me deter. Sua pressão em meus pulsos desencadeia meu instinto de lutar, mas minhas tentativas de derrubá-lo são inúteis, pois seu controle me deixa impotente. Eu arquejo enquanto minha boceta inteira vibra em torno de seu pau pulsante. Lágrimas derramam-se enquanto eu luto contra ele. E, mais uma vez, atinjo o ápice de intensidade emocional e física que eu sei que não é possível sem os sentimentos conflitantes que só ele pode proporcionar.

Se eu tinha alguma dúvida sobre como esse homem fez eu me sentir naquela primeira noite, a reunião que acabou de arruinar a minha vida confirmou isso.

Eventualmente, eu me dissolvo contra a força imobilizadora de seu controle.

Ele sai de dentro de mim, pega uma caixa de lenços umedecidos, limpando-se em seguida e, generosíssimo como sempre, bota a caixa ao meu lado para que eu dê um jeito em mim mesma.

Embora as lágrimas turvem a minha visão, eu o observo. A forma como a tatuagem do pescoço quase desaparece por baixo da sua camisa engomada. O modo como seu cabelo gostoso agora parece todo bagunçado por ter acabado de trepar. Eu quero odiá-lo, mas toda vez que olho para ele, meu corpo é invadido pela atração e o ódio reflete para mim mesma.

Seu calor escorre para fora de mim e pela minha coxa. Mais uma vez, ele está dentro de mim e dentro da minha cabeça.

À deriva, levada pela corrente, bem distante de quem eu era semanas atrás.

Ele veste seu paletó e movimenta os ombros algumas vezes para se alongar, estalando o pescoço de cada um dos lados.

– Você me apresentará um relatório neste mesmo horário toda semana. Eu confio que você fará um excelente trabalho na Alea, mas não hesite em me contatar sobre qualquer coisa com que eu possa ajudar.

Eu o encaro com uma expressão de desprezo, por ele estar tão indiferente quanto a tudo isso. É a maneira dele de esfregar na minha cara e é muito mais exasperante do que zombar diretamente.

– Você devia limpar o seu rosto, a sua maquiagem está escorrendo. – Ele se dirige para a porta. – Ah, e os produtos são excelentes. Você deveria estar orgulhosa. – Ele faz menção de partir e então volta. – Ah, e você deveria sair do hotel. Volte para casa.

Capítulo 12

Tax

Garbage – “Not Your Kind of People”

BATO A PORTA DA MINHA COBERTURA, enojado comigo mesmo por ceder a ela novamente. Ela deveria me implorar, rastejar e, então, quando não lhe restasse mais nenhum vestígio de orgulho, eu a deixaria sedenta e insatisfeita.

Mas eu pisei na bola, merda. Vendo-a com as pernas abertas, sua suculenta boceta ansiando por mim, seus mamilos escurinhos, redondos e túrgidos, implorando que eu a chupasse, eu tinha que estar dentro dela. Eu precisava sentir sua boceta se apertando contra o meu pau enquanto ela gozava.

Ela continuou humilhada, ela ainda chorava enquanto eu a fodia. Não porque ela não queria, mas porque queria.

O ruído apressado de saltos aproxima-se de mim por trás. Posso dizer pela cadência dos passos que eu serei infernizado. *Não agora; não agora, merda.*

– Você comprou a porra da Alea? – vocifera Jude, agitando uns papéis no ar.

– Quantas vezes eu já disse pra você não meter o bedelho nos meus lances, Jude?

– Eu estava procurando uma caneta e isso estava esparramado descuidadamente em cima da sua mesa.

Ahaaaaaam.

– Isso era parte do plano o tempo todo. Não sei por que você está tão irritada com isso. – Só depois de eu me servir de um pouco de uísque é que percebo que são sete horas da manhã. *Ah, que merda.*

– Também fazia parte do plano matar aquela vagabunda. E ela ainda está aí.

– Ah, porra, Jude, eu nos trouxe até aqui, não trouxe? Será que pode me dar uma licençazinha criativa? Posso apenas saborear essa em especial?

– Só espero que você não tenha comido aquela boceta e mudado de ideia. É por isso que você não quer me mostrar a gravação?

Eu tinha um par de câmeras instaladas com a intenção de fazer um filme *snuff* para Jude. Saber que Mia estava morta não teria sido bom o bastante, Jude queria sentir na pele a experiência. Claro, o vídeo transformou-se espontaneamente em um pornô, e nem a pau que eu ia mostrar essa merda à minha irmã.

Perco a cabeça e falo rispidamente:

– Jude, pelo amor de Deus, cala a porra dessa boca. Não acredito que você ainda ousa falar merda depois de tudo o que fiz por você, por nós! Essa é a mais pessoal para mim, ela é o motivo de tudo!

– É pessoal para mim também! – ela grita, seus olhos ficando marejados. – Nós dois temos cicatrizes, ok?

Minha irmã pode ser uma pentelha às vezes, mas ela passou por muita coisa. E, diferente de mim, todas as cicatrizes estão por dentro. Ela sabe como encontrar o único ponto do meu coração, embora pequeno, que não se transformou completamente numa pedra negra e irregular.

– Eu só me sinto excluída, é isso. Nós planejamos tudo juntos, e quando você chegou em casa naquela noite, quando você deveria ter entrado na casa dela e a liquidado, você não me contou nada. Você não quer falar comigo sobre o que aconteceu. Tudo o que sei é que ela ainda está viva, e agora você passou para a segunda parte do plano sem completar a primeira parte.

Eu sorvo um gole do meu copo, deixando que a bebida queime a minha garganta e esfrie o sangue que está fervendo em mim.

– Eu tomei uma decisão executiva. Ambas as partes estão em execução simultaneamente. – Coloco meu braço em torno dos ombros finos da minha irmã, sabendo que, apesar da aura de raiva que a envolve, ela só quer ser amada. – Eu decidi que matá-la simplesmente não era bom o bastante. Eu quero destruí-la devagar, da mesma forma como ela fez com a gente. Nós vivemos com as consequências de sua crueldade por tantos anos, e a vida tem sido gentil demais com ela até agora. Ela tem que sofrer antes de comer capim pela raiz. Confie em mim.

Jude suspira.

– Eu sei, Deus bem sabe disso. Mas estamos chegando muito perto. Se algo lhe acontecer, agora que você comprou a Alea, agora que você tem uma conexão conhecida com ela…

– Isso já arruinou nossos planos antes? Isso é o que eu faço. Foi assim que eu consegui tudo isso para nós. Eu faço as coisas direito. Eu faço as pessoas pagarem.

– Está bem – ela diz, descansando a cabeça no espaço entre o meu peito e o meu braço. – Eu te amo, Tax, meu colega de útero. – Nossa atenção é desviada pelo som da porta da frente se abrindo. – É o Rex – diz ela.

Rex tem estado conosco em nossas vidas há anos. Nós o conhecemos quando ele tinha apenas treze anos, depois que saímos de casa. Ele era um fugitivo sem-

teto e nos via com respeito e admiração, nos seguindo como um filhote de cachorro, e a partir daí ele nunca mais desgrudou da gente. Como qualquer cachorro, ele ama um membro da família mais do que o outro, e eu diria que ele é bastante obcecado por Jude. Ela lhe tirou o cabaço e desde então ele só teve olhos para ela. Claro, ele é leal como um golden retriever e foi o cara que ficou de olho em Mia durante todos esses anos, enquanto eu cuidava de outros negócios.

Mas eu o tirei da tarefa relativa a Mia algumas semanas atrás, quando decidi que agora era minha vez de entrar em cena. Se eu fosse fazer isso direito, tinha que me envolver em todos os aspectos da missão. Teria que ser eu o responsável por ficar de olho nela.

– Feche a porta – digo a Jude quando ela sai para cumprimentar Rex. – Me dê um tempo sozinho, ok? – Quanto mais próximos estamos do fim, mais Jude fica na minha cola. Ela praticamente vive na minha casa, embora tenha a sua própria. Ela não gosta de ficar sozinha. Ela nunca diz isso, mas suas ações deixam claro. Nós sempre vivemos juntos, nunca realmente passamos um tempo substancial separados desde que nós nascemos. Na verdade, desde que compartilhamos um útero.

A porta se fecha e eu solto um suspiro exasperado, passando os dedos pelos cabelos e massageando as têmporas.

Eu ferrei as coisas, mas vou consertar isso.

Tenho observado Mia há anos, à distância. Jude e eu temos esperado pacientemente pelo momento certo de acabar com ela. Mas tínhamos que cuidar primeiro de outras pessoas, e havia uma boa quantidade de pessoas. Mas Mia é a mais importante delas, foi ela que começou tudo, ela é a razão de tudo ter acontecido. Sua traição é o que mais dói. Então, queríamos guardá-la para o final, acabar com tudo com a pessoa que iniciou isso.

Esperei pelo momento perfeito. Claro, eu poderia ter sabotado o carro dela, ou a envenenado, mas eu queria que isso fosse pessoal. Eu queria que seu fim fosse feito sob medida, confeccionado especificamente para Mia. Tirando trabalhar em uma fábrica de vibradores, ela parecia viver uma existência perfeitamente monótona e normal. Nós monitoramos suas mensagens e seu computador sempre revelava aquelas merdas de costume: trabalho, vídeos de gatinhos, Facebook, Twitter. Embora ela tenha, na verdade, visto algum material pornô interessante… Alguns bons vídeos me deixaram excitado. *Obrigado, Mia!*

Então, acho que não deveria ter ficado inteiramente surpreso quando Rex entrou no meu escritório com um sorriso estampado no rosto por causa de algo

que eu *precisava* ver. Um questionário que ela havia preenchido em um site chamado Happy Kitty. O nome e o serviço não me diziam nada. Mas eu fiquei intrigado, intrigado pra caralho.

Rex fez aquilo no que ele é tão bom, o que o treinamos para fazer: fuçar. Ele é um cliente regular do bar do qual Tiff é a dona, essa é a sua forma de infiltrar-se perfeitamente na vida de Mia à distância. Na verdade, ele conhece Tiff muito bem, já trepou com ela umas duas vezes na sala de armazenamento de seu bar. Mas Tiff não faz ideia de quem de fato é Rex ou mesmo que ele sabe que Mia existe.

De qualquer forma, ele conhece uma das putas mais caras que bate ponto lá, e por intermédio dela conseguiu mais informações acerca da Happy Kitty. Tenho que admitir que fiquei agradavelmente surpreso ao descobrir essa faceta de Mia. Por um lado, tornou-a muito mais interessante; por outro, isso me fez lembrar que ela não é inocente. Ela é anormal como o restante de nós.

Então, eu havia arranjado um jeito de me introduzir em sua vida. Eu ia aparecer na casa dela, e ela ia pensar que eu era o cara que ela havia contratado. Ela não iria achar que estava correndo perigo de verdade, mas eu tinha algo para ela. Algo que eu sabia que ela realmente temia devido ao questionário que ela havia preenchido: uma faca de caça serrilhada de nove polegadas, bem afiadinha. Eu ia atirá-la longe, fazê-la pensar que estava nas mãos de um gigolô perverso, e aí eu ia puxar a faca, segurá-la contra a garganta dela e rememorá-la de tudo. Lembrá-la de quem eu era, do que ela fez comigo… do que aconteceu com a minha irmã. Eu ia apreciar o momento em que seus olhos se alternassem da luxúria para o horror, saborear a sua confusão e beber de seu desamparo.

E, então, cravaria a faca em sua garganta e a cortaria.

A segunda parte desse plano era comprar a Alea e depois fechá-la. Isso mesmo, simplesmente encerrar as atividades daquela merda. Por quê? Porque eu sei que ela adora trabalhar lá. Era algo que ela ajudou a construir e eu queria remover qualquer vestígio de seu legado. Eu queria que ela fosse responsável pela dor das pessoas com as quais ela se importava da mesma forma que ela me tornou responsável pelo sofrimento de Jude. Vingativo? Pode ter certeza disso.

Só que eu fodi tudo.

Começou com sua dancinha bêbada patética. Devo admitir que foi bonitinha. Eu até me diverti com aquilo.

Foi também o fato de ela estar ainda mais bonita do que eu me lembrava. Em fotos, eu poderia me distanciar, mas pessoalmente, assim tão próximo, ela faz meu pau ficar duro como uma rocha.

Quando eu pressionei meu corpo contra o dela, e senti a flexibilidade de suas curvas e sua pele aveludada, minha rola chegou a doer. Havia algo em sua fragrância, e na forma como ela se arqueava na minha direção enquanto eu a agarrava, que me fez perder o foco. Ela derreteu em meus braços, simplesmente se entregou a mim. Ela ansiava por mim.

E então ela implorou. Isso não fazia parte do plano, eu não ia dar a ela o meu pau. Mas, naquele momento, tendo o completo e total controle dela, o modo como ela me olhava como se eu fosse a única pessoa no mundo que poderia dar o que ela necessitava, eu fraquejei. Eu queria fazê-la gritar o meu nome, putinha que ela é. Eu queria entrar dentro dela enquanto ela implorava.

E, puta que pariu, que sensação do caralho que foi. Sua boceta apertada e molhada apertou-se em volta do meu pau, seu corpo estremecendo enquanto eu explodia de tesão dentro dela. Nunca antes gozei tão intensamente assim na minha vida, e olha que eu já fodi muito. Eu quase peguei na porra do sono no carro no caminho de casa porque a boceta dela extraiu minha força vital.

A verdade é que não parei de pensar nela desde aquela primeira noite em que trepamos. Mas agora eu sei que posso tê-la por um tempo e dar prosseguimento aos meus planos. Estou me adaptando, como sempre fiz.

Quando finalmente adquiri os recursos, tanto financeira como fisicamente, para transformar o meu corpo, isso se tornou uma obsessão. Assim como o meu pai afirmou, na época da minha adolescência, eu espichei alguns centímetros, meus braços e tórax achatados ganharam os primeiros sinais de músculo, e do meu rosto liso brotou uma barba máscula. Jude nunca desabrochou, de fato, da mesma maneira. Claro, ela se desenvolveu, mas continuou pequena. Eu só podia presumir que ela havia puxado o lado da família de nossa mãe. Nós tínhamos algumas fotos dela, e Jude parecia-se muito com ela. Nós dois parecíamos. Nosso pai tinha feições mais claras que pareciam ser ofuscadas pelos cabelos e olhos escuros de minha mãe. Mas eu herdei a constituição de meu pai. A única coisa boa que ele fez por mim foi me transmitir esses genes.

Essas mudanças físicas provocaram uma obsessão minha de manter o corpo em forma. Durante a minha vida toda as meninas pareciam passar por mim como se eu não existisse. Caramba, algumas até pareciam sentir repulsa pelo meu tipo alto e esquálido. Então, no que pareceu ser da noite para o dia, as mulheres estavam se atirando sobre mim. De certa forma, aquilo foi uma coisa boa. Eu aprendi a não me prender à necessidade de atenção feminina, já que nunca a recebi. De fato, ver como eu era tratado de forma diferente deixou-me ainda mais amargo. Agora, eu valia alguma coisa. Agora que eu tinha uma boa

aparência, eu era uma pessoa. Agora elas me enxergavam. Certo disso, comia toda boceta que vinha batendo palminha pra mim, mas elas nunca poderiam me ter. Eu as usei e depois as descartei. Meus atributos físicos tornaram-se outra ferramenta no meu arsenal. Eu poderia fazer com que as mulheres fizessem o que eu queria.

Acredito muito que o esporte traduz-se na vida. Os esportes de combate, como o boxe e o muay thai, são meus favoritos exatamente por esse motivo. Aprendi nos meus anos de treinamento que, apesar de o ataque ser importante, o timing era decisivo. Muitos lutadores entram numa luta já balançando, desperdiçando toda sua energia e esforço. Um oponente inteligente os observa se desgastarem e se cansarem, estudando pacientemente as suas fraquezas e aguardando o momento oportuno para desferir um golpe único e definitivo. Eu aprendi a ser paciente, a ser "ligeiro", a me adaptar. Sim, eu era forte – mais forte do que praticamente todos os meus adversários. Mas eu também fui mais esperto do que os meus oponentes. A capacidade de girar, tanto física como mentalmente, quando enfrentava um obstáculo era uma estratégia muito mais eficiente do que partir pra cima irracionalmente.

Giro. Era isso que essa mudança de planos era: como numa partida de boxe, eu estava girando. Eu poderia lutar contra o meu desejo de foder Mia, ou poderia usá-la em meu benefício. *Giro.*

Então, sobre o Plano B: eu vou exauri-la por completo, vou drenar a vida para fora dela, vou devastá-la até que esteja oca e usada, e aí, quando ela achar que as coisas não podem piorar ainda mais, eu vou destruir a empresa que ela ama e matá-la.



Uma presença me agita no meio da noite. Não há barulho algum, mas sinto que alguém está na casa. *Jude.* Esse sexto sentido que temos um com o outro é o que chamamos de *sexto sentido de gêmeos*.

Eu me sento na cama, esfrego os olhos e fico em pé, alongando-me enquanto checo as horas no meu celular. Duas e quarenta e sete da madrugada.

– Puta merda! – eu grito, quando relanceio e vejo a silhueta minúscula de Jude no batente da porta do meu quarto.

– Pensei que você soubesse que eu estava aqui.

– Claro que eu sabia, só estava tentando acordar. Se eu achasse que você fosse um intruso, teria ficado um pouco menos relaxado. Não acha? E, pelo amor de

Deus, será que posso me vestir, porra? – eu pergunto, cobrindo a minha genitália com a mão em concha. Sempre fui fã de dormir da maneira como a natureza planejou e ela sabe disso, mas todo o conceito de privacidade é estranho para ela.

– Ah, fala sério, como se eu já não tivesse visto tudo isso aí antes – ela sorri, agitando sua mão para mim com desdém.

Por sorte, está escuro. Eu apanho as calças que estão mais próximas e as visto.

– Você está tendo uma noite ruim? – eu pergunto, ainda grogue de sono. Eu me sento novamente na cama. Jude senta-se ao meu lado e descansa a cabeça no meu ombro.

– Sim – confessa ela. É então que percebo o tom de sua voz. Está sendo uma noite muito ruim mesmo. Ela estava chorando.

– Rex não estava lá? – Eu não estou tentando me livrar da minha irmã empurrando-a para ele, mas às vezes ele passa a noite na casa dela e sabe de seus problemas também.

– Ele estava dormindo. Eu não queria acordá-lo, de qualquer maneira. E ele não é você. – Suas palavras reverberaram pelos meus ombros.

Essa é a Jude que a maioria das pessoas não vê. O lado que secretamente está sempre com medo, embora ela prefira lutar até a morte do que se encontrar de novo na posição de vítima.

Jude dá patadas e rosna como uma raposa em uma armadilha, mas é tudo fruto de um medo dominante. Não me entenda mal, a raiva também está presente, e medo e raiva unidos formam uma bela combinação. Jude jamais permitirá ser machucada novamente. Mas é um trabalho cansativo, ficar rosnando e arreganhando os dentes. De vez em quando, você tem que dar um tempo. Rex pode funcionar como isso para ela às vezes, uma pessoa com quem ela pode descansar, mas Rex nem sempre está lá. Eu sempre estive lá. Eu conhecia Jude quando ela era inocente. Sou a única pessoa em quem ela confia o bastante para expor sua barriga sem o medo de que seja rasgada.

– Isso é bom – eu digo. Rex é um cara ponta firme. Eu sei que ela não pode amá-lo como uma pessoa normal faria, mas não há ninguém mais a quem eu confiaria a minha irmã.

– Pode ser – diz ela. Ela permanece ali sentada em silêncio por um tempo, entrelaçando os dedos dela com os meus. Não sou muito fã de afeto físico, mas deixo Jude roubá-lo e, às vezes, eu o uso com ela como forma de mantê-la equilibrada. Em mim não causa reação alguma. Assim que seus delicados dedos se aconchegam na minha mão grossa, ela suspira. – Eu sonhei que dava à luz um bebê e ele era tirado de mim.

Há alguns sonhos recorrentes que ela vem tendo nos últimos catorze anos. Esse é o mais raro deles, e o mais doloroso.

Uma noite ruim para Jude pode ser uma série de coisas. O que ocorreu conosco aconteceu no escuro. Eu acho que é por isso que ela sempre tem pesadelos. Eles costumavam ser frequentes. Quase todas as noites, ela despertava com um ataque de pânico. Pelo menos uma vez a cada poucos meses ela tinha um terror noturno vívido, como esse que ela teve hoje à noite. Nós moramos em muitos lugares, inclusive na rua, e o costume era ela se arrastar de sua cama (qualquer que fosse essa cama naquela época) até mim e chorar ou conversar, o que quer que fosse necessário para tirar as coisas de sua cabeça, e depois cair de novo no sono. Quando Rex ficou mais velho, eventualmente um pouco desse fardo saiu de cima dos meus ombros e ela conversava e se arrastava de sua cama pra ele. Mas nos episódios realmente ruins, ela sempre veio até mim.

Agora que ela é mulher feita, os pesadelos são raros. Como Rex geralmente está por perto, não fico sabendo dos ataques de pânico quando eles voltam a acontecer. Às vezes, esqueço que ela ainda os tem, ela até me engana com seu show de dureza. Mas quando se trata de um pesadelo, ela aparece na minha casa, quieta e fraca, esperando que eu a recomponha.

– Rex não acordou? – Eu sei por experiência própria que ela geralmente acorda agarrando e gritando pelo bebê.

– Você sabe que ele dorme como um cadáver. E bebemos alguns drinques antes de irmos dormir. Bem, eu bebi um; ele bebeu uns sete.

Eu contenho uma risadinha com essa do Rex.

– Está quase terminando – eu lhe asseguro, ao mesmo tempo lembrando a mim mesmo da promessa que fiz.

– Isso nunca vai terminar – Jude suspira. Sua voz está rouca devido ao cansaço.

Ela está certa. Algumas coisas que nos foram tomadas jamais poderão ser recuperadas.

Ela inspira profundamente, encolhendo os ombros, e então os deixa cair com uma exalação duradoura.

– Seu cheiro… sempre faz com que eu me sinta segura. Eu já disse isso pra você?

– Acho que não – respondo, saindo pela tangente. Não há ninguém no mundo com quem eu me sinta mais confortável, mas até mesmo ela de vez em quando fica próxima demais. Às vezes, eu não quero a pressão de ser o seu herói.

– Não estou falando da sua colônia ou do sabonete. É o cheiro que você deixa nas coisas, como travesseiros ou roupas. Acho que é porque sempre fomos uma equipe, e em casa, quando o papai estava sendo um babaca, eu sabia que sempre tinha você ao meu lado. O cheiro do papai sempre me deixou ansiosa. O seu fazia com que me sentisse segura.

– Obrigado… eu acho.

– Não deixe que isso suba à sua cabeça.

– Você nunca deixaria isso acontecer – eu digo. – Deixe-me preparar uma bebida pra você.

Eu me levanto e ela me segue até a cozinha. Eu lhe preparo uma mistura de bebida alcoólica aquecida e leite, com o objetivo de apagá-la e fazê-la dormir como uma pedra.

– Desculpe ter gritado com você mais cedo – ela diz, soprando o vapor para longe da borda da caneca.

Eu concordo com a cabeça.

– É que… somos tão próximos. Estamos quase lá… e Mia… ela é tão importante para mim porque ela te machucou. E você é a pessoa mais importante do mundo para mim. É ela e o que ela fez o que mais pega pra mim.

– Confie em mim, Jude. Estou finalizando isso. E você está certa. Todos os outros, eu fiz por você. Agora, essa é por mim. Então, você precisa me deixar fazer do jeito que eu quero. Ela é minha.

Ela assente, pensativa.

Jude sorve um gole de sua bebida enquanto eu caminho até as janelas que vão do chão ao teto e cuja vista alcança o centro de Milwaukee e o Lago Michigan. A água negra parece estender-se infinitamente e eu me pergunto como podemos dizer a nós mesmos que Mia é o fim de tudo se ao mesmo tempo reconhecemos que isso nunca vai ter fim.

– Já faz um tempo desde a sua última noite ruim – minha voz rompe o silêncio da madrugada.

– E você, você continua tirando nota máxima – diz ela, fazendo alusão ao fato de que eu não sofro da mesma aflição. Às vezes, eu gostaria que sofresse. O pior recaiu sobre Jude, embora isso tudo na verdade tivesse a ver comigo, pra início de conversa. – Quanto de álcool você colocou nisso aqui? Estou me sentindo realmente bebinha.

– Esse é o segredo da minha receita, você não consegue sentir o gosto do álcool. Essa tem sido a chave para fechar a sua matraca e me proporcionar uma boa noite de sono há anos.

– Bobão. Bem, acho que você colocou um sedativo aqui ou algo do gênero, porque do nada estou prestes a desmaiar de sono. Hora de ir pra cama. – Ela se levanta, deixando a caneca usada no balcão (ela sabe que essa merda me deixa louco) e marchando para o meu quarto. – Festa do pijama – ela diz, puxando-me pelo pulso até o quarto.

– Bosta. Que beleza. Eu tenho que dormir ao lado de alguém que de alguma forma desafia a lei da física ocupando mais espaço com um metro e meio de altura e quarenta e cinco quilos do que eu com um e noventa de altura e pesando mais de cem.

– O que você está fazendo? – pergunta ela, enquanto eu ajeito alguns travesseiros.

– Eu estou arrumando o seu espaço e também montando uma barreira para impedir que você fique me cutucando com os seus membros ossudos a porra da noite toda.

Jude me mostra o dedo médio e desliza sob as cobertas do seu lado da cama. Eu deito de costas e cruzo as mãos atrás da minha cabeça. Em menos de um minuto, ela está ressonando como um bebezinho embriagado e eu sei que não há a menor chance de eu conseguir dormir.

Eu me sento e olho para a minha irmã gêmea. A leoa feroz não passa de um filhote roncando envolvido em uma fortaleza provisória de travesseiros. E pela primeira vez em todos esses anos, eu me permito ressentir-me da responsabilidade que ela colocou em mim. Não da vingança, eu pego de bom grado minha espada e escudo por isso, mas como seu salvador pessoal.

Eu não sou o seu maldito herói. Não posso melhorar tudo. Não posso estar sempre por perto para manter longe os pesadelos.

Capítulo 13

14 anos antes

Radiohead – “Creep”

A CAMPAINHA TOCA, E OS MURMÚRIOS DAS CONVERSAS vão diminuindo enquanto todos se sentam em seus lugares.

– Tudo bem, tudo bem, crianças. Peguem os seus livros e abram na página doze – diz o senhor Carthy escrevendo a palavra “Eletricidade” no quadro branco. – Então, temos estudado essa incrível propriedade da natureza nas últimas semanas e será esse o tema que cobriremos no projeto final de vocês neste semestre. Será um projeto em dupla.

Vejo algumas pessoas sorrirem e dizerem *sim*, comemorando, ansiosas por usar essa tarefa como tempo para curtir com seus amigos. Mas eu, eu odeio essa merda. Sou sozinho. Sempre estou sozinho. Tenho a minha irmã, mas ela não está nesta aula, ou em qualquer outra aula minha. Ela não leva os estudos dela assim tão a sério.

– Dito isso, vocês NÃO formarão duplas com seus parceiros habituais. Vocês devem escolher alguém com quem nunca trabalharam nesta aula. Isso não é uma desculpa pra ficar de papo com seu melhor amigo durante a aula. Estou falando sério.

Um AHHHHHHH coletivo de desapontamento eleva-se na classe.

O ruído das instruções do senhor Carthy sendo passadas na lousa soa ao fundo enquanto meus olhos se dirigem para ela: seus cabelos castanhos, sua pele bronzeada e seus lábios com beicinho. Ela é a visão da perfeição e, para completar, ainda por cima é inteligente. Mas ela pode ter qualquer um que queira. Ela jamais namoraria um merda pobretão e magricela como eu. Na verdade, ela namora o menino mais rico da nossa porcaria de cidadezinha. O pai dele é dono de um monte de fábricas por todo o país, incluindo a única fábrica que temos na cidade. Quase todos por aqui são empregados pelo pai dele, exceto por um punhado de donos de pequenos comércios. Claro, estamos na América,

mas, nesta cidade, os Pettit são a realeza. E o pai de Tripp é o rei, então isso faz de Tripp o príncipe de Clint, Iowa. O restante de nós somos apenas umas bostas de uns escravos.

O arranhar de cadeiras sendo deslizadas e a movimentação coletiva me tira do meu devaneio quando percebo que as pessoas estão olhando para a última pessoa na terra com a qual desejariam formar uma dupla. As pessoas ziguezagueiam ao meu redor enquanto eu permaneço na minha carteira no fundão. Vou formar dupla com o outro rejeitado que sobrar. Não há sentido em tentar.

Então, eu sinto os olhos dela em mim e o meu coração acelera. Não, eu devo estar imaginando isso. Ela engole em seco, sorri e caminha numa linha reta na minha direção.

– Olá, você já tem um parceiro? – Sua voz é doce como o mel. Ela está vestindo uma camiseta azul apertada e uma minissaia jeans que exibe seu corpo esbelto perfeito. Seu cabelo derrama-se sobre um dos ombros, terminando logo acima de seu peito. Seu mamilo está duro. *Deus abençoe o ar-condicionado.*

– Eu, hã… ainda não… – balbucio, corrigindo minha postura largadona.

– Quer…? – ela oferece, balançando o dedo entre nós dois.

– Ah, com certeza… sim, claro – eu respondo. *Caralho, isso não pode estar acontecendo. Por que ela pediria para mim?*

– É Sil, não é? – ela pergunta, depositando pesadamente suas bolsas na mesa ao meu lado. *Ela sabe o meu nome?*

– Isso, Sil.

– Eu sou a Mia – ela sorri. *Como se eu e todos os caras nesta escola não proferissem o nome dela enquanto batem punheta.*

– Sim, eu sei o seu nome.

– Oh – ela dá uma risadinha, e o seu sorriso é simplesmente… *do caralho.*

A sala é tomada por uma balbúrdia da atividade conforme as duplas começam a trabalhar em seus projetos.

– Sil é abreviação de alguma coisa? – ela pergunta, enquanto descarrega os seus livros sobre a mesa.

– Silvio. – Eu odeio meu nome. Ele me lembra como sou diferente, como sou deslocado.

– Qual a origem de seu nome? – questiona ela, sem julgar.

– Romeno, eu acho. Era a terra da minha mãe.

– Ahhh, legal. Você já esteve lá?

– Não, ela morreu. Morreu dando à luz a mim e a minha irmã gêmea.

A expressão no rosto de Mia muda completamente. Eu tenho um certo

problema de falar coisas sem pensar que deixam as pessoas incomodadas, eu não as suavizo para elas. Acho que é porque ninguém nunca suavizou nada para mim. Então, fico sozinho a maior parte do tempo e poupo todo mundo da esquisitice.

– Sinto muito por isso… – ela diz. Nunca esperei que ela fosse tão… legal. Eu não tiro os olhos dela semestre após semestre desde o ensino fundamental. Eu a observava como uma pintura à distância, mas sempre presumi que ela fosse o equivalente feminino aos caras maiores que me trancavam em armários e me faziam tropeçar nos corredores.

Eu dou de ombros. Nunca conheci a minha mãe, então, tanto faz. Ouvi dizer que ela era muito legal, entretanto, e que o meu pai era uma pessoa diferente antes de ela morrer. Ele culpa a mim e a Jude por matá-la.

– Então, você não tem nada para fazer depois da escola hoje, né? – ela pergunta.

– Não… – eu digo. Normalmente, eu me encontro com Jude e nós vamos à biblioteca para fazer a nossa lição de casa, para o parque, qualquer lugar para ficar longe de casa o máximo de tempo possível.

– Bem, você pode ir à minha casa e trabalhar no projeto comigo, se você quiser. Podemos nos adiantar, começando logo. Esse negócio é complicado.

Puta que pariu! Mia Tibbett está me convidando para ir à casa dela. Se houver um Deus aí em cima, obrigado!

– Tudo bem, só preciso avisar minha irmã que vou com você.

– Está certo – ela encolhe os ombros e sorri.

Eu sei que não tenho a menor chance, mas só de conseguir conversar com ela, estar perto dela assim, já faz a minha horrível vida parecer um pouco menos bosta.

Capítulo 14

Presente

Mia

EU ME SENTO NO ESTACIONAMENTO do prédio de escritórios, meu estômago embrulhado, revolvendo-se com a expectativa do meu segundo encontro semanal com Tax Draconi. A semana passada foi um desastre completo. Quando ele me deixou naquela sala de reuniões com um olhar arrogante de satisfação estampado na cara, tranquei a porta atrás dele, deslizei para o chão e chorei.

Chorei tanto que doeu. Eu lamentei. Pus tudo para fora: o medo, a confusão, o isolamento, a raiva.

Quem é esse homem e o que ele quer de mim?

Vasculho meu cérebro à procura do nome Draconi, mas nada vem à mente. Sinceramente, acho que ele pode ter me confundido com outra pessoa. Simplesmente não entendo. Será que talvez esteja delirando, e inventou algum tipo de história compartilhada que nunca aconteceu? A investigação que fiz durante toda a semana não deu em nada. Seus negócios parecem totalmente legítimos. E não consigo encontrar um pingo de informações sobre a sua vida pessoal. Pensei em contratar um investigador particular, mas então percebi que isso de alguma forma provavelmente levaria de volta às coisas desagradáveis que estou tentando manter em segredo. E não me importa quão profissional um investigador particular seja, não quero que ele saiba que contratei alguém para me “estuprar”.

Estou tão ferrada… Estou nas mãos dele e não sei o que fazer a não ser sorrir e aguentar até descobrir alguma saída.

Se eu fosse procurar a polícia, o que poderia contar a eles? Não há sinal de entrada forçada na minha casa. Eu solicitei um ataque PARA MIM MESMA. Implorei para que ele fizesse sexo comigo já duas vezes… Eles iam pensar que sou uma doida varrida.

E isso me leva à outra coisa que está me aterrorizando: *o que diabos eu estou*

fazendo?

Por que é que eu o odeio, tenho medo dele, mas quando ele me toca tudo o que eu quero fazer é tocá-lo de volta?

Por que o meu corpo explode de paixão quando ele me faz implorar por ele, quando me morde, puxa os meus cabelos e me humilha de propósito?

Nunca fui abusada ou maltratada. Eu não tenho uma desculpa. Eu só meio que sempre desejei esse estímulo sexual extra. E meio que gostei do fato de ter botado a vida em ordem a ponto de ter um bom trabalho, bons amigos e estabilidade enquanto tinha um lado "bizarro" secreto. Mas aquele lado sujo nunca foi tão longe quanto a minha imaginação desejava. Alguns caras com quem namorei experimentaram isso comigo, mas nunca passava disso: experimentações. Isso era real, assustadoramente real. É como se uma força cármica me punisse pelos meus desejos doentios.

No curto espaço de tempo desde o nosso primeiro encontro, eu nem sei mais quem sou. Ele me faz ser outra pessoa. Ou, pior ainda, ele revela quem eu realmente sou.

Depois que deixei as lágrimas fluírem, e limpei os vestígios dele entre as minhas coxas, depois de questionar a minha sanidade, levantei e enxuguei os olhos. Eu tinha um trabalho a fazer. Eu tinha fodido o resto todo, mas não iria fazer isso com a Alea. Eu tinha sido encarregada de uma empresa que estava indo de vento em popa e fornecia empregos para vinte pessoas boas e muito trabalhadoras.

Elas não mereciam sofrer por causa da minha besteira pessoal.

E foi o que fiz toda a semana, enterrei-me no trabalho. Passando o menor tempo possível sozinha. Qualquer coisa para afastar minha mente da inevitável reunião com Tax.

Eu também fiz uma declaração a mim mesma. Era evidente que Tax estava se saindo bem em me sacanear por estar em vantagem, por ter o elemento surpresa. Acho que ele se entusiasmou com a minha confusão, mas se eu não lhe desse isso, então ele não poderia ganhar. Se ele quisesse me matar, eu estaria morta a essa altura. Ele quer tirar outra coisa de mim.

Então, não vou me acovardar. Vou encontrá-lo de cabeça erguida. Não me sobrou muita coisa quando se trata dele, ele pegou tudo, mas ele não vai se deleitar com a minha incerteza.

Entro de espinha ereta na sala de reuniões, onde ele está me esperando, assim como da última vez. Enviei um e-mail para ele com alguns relatórios, e fico surpresa ao encontrá-lo tirando cópias ao entrar. Mas tenho certeza absoluta de

que não é por isso que ele está aqui.

– Bom dia, Mia – ele me cumprimenta com uma alegria permeada de deboche.

– Bom dia, Tax – eu digo, colocando a bolsa do meu laptop sobre a mesa. Ele está maravilhoso, com a tatuagem em seu pescoço saindo de um terno cinza bem talhado. Parece que ele cortou recentemente os cabelos, mas o capricho dispensado a eles contrasta fortemente com a barba por fazer em seu maxilar masculino. Antes que ele possa dizer qualquer outra coisa, caminho até a porta, fecho-a e tranco-a eu mesma.

Sinto os olhos dele sobre mim. Acho que o deixei um pouco atordoado.

– Então, nós vamos trabalhar, ou você vai me comer? – eu pergunto desafiadoramente.

Tax levanta-se rapidamente da cadeira, e eu admito que um certo temor atinge o meu peito. Ele é tão alto e escuro. Não apenas por seus atributos físicos, mas por sua aura. Sua tatuagem no pescoço se mexe com o movimento de seus músculos quando ele engole em seco. Sua mandíbula se move como uma serpente enquanto ele range os dentes.

– Você está tentando bancar a atrevida para cima de mim, Mia? – ele diz, parando a dois centímetros de mim, me encarando de cima como se eu fosse um inseto que ele pudesse esmagar quando bem entendesse. – Porque prometo que você irá se arrepender. – O calor de seu corpo rodeia o meu e o envolve em um abraço sufocante.

– Não é isso o que você quer? – respondo, tentando não ceder ao medo, mas minha voz vacila.

– Vou te dizer o que eu não quero – diz ele, a fragrância de sua pele e aroma de baunilha almiscarada de sua colônia inundando o meu nariz e violando o meu desejo. – Eu não quero lidar com o seu súbito ataque de confiança às cinco da porra da manhã. – Ele me pressiona contra a porta fechada com o seu tórax. – Eu te como quando eu quiser, do jeito que eu quiser. Eu sou o seu dono. Ponto final. Não finja que você tem poder para apitar alguma coisa nisso. Não se convença de que você pode fazer joguinhos comigo, porque você perderá. Toda. Vez. Que. Fizer. Isso.

Sua respiração faz cócegas no meu nariz, seu peito se comprime contra o meu a cada ofegar irritado. E como eu sou uma porra de uma perturbada mental, o que me preocupa por um instante é a possibilidade de ele não me comer, apenas para provar que tem razão.

Eu o encaro de volta com os olhos úmidos, tentando desesperadamente não

deixá-los atingir seu ponto de saturação.

– Por que você está tentando me torturar? – eu pergunto.

– Porque você me deve – insiste ele. A mesma droga de resposta que ele me deu na semana passada.

– O quê? O que eu devo a você?

– A sua dor. – Seus olhos castanhos, que às vezes podem ser enganosamente acolhedores, ficam apavorantemente escuros.

– Existe algo além de crueldade aí dentro? – questiono.

Ele sorri.

– Você não me conhece, Mia – ele diz, sem se alterar. – Não tente se convencer nem por um momento que o que fazemos significa que você sabe qualquer coisa sobre mim.

Ele tem que me lembrar a cada instante possível que eu não valho nada para ele, sou um pedaço de carne que ele pode foder e ir embora sem mesmo dizer uma única palavra gentil.

– Eu sou uma boa pessoa. Sei que você pensa que não sou por causa do serviço que comprei. Que sou uma puta imoral. Talvez seja por isso que você esteja me punindo. Mas eu sou uma boa pessoa.

– Tire as suas roupas, mas deixe-as em seus calcanhares – ele ordena.

Confesso que me vesti para a ocasião novamente – eu nunca disse que não estava fodidamente perturbada.

Eu não me mexo. Apesar da minha atração por ele, não quero lhe dar gratificação instantânea. Eu quero desafiá-lo. E, no entanto, existe uma grande chance de que ele prefira a minha rebeldia à minha submissão. Talvez a minha resistência seja a fonte de seu maior prazer.

– Você pode tirá-las, ou eu posso arrancá-las – adverte ele. – Melhor ainda, eu posso simplesmente ir embora e liberar o vídeo. Você decide.

Eu tremo de frustração, jamais permitindo que o meu olhar de raiva deixe de encará-lo enquanto hesitantemente me movo para desabotoar a minha blusa.

– Você não precisa ser tão crítica consigo mesma a respeito disso, sabe? – ele diz com um sorriso malicioso. Ele não está tentando me consolar; está zombando da inevitabilidade da minha submissão.

Tax não me dá espaço para eu me despir. Em vez disso, ele permanece próximo, diante de mim, um braço pressionado contra a porta atrás de mim, esfregando o meu corpo com o dele enquanto eu tiro as roupas. Lentamente, retiro a minha blusa como alguém que está se despindo em confinamento, tentando não invadir o espaço de Tax, mesmo sendo ele quem está invadindo o

meu.

Por fim, fico nua, minhas costas contra a porta fria, calçando apenas um par de sapatos de salto alto pretos. O ar fresco da sala acaricia minha pele, fazendo-me sentir exposta e sozinha. Ironicamente, Tax é o único foco de calor, e meu corpo anseia por senti-lo.

– Toque-se – ele instrui, logo depois de agarrar os meus dedos e os resvalar entre seus lábios carnudos. É estranhamente suave. E é quase mais cruel do que ser áspero, porque ele está brincando com a minha cabeça.

Eu deslizo meus dedos molhados pelo meu clitóris em círculos suaves, fechando os olhos e inclinando a cabeça para trás.

– Não, não feche os olhos. Olhe para mim – diz ele. Mas eu não quero, não quero ser lembrada do que estou fazendo, de como estou entregando meu corpo a uma pessoa desalmada. Estou tentando fazer a minha mente ir para outro lugar e ele não vai deixar. – Obedeça.

Eu abro os olhos e os dele estão bem ali, me encarando de volta, desafiando-me, consumindo-me. Eles são de um tom castanho-chocolate, as íris rodeadas por um marrom mais escuro que os destacam, emoldurados por longos e escuros cílios. Seu olhar é intenso, como se ele quisesse me arruinar só de olhar para mim, mas, quanto mais eu fixo a vista, mais percebo que há outra coisa ali. É dor. Talvez até vulnerabilidade. Está lá, eu preciso alcançá-la. Se eu puder acessar essa parte dele, talvez possa dar um jeito de sair desta situação.

Eu me masturbo enquanto olho fixo nos olhos dele, mordendo o lábio, girando meus quadris contra a minha mão. Meus nervos aceleram com ansiedade. Olhar para os olhos de alguém enquanto me masturbo deveria ser íntimo, seguro, mas isso é uma invasão. É outra maneira de acabar comigo. Quero encerrar o contato visual. Quero fechar os olhos e derreter com ele. Eu quero saber que ele também me quer e que isso tudo não é apenas um ato em que ele possa me torturar. Fazer Tax me querer para além disso pode ser a chave para conquistar de volta algum poder. A rebeldia teimosa só alimenta a sua crueldade.

– No que você está pensando? – ele pergunta.

Eu dou a minha resposta honesta.

– Que eu quero fechar os olhos. Que eu quero beijá-lo.

Ele não diz que não, ele não se retrai, mas seus olhos, os olhos que tão rápido aprendi a estudar, suavizam-se um pouco. Pode até haver um toque de surpresa neles. *Continue alcançando.* Faço a minha jogada. Eu quis beijar esses lábios carnudos desde que ele invadiu a minha casa. Preciso senti-lo me querendo como eu o quero. E, talvez, se eu puder levá-lo a baixar a guarda, um pouquinho

que seja, posso ter a minha vida de volta.

Eu chupo o seu lábio inferior, puxando-o gentilmente. Faço isso de novo. Ele não me impede, e então eu me empenho, beijando-o apaixonadamente enquanto me toco, sentindo seu enrijecimento pressionado contra as costas da minha mão. Ele não retribui o beijo, seus lábios permanecem mortos como a sua alma.

Então, por um segundo, talvez até uma fração de segundo, ele empurra o rosto para a frente, e suga o meu lábio. O gosto de seu beijo faz calafrios brotarem por todo o meu corpo. Sua suavidade almofadada contrasta com todo o resto no que diz respeito a ele.

Há um momento de esperança, de conexão. Mas é apenas um momento, e os momentos são fugazes.

Eu ergo os braços para tentar desabotoar sua camisa e ele segura os meus pulsos.

– De joelhos.

Isso é tudo o que ele diz, como alguém dando ordens ao seu bichinho de estimação. Eu hesito, atordoada pelo beijo que ele quase me deu.

Ele agarra os meus cabelos com força e me empurra para o chão. Eu engasgo de medo, com a repentina mudança em seu comportamento, que até esse ponto tinha sido levemente menos do que selvagem.

Eu caio de joelhos com um baque dolorido. Sem deixar de prender forte com a mão os meus cabelos, ele diz:

– Tira o meu pau pra fora, sua puta.

Eu desabotoo suas calças enquanto respiro tremulamente, e ele salta para fora.

Uma onda de calor percorre a minha barriga enquanto penso nele dentro de mim.

– Chupa com vontade. Chupa como uma vagabunda que contrata homens para estuprá-la. – Seu comentário me dói no coração, mais do que qualquer outro insulto que ele já tenha proferido.

Mas o sentimento passa rapidamente, e há uma parte de mim que quer torná-lo fraco com a minha boca. É o único poder que tenho.

Eu acumulo saliva na minha boca, cuspindo na ponta do pau dele enquanto mergulho os lábios em toda a sua extensão, engolindo seu cacete, deslizando-o em minha boca. A pressão de sua mão em meus cabelos se intensifica. Seus quadris se movem para a frente e para trás enquanto uma de minhas mãos desliza para suas bolas molhadas, enquanto a outra mão escorregadia alisa sua extensão em ritmo com a minha boca.

Gemidos provenientes da garganta escapam de seus lábios, mas, pelo menos

uma vez, ele não tem nada de cruel para dizer. Talvez eu tenha encontrado o seu calcanhar de Aquiles. Olho para ele de baixo enquanto retiro minha boca de seu pau e delicadamente circundo a fenda de sua cabeça com a ponta da minha língua. Ele me olha de cima com olhos semicerrados, repletos de luxúria e prazer.

Eu volto a deslizar a minha mão escorregadia, torcendo de um lado para o outro sua extensão, chupando com os meus lábios e pressionando suas bolas lisas enquanto massageio. Ele cresce ainda mais na minha boca. Eu fico esperando que ele me diga para parar, que me mande ficar em pé e me leve com ele ao êxtase.

Mas, em vez disso, ele diz:

– Não morda, ou haverá consequências – resmunga baixinho.

Antes que eu consiga compreender o que ele diz, ele tampa o meu nariz com os dedos e se empurra para dentro da minha garganta. Eu tusso com ele na boca, engasgando com a sua extensão, entrando em pânico enquanto luto para respirar. Minhas mãos agarraram suas calças, revidando instintivamente, como uma pessoa que está se afogando debatendo-se no mar.

E então ele começa a deslizar o pau na minha boca, enfiando e tirando sem parar, implacavelmente, e eu relaxo o bastante para deixar ele me sufocar. Ele solta os dedos do meu nariz apenas o suficiente para que eu consiga respirar, e então o tampa novamente, batendo no meu rosto. Seus olhos escuros me encaram enquanto ele mete desenfreadamente, ficando cada vez mais duro, os músculos da minha garganta contraindo-se ao redor dele enquanto buscam por ar.

– Está vendo o que acontece quando você age como uma putinha… – ele me diz. – Você recebe o que merece.

E ele mete repetidamente e preenche a minha boca com sua porra, enquanto tusso e engasgo com seu pau latejante.

Ele tira o pau e eu me afasto, caindo sobre os quadris, lágrimas escorrendo pelo meu rosto pelo reflexo de engasgo. Meus lábios e queixo estão lambuzados com seus fluidos.

– Lamba os lábios.

Ele paira sobre mim, envolvendo-me em sua autoridade enquanto o obedeço. Então, tranquilamente, ele se ajoelha e toma o meu queixo na mão, raspando o seu polegar nele, juntando o rastro de sua gozada que escapou da minha boca.

Ele me oferece o seu polegar.

– Chupa.

Eu faço um beicinho ao redor do dedo dele e o limpo para ele.

– Abre a boca – ele comanda, enquanto eu busco por ar.

Eu obedeço hesitantemente enquanto ele examina.

– Muito bom, até a última gota – ele diz com satisfação. – Acho que você já está aprendendo como isso funciona. E se você agir como deve, você também receberá o que merece.

Eu permaneço sentada no chão, nua, usada e carente de alívio. Minha boceta pulsa com calor que não tem como ser extravasado. Mas eu não vou implorar, não lhe darei essa satisfação hoje. Sei que é inútil, de qualquer maneira. Ele provou o seu argumento, como eu temia.

Depois de atirar a caixa de lenços de volta à mesa, ele fecha o zíper de suas calças, se estica todo, estala o pescoço e olha para minha postura derrotada no chão, finge que não me vê, vira a cabeça, e então rapidamente olha de novo, com uma expressão debochada de espanto, fazendo caras e bocas. Ele continua ganhando em um jogo cujas regras eu sequer conheço.

Eu o odeio tanto e o desejo tanto.

Ele suspira e balança a cabeça, como se aquela minúscula parte de humanidade que pensei ter visto nele tivesse subido à superfície. Talvez ele fique com pena de mim e me demonstre um pouco de bondade.

Em vez disso, ele caminha de volta até mim, de modo que sua virilha para bem em frente ao meu rosto, e agarra seu pacote com sua pegada máscula.

– Se quiser isso, tudo o que você tem que fazer é implorar, Mia – ele diz zombando. Que cruel, me fazer pensar que ele estava prestes a mostrar misericórdia e, em vez disso, usar esse momento para continuar me derrotando, mesmo depois de ter vencido. Eu quebro a minha promessa e irrompo em lágrimas, porque estou sentada nua no chão da empresa que eu gerencio e fui reduzida a nada além de uma merda de receptáculo de porra por um homem que me odeia por razões que eu não entendo. E, no entanto, estou aterrorizada com a ideia de que um dia ele possa desaparecer tão rápido quanto surgiu, como um fantasma, e talvez eu jamais compreenda o porquê. E estou aterrorizada porque, se ele sumir, eu me sentirei mais sozinha do que nunca.

Segurei isso durante tanto tempo. Certo, ele já tinha me feito chorar antes, mas dessa vez perdi o controle na frente dele, da mesma forma que perdi o controle quando ele foi embora da última vez. E eu nem me importo. Não há vergonha na frente desse homem, não depois das coisas que fizemos.

Ele me observa quieto enquanto choro descontroladamente, de soluçar, meu peito tremendo, minha respiração agitada. Eu pensei que poderia enfrentá-lo de

igual para igual, mas ele não dá a mínima, e isso me deixa sem armas para usar contra ele.

Eu sinto sua sombra me cobrir. E, então, ouço sua voz profunda.

– Me dê a sua mão.

Eu balanço a cabeça, olhando para o chão. Estou furiosa com a minha fraqueza e não quero nem preciso da porra da ajuda dele para me tirar do chão.

– Vamos lá. – Dessa vez, seu tom é mais gentil. – Só me dê a sua mão.

Eu olho lentamente para cima, e ele me encara com uma expressão indecifrável. Mas eu obedeço, como ele tão rapidamente me treinou para fazer, e ele me levanta, e gentilmente me apoia contra a porta, esfregando seu enorme corpo contra o meu.

– Você não precisa implorar hoje – ele sussurra no meu ouvido. Eu descanso o meu rosto em seu peito, esperando sem sombra de dúvida que ele o afaste, mas ele não o faz. E eu soluço em sua camisa branca, enquanto ele desliza os dedos para dentro de mim e esfrega.

Seus dedos autoritários predem-se no meu ponto G, massageando-o em círculos. Eu gemo em sua orelha, minha raiva e desespero dissolvendo-se enquanto ele me fode com a sua linda mão.

Ele estica a outra mão até o meu cabelo e o puxa para trás, mas não com tanta raiva como antes, e ele mergulha no meu pescoço, mordendo e chupando ferozmente, sua boca chamuscando a pele sensível.

Eu sufoco miados sutis, enquanto me aproximo cada vez mais do clímax.

O homem quente e totalmente vestido em frente do meu corpo frio e nu resume claramente a dinâmica de poder entre nós. E, no entanto, nunca me senti mais conectada a ele do que depois de eu simplesmente deixá-lo me ver desmoronar.

– Diga o meu nome – ele fala, enquanto eu gemo cada vez mais alto.

– Tax… – Eu gemo entre respirações ofegantes. Conforme o nome dele deixa os meus lábios, há uma explosão dentro de mim, meu peito se contrai, meu corpo convulsiona enquanto eu o recito vezes sem conta. Eu aperto os meus punhos, desejando tanto sentir a pele quente de seu peito, a barba espetada em seu queixo na palma da minha mão. Mas ele não vai deixar eu me aproximar tanto assim.

Porque ele me odeia. Bem, hoje em dia, eu também me odeio.



Tax

Meeeeeeerda. Eu a deixei me beijar. Foi apenas por um segundo, mas eu deixei seus lábios tocarem os meus. Ficar sonhando com aqueles lábios foi o que me meteu nessa merda de situação pra começo de conversa.

Tem algo diferente. O jeito como ela desmoronou hoje, ela não deveria ruir assim, não deveria ser vulnerável. Ela deveria ter sido cruel, como um delicioso pedaço de fruta que você corta apenas para encontrar um verme estragando por dentro. Mia derrete sob a minha vontade, e mesmo quando ela tenta ser terrível, não enxergo maldade em seus olhos. Depois de tudo o que eu fiz desde que surgi, ela ainda não quer me machucar.

Na verdade, tudo o que ela quer tão desesperadamente é que eu a beije, e que eu permita que ela me toque.

Apesar de sua vulnerabilidade, há uma força sutil no modo como ela conseguiu lidar com a Alea no que deva ser, imagino, o momento mais difícil de sua vida. Ela aparece para trabalhar todos os dias, bota um sorriso no rosto e mantém as suas lágrimas privadas. Ou isso é um sinal de um grande caráter ou a habilidade de assumir várias caras diferentes. Suponho que o tempo dirá.

Hoje, mais uma vez, eu cedi. Fui fraco e lhe ofereci alívio depois de estar tão perto de me afastar sem proporcionar-lhe satisfação, depois de eu ter abortado sua força de vontade recém-descoberta com tamanha maestria.

Mas aí ela se sentou ali, desolada, chorando contra a porta. Nua. Sozinha. Desamparada.

Ela era como uma polpa, eu tinha destruído sua vontade depressa demais. Eu precisava reconstruí-la para que eu pudesse fazer o que quisesse com ela por mais tempo. Ela gosta da minha crueldade, mas não se eu simplesmente tomar. Eu preciso também dar, caso contrário, ela fica oca e vazia. Eu posso ver o medo quando ela é deixada sozinha e usada. Mas posso continuar usando-a, contanto que eu dê a ela apenas o suficiente para ficar apegada. O plano B é cozinhar a raiva, destruindo Mia pouco a pouco, saboreando sua destruição. Pensei que ela fosse que nem eu por dentro, feita de pedra, por isso fui com tudo, mas ela não é como eu. Então, preciso desmantelá-la lentamente ou ela virará uma porra catatônica em uma ou duas semanas. Quero que essa dor perdure.

Então, fiz a única coisa que sei. É o que faço quando se trata de mulheres. Não posso proporcionar-lhes carinho, amor ou intimidade. Tudo aquilo que morreu em mim há muito tempo. Então, dou o que posso: alívio. Prazer. Abandono.

Eu vi a vida retornar aos seus olhos por trás das lágrimas enquanto eu a fodia

com a mão. Suas lágrimas são um escudo, para permitir que ela acredite que é uma vítima, mas ela sabe que quer isso mais do que jamais quis qualquer outra coisa. Eu a trouxe de volta, para que eu possa destroçá-la novamente. Continuarei a fazer isso até que não lhe reste mais nada para dar.

Toda vez que tenho um plano para essa vadia, ela o interrompe nem que seja por um milímetro.

Eu não deveria ter permitido que ela gozasse. Seu prazer só deve existir se estiver no processo de me agradar. Eu lhe proporcionei aquele alívio depois que eu já estava saciado.

O problema é que, depois de fodê-la, nunca me sinto saciado. Eu caio fora de lá, porque sempre a quero novamente. Eu quero mais dela. E algo me agradou quando lhe dei o seu próprio alívio, e não teve nada a ver com fazer o meu pau feliz. Tenho que admitir, isso é preocupante.

Eu não sei o que aconteceu ao longo dos anos, mas ela está diferente da imagem que eu tinha daquela pessoa que tão cruelmente tomou o que quer que fosse de bom que havia sobrado em mim e deixou só o pó.

Mas o dano do que ela fez continua perdurando até hoje. E todos têm que pagar as suas dívidas.

É uma questão de justiça.

Capítulo 15

14 anos antes

Backstreet Boys – “Everybody (Backstreet’s Back)” – Versão estendida

MIA DISSE QUE TINHA QUE CORRER para casa logo após a escola, mas ela me deu seu endereço para que eu pudesse dar uma passada lá depois que eu encontrasse a minha irmã. Fingi que não conhecia o seu endereço. Não sou um perseguidor assustador ou algo do gênero, mas vivemos em uma cidade pequena. Essa informação você meio que simplesmente acaba sabendo, especialmente quando esse endereço pertence ao rosto mais bonito que você já viu.

Após algumas provocações de Jude e de ela fazer eu me sentir um pouco culpado por estar fazendo isso, vou até a casa de Mia. Sinto um frio no estômago de nervosismo quando toco a campainha. Não porque estou prestes a passar um tempo sozinho, cara a cara, com Mia, mas porque o pai dela é o xerife. Ele conhece muito bem a minha família e não é porque o convidamos para jantares. Meu pai já foi detido por bebedeira mais vezes do que consigo me lembrar e os policiais foram à nossa casa milhares de vezes. Eu sempre digo à polícia que está tudo bem em casa. Sei que, se eu contar o que realmente acontece, eles vão nos separar, Jude e eu.

Um cachorro começa a latir histericamente e, logo depois, ela atende à porta, segurando-o pela coleira.

– Entra! Ele é manso, mas gosta de disparar pela porta e eu não quero passar a tarde inteira caçando-o.

Ela se trocou, colocando roupas mais confortáveis, uma camiseta azul-clara e leggings pretas. Seus peitos são pequenos e insolentes, e seus mamilos se endurecem por causa da corrente de ar quando ela abre a porta. Seu cabelo, que estava solto mais cedo, está preso em duas tranças e há algo nisso que é realmente excitante. Quando ela se vira, ajusto o cós das calças para esconder o meu entusiasmo.

Sigo-a pelo vestíbulo e é muito difícil não olhar para a bunda dela, mas eu

tento olhar para outros lugares.

– Imaginei que você poderia estar com fome, então coloquei uma pizza no forno.

Ela não faz ideia, mas tem noites em que nem sei se terei alguma coisa para jantar em casa. E estou sempre com fome, aparentemente por causa do meu surto de crescimento recente. Eu espichei de 1,72 m para 1,82 m de altura ano passado. Estou achando que tenho mais uns 8 centímetros para crescer, meu pai diz que foi o que aconteceu com ele. Você poderia pensar que a altura faria os idiotas pararem de me sacanear, mas eu só fiquei mais magricela. Um e oitenta de altura não é nada intimidante quando vem junto com um pacote de setenta quilos.

– Isso é ótimo, obrigado.

– Imaginei que poderíamos ir para o escritório. Minha mãe está descansando lá em cima, então, vamos tentar manter as áreas principais silenciosas.

– Sim, claro – eu digo, ainda assimilando o fato de que estou na casa de Mia Tibbett.

Nós levamos nosso refrigerante e pizza para o escritório e retiramos todos os nossos materiais da tarefa. Passamos alguns minutos planejando a rede elétrica que estamos montando para o nosso projeto de Física. Mas, enquanto come, Mia desvia a conversa do tema do trabalho escolar.

Ela está deitada de bruços, o que me proporciona uma visão involuntária do interior de sua camiseta. Isso é do caralho.

– Sil… – Ela parece desconfortável, seus olhos castanhos fitam o chão.

– Sim?

– Se isso for muito pessoal, você pode me dizer para calar a boca. Eu sei que posso ser um pouco, bem, franca demais para algumas pessoas. Meu pai sempre me diz que não devia ser tão rápida para dizer o que está na minha cabeça… mas… sei que você disse que ela morreu durante o parto, mas você sente falta dela, pergunta-se sobre ela, sobre a sua mãe?

A pergunta realmente me traz lembranças do passado. Ninguém nunca me perguntou como eu me sinto em relação à morte da minha mãe. Jude e eu costumávamos brincar, “escalando” uma atriz como nossa mãe ou fingíamos o que ela estaria fazendo no momento presente se ela ainda estivesse aqui, mas essas brincadeiras foram desaparecendo à medida que fomos crescendo. E meu pai, bem, era melhor para nós que não o lembrássemos dela.

– Desculpe, isso foi rude. Eu não deveria ter perguntado – ela diz, balançando a cabeça com vergonha. – Eu falo demais.

– Não… está tudo bem. – Sim, foi intrusivo, mas ninguém jamais se importou com o que eu pensava. E ela realmente se arriscou para perguntar. – Sim. Eu penso nela. Em como a minha vida teria sido diferente. Mas não posso dizer que sinto falta dela. Nós não falamos muito sobre ela. Acho que meu pai se ressente por achar que minha irmã e eu a matamos.

– Você não a matou! – Mia diz com horror.

– Matamos, sim. Ela sangrou até a morte por nossa causa. – Lá vem essa minha boca mórbida de novo, ela vai dizer a todo mundo que eu sou uma aberração. Mas, para a minha surpresa, Mia não parece desconfortável.

– Não olhe as coisas por esse ângulo. Tenho certeza de que ela quis que você e sua irmã sobrevivessem em vez dela. É isso o que as mães querem. – Seus olhos ficam tristes, como se suas palavras trouxessem algo à superfície.

– Por que está perguntando?

Ela hesita por um segundo.

– Nunca conheci alguém que não tivesse mãe. E a minha mãe, ela está doente. Muito doente. E… não sei por que estou tagarelando tanto.

– Não, está tudo bem. Eu sei que provavelmente é difícil mencionar isso para pessoas que podem não compreender. – *Essa é a história da minha vida.*

– Sim… Quero dizer, os meus amigos se importam, mas… – ela engasga. – Deixa pra lá. Eu não quero mais falar sobre isso.

Eu concordo, assentindo.

– Ok, vamos mudar o ânimo por aqui! – ela diz, levantando-se e colocando um CD em seu aparelho de som. A música dos Backstreet Boys preenche o escritório.

– Pelo amor de Deus – resmungo.

Ela começa a dançar, de uma maneira propositalmente desajeitada, e eu não posso deixar de sorrir. Sempre imaginei que ela fosse séria, ou tivesse medo de parecer tola. Mas nada disso. Ela parece incrivelmente boba agora, e fico me perguntando se ela consegue ser mais perfeita.

– Tudo bem, senhor Esnobador de Músicas, o que *vocêêêêê* gostaria de ouvir?

Eu retiro um CD que furtei algumas semanas antes.

– Radiohead? Que tipo de nome é esse?

– Que tipo de nome é “Backstreet Boys”? Aqueles “meninos” dificilmente parecem ter vindo da periferia.

Ela ri de doer a barriga, caindo ao meu lado, e começa a cantar a música horrível na minha cara. Eu reviro os olhos, mas essa é a maior diversão que tive em tempos. E a casa dela é tão legal, e limpa, e segura. E eu gostaria de poder

ficar aqui com ela e nunca mais ir embora.

Capítulo 16

Presente

Mia

Fiona Apple – “A Mistake”

É A SEXTA SEMANA E MEU “ACORDO” com Tax está se tornando uma rotina. É o meu segredinho sujo. Toda terça-feira, entro no escritório às cinco da manhã e sou fodida deliciosamente por um demônio pervertido, misterioso e lindo.

Faço as mesmas perguntas e recebo variações das mesmas respostas.

Tento fazer com que ele me deixe beijá-lo, ou mesmo que tire as suas roupas para que eu não fique sozinha e nua quando estamos juntos. E eu continuo falhando.

Ainda grito, imploro, uivo e gozo tão gostoso que parece que engoli uma porra de uma granada de sexo. Já não choro mais. Meu choro foi um ato de rebeldia, um protesto, tanto para Tax quanto para mim. E é muito cansativo ficar me submetendo a isso. É mais fácil aceitar a minha situação do que suportar a dor de chorar a respeito disso. Uma hora eu vou atravessar a sua concha dura e convencê-lo a me devolver a minha liberdade de escolha.

Meus sentimentos ainda estão em conflito, mas o choque em relação à minha situação está começando a diminuir. Isso está se tornando uma parte da minha vida, assim como o meu trabalho na Alea, ou levar minhas roupas à tinturaria. E, se por um lado eu me sinto indefesa, por outro existe uma parte de mim que aguarda ansiosamente pelas terças-feiras. Eu nunca digo essas palavras na minha mente, mas sinto isso pela forma como a minha pele formiga com eletricidade, meu coração acelera e toda a minha sexualidade dói em antecipação pelo nosso próximo encontro.

Eu o desejo e não quero que ele vá embora. Essas foram as semanas mais difíceis da minha vida, mas nunca me senti tão conectada a alguém. Jamais gostei ou sequer amei uma pessoa do jeito como eu odeio Tax Draconi. Mas esse

ódio é tão forte que às vezes se transforma em outros sentimentos. O ódio pode ficar tão enraizado em você que se torna parte de sua identidade, de sua psique. Você se define com esse ódio, de modo que, se ele for embora e não houver mais nada para substituí-lo, você perde um pedaço de você mesma. Eu acho que, quando você sente algo forte o bastante, isso se torna o seu oposto. Acho que você pode amar alguém a ponto de começar a odiá-lo. E acho que pode odiar alguém com tanta força que acaba se apegando a ele. É por isso que algumas pessoas passam a vida inteira odiando alguém que elas repetidamente convidam para suas vidas: elas nem sabem quem são sem isso.

E com o Tax, acho que estou começando a odiá-lo de forma tão intensa que eu… Eu acho que você não pode realmente detestar alguém a menos que você se importe. Porque não se importar é indiferença.

A indiferença é verdadeiramente a mais maligna das emoções.

Tax é meu rival, e há algo em mim que desfruta da nossa rivalidade, mesmo que eu esteja sempre do lado perdedor da batalha.

Tax e eu temos um mundo secreto. Estamos nesta terra cercada por bilhões de pessoas, e, no entanto, aquilo que temos é só nosso. É doentio, é insano, mas é algo que posso compartilhar apenas com ele. Somente Tax pode me tirar do sério, me transformar em sexo puro e indecente. Com Tax, fico desnuda, tanto no sentido literal como no figurado. É bom se soltar dessa forma quando às vezes o meu trabalho e o fato de não ter nenhuma família à qual recorrer fazem com que pareça que o mundo está desmoronando nos meus ombros. Essa coisa nossa está se tornando parte de mim, e estou começando a me sentir possessiva em relação ao nosso relacionamento singular.

Mas eu mantenho esses sentimentos dentro de mim. Do lado de fora, sempre uso a abordagem do desprezo. Eu rosno, eu desdenho. Então, ele revida, me relembra de seu poder, e eu desisto, e depois imploro. A essa altura já se tornou um ritual. Um no qual ambos aceitamos essas circunstâncias bizarras, convencendo a nós mesmos de que ainda estamos fazendo o que originalmente concordamos. Eu sou sua escrava sexual. Ponto final. Ele está fazendo isso para me fazer pagar por algo que ele não revelará, e só estou fazendo isso porque estou sendo chantageada. Simples assim.

É sempre uma batalha naquela sala de reuniões e sempre termina com nós dois gozando.

Mas, a cada semana, as coisas se tornam mais familiares, ele me segura um pouco mais próximo enquanto fodemos, seus olhos estão um pouco mais acolhedores quando ele me cumprimenta. As mudanças são mínimas, mas eu as

sinto.

É com isso que estou contando, essas pequenas sugestões de humanidade. Com o tempo, se eu puder fazer com que ele se afeiçoe a mim, posso encontrar uma saída para isso. Mas aprendi desde cedo que o processo será lento, e se eu pressionar muito, ele recua ainda mais. Tem que acontecer no seu devido tempo. É possível que o único caminho de volta à autonomia seja permitir a mim mesma desenvolver sentimentos por ele.

Então, hoje, enquanto atravesso o estacionamento, sinto um frio no estômago, meu coração acelera, minha pulsação dispara, um calor sobe pela parte de dentro das minhas coxas e é porque estou ansiosa para o meu confronto com Tax esta manhã.

A porta do escritório da Alea está trancada. Isso é novidade. Vasculho a bolsa, procurando pelas minhas chaves, e é nesse momento que uma mão cobre a minha boca.

– Não diga uma palavra, vagabunda.

Eu deixo a minha bolsa cair, seu conteúdo se esparrama por todo o chão. Mas, tão rápido quanto sou atingida pelo medo, sinto o seu cheiro, sua fragrância característica, sua colônia almiscarada, e isso me traz… alívio. Alívio porque ele é um diabo que eu conheço.

Mas a fúria que emana de seu corpo para o ar que nos rodeia parece tão fresca como da primeira vez que ele me fodeu sob a ameaça de uma faca. É como se tivéssemos voltado à estaca zero.

Sua mão pressiona forte contra a minha boca e a outra envolve a minha cintura. Ele me levanta do chão e me arrasta para um banheiro, trancando a porta atrás dele.

Ele puxa a minha saia acima da minha bunda e me empurra contra a pia. Eu olho para o espelho e, dessa vez, ao contrário do primeiro ataque-surpresa, ele não está usando uma máscara. Seus olhos me encaram de volta pelo espelho, mas eles são vazios, vidrados de excitação.

Ele puxa os meus quadris com raiva e afasta a minha calcinha para o lado.

Minha boceta desabrocha com calor e minha lubrificação natural escorre de mim em antecipação à sua brutalidade.

Ele se aproxima e abre a minha blusa com um rasgão. Aprendi na terceira semana a sempre andar com uma sobressalente.

Ele baixa o meu sutiã, de modo que meus seios se projetam sobre os bojos. E minha respiração sai do compasso enquanto vejo o espetáculo no espelho: aquela besta alta e sexual incrivelmente avassaladora atrás de mim.

Meu pai costumava me avisar de que o diabo não tem chifres e um tridente; ele terá a aparência da coisa mais linda que você já viu. Ele vai fazer você rir. Ele vai fazer você se sentir bem. Você fará coisas que nunca pensou que faria, mas ele lhe dirá que está tudo bem. E antes que você perceba, você vendeu a sua alma para ele. É assim que eu sei que Tax é meu diabo.

Meus seios estão à mostra, meu corpo inclinado, esperando ser usado pela fera da forma que lhe aprouver.

Para a minha surpresa, ele se abaixa, sumindo do meu campo de visão, e eu sinto sua língua comprida deslizar para dentro de mim, sua boca colada à minha boceta. Ele murmura de excitação enquanto lambe minha umidade, navegando a carne com a sua língua. Descobrindo, conquistando, oferecendo.

Se ele só quisesse me usar, não faria isso. Ele faz isso porque é tanto para o meu prazer quanto para o dele próprio, mesmo que ele jamais admita.

Não demora muito para que eu exploda em toda a sua boca, apertando a pia enquanto minhas pernas se dissolvem debaixo de mim. Meus saltos-altos escapam embaixo das minhas pernas enquanto elas balançam por causa do tremor do meu orgasmo. Eu profiro seu nome como em agradecimento, sem parar.

Eu tremo em frente ao espelho, enquanto ele se levanta, surgindo de volta no meu campo de visão, como um predador surgindo dos arbustos. Ele puxa meu traseiro novamente com uma mão, enquanto estende a outra para espremer a carne macia do meu peito com tanta força que eu grito.

– Shhhh… – ele sussurra no meu ouvido.

Seu pau duro e curvado roça contra as minhas nádegas e eu silenciosamente imploro pela chance de foder com ele hoje.

– Eu te dei uma coisa, agora é a minha vez de tomar – diz ele. Eu espero levá-lo à minha boca, mas sua mão vai além do meu ombro e aperta o dispensador de sabonete várias vezes enquanto um gel transparente acumula-se em sua palma.

Eu observo confusa e ele traz a mão para baixo e a esfrega entre as minhas nádegas, exatamente no ponto com o qual até agora há pouco ele estava brincando. Eu arquejo enquanto ele desliza dois dedos na passagem estreita, e a minha curiosidade imediatamente se transforma em medo. Medo de ele forçar sua grossura naquela região apertada. Medo do desconhecido.

Eu faço uma careta quando ele enfia seus longos dedos profundamente em mim. E ele os mantém lá por um tempo. E então outro dedo, girando, movendo-se, esticando-me.

– Respire – ele ordena, e eu solto uma grande expiração. Eu nem tinha

percebido que o meu peito havia ficado tão tenso.

Ele desliza aqueles dedos para dentro e para fora de mim e, a cada investida, a estranha sensação torna-se mais familiar, mais prazerosa. E então ele para.

Eu olho para os olhos dele no espelho, ele morde o lábio inferior quando seu corpo avança e eu sinto a intensa pressão enquanto ele se força para dentro de mim. Ele solta um grande suspiro assim que sua cabeça entra. É implacável e tão apertado. Machuca muito, e estou com medo de não ser capaz de lidar com isso, de não ser capaz de agradá-lo.

Quando ele atinge um quarto do comprimento de seu pau, ele estende a mão e cobre minha boca.

– Eu vou te arregaçar. Isso vai doer pra caralho, e depois vai ser gostoso. Não grita, porra. Entendido?

Eu aceno com a cabeça, mas estou tão aterrorizada que não conseguirei obedecer.

E então ele se enterra por completo e eu solto um gemido grave em sua mão. É tão rude, eu estremeço sob seu domínio. A sensação de seu pau na minha bunda é tão violenta, uma violação tamanha.

– Caralho, Mia – ele diz, cada músculo em seu corpo relaxando enquanto ele penetra fundo em mim. *Ele nunca me chama pelo meu nome quando estamos fodendo.*

Uma lágrima escorre pela minha bochecha porque é tão intenso, mas respiro fundo conforme ele me instruiu, na segurança de sua mão.

Ele retira lentamente e enfia lentamente. Cada investida recebe um pouco mais de velocidade. De repente, há uma acentuada dor de punhalada. Eu dou um espasmo violento, mas seus braços ao meu redor estão firmes e ele me prende com seu peito largo.

– Cala a boca – diz ele. – Apenas respire fundo. Vai ser gostoso se você relaxar. – Seu tom de voz é surpreendentemente reconfortante.

A dor abrasadora vai se dissipando enquanto um par de lágrimas escorre das minhas bochechas e pousa na mão que cobre minha boca. Eu respiro profundamente algumas vezes e Tax continua a puxar e a empurrar para dentro de mim, trazendo-me para uma posição ereta para que eu descanse em seu peito atrás de mim.

Ele me preenche, tomando-me no último lugar que estava livre de sua posse. A cada penetração, aprendo a desfrutar dessa nova sensação. Eu assisto pelo espelho enquanto Tax me olha bem nos olhos, sua larga constituição engolindo a minha, sua mão imensa quase cobrindo metade do meu rosto. A coleção de

serpentes em seu pescoço dança enquanto ele intensifica a sua pegada em torno de mim.

Esse homem é meu perseguidor, meu terrorista, meu amante.

Seus olhos se reviram enquanto ofega, e sinto que o estreitamento que o rodeia se torna um pouco mais apertado, e então ele solta um gemido primitivo enquanto seu pau mete sem parar em mim.

– Mia… ah, caralho… caralho… – ele balbucia, liberando-se no meu interior.

Ele tira o pau de dentro de mim e esfrega a mão no meu cabelo, num gesto quase amigável. Mas eu entendo que, nesse caso, é como alguém recompensando um animal de estimação por um trabalho bem-feito.

Ele desaba sobre a pia e liga a torneira.

Eu o observo calmamente enquanto sua marca em mim lentamente escorre pela parte de trás da minha coxa.

– Venha aqui – ele diz, sem olhar para mim.

Eu cambaleio na direção dele, dolorida por conta da invasão, incerta sobre o que ele quer de mim agora. Ele umedece uma pilha de toalhas de papel e estende a mão até a minha perna, recolhendo os fluidos que deixou para trás.

– Tome – ele oferece, posicionando-os na minha frente. Eu olho para cima, o simples ato desencadeando tanto gratidão como hesitação, e apanho as toalhas de papel de sua mão para terminar o trabalho que ele começou.

– Obrigado – eu digo, confusa com esse gesto nem um pouco malvado.

Ele não responde. Em vez disso, age como sempre faz: ele se recompõe, estala o pescoço e sai do recinto como se ele não tivesse disparado uma arma nuclear sexual aqui. Como se não tivesse acabado de me estilhaçar em milhares de pedacinhos, como se não estivesse levando uma pequena parte de mim toda vez que vai embora.

Capítulo 17

Mia

Radiohead – “Karma Police”

Depois de um dia muito longo no escritório, eu chego à minha casa, tiro os sapatos lançando-os dos pés e largo as minhas bolsas no chão. As terças são sempre cansativas. Por causa de Tax, tenho que acordar mais cedo, e acabo ficando até mais tarde do que costumava ficar. Dewey sempre era o último a sair e isso, para mim, mostrava o seu comprometimento com a Alea, e é algo que eu gostaria de imitar.

Estico os músculos tensos no meu pescoço, soltando um profundo suspiro. Há um momento de refúgio quando entro em minha casa, um momento em que não preciso fingir que a minha vida não é uma bagunça que eu mesma impus para mim. Mas, passado esse momento de alívio, segue-se uma intensa solidão.

Penso muito nele quando estou sozinha. Como eu gostaria de poder entender. Como gostaria que ele conversasse comigo e me dissesse por quê. Talvez então eu pudesse me explicar, dizer-lhe que não posso ser culpada do que ele pensa que eu fiz. Talvez então, espero, eu viria a descobrir que ele não é apenas um monstro. Tenho vislumbres disso. Lampejos de que ele pode me enxergar como um ser humano real, mas geralmente isso é seguido de uma atitude sua ainda mais fria como retaliação.

Aceitei o fato de que gosto da rudeza. E é uma verdadeira agressão reprimida que só ele pode proporcionar. Mas ainda assim preciso de mais do que isso. Quero que a rudeza se origine de uma fonte de desejo, de posse, e não do ódio. Eu posso lidar com isso se ele me der mais. E talvez ele possa me libertar, me dar uma escolha nesse negócio todo se eu puder alcançar essa parte dele, a dor que está por trás de seus olhos escuros. Eu quero acreditar que ele manterá a sua palavra, mas enquanto ele ficar me lembrando continuamente do vídeo, vou viver com medo. E se, depois de passado esse ano, ele resolver estendê-lo por mais um ano, e depois outro? Eu poderia me tornar sua para ele fazer o que quisesse eternamente. Minha vida giraria em torno desse arranjo, arruinaria qualquer chance de ter um relacionamento, casar, ter uma família. Eu duvido que algum pretendente em potencial estaria de boa com as minhas reuniões sexuais

semanais com o senhor Draconi. Sim, trata-se de sexo, mas é muito mais que isso: Tax detém a minha vida.

Apesar dessas preocupações (ou por causa delas), tenho que me manter focada. A única forma de sair disso é atravessar a tempestade que é Tax.

Só o vejo uma vez por semana. Não temos contato fora daquela sala de reuniões todas as terças-feiras e, ainda assim, sua presença permeia todas as horas de vigília do meu dia.

Durante nosso tempo juntos, posso sentir nele uma batalha interna, como eu mesma sinto em mim. Ele quer ser implacavelmente brutal, mas então cede em algum momento e faz um gesto quase que gentil. Ele lambe uma lágrima, ou limpa sua ejaculação na minha coxa. Se eu acolho a ternura, ele a afasta de súbito e me espanca, como um cão assustado que morde uma mão que tenta acariciá-lo.

Esse estranho tornou-se o centro do meu mundo. Um enigma que eu tenho que solucionar. Meu maior prazer e minha mais profunda dor.

A verdade é que eu não quero namorar. Porque de alguma forma totalmente ferrada sinto que já estou namorando alguém: o cara que eu vejo todas as manhãs de terça-feira, que me odeia, ou talvez não. Eu não sei.

Eu não sei dizer se estou perdendo a cabeça, talvez desenvolvendo algum tipo de síndrome de Estocolmo, e não tenho alguém para me ouvir e dar sua opinião. Estou com muita vergonha de contar para Tiff. Na verdade, evitei qualquer conversa substancial com ela desde o nosso último telefonema, usando o meu novo emprego como pretexto. Minha situação só se tornou ainda mais bizarra desde o mistério da Happy Kitty. Eu não quero ter que lidar com sua expressão de pena ou decepção. Pior ainda: não quero perder o seu respeito. Há um espaço no meu mundo onde existe Tax. E ele ocupa todo esse espaço, não há lugar para os outros lá agora.

Soltando um profundo suspiro, acendo as luzes da minha sala de estar. A figura alta a poucos passos me assusta enquanto eu pulo e grito. Não tenho certeza se eu deveria ter medo ou não. Ao contrário de nossos encontros de terça-feira, Tax não está vestindo um terno, mas uma camiseta cinza-urze sob medida e jeans que se ajustam perfeitamente ao seu físico atlético.

Ele está de frente para a minha estante cheia de livros e bugigangas. Não entendo o que está fazendo aqui. Ele não está no espaço dele; acho que está começando a expandir o espaço que já roubou.

Aguardo em silêncio, esperando que ele se vire e me agarre, me jogue no chão, faça o que estiver a fim. Talvez comer o meu cu não tivesse sido o

suficiente esta manhã. Às vezes sinto que o que eu dou não é o bastante.

– Backstreet Boys? – ele pergunta, sem se virar, olhando para a caixinha que está no topo da pequena pilha de CDs que eu tenho desde o ensino médio. Também são o mesmo CD e CD player que tenho desde então.

Continue alcançando. Ele está vendo você.

– O quê? Você não teve tempo suficiente para espionar as minhas coisas quando invadiu? – eu pergunto, chocando a mim mesma com o meu tom de indiferença. *O que está acontecendo, porra?*

– Na verdade, eu não tive – ele responde, virando-se para me encarar com um sorriso malicioso. Meu coração vibra com a atração e um novo tipo de excitação. Ele está… conversando comigo.

Tento não reagir exageradamente ao interrogá-lo, com medo de que ele possa voltar atrás como sempre faz. Como ao lidar com um cão assustado, espera-se pacientemente, para que ele saiba que você não é uma daquelas pessoas que vão machucá-lo, e com o tempo ele virá e irá tocá-lo com o focinho.

– Bem, não sei sobre você, mas eu estou morrendo de fome – digo, indo em direção à minha cozinha americana. – Vou colocar uma pizza no forno. Você está convidado a se servir.

Ele acena com a cabeça.

De repente, a música toca. E, instantaneamente, eu a reconheço como sendo de um dos meus CDs do ensino médio, uma canção chamada “Karma Police”, do Radiohead.

– Não sei se você sabe disso, Tax – eu digo, rasgando a caixa de pizza para abri-la. – Mas cavalheiros geralmente telefonam, ou tocam a campainha.

– Cavalheiros? Dificilmente eu me chamaria de cavalheiro.

Não consigo acreditar que estamos tendo uma conversa que não tem nada a ver com sexo ou coerção.

– Suponho que eu estava sendo educada.

Ele ri baixinho para si mesmo. É uma visão tão rara, ver aquele sorriso que ilumina sua escuridão.

Por que ele está aqui?

Ele pega uma foto da minha estante de livros.

– Quem é esse? – ele pergunta.

– Pensei que soubesse tudo sobre mim.

– E sei. Mas eu quero ouvir da sua boca como se fosse a primeira vez.

Suas palavras provocam uma mistura de excitação e temor.

– Esse é o meu pai. Ele morreu pouco mais de um ano atrás – conto, tentando

não deixar minhas emoções chegarem à superfície.

– Vocês eram próximos?

– Muito. Minha mãe morreu quando eu estava no ensino médio e eu sou filha única. Então, passamos muito tempo juntos. Ele era realmente um bom pai – revelo, sentindo um nó na garganta.

– Aposto que sim – ele diz.

– E quanto a você? – pergunto, assumindo um grande risco de que responda de forma grosseira.

Ele põe de volta a foto em seu lugar.

– Os dois estão mortos.

– Oh, sinto muito por sua perda.

– É melhor assim – diz ele. Mas quando eu olho nos olhos dele, aqueles que ele me treinou tão bem para encarar enquanto me possui, enxergo que não é melhor coisa nenhuma. Algo dói. E ele está aqui porque quer mais. Não sei o quê, mas quer mais.

– Tax… – então me detenho. Estou prestes a pedir muito, puxando-o para bem longe da sua zona de conforto muito rápido. Ele guarda suas palavras com ferocidade, mas com seu corpo é mais generoso. Eu acho que ele daria isso antes de me dar suas palavras.

Então, caminho até ele suavemente. Talvez seja o fato de estarmos em minha casa e o calor e a segurança dela que me transmitam confiança, mas eu quero senti-lo.

Continue alcançando…

Eu me aproximo dele na minha sala de estar engolida pelas sombras. Eu o desejo. E isso não tem nada a ver com ele me forçar, ou uma expectativa de ceder porque tenho com ele uma espécie de dívida que eu nem sequer entendo. Ou mesmo a emoção de ele me devastando enquanto eu sucumbo em uma mistura de luxúria e repugnância. Eu apenas o desejo.

– Tax… – eu sussurro, enquanto entro no estreito espaço entre ele e a minha estante de livros. – Eu posso…?

Levanto suavemente a minha mão para tocá-lo, esperando que me afaste com violência, agarre os meus pulsos e me foda com toda a sua fúria. Mas ele não fala nada, só fica ali parado em silêncio. Estendo o braço em direção à sua assustadoramente bela tatuagem no pescoço e gentilmente deslizo os meus dedos sobre o emaranhado de cobras. Quis muito fazer isso desde a primeira vez em que ele me possuiu neste mesmo chão.

– É linda – eu murmuro.

Seu peito se expande e se contrai mais profundamente em resposta ao meu toque. Eu corro os meus dedos por seu tórax musculoso, a firmeza de seus abdominais, e alcanço a bainha de sua camisa. Começo a levantá-la.

– Não – ele diz, pegando o meu pulso. Dessa vez, não é doloroso.

– Por que você continua se escondendo? – pergunto. – Eu não quero machucá-lo. Quero apenas ver você.

Eu só quero que você me queira de volta, Tax.

Eu olho nos olhos dele e eles expressam uma infinidade de emoções: raiva, satisfação, desejo, desconfiança, dor.

– Eu sei que você quer mais, Tax, é por isso que você está aqui. Você não precisa dizer isso. Mas não posso lhe dar isso se você não deixar – eu imploro. – E não posso continuar dando se você não der nada em retorno. Não vou ter nada sobrando em mim.

O aperto dele em meu pulso desaparece e, sem aviso, ele puxa sua camisa para cima. Sua tatuagem estende-se do pescoço até o ombro. Ele é ainda mais lindo do que eu esperava. Seu corpo é esculpido e musculoso como pensei que seria; a beleza da masculinidade personificada.

Enquanto meus olhos admiram o seu tórax, elas surgem na manifestação física de dor severa que ele deve ter suportado muito tempo atrás. Seu tórax está coberto de cicatrizes, cortes de algum tipo, algumas grandes, outras pequenas. Elas estão salpicadas por toda parte, memórias forçadas de um trauma que não lhe seria permitido esquecer. Deslizo os meus dedos suavemente sobre a rede de cicatrizes e o circundo para ver suas costas, que também estão cobertas delas.

Eu descanso minha bochecha contra a pele morna e lisa de suas costas, e beijo cada cicatriz, uma por uma. Seu corpo fica tenso onde tocam os meus lábios.

– Está tudo bem – eu sussurro.

Ele se vira e agarra os meus ombros, me detendo. Seus olhos estão repletos de confusão e frustração.

– Tudo bem – digo suavemente. – Por favor, Tax, só me deixe ter mais disso – eu digo, aproximando minhas mãos do rosto dele. – Eu estou te implorando. – E eu me levanto na ponta dos pés para beijá-lo, fechando os olhos, esperando que ele me encontre no meio do caminho.



Tax

Não faço ideia do que diabos estou fazendo aqui. Toda semana fica um pouco pior. Penso nela, em seus lábios suaves, qual seria o gosto deles se eu simplesmente a deixasse me beijar de verdade.

Toda terça-feira eu saio por aquela porta depois de fodê-la e quero me virar e voltar para comê-la de novo, ou simplesmente… ficar. E toda vez que eu me vejo vacilando, tendo um momento de fraqueza, eu me reponho novamente. Eu a lembro de que ela não vale nada, de que ela é uma escrava, de que ela me deve. Estou começando a achar que eu faço isso para lembrar a mim mesmo.

Esta noite, encontro-me na sala de estar dela, sem camisa, com os seus lábios sendo pressionados suavemente contra as minhas costas. Eu a observei hoje, como faço sempre que a minha agenda permite. Mas, desta vez, eu atravessei aquele muro invisível. Estou tão cansado de só ficar assistindo, porra. Não a quero apenas nas manhãs de terça-feira. Eu a quero o tempo todo. Não há razão alguma para não a ter quando eu bem entender, caralho.

Os lábios de Mia resvalam contra as consequências de sua obra. Eu prometi a mim mesmo que jamais lhe daria a satisfação de ver essas cicatrizes. A picada de cada beijo contra cada uma traz flashes de fivelas de cinto açoitando, botas chutando, garrafas quebrando, o gosto de sangue, gritos, risadas. Eu me encolho sob cada toque suave de seus lábios.

Como ela pode beijá-las como se fosse uma espécie de curandeira, como se ela quisesse sará-las? Ela é o motivo de essas cicatrizes existirem, ela é a criadora da minha dor. Ela tirou o dom de conceber vida de Jude, então, nós temos que fazer o mesmo com ela.

– Está tudo bem – ela diz suavemente. Mas não posso aceitar isso. Isso faz com que eu sinta. Eu odeio sentir. Pensei que houvesse superado essa merda. O único sentimento que eu me permito é a ira, porque é isso que me alimenta, porque me torna mais forte do que qualquer um no meu caminho. Sentir nada além de ira me torna invencível.

Então, eu me viro e a agarro, para parar a dor, o medo, a sensação nauseante subindo das profundezas do meu estômago até a superfície.

– Tudo bem. Por favor, Tax, só me deixe ter mais disso. Eu estou te implorando.

Ela está me implorando. Existe algo no modo quando ela implora que torna muito difícil resistir a ela. É a expressão em seus olhos, ela só quer que eu lhe dê algo em retorno. *Como essa pode ser a mesma pessoa que me destruiu?*

Seus olhos castanhos me contemplam; ela está vulnerável, exposta. É uma armadilha, se ela fosse uma vadia, isso seria tão fácil, mas sua sinceridade, sua

habilidade em ser tão destemida com suas emoções, desencadeia emoções profundamente enterradas que eu não sinto há catorze anos. Eu sei que a segurança é uma ilusão, mas o coração é o maior dos tolos, tudo o que é preciso é um pouco de bondade para enganar o coração. Eu deveria saber, eu fiz isso com os outros.

Mas ninguém fez isso comigo desde Mia, e ela está fazendo de novo. Toda vez que eu cavo mais fundo, buscando encontrar aquele ponto preto em seu coração, eu só descubro mais ternura. Toda vez que cavo mais fundo, acho mais difícil rastejar para fora.

Ela deveria me odiar, deveria querer me esfaquear nas costas, não me beijar. Mas foi isso o que pensei dela uma vez: uma garota que olhava para um merdinha solitário e magricela e via algo mais. E tudo não acabou passando de uma mentira. Então, talvez ela só esteja fingindo de novo que gosta de mim, e eu não permitirei ser enganado uma segunda vez.

Vou ceder à sua súplica, vou me permitir sentir, mas isso é por mim mesmo. Isso é para fazê-la pensar que eu me importo, assim, quando eu voltar totalmente atrás, quando finalmente olhar nos olhos dela ao acabar com a sua existência, ela sentirá as profundezas da traição que eu senti.

Ela se estica para me beijar e eu envolvo com os meus braços e a sua frágil constituição. Ela parece tão pequena, tão inofensiva. Os braços de Mia abraçam o meu pescoço e ela passa os dedos pelos meus cabelos. Seu beijo é cheio de paixão e desejo reprimido. Ela tem trabalhado nisso desde a primeira noite em que eu a fodi. Ela suga os meus lábios, deslizando a língua contra a minha. E seu gosto é ainda melhor do que jamais sonhei que fosse.

Meu pau pulsa de desejo e se contrai de prazer toda vez que se esfrega contra a sua barriga. E, por enquanto, aqui nesta sala de estar, eu deixo de lado a vingança, e apenas nos deixamos ser Tax e Mia.

Agarro a carne firme e macia de sua bunda e a levanto do chão enquanto ela envolve suas pernas ao meu redor. Ela me aperta, como se jamais quisesse que eu me soltasse, como se eu nunca fosse voltar se ela me libertasse.

Eu a carrego até o balcão da cozinha. Ela está vestindo uma saia, como sempre faz para mim às terças-feiras. Eu já a comi uma vez esta manhã, seu cuzinho parecia tão incrivelmente apertado. Na verdade, acho que foi isso que me trouxe até aqui. Esta manhã, possuindo-a daquela maneira, foi uma sensação incrível pra caralho, que me deixou querendo mais.

Levanto a saia dela, empurrando a calcinha para o lado. Entre os suspiros ofegantes, ela abaixa o braço e desabotoa freneticamente os meus jeans,

empurrando-os para baixo apenas o bastante para chegar até mim. Ela enfia sua mãozinha dentro da minha cueca boxer e envolve o meu pau, grunhindo de prazer. Ela o puxa para fora, balançando de um lado para o outro, gemendo no meu pescoço enquanto esfrega a cabeça da minha pica para cima e para baixo na abertura de sua boceta molhada.

Puta merda, que delícia.

Ele pulsa, dói sentir o aperto quente de Mia ao meu redor. E então eu a penetro, seu leve suspiro enquanto eu entro me deixando ainda mais duro.

– Tax – ela sussurra no meu ouvido, engolindo ar enquanto eu me empurro para dentro dela.

Sua boceta está tão molhada, tão pronta para mim, que eu gemo e solto um grunhido, incapaz de fingir que essa não é a sensação mais incrível da porra do mundo. Seu cheiro suave e de flores, aquele que se entranha nas minhas roupas toda terça-feira, preenche o meu nariz.

Ela geme sem parar, sussurrando meu nome contra os meus lábios a cada estocada.

Ela corre seus dedos ao longo das saliências dos meus músculos flexionados, e pelos vergões e cicatrizes que carreguei no meu corpo por catorze anos.

Seu toque queima nesses pontos. *Botas. Fivelas. Cacos de vidro.*

Fecho os meus olhos e enterro o meu rosto no pescoço dela, só quero que meus pensamentos fiquem escuros. Não quero me lembrar. Eu gostaria que ela me fizesse parar de me lembrar.

Eu mordo o pescoço dela, para que ela possa sentir a dor que eu sinto agora. A dor que ela me fez sentir durante todos esses anos. Mas, em vez de recuar, ela joga a cabeça para trás, recebendo minhas mordidas irritadas com um gemido gutural.

Corro a minha mão pela pele macia do peito dela, espremendo-o de modo que seu mamilo castanho se projeta, e eu deslizo a ponta da minha língua ao longo de sua carne inchada. Seus seios são tão flexíveis, redondos e puros, eu só quero maculá-los com as minhas mordidas ou meu esperma.

Mia solta arquejos da parte de trás da garganta e meu pau cresce ainda mais apertado dentro dela, ficando mais tenso, preparando-se para explodir.

A carne quente de sua boceta abraça o meu pênis, e sua respiração torna-se cada vez mais rápida.

– Tax! – Ela crava as unhas nas minhas costas, pressionando seus lábios contra os meus enquanto direciona seus quadris contra as minhas investidas, tornando-se uma participante ativa em seu próprio orgasmo.

– Oh, Deus! – ela exclama. – Deus! – ela grita, enquanto suas coxas espremem meus quadris, e cada músculo de seu corpo indefeso fica tenso e depois relaxa enquanto ela estremece, murmurando meu nome repetidamente.

À medida que sua boceta apertada se contrai, eu meto sem parar conforme a pressão vai crescendo no meu pau, minha própria respiração tornando-se pesada e as sensações de sua boceta lisa ao meu redor atingem seu ápice.

– Caralho… – Eu ofego nos lábios de Mia quando uma erupção de prazer pulsa para fora do meu pau. – Mia… caralho… – Suspiro enquanto toda a tensão derrete-se do meu corpo. Eu bombeio minha porra para dentro dela, reivindicando-a novamente. Ambos colapsamos nos braços um do outro devido à exaustão.

Mas eu gozei, e todos os sentimentos vêm à tona. Minha mente está clara agora, pelo menos por alguns minutos, até que a sensação irritante de querer mais retorne.

Eu me afasto dela, arranco algumas toalhas de papel, e me limpo rapidamente. Sinto que ela está me observando, seus olhos questionando, insegura.

E eu não vou olhar. Não posso.

Eu puxo as minhas calças e dirijo-me à sala de estar, apanhando a minha camisa do chão.

De canto de olho, eu percebo que ela deslizou do balcão. Eu posso sentir sua perplexidade, ela está atordoada.

Isso é bom.

Eu deslizo a minha camisa, vestindo-a.

– A pizza – lembro-a.

– Ah, merda… – ela resmunga, correndo para o forno. – Está ótima, bem na hora.

Ela acha que eu vou ficar para o jantar. *Coitadinha.*

Depois de colocar a pizza sobre o *range top*, ela olha para mim e seus olhos ficam tristes quando ela vê que estou me dirigindo para a porta.

E, como sempre, eu me certifico de lembrá-la, e a mim mesmo.

– Isso não muda nada, Mia. Faça um favor a si mesma, não se convença de que sou um bom rapaz ou que eu possa receber amor. Eu não sou uma boa pessoa e você ficará muito desapontada. Só estou usando você. Não me importo com o que você sente.

Eu me viro e saio pela porta antes que possa ver a dor se espalhar por seu rosto.

Capítulo 18

Tax

CHEGO EM CASA PARA ENCONTRAR uma incomumente decadente mesa de jantar posta esperando por mim.

Jude quer alguma coisa.

– Onde você esteve? Tenho tentado ligar para você.

– Por aí – eu digo. Não estou no clima para discussão. Sinto-me como um enorme monte de merda neste momento, por machucar Mia quando ela tentou se aproximar de mim, mas ainda mais porque eu realmente me importei com isso.

– Bem, eu tive um bom dia, muito obrigada. Eu estava a fim de cozinhar, então fiz o jantar.

– Eu percebi. Obrigado.

– Sente-se antes que esfrie – ela diz, sendo legal além da conta. Isso parece uma porra de uma emboscada.

– Onde está o Rex? – eu pergunto. Se ela estiver por perto, há uma chance de 95% de ele estar à espreita em algum lugar próximo.

– Ele virá mais tarde. Ele saiu com alguns amigos.

Eu me sento e empurro um pouco de comida para o meu prato. A porra da Mia aumenta o meu apetite, e hoje eu a fodi duas vezes, então é hora de rangar. Além disso, esses autoimpostos compromissos às quatro da manhã estão me matando. Estou pronto para cair duro depois dessa refeição.

Enquanto como, Jude apenas me observa, nem sequer tocando no prato dela.

– Fala logo, porra. O que foi? – eu pergunto.

– Eu só estava me perguntando como você anda, irmão gêmeo. – Odeio quando ela faz isso, enfia a palavra “gêmeos” para enfatizar como somos ainda mais próximos do que irmãos típicos.

– Estou bem. Perfeitamente bem – respondo, enfiando o meu garfo em uma batata.

– Você tem andado… distante.

– Distante? Você quer dizer, eu tenho sido eu mesmo?

– Ah, para com essa merda, Sil, é comigo que você está falando.

– Não me chame assim, Judith.

Ela revira os olhos. Nós dois odiamos nossos nomes, eu porque isso só fez com que eu me destacasse ainda mais, e Jude porque era antiquado. Aparentemente, como somos metade americanos e metade romenos, nossos pais dividiram os nomes de acordo. E os dois foram extravagantes nos dois casos.

– Tudo bem, desculpe. Mas pare de agir como se eu não conhecesse você. Sou eu. Somos dois perturbados, mas nós nos entendemos.

Ela está certa. É essa merda psíquica vodu de gêmeos. *Porcaria de sexto sentido de gêmeos.*

– Eu só quero comer em paz. Eu estou com fome e você é esperta o bastante pra não encher o saco de um Tax faminto.

– E eu nada mais quero além de que você encha a sua pança. Será que uma garota não pode conversar com o seu irmão mais velho e grandão? – Ela também gosta de me lembrar que eu sou quatro minutos e trinta e dois segundos mais velho do que ela. E que eu tenho mais de um e noventa de altura e ela mal passa de um metro e meio.

– Fale então, mas estou comendo.

– Ok, estou apenas preocupada com o plano.

Eu reviro os olhos. *De novo essa merda, não.*

– Não é que eu não confie que você vai cuidar disso. Eu só queria saber mais. Nos últimos dez anos, fizemos essa coisa toda juntos. Confiamos um no outro a cada etapa do caminho. Somos um time. E agora, quando estamos tão perto de terminar, você está me deixando de fora. Passaram-se meses desde que Mia deveria ter sido morta. Você sequer tem mencionado o nome dela desde que comprou a Alea. Eu acho que tenho sido bastante paciente.

– Não, eu não fiz isso. – *Sim, eu fiz.*

– Então me conta.

– É uma merda que eu realmente não estou a fim de compartilhar com a minha irmã. Nada pessoal.

– Você está realmente tentando fingir que existe algo que esteja além do aceitável entre nós?

Suspiro, já esgotado por combater o meu constante desejo por Mia; a última coisa de que preciso é que minha irmã piore ainda mais as coisas.

– Você quer ouvir a porra dos detalhes, Jude? Quer mesmo ouvir? – eu pergunto, erguendo a voz.

– Sim! – ela implora, com um tom de alívio.

– Ok – eu atiro o garfo e a faca no prato. – Na noite em que fui à casa dela para matá-la, eu comi ela em vez disso, porra. Gozei nela e tudo! – Eu paro de

forma quase imperceptível esperando uma reação de repulsa de Jude, mas ela sequer se retrai. – Então, comprei a Alea, porque queria fazer dela minha puta. Eu tenho fodido ela bem no meio da Alea. Obrigando-a a chupar o meu pau, arregaçando o cu dela, degradando-a, chamando-a de puta e vagabunda. Ela adora e odeia isso. Estou lentamente sugando sua alma de seu corpo, fazendo-a apaixonar-se por mim. Eu continuo tomando mais do que dou. Aos poucos vou mostrando um pouco mais de ternura cada vez que a vejo para que ela se apaixone cegamente por mim. Para que pense que pode salvar um homem destruído. E então, quando ela estiver completamente apaixonada, quando ela só puder vislumbrar uma vida comigo em seu futuro, então direi a ela quem eu sou, e quando ela estiver chorando, quando perceber quem eu sou, lembrar-se do que fez com a gente, vou olhá-la bem nos olhos e matá-la. Então, vou destruir totalmente a Alea. – Jude endireita a coluna em seu assento, respirando devagar. Se eu não a conhecesse melhor, acharia que essas palavras simplesmente a excitaram. – Esses são os detalhes exatos do plano. Conseguir fazer com que alguém se apaixone por você tão profundamente, desse jeito tão complicado, leva muito tempo. Então, para de encher a porra do meu saco e me deixe comer o meu jantar em paz! – digo, afastando-me da mesa para que eu possa levar o meu prato para outro cômodo.

Conforme digo o meu novo plano em voz alta, meu estômago embrulha cada vez mais com a ansiedade.

Jude sorri.

– Perfeito – diz ela, impressionada com o meu *plano B*.

Capítulo 19

14 anos antes

– Então, acho que você descobriu algo bastante interessante com esse Radiohead e Tool que você sugeriu – Mia diz para mim, sorrindo.

O pensamento dessa garota alegre e bonita cantando sobre querer que as pessoas morram e sejam carregadas para o Oceano Pacífico me faz sorrir de orelha a orelha.

– Bem, talvez, apenas taaaalvez, eu poderia entender por que *Backstreet's back, alright*?

Ela me empurra de brincadeira.

– Agora eu sei que você é um mentiroso. Salgadinhos! – ela declara, derramando um monte de pacotinhos no chão de seu escritório. Já faz algumas semanas que começamos este projeto juntos, que está agendado para o final da próxima semana. Durante esse período, passamos juntos pelo menos duas noites por semana, geralmente quando seu pai está trabalhando até tarde.

Tenho a sensação de que ela não gosta de ficar em casa sozinha com a mãe porque isso a deixa triste.

Naquele tempo, aprendi que ela é sinceramente a pessoa mais incrível que já conheci. E sei que não é a sua beleza exterior que está me cegando. Na verdade, conhecê-la melhor só me fez ficar mais atraído por ela e não achei que isso fosse possível.

Ela não me trata como um esquisitão, ela não olha para os meus cabelos compridos, o rosto abatido, as roupas pretas e folgadas e as correntes e vê um "outro". Ela simplesmente faz com que me sinta confortável. Eu não me sinto tão diferente quando estamos só ela e eu. Ela é até legal o suficiente para deixar Jude fazer a lição de casa na sala de jantar quando Jude não tem mais nada para fazer enquanto trabalhamos em nosso projeto.

Acho que estou apaixonado.

Bem, tenho certeza de que estou. Tudo o que faço é pensar nela,

especialmente à noite, quando estou deitado na cama. Jude saberia dizer, ela me pega sorrindo e diz: “O que foi? Tá pensando na Miaaaaaa?, enquanto esfrega os dedos indicadores em um movimento que indica “que coisa feia!”. Meio que dói um pouco pensar nela. Acho que é por isso que chamam o amor de doença, porque você se sente enjoado e seu coração parece que pesa uma tonelada.

Ah, e eu bato muita punheta em homenagem a ela. Muita mesmo.

Sei que não tenho a menor chance com ela. Nesse escritório, nesta pequena caixa, é apenas Sil e Mia. Mas nos corredores de Clint High, ela tem um namorado que joga futebol americano, amigas gostosas e todas as outras coisas que acompanham ser bonita e querida. Mas eu tenho pensado sobre isso, e… eu vou contar para ela. Não tenho a coragem de dizer isso a ela cara a cara, mas vou escrever uma carta e dar pra ela depois da aula na próxima semana. E se houver um pingo de chance de ela gostar de mim também, então valerá a pena o potencial constrangimento.

E se não for recíproco, confio nela o suficiente para que seja gentil em relação a isso. E talvez ela até continue minha amiga depois que esse projeto estiver pronto.

– Bem, Mia, vendo como eu te iniciei na verdadeira música… Não posso tirar mais isso de você agora. Você pode ficar com o CD do Radiohead.

Seus olhos se iluminam como se eu tivesse oferecido a ela um pônei ou alguma merda desse tipo.

– Sério mesmo? Ahhh, Sil… seu bobo! – ela diz, e então me abraça. Caralho, ela me abraça. Eu tento não ficar de pau duro enquanto seus peitos se esfregam contra mim, mas meus músculos ficam travados. As pessoas não me abraçam. Somente a minha irmã, e isso é só de vez em quando.

Acho que Mia sente a tensão, porque ela se afasta rapidamente e depois me cutuca no ombro.

– Obrigada, esnobe musical.

E agora, tenho ainda mais certeza de que tenho que dizer a ela como eu me sinto.

Capítulo 20

Presente

Mia

JÁ FAZ UMA SEMANA QUE TAX VEIO à minha casa, demonstrou um pingo de humanidade e depois disse a coisa mais cruel que poderia ter me dito. Mas sei que ele está fazendo isso porque sentiu alguma coisa. Eu sei que ele está tentando fingir que me vê apenas como sua vítima. Eu sei que ele não consegue me tirar da cabeça da mesma forma que eu não consigo tirá-lo da minha e ele não consegue lidar com isso.

Então vou fingir que estou cooperando, mas ele não vai mais me ter toda entregue para ele. Vou me deitar como um peixe frio, ele pode possuir a minha vagina, o meu rabo, a minha boca, mas não terá mais nada além disso. Estou farta de ser sugada desse jeito. Se ele não quisesse mais, tudo bem. Mas eu sei que quer e, se por um lado posso deixá-lo usar meu corpo como um brinquedo, por outro não o deixarei usar minha alma ao mesmo tempo.

Então, eu marcho até a Alea assumindo uma expressão de indiferença, pronta para ser fodida pelo campeão mundial da foda. Mas estou cheia de tentar enxergar qualquer humanidade nele. Ele não quer que eu faça isso.

Talvez não haja mesmo nada dentro dele. Talvez ele realmente não tenha empatia. Talvez eu continue dizendo a mim mesma que ele é mais do que apenas um psicopata sem coração para conseguir lidar com a situação em que estou metida. Porque a realidade, que ele sente puramente um ódio contra mim, que não me vê como nada mais do que um lixo que pode usar e depois descartar, que eu fiz algo para merecer esse tratamento, que estou realmente sozinha agora, é muito mais difícil de suportar.

A Alea está trancada novamente, desta vez não há ataque-surpresa. Eu entro no escritório e ligo as luzes da sala de reuniões. Então, eu espero.

5 e 15 da manhã

5 e 25 da manhã

5 e 30 da manhã

Onde ele está, porra? Esse é mais um de seus jogos?

Minha fachada de indiferença começa a se desmanchar. Talvez ele tenha terminado conosco. Talvez ele não volte mais. Ele vai apenas me deixar uma concha vazia porque sei que jamais me sentirei com outro homem da forma como me sinto com Tax.

Talvez isso não seja uma coisa tão ruim assim.

Sou um caso perdido? É por isso que, não importa quantos encontros eu tenha, não importa quão "juntos" estejamos ou lindo o cara pareça ser, eles nunca conseguiriam manter o meu interesse? Preciso que alguém me brutalize para que eu sinta atração por ele? E isso me torna destinada a sofrer?

Eu tento imaginar o que eu gostaria de Tax. Se ele pudesse apenas me dar mais, se pudesse manter o seu lado intenso e irritado, mas mostrar-me outra coisa, eu poderia lidar com isso. Talvez eu até fosse feliz. Mas sua dureza só funciona se houver alguma outra suavidade. Uma coisa é me botar de quatro e me foder como uma vagabunda imunda; outra coisa, bem diferente, é realmente me enxergar como uma.

Eu não tenho o número de telefone de Tax. Tenho trepado com esse cara já há sete semanas, e nem tenho o seu número de telefone. Mas eu tenho o seu e-mail, então, envio-lhe uma mensagem:

Nossa reunião desta manhã foi cancelada?

Assim que envio a mensagem, começo a me enfurecer. Tudo o que Tax faz é proposital. Ele sabe que estou aqui sentada esperando por ele. De certa forma, essa descarada falta de consideração com o meu tempo me deixa ainda mais irritada do que ele me chantagear em troca de sexo. Eu poderia ter aproveitado o tempo extra para dormir. Este é apenas mais um de seus joguinhos.

Eu envio o e-mail, sem esperar uma resposta rápida, mas minha caixa de mensagens emite um ruído de recebimento de uma nova.

Estou reagendando para sexta. Cinco da manhã. Vejo você lá.

Bom, acho que agora tenho o seu número de telefone.

Teria sido bom se você tivesse me dito isso na última noite para que eu pudesse ter dormido. Mas acho que isso exigiria um mínimo de

consideração.



Minhas mais sinceras desculpas, Mia. Vejo você em alguns dias. E veja lá como fala.

Essa sua respostinha metida me dá uma raiva!

Não consigo evitar dar uma risadinha reprimida com a última frase, mas eu ainda quero matá-lo por ser tão babaca.



Chega a sexta-feira, e eu caminho pelo estacionamento. Hoje será um dia muuuuuito longo. Tiff está dando uma festa no bar, uma espécie de grande reinauguração para comemorar uma reforma importante. E festejar com Tiff significa curtir até altas horas.

Esta manhã, de maldade, eu não me produzo de forma sofisticada e sexy. Em vez disso, visto minhas calças jeans, botas e uma camiseta branca. Eu não aplico nem um tiquinho de maquiagem e prendo o meu cabelo num coque no alto da cabeça. Bem feito pra ele. Afinal, ele me deixa completamente nua 95% do tempo mesmo…

A porta da Alea está trancada. Mais uma vez, nada de ataque-surpresa enquanto procuro pelas minhas chaves. Eu entro no escritório; todas as luzes estão apagadas.

5 e 10 da manhã

5 e 20 da manhã

5 e 35 da manhã

Ele me deu bolo DE NOVO.

E eu odeio admitir isso, mas estou desapontada. E claro, também estou puta da vida.

Desta vez, mando uma mensagem de texto para ele. Não sei se o fato de ter o número de telefone dele significa alguma coisa. Mas eu gosto de pensar que, quando se trata dele, tudo tem um significado.

Estou aqui. Sozinha. De novo. Você disse sexta às 5 da manhã.

Espero uma resposta rápida, mas nada vem. Ele simplesmente não responde.

Ele terminou comigo?

Eu resisto à vontade de ligar para ele. De soar como uma namorada desesperada, mas ele sempre apareceu. Droga, da última vez que nos vimos foi duas vezes em um só dia.

Uma tristeza se abate sobre mim, quando imagino se é só isso e acabou. Ele ficou entediado comigo e passou para a próxima mulher. Há também a possibilidade de eu tê-lo afugentado quando ele veio à minha casa. De que ele tenha sentido alguma coisa, e agora está fugindo como uma porra de um covardão.

Eu *deveria* estar esfuziante com essa possibilidade.

Bem, agora é oficial: eu estou maluca, sentindo falta do cara que fez do meu tormento seu hobby pessoal.



Tax

Observei Mia sair de sua casa esta manhã. Ela estava vestindo jeans e uma camiseta. Ou ela está cansada ou está fazendo um protesto em silêncio. Mal sabe ela que eu a acho tão gostosa vestindo uma camiseta e calça jeans quanto blusa de seda e saia. Eu saio ganhando de qualquer jeito.

Tomei a decisão de não vê-la esta semana. Preciso de distância.

As suspeitas de Jude estão me afetando demais. Eu contei a ela o meu plano para calar-lhe a boca por um tempo. Isso vai funcionar, porque sempre me saio bem no que quero, e sei que ela não está interessada em ouvir mais nenhum detalhe sobre as escapulidas sexuais de seu irmão.

Mas as coisas não estão fazendo sentido para mim. Eu não sou idiota, leio as pessoas incrivelmente bem. Foi assim que consegui destruir a vida de todos os outros que destruíram a minha e, sozinho, varrer do mapa uma cidade inteira.

Mas eu não compreendo. Estou tão confuso agora quanto no momento em que fiquei sabendo da traição de Mia, catorze anos atrás.

Eu poderia estar errado? Impossível.

Ela está me cegando de novo, me fazendo de bobo como fez há muito tempo.

Eu costumava pensar nela e ver sangue, sedento por seu doloroso final. Mas agora, quando penso nela, começo a sentir… afeição. Afeição, puta que pariu.

É a boceta dela, acho que é tão boa que está me abrandando. Então, durante

esta semana, vou foder com a cabeça dela, ficar longe, me focar, e então vou voltar forte e fazer as coisas da forma certa de uma vez por todas.

Mas há um grande problema no meu plano engenhoso: estou dando *a ela* distância, mas eu próprio não estou me dando distância dela enquanto estou aqui sentado no meu carro, seguindo cada movimento seu.

Capítulo 21

Tax

Stone Temple Pilots – “Sex Type Thing”

ESTOU ESTACIONADO DO OUTRO LADO DA RUA do bar do qual a amiga de Mia, Tiff, é dona, na Water Street. Parece que está acontecendo uma grande festa, pois há uma fila excepcionalmente longa na porta, mas Mia é liberada e entra direto.

Ligo para Rex.

– E aí, Tax.

– Fala. Eu preciso que você venha ao centro da cidade.

– Claro, irmão, o que rola?

– Mia está no Cuddy e eu preciso que você fique de olho nela.

– Oh, é sempre um prazer. De todas as pessoas que você me pediu para vigiar, ela foi a mais divertida de observar.

Meu colarinho começa a me esquentar.

– Aposto que sim. Quanto tempo você vai demorar?

– Saio em cinco minutos.

– Muito bem. Mantenha o seu telefone próximo. E fique longe da Mia. Quero que mantenha apenas os *olhos* nela.

– Sempre, cara.

Desligo o meu telefone e aguardo. Tenho a sensação de que ela sabe que a estou observando, porque a roupa que ela está usando esta noite foi projetada para provocar, para me fazer querer botá-la de quatro e lembrá-la de que ela é minha.

É um vestido preto justo e de alcinhas, que termina na metade das coxas. Básico, mas desenhado para vestir perfeitamente um corpo firme como o dela sem quaisquer distrações. Dá para ver parte de seus seios, onde eles se encostam, e ela está usando uns saltos-altos vermelhos de tiras no tornozelo que puta que pariu. *Tiras no tornozelo.* Tem alguma coisa nesses troços que sempre mexe comigo – sempre.

Ela geralmente prende seus cabelos em um rabo de cavalo ou um coque, mas hoje eles estão soltos e cheios e ela parece tão… feminina pra caralho. É uma abundância de cabelos longos e lustrosos, peitos, pernas e bunda.

E aí está o meu amiguinho assanhado, sentindo falta da boceta dela. Este carinha vai me arranjar um monte de problemas, se ele não começar a se interessar por outras mulheres.

Tenho a minha própria coleção de traseiros aos quais recorrer. Essas mulheres são incrivelmente atraentes e dispostas a fazer sacanagem a qualquer hora. Elas não fazem perguntas, compreendem que não há a menor chance de terem algo mais de mim além de uma grande trepada. Mas, sempre que eu fico com tesão, o que acontece praticamente o tempo todo, olho para a lista de contatos no meu telefone e o que me dá é essa sensação que as mulheres comentam que têm quando olham para um armário cheio de roupas e não têm nada para vestir.

Meu pau continua sussurrando: “A boceta de Mia. A boceta de Mia, por favor”.

Achei que, dando a ela o meu número de telefone, ela poderia se rebaixar e me ligar ou me enviar uma mensagem de texto mais de uma vez. Mas eu tenho que dar crédito a ela. Ela está se atendo às suas convicções. Eu não tenho notícia dela desde aquela única mensagem de texto esta manhã.

Eu sequer me dou conta de que passei os últimos vinte minutos pensando em Mia até o telefone tocar.

– Oi, Rex.

– Fala, irmão, estou no bar. Está bombando esta noite, mas eu estou vendo ela. Ela ficou com Tiff por um tempo, mas Tiff está em toda parte trabalhando. Parece que um cara está tentando chegar na Mia. Parece também uma porra de um imbecil total.

Fogo. Sinto como se a porra do meu peito estivesse em chamas.

– Especifique “tentando chegar”.

– Bem, ela está do lado de uma dessas mesas altas, e parece que ele pagou uma bebida para ela. Não sei dizer se ela está na dele ou não. Ah, espera, ele acabou de colocar o braço em volta da cintura dela, mas ela meio que se afastou para o lado.

Mandou bem, garota. Isso ainda não significa que eu não queira quebrar a mão dele, todas as cinco porras de falanges.

– Então, agora ele está sussurrando alguma coisa no ouvido dela. E ela só riu.

Calor. Lava. Nas minhas veias.

– Parece que ele está implorando para ela. Está literalmente juntando as mãos como se fizesse uma oração e ela está sorrindo… eeeee ela está indo para a pista de dança com ele. Ele está atrás dela…

Eu já estou atravessando a rua e indo para o bar antes mesmo de ele terminar a

frase.

– Estou chegando.

– Oh, merda – diz Rex. Ele me conhece bem o suficiente para saber o que vai acontecer a seguir.

Eu entro direto. Embora eu não vá ao bar da Tiff por razões óbvias, qualquer leão de chácara que conheça algo dessa maldita cidade sabe que não deve me deter.

É como se eu tivesse um radar para a boceta de Mia, porque no meio da multidão escura e agitada eu a localizo, esfregando o rabo do qual sou dono contra a virilha do otário.



Mia

Não há a menor chance de esse cara ir para casa comigo, e eu deixei isso muito claro. Mas ele me pagou uma bebida e me implorou por uma dança, então vou me divertir com ele. Ele parece legal o bastante. Droga, não estou em um relacionamento, pelo menos não em algo que possa ser considerado como tal por quaisquer padrões normais.

Vou me divertir esta noite, do modo como qualquer mulher americana normal faria, porque estou tão cansada de me sentir em conflito. Tax me abandonou, e eu realmente deveria estar empolgada com isso. Eu mandei goela abaixo duas doses de Jager antes de dirigir-me à pista de dança com esse cara. Ele é bonitinho, mas meio cafajeste. Também estou pouco me lixando para a companhia. Tiff está muito ocupada esta noite, então é bom ter pessoas com quem socializar.

Eu começo balançando os meus quadris alegremente e o cara desliza atrás de mim, movendo os seus em sincronia com os meus e se esfregando na minha bunda. Ele está testando os seus limites, mas é esperto em relação a isso. Vou deixá-lo se esfregar por enquanto. Se eu sentir qualquer cutucada, vamos mudar para a posição cara a cara.

Eu olho para a enorme multidão e sorrio. Estou tão feliz por Tiff. O bar parece maravilhoso. Ela queria fazer uma reforma desde que herdou o Cuddy, alguns anos atrás. Ele ainda tem um “quê” caseiro, o tipo de lugar aonde você vai para curtir com os amigos depois de um dia de trabalho, mas pode rapidamente tornar-se um local de fim de semana mais moderno, com uma iluminação

criativa.

E essa é a *vibe* que está rolando agora: está escuro, há iluminação de discoteca e a pista de dança está cheia.

A multidão é como um único organismo vivo: balançando, pulando. Eu mal consigo distinguir uma pessoa da outra. Mas, então, quando olho para longe, vejo um colírio para os olhos: ele está usando um terno preto perfeitamente talhado com uma camisa branca e sem gravata, seus ombros são largos, e meus olhos viajam até o seu maxilar masculino, seu bronzeado impecável, seu cabelo raspado dos lados e longo no alto e sua… tatuagem no pescoço?

Ah, merda.

Após o milissegundo necessário para eu me dar conta de que Tax está no clube, percebo-o caminhando diretamente na minha direção. Suas narinas dilatadas como as de um touro furioso. Ele é imenso e intenso e me assusta pra cacete vê-lo fora da minha casa ou do prédio de escritórios. Até este ponto, é quase como se ele não tivesse sido real porque ninguém mais o via.

Mas ele é real. Puta merda, definitivamente ele é real.

Seus olhos estão negros como carvão, e eu me preocupo com o cara que está enroscando os seus quadris contra mim. Mas Tax chega à minha frente rápido demais para que eu possa afastá-lo.

– Vamos embora – ruge Tax. *A calma antes da explosão.*

– Não. Estou aqui pela minha amiga – eu protesto.

– Então você está aqui por uma amiga, mas você virá comigo.

– Porra, meu camarada, relaxa aí – solta o cara.

Meu camarada, isso foi uma coisa idiota de se fazer.

Se raios laser realmente pudessem ser disparados dos olhos, Tax teria incinerado o cara no instante em que olhou para ele.

– Se afasta, caralho – adverte Tax.

– Vai se fod…

Eeee Tax o golpeia com um soco perfeitamente direcionado ao seu nariz. Ele puxa o cara de volta e bate o seu rosto contra a mesa, fazendo os copos sobre ela pularem, e torce o braço do cara atrás de suas costas. O sangue escorre pelo nariz e sobre o tampo da mesa.

– Escute aqui… – ele puxa a carteira do cara –, Paul? Cai fora daqui e vá direto para casa. Você não faz ideia com quem está mexendo.

– Meu pai é advogado! – diz ele. Eu sabia que ele era um canalha.

– Cai fora daqui, porra – insiste Tax, empurrando-o na direção dos leões de chácara.

Aparentemente, os seguranças conhecem Tax, porque eles arrastam o pobre infeliz para fora e a ele próprio deixam em paz. Um carinha com cabelos espetados e trajando uma jaqueta de couro preta aproxima-se de Tax, que assente e diz algo de volta. Então, o cara de cabelos espetados segue os leões de chácara e o tal do Paul.

– Tax, você ficou maluco, caramba! – eu grito. Eu deveria tentar esse negócio de encontrá-lo em público com mais frequência, pois isso me deixa muito mais corajosa. – Ele não estava fazendo nada de errado.

– Eu é que decido quem está fazendo o que comigo. Não se preocupe, meu amigo está se certificando de que ele vá para a casa direitinho sem envolver nenhum policial nisso.

– Está tudo bem? – Tiff se aproxima. – Eu não esperava vê-la no centro do rolo e… opa, olá… – ela diz, logo reparando no cara absurdamente lindo, alto e tatuado que está ao meu lado.

Ela me lança um olhar significativo. *Puta merda. Dois mundos em colisão. Isso não pode ser bom.*

– Hummm, esse é o Tax, meu *amigo. – Meu parceiro de foda em série.* –Tax, esta é a minha amiga, Tiff.

Eu não uso a expressão *melhor amiga* porque estou certa de que ele é alguma espécie de sociopata e não quero que ele saiba o quanto ela é importante para mim. Tão rápido quanto, percebo que ele provavelmente já sabe quem é a Tiff porque ele é um perseguidor psicótico imbuído de alguma vingança pessoal para me foder até a morte.

– Prazer em conhecê-la – diz ele. – Perdoe-me a comoção. Cubra uma rodada a todos por conta da casa. – Ele entrega seu cartão de crédito a ela.

Ela olha ao redor do espaço.

– Sério mesmo?

– Faça o estrago – desafia ele.

– Tá beeeeem – diz ela, afastando-se. Então, ela se vira bruscamente para mim e se curva para a minha orelha. – Sua safadinha, precisamos conversar, e ele é GOSTOSO pra caralho.

Esta é uma reviravolta nos eventos terrível, simplesmente terrível. Ele está se afastando do espaço na minha vida onde apenas ele habitava e agora está se infiltrando em outros espaços. Tudo isso só deu certo até agora porque era uma coisa de terça às cinco da manhã, mas esse acordo maluco não pode funcionar se ele começar a se misturar com o restante do meu mundo.

Assim que Tiff está longe o bastante para não poder ouvir, eu grito:

– O que você está fazendo aqui?

– Você não pode ver mais ninguém. Pensei que isso tivesse ficado bem claro.

– Ver? Você está insinuando que nós nos "vemos". Nós não nos vemos, você me tem como bem quiser e depois me lembra do quanto não se importa. Você me deu bolo duas vezes esta semana. Você sequer se incomodou em me responder hoje. Não se lembra? De você só estar me usando? Você não se importa com o que eu sinto.

– Não se trata de sentimentos.

– Tem exatamente tudo a ver com sentimentos. O que acabou de acontecer agora há pouco? Isso é ciúme. Isso é um sentimento. Você pode mentir para si mesmo e dizer que não sente nada por mim, mas, se você não se importasse, não estaria aqui. Se você não se importasse, não teria ido até a minha casa! Você é tão babaca! – eu berro.

– Basta – ele diz com sua estrondosa voz grave. – Vamos.

– Não posso ir embora, este é o evento da minha amiga. Ela é importante para mim.

– Não estamos indo embora, estamos indo tomar um pouco de ar.

Ele pega na minha mão, e é uma sensação com a qual não estou familiarizada. Estou acostumada a ser arrastada, empurrada, puxada, mas não levada pela mão. E em vez de me puxar para a frente, ele me conduz pelos corredores que levam à parte de trás do bar e para o beco nos fundos.

Está vazio, exceto por um contêiner de lixo e algumas vozes distantes que ecoam da rua principal.

– O que você qu… – Antes que eu possa fazer a pergunta, seus lábios estão colidindo violentamente contra os meus.

Ele permitiu que eu o beijasse, e somente uma vez antes, na verdade, mas ele nunca havia começado um beijo. E isso não é apenas um beijo, é um *beijo*, com "b" maiúsculo. Está repleto de uma variedade de emoções humanas, me transmite uma mensagem sem proferir uma única palavra. Ele sente algo por mim. Talvez ele não consiga expressar, talvez não entenda isso, mas ele sente. E essa é a única maneira que ele conhece de me dizer o que sente sem ter de usar palavras.

Ele me pressiona contra a parede de tijolos do exterior do edifício. A parede raspa nas minhas costas nuas, o arranhão contrastando com a suavidade dos lábios dele. Estamos protegidos da rua principal por uma lixeira a cerca de seis metros de distância, mas isso não nos poupa da possibilidade de um empregado do clube ou um transeunte aleatório cruzar conosco.

E eu não me importo. Na verdade, meio que gosto da ideia.

Tax puxa minha roupa acima da minha cintura, deslizando a mão entre as minhas pernas.

– Sem calcinha – ele grunhe.

– Eu acho que no fundo era o que eu desejava, que talvez você pudesse vir – eu admito.

– Você é uma perfeita putinha, mas você é *minha* puta, caralho – ele diz, empurrando-me para baixo em uma posição de agachamento total e puxando para fora sua ereção dura como pedra, reprimida por conta de sua própria teimosia.

– Isso significa que nenhuma porra de outro homem toca você, senão eu. Cuspa no meu pau. Eu quero ouvir – ele ordena. Eu sigo suas ordens juntando cuspe na boca e cuspindo na cabeça de seu pau, depois usando minha mão para alisar a umidade para cima e para baixo por toda a sua extensão. Ele bate com a mão contra a parede atrás de mim e joga a cabeça para trás sem qualquer preocupação, enquanto eu o levo até a parte de trás da minha garganta, engasgando com ele.

Eu alcanço um ritmo constante sincronizando a mão e a boca, deslizando-a para cima e para baixo. Seus gemidos me estimulam a lutar contra a dor no meu maxilar de chupar a grossura de seu cacete.

Ele cresce ainda mais dentro da minha boca, mas, antes que eu possa engoli-lo por completo, ele me levanta, me bate contra a parede e põe uma das minhas pernas ao redor dele.

Alguém sai da cozinha para o beco com a intenção de fumar.

– Volte para dentro! – A voz de Tax ribomba. Eu observo a sombra da pessoa pular e correr de volta para o prédio.

Eu rio, e então ele ri quando eu rio. É uma visão tão rara e bonita. O brilho de seu sorriso suplanta a sombra da escuridão em seus olhos.

Ele empurra seu pau úmido em mim e eu arquejo com cuidado enquanto sua pica curvada pousa diretamente no meu ponto G.

– Tax, me fode – eu imploro. Ele já está me fodendo, mas eu quero mais. Quero que ele me machuque, quero que o meu corpo reflita minha mente com sentimentos conflitantes de dor e prazer.

– Mia… Mia, você é tão maravilhosa – ele murmura tão baixo que eu quase não o ouço. Ele fala isso como se estivesse arrependido por se sentir assim. – Eu odeio você… eu te odeio pra caralho – ele resmunga com uma voz muito mais clara.

– Odiar também é um sentimento – eu sussurro através de um gemido.

– Eu não quero sentir mais nada nunca mais.

– Sinta a si mesmo dentro de mim – eu suplico. – Isso é tudo o que você precisa sentir neste momento.

– Você me arruinou – ele ruge, penetrando vigorosamente, rosnando para mim.

– Você me arruinou – respondo.

Ele mostra os dentes enquanto pressiona sua enorme mão ao redor da minha garganta, apertando-a, diminuindo lentamente a entrada do meu ar. Ele me olha bem nos olhos e eu o encaro de volta, assim como ele me treinou para fazer.

Eu me contraio em torno de seu pau enquanto seu membro me apunhala, uma arma que ele usa para me machucar que é muito superior a qualquer faca ou revólver. Ele aplica a pressão certa apenas para que eu, caso force a respiração, possa obter ar suficiente para ficar consciente.

A batida abafada da música do clube, o burburinho dos clientes na rua, o constante gotejar de um tubo de drenagem do lado oposto do beco, tudo isso desaparece por trás do som da minha respiração intensa.

E gozo em volta dele, agarrando freneticamente seus cabelos, seu paletó, o cós de suas calças, enquanto minha visão fica branca durante um milésimo de segundo. Eu o ouço chamar meu nome no meu pescoço, mas ele soa distante, como se estivesse em algum lugar bem longe. Mais uma vez, meus sentidos estão amortecidos como se eu estivesse debaixo d’água. É como se os meus orgasmos com ele fossem traumáticos e meu corpo se desligasse para lidar com eles.

Enterro os meus dedos no tecido de seu terno e aperto, com medo desse sentimento, como se algo dentro de mim tivesse desmoronado. Medo de que ele simplesmente me abandone neste beco, usada e sozinha.

Mas ele não se afasta, ele não tira as minhas mãos dele. Ele permanece ali por alguns segundos extras. E então retira um lenço de bolso novinho em folha de seu paletó, sai de dentro de mim e me limpa entre as pernas.

– Isso deve bastar. Quero que você mantenha minha porra dentro de você a noite toda.

Eu concordo com a cabeça em silêncio, enquanto me localizo. Empurro o meu vestido para baixo e aliso os meus cabelos, esperando que ele me insulte, para deixar claro que sou um lixo, que não significo nada, que isso não significa nada.

– Tudo bem, agora vamos pra porra do rolê – diz ele.

Capítulo 22

Mia

Garbage – “#1 Crush”

TAX ME PEGA PELA MÃO E ME LEVA de volta pelos corredores e tumulto do bar. Fico surpresa por ver Tiff na mesinha alta na qual eu estava mais cedo, conversando com o cara de cabelo espetado que estava falando com Tax antes.

Ela nos vê entrando, sorri e acena para nós.

– Mia, você deixou sua bolsa aqui. O que deu em você? – ela pergunta brincando. *Está mais para “pra quem você deu?”*.

Eu ainda estou atordoada, e a música alta e a iluminação do clube não estão ajudando, então apenas sorrio e meus olhos se dirigem para o cara com quem ela está.

– Presumo que vocês dois já se conheçam – diz ela. É o que seria mesmo de se pensar, já que conheço Tax, só que não sei nada sobre Tax, que dirá sobre os conhecidos dele.

Antes que eu possa dizer qualquer coisa, Tax diz:

– Este é o meu irmão, Rex.

Irmão? Eles não se parecem nem um pouco. Rex tem olhos verdes e também é sarado, mas bem mais baixo, talvez 1,75 m, por aí. Seu cabelo é tingido de preto, entretanto, ele é bem claro, com sardas, como se ele pudesse ser ruivo por baixo da tinta.

– Irmãos por adoção – complementa Rex, percebendo a minha confusão. – É por isso que eu não sou tão forte quanto ele. – Ele dá uma piscadinha.

– Vocês dois se conhecem? – pergunto a Rex e Tiff.

– Oh, sim! Ele vem aqui o tempo todo. Nós nos conhecemos há anos. Talvez você deva parar de desenhar vibradores e festejar onde estão as pirocas de verdade – diz ela. Rex explode numa gargalhada e Tax dá um sorrisinho malicioso.

Mas eu estremeço um pouco. Tax tem um amigo que conhece a minha amiga. Isso é só coincidência ou, como tudo o que ele faz, algo calculado?

– E aí, irmãozinhoooo! Você é o cara – um homem bêbado diz, aproximando-se e apontando para Tax, que obviamente não está entusiasmado com a atenção.

– Você arrebenta, cara! – outro diz.

Tax se inclina sobre a mesa em direção a Tiff.

– Você podia ter passado sem essa de contar às pessoas quem pagou as bebidas.

– Cara fodão da porra!

– Ah, não, você vai receber o crédito por isso – diz ela, inclinando-se com uma piscadela. Ela o acha um tesão. Quem não acha? Mas eu sei que é só o jeito dela de ser, ela não está tentando tirá-lo de mim nem nada. – Então… – Tiff aponta a cerveja na mão em minha direção. – Mia está tãããão encrencada comigo… Ela nunca mencionou um cara chamado Tax. Pensei que contássemos tudo uma para a outra.

– Eu me pergunto por quê… – Tax se admira em voz alta. *Que filho da mãe*.

– Não é nada de mais – digo, passando dos limites enquanto tento minimizar nosso "relacionamento".

– Nada de mais? – Rex diz, me provocando de brincadeira.

– Mia, ele está aqui! Que crueldade! – Tiff diz.

Isso é inacreditável. *Eu é que sou cruel*. Como ele faz isso? Como ele fica ali parado, não faz nada e me faz parecer uma idiota?

– Eu não quis dizer isso! Quero dizer, é recente. E eu estou simplesmente tentando manter as coisas particulares.

– Bem, então, tá – diz Tiff. – Então… já que agora não é mais particular, como vocês se conheceram?

Uma rodada de doses de bebida vem à mesa. Eu congelo. Não estava preparada para isso. A mão de Tax repousa na parte inferior das minhas costas. Acho que em parte é para me confortar, em parte tipo "*cala a porra da boca que essa eu respondo*".

– Eu comprei a Alea, mas não quero aparecer à frente dos negócios. Então, trabalho com Mia, enquanto ela dirige a empresa.

Os olhos de Tiff se arregalam.

– Oooooh, agora entendi. Particular por causa de todo esse lance do trabalho!

– Sim! – digo, agradecida por todo esse rolo ter sido colocado em termos muito melhores do que eu poderia imaginar.

– Bem, Tax, seja bom para a minha amiga. Ela é a melhor pessoa do mundo.

– Ah, para com isso… – respondo, sabendo que já é tarde demais para esse tipo de pedido.

– Ela é única – diz ele, esfregando as minhas costas com a mão e me tornando ainda mais tensa. Essa afirmação é tão carregada… E esse toque sem intenção

sexual está me confundindo ainda mais.

– Então, o que você faz, Tax? Além de comprar empresas de vibradores?

– Ei – intervenho –, são dispositivos íntimos para o prazer feminino.

– Eles são incríveis, é o que são – diz Tiff. Ela volta sua atenção para Tax. Sinto tanta inveja por ela poder lhe fazer as perguntas que não tenho permissão de fazer, mas pretendo aproveitar ao máximo sua xeretice.

– Bem, eu faço muitas aplicações de risco, compro ações, tudo muito sem graça. Raramente faço aquisições a menos que veja algo que eu realmente queira, algo que tenha muito potencial.

Sua mão ainda está nas minhas costas, fazendo minha espinha formigar.

– Eu sei que soa como se eu estivesse fazendo propaganda da minha amiga aqui, mas o melhor que você faz é conservá-la na empresa. Ela ama a Alea e ninguém irá trabalhar mais duro do que ela.

– O posto dela na Alea é dela pelo tempo que ela quiser. Com ela no leme, sinto que o negócio está em boas mãos. Todo mundo sempre tem elogios a tecer sobre Mia – diz Tax. – E estou inclinado a acreditar neles.

Ok, ele está falando comigo indiretamente? Como se estivesse tentando se aproximar de mim, ou é tudo mentira?

Todos nós tomamos uma rodada juntos, e depois mais outra. Fico empolgada e ao mesmo tempo aterrorizada com a possibilidade de descobrir como Tax fica quando embriagado.

– Então, Rex, você trabalha com Tax? – pergunto.

Tax me dá uma olhada pelo canto do olho.

– Eu? Sim. Faço pesquisa, tecnologia, sou tipo pau pra toda obra – ele responde com seu sorriso juvenil. Ele é bonito. Algo me diz que Tiff já se envolveu com ele.

– Venha dançar comigo, Mia – fala Tiff.

– Hum, tudo bem. – Não sei por que sinto que preciso da aprovação de Tax, mas preciso.

– Ela está em boas mãos, Tax. Por favor, não tente matar outro cliente meu! – ela implora, já bêbada.

– Vá em frente, vou ficar aqui com o Rex. – Tax se inclina para a minha orelha, desliza as mãos para baixo e agarra a minha bunda, metendo um dedo perto da minha boceta e apertando.

– Não esqueça: minha.

Tiff coloca os antebraços nos meus ombros, puxando-me para perto enquanto dançamos.

– Caramba, Mia, o que que é isso? Ele é maravilhoso!

– Eu sei… – lamento.

– Menina, e aquela tatuagem de pescoço debaixo do terno!

– Eu sei… – gemo.

– Eu sei que vocês dois acabaram de trepar no beco. – Ela me dá uma piscadela. – Julio quase se cagou quando foi lá para fumar.

– Ah, merda – respondo, baixando a cabeça de vergonha.

– Não… isso é ótimo! É disso que você precisa. É disso que estávamos falando! Você precisa de alguém que seja forte o suficiente para você. Ninguém nunca manteve o seu interesse. Você precisa desse cara, para desafiá-la. Alguém que a mantenha concentrada. Você nunca precisou de um homem para definir você, mas é bom ter alguém em quem possa se apoiar e ser vulnerável com ele. Você é uma mulher forte e bem-sucedida, mas, às vezes, é bom ter alguém igualmente forte com você.

Não é exatamente assim que eu descreveria a nossa dinâmica. Eu não me sinto nem um pouco forte perto de Tax. Desde o primeiro momento em que nos encontramos, ele desmantelou minha personalidade independente e forte e me reduziu a uma coisa lastimável e chorona.

– De qualquer forma, temos que colocar a conversa em dia. Você anda sumida, parece um fantasma. Tive medo que você nem aparecesse hoje à noite.

– Você sabe que eu nunca a deixaria na mão!

– Eu sei, eu sei. Mas essa nova posição na Alea está deixando você realmente ocupada, não se esqueça de viver.

Oh, tenho vivido o bastante para uma vida inteira.

Claro que eu tenho evitado Tiff, mas não é por causa do trabalho, é porque tenho medo de que, se ficar a sós com ela, vá explodir. Confio em Tiff para tudo, mas esse segredo é uma coisa monstruosa. O que tenho sofrido é vil. E o que é ainda mais vil é a forma como me permito desfrutar disso. O que ela pensaria de mim? Ela nunca me julgou e eu nunca a julguei. Tiff vive uma vida louca: longas noitadas, dormindo até uma da tarde todos os dias, múltiplos parceiros (às vezes, ao mesmo tempo). Eu me sentei na sala de espera enquanto ela fazia um aborto. Ela chorou no meu colo quando Blake, o único cara que ela já amou, deixou-a e discuti com ela quando ela o aceitou de volta. Nós já passamos por muita coisa juntas e nos amamos incondicionalmente e sem julgamento. Mas esta situação é diferente. Estou de bom grado me sujeitando a pagar uma dívida fantasma. Nem sei pelo que Tax quer me fazer pagar. Toda semana pergunto e recebo a mesma resposta mentirosa. Chegou ao ponto que minha curiosidade está começando a

chatear, porque já não importa mais. Ele está aqui agora, e quaisquer que sejam as razões, ele já marcou a minha vida.

Um garçom nos traz algumas doses e engulo com prazer a coragem líquida. Voltamos para a mesa. onde há outra rodada de bebida. O álcool está começando a me subir. Beber me torna tagarela e sensível. Oh, e excitada. E há um cara alto e musculoso com uma tatuagem no pescoço e cabelos e lábios perfeitos, e ele tem um cheiro muito gostoso, e tudo o que quero fazer é colocar minhas mãos nele.

Começo a sentir a música e a me balançar no ritmo. Eu me viro para encarar Tax e puxo-o para olhar para mim, pondo meus braços ao redor do pescoço dele. Enquanto comprimo os quadris contra ele, suas mãos deslizam para a minha bunda e ele morde o lábio inferior interno.

– Dança comigo – eu imploro.

– Eu não danço, querida. – *Querida?*

Faço beicinho e ele sorri debilmente, mas não se move. Esta pode ser uma área em que implorar não funciona com ele.

A bizarrice de tudo isso não me escapa, mas, estando no mundo real e, talvez, com a ajuda do álcool, quase me esqueço das circunstâncias que nos trouxeram até aqui. No mínimo, posso ignorá-las.

– Você pode dançar *em cima de mim*, se quiser – ele diz. Essa é uma pequena concessão, mas para Tax é como se ele fosse a ONU agora.

– Aceito o que posso conseguir – digo, afastando-o da mesa e empurrando-o para uma parede.

Eu me viro e esfrego a bunda em sua virilha, serpenteando, roçando, ficando tão perto do sexo com ele quanto é possível, estando vestida.

Viro de volta e olho nos olhos dele: estão nublados, ele está sentindo o efeito do álcool também. Talvez eu possa passar por ele, talvez suas defesas tenham enfraquecido. Ora, o fato de ele estar aqui, agora, assim, é claro que já enfraqueceram.

Serpenteio meus quadris com força, minha coluna arqueada e crescendo como uma onda, enquanto corro minhas mãos debaixo do paletó e até o tecido branco e engomado de sua camisa. Os montes firmes de seus músculos abdominais debaixo dos meus dedos incitam minha cobiça. Olho para ele da mesma forma como ele me encara: com fome. E ele olha para mim com olhos enevoados e um sorriso satisfeito, enquanto me esfrego contra ele e seu membro duro pressionado contra mim.

Sorrio e giro sem tirar os olhos dele, roçando as minhas costas contra seus

músculos abdominais, e baixando, empinando a minha bunda, jogando os meus cabelos e dirigindo minha bunda pela extensão de sua perna, enquanto mordo meu lábio inferior. Meu corpo parece que está em chamas e ele é um rio de água gelada.

Viro novamente para encará-lo e levanto o meu vestido até um pouco abaixo da minha bunda, enquanto monto uma de suas pernas. Seus olhos estão fixos nos meus, como se estivéssemos só nós dois neste clube lotado. Eu monto sua coxa, esfregando minha boceta nua contra ele, enquanto lambo meus lábios e passo a mão pelo meu cabelo.

Pressiono meu peito contra a firmeza de seu torso, meus mamilos endurecendo-se ao contato.

– Por favor, dance comigo – imploro com um gemidinho.

A mão dele atravessa meus cabelos, a outra agarra minha bunda e me puxa para cima e contra a sua coxa, aplicando mais pressão contra ele.

Tijolo por tijolo.

E nos movemos em sincronia: esfregação lenta e ritmada. Olhos nos olhos. Pálpebras apenas entreabertas. O suor escorrendo. Gemidos baixos desaparecendo no ar. A música ensurdecedora afoga os sentimentos conflitantes que permanecem. Ele puxa os meus cabelos e estende meu pescoço, passando os dentes contra o meu queixo, a ponta da língua despertando as sensíveis terminações nervosas. Sua mão aperta minha bunda meio exposta, e tudo se acende. Meus mamilos e clitóris, uma parceria de excitação, tensos em êxtase, enquanto eles esfregam o homem que me incendeia. Ele também é a única pessoa que pode me brochar.

Meus gemidos se elevam mais, porém, são afogados na segurança da música. E, da mesma forma que as luzes piscando no clube, fico ardendo com energia pulsante, jogando minha cabeça para trás, arqueando minha coluna enquanto ele me apoia, enquanto me deixa usar seu corpo, seu cheiro, seu gosto, sua energia masculina irresistível para apagar o incêndio que ele provoca dentro de mim.

Desabo sobre ele, segurando sua camisa, absorvendo o seu cheiro, o calor de seu peito largo, completamente perdida na experiência sensorial que é Tax Draconi. Eu sorrio enquanto afundo o meu rosto no peito dele, afogando ali a mistura de álcool e luxúria.

Tax acaricia o meu cabelo e desliza a mão para a curva da parte inferior das minhas costas. Olho para ele com hesitação, com medo de que, a qualquer momento, isso tudo acabe e ele erga de volta o muro que consegui desmoronar agora.

Seus olhos estão carregados, porém, com desejo, não com ódio desta vez. Eles quase que sorriem para mim.

– O que você me diz de darmos o fora daqui? – ele pergunta, mostrando um toque generoso de seu incrível sorriso.



Tax

Radiohead – “Paranoid Android”
Radiohead – “Karma Police”

– Acho que o senhor está um pouco alto, senhor Tax – diz Mia, tropeçando na escuridão de sua casa.

Eu estou, mas não vou deixar que ela saiba disso. Ela tira os sapatos com um chute e cai no chão a alguns centímetros deles. Bem ao seu estilo, Mia imediatamente se dirige para o seu mixuruca aparelho de som cor-de-rosa e prata. Eu sei o quanto ela ganha, e que pode muito bem pagar por uma porra de estéreo moderno.

– Você quer água? – pergunta ela, andando ao acaso na cozinha. Ela está tão feliz porque estou aqui… Este merda que deixou inúmeras histórias de devastação em seu rastro. Ela pensa que está segura comigo. Ela confia em mim. Nenhuma mulher deixa você entrar em sua casa se estiver bêbada, a menos que confie em você.

– Estou bem – respondo, vasculhando com os olhos sua sala de estar. Não sei por que faço isso, nunca faço isso em nenhum outro lugar, mas acho que é porque estou procurando por pistas. Por alguma explicação sobre como ela pode ser a pessoa que eu sei que ela é. Uma pessoa que é cruel e que brinca com emoções, mas não há nada. Tudo o que vejo é alguém que quer aprovação, que quer que eu me importe com ela, que tenta encontrar o bem em mim. Ela enfrenta a minha raiva com uma arma mais poderosa: aceitação.

Se ela pode achar isso em si mesma para ser gentil comigo agora, como ela poderia ser a mesma pessoa que há anos respondeu amor com crueldade?

Não sei o que aconteceu no clube. Eu sinceramente não tenho nenhuma explicação para aquilo. Não quero que outro homem a toque, com certeza. Mas eu poderia ter parado nisso, e não o fiz. Continuo a repetir para mim mesmo que *isso faz parte de fazê-la se apaixonar por mim,* mas estou começando a pensar

que esse tipo de coisa acontece nos dois sentidos. Esta noite, não estávamos presos em um quarto, seguindo algumas regras, estávamos no mundo real, apenas Tax e Mia. Santo Deus, estava muito divertido. *Ela* é muito divertida. Já é difícil manter o curso sóbrio, com álcool nas veias então, as coisas tomaram um rumo inesperado.

Beijá-la foi a coisa mais estúpida que fiz até agora. Sim, deixei-a beijar-me no meio de umas fodas excitadas, mas nunca comecei. Sempre ficou claro que eu estava fazendo um favor a ela, que eu nunca quis nem precisava disso. Ficar longe por mais de uma semana foi um tiro que saiu pela culatra. Só me fez desejá-la em todos os sentidos, não consegui evitar, queria tomar cada centímetro dela, inclusive seus lábios deliciosos.

– Não estamos em 1999, Mia – digo, referindo-me aos Backstreet Boys, que tocam no seu CD player.

– Não, mas lembro-me de como você ficou feliz em ver esse álbum na minha pilha de CDs, então pensei em tocá-lo para você.

Ela vem gingando para mim.

– Tire o seu paletó, fique confortável! – Mia Tibbett: a bêbada mais boba do mundo.

Deslizo fora o meu paletó e largo-o no sofá. Permaneço de pé, pois esta noite tomou rumos tão diferentes que não posso ficar muito confortável na casa dela.

Ela começa a dançar. Sim, aparentemente ela dança ao som dessa porcaria na presença de outros em sua casa, não apenas quando ela está sozinha. Ela nem percebeu que, da última vez em que dançou sozinha em casa, esteve potencialmente a poucos minutos de uma morte horrível em minhas mãos.

– Opa! – ela diz, enquanto derrama água sobre mim. – Sinto muito!

– Não se preocupe, vou enviar-lhe a conta da limpeza a seco. Água não foi a única coisa que você espalhou nas minhas calças hoje – respondo, lembrando de nossos corpos, quentes e suados, esfregando-se no clube. E seu corpo frágil em meus braços enquanto tremia sobre a minha coxa. *Porra, que tesão.*

Ela olha para baixo, tímida.

– Desculpe – diz ela.

– Eu estava brincando, Mia.

– Eu sei – ela diz, colocando o copo de água no balcão da cozinha. – Dance comigo – ela implora, fazendo o passo de dança do “homem correndo”.

– Já disse que não danço – respondo, parado imóvel com as mãos nos bolsos em frente ao seu corpo balançante.

– E o que acabamos de fazer no clube? – pergunta ela.

– Aquilo não foi dançar, querida.

As faces dela coram forte.

Porra. Merda. Continuo chamando-a disso. Simplesmente escapa da minha boca. Sinto-me possessivo com ela, beirando a protetor. Essa não é a mentalidade que eu deveria ter com alguém que eu preciso matar.

– Ora, vamos, como é que se diz? Dance como se ninguém estivesse olhando? Eu sou "ninguém" para você, certo?

Suas palavras me golpeiam inesperadamente. Porque dá para ver que ela não está falando isso só para me apaziguar. Ela realmente acredita nisso. Eu consegui fazê-la acreditar que ela não tem valor para mim. E esse era o ponto fundamental de tudo isso, mas parece-me errado.

– Você não é "ninguém". – Mia não é nada, ela é tudo o que penso. E por muito tempo isso foi verdade da pior forma possível. Sonhei por anos terminar sua vida brutalmente. Os outros tiveram mortes em sua maioria pacíficas ou rápidas, mas com ela eu queria que ela soubesse, entendesse, quando morresse aterrorizada.

Mas agora ela está se tornando outra coisa para mim. E continuo lutando, continuo tentando me convencer de que tudo o que sinto por ela é amargura e vingança, mas estou mentindo para mim. Então, preciso acabar com ela em breve, ou começar a pensar num plano C. Porque realmente estou começando a gostar da ideia de manter Mia viva, e isso está me assustando.

Ela não diz nada. Passo por ela, pego o antigo CD do Radiohead, em sua caixa original quebrada, e deslizo-o no aparelho de som. Desta vez, ponho para tocar "Paranoid Android".

Mia está certa, estou embriagado, e de fato estou a fim de dançar. Apenas com ela.

Ando até ela para envolver meus braços em torno de sua cintura esguia. Seus olhos sorriem a esse pequenino gesto meu. Dou-lhe tão pouco que apenas concordar com isso faz com que ela sinta que está obtendo uma espécie de vitória.

– Esta velha música me faz lembrar da minha cidade natal – diz ela, apoiando as mãos nos meus ombros.

– Onde fica?

– Acho que você sabe, Tax. Você sabe tudo sobre mim – diz ela, arqueando uma sobrancelha.

– Refresque a minha memória – respondo, deslizando lado a lado com ela.

– É uma cidade pequena em Iowa chamada Clint. Bem, era. A fábrica

principal de lá fechou há uns dois anos e ela praticamente se transformou em uma cidade fantasma. Eu herdei a casa do meu pai quando ele morreu, mas agora ela já não vale nada. Não estou brincando. A cidade só tem invasores ou pessoas orgulhosas que se recusam a sair. O lugar está uma bagunça. Lojas fechadas com tábuas. Casas desmoronando com gramados tomados pelo mato. – *Como se eu não soubesse*.

– Você sente falta?

– Sinceramente? Não. Nunca senti como se eu pertencesse àquele lugar. As pessoas eram muito críticas e enxeridas. Saí e nunca mais voltei. Se eu voltasse e dissesse a eles que trabalho em uma fábrica de brinquedos sexuais… – ela ri. Ela tem uma maneira de tornar tudo mais leve, mesmo quando fala sobre as coisas que odeia.

– Por que você se sentia deslocada lá? – É como se eu estivesse falando com outra pessoa. Ela era popular, amada, invejada. Seu pai era o xerife da pequena cidade. Se os Pettit fossem realeza, então o xerife Tibbett seria um cavaleiro.

– Bem, acho que por fora eu me enquadrava, tinha todos os amigos certos e tal. Mas todos eram muito obcecados com as coisas mais tolas. Como futebol americano. Você conhece o programa Friday Night Lights? Sim, era isso multiplicado por mil. Aqueles garotos poderiam matar alguém e sair livres. Não precisavam fazer a lição de casa, os professores tinham que aprová-los de qualquer jeito. Eu até ouvi que algumas meninas haviam sido atacadas e seus próprios pais lhes disseram que não acusassem ninguém. Não é um absurdo?

O calor sobe pelo meu colarinho.

– Eu sentia como se tivesse que ser de uma certa maneira para me encaixar, mas assim que tive a chance de sair, eu o fiz. E nunca senti falta da cidade. A única pessoa que me conectava com ela era o meu pai. Mas ele vinha aqui me visitar, porque acho que ele mesmo queria umas férias daquele lugar. Eu sinto muita falta dele – ela diz, desviando os olhos ao pensar nisso. – Por muito tempo, só tínhamos um ao outro e agora… acho que estou sozinha.

– Você não está sozinha… – ela olha para mim com expectativa. – Você tem a Tiff. – Ela olha para baixo novamente. *Dê um pouco, tire muito mais*.

– Esta música me faz lembrar de você – diz ela, referindo-se a Karma Police, que está tocando agora.

– Como assim? – pergunto. *Ela está apaixonada por mim?*

– É uma música sobre recompensa ou punição por suas ações… e você está se vingando de mim… certo?

O jeito que ela disse isso, a maneira como ela aceitou esse destino que ela nem

sequer entende: foi a coisa mais triste que alguém já me disse.

Eu olho para cima, descartando sua pergunta.

– Tax, quando você vai me dizer o que você pensa que eu fiz para merecer isso?

O que você fez, Mia. O que você fez.

– Já não tenho mais certeza. – Não quero dizer a ela, porque, se eu fizer isso, terei de matá-la.

Ela olha para mim com olhos castanhos tristes.

– Às vezes, olho em seus olhos e vejo algo familiar, algo amável. E isso me faz pensar se de fato fiz algo a você, se eu o feri de uma forma que nem percebi. E se fiz isso, sinto muito por tê-lo machucado tanto a ponto de você sentir que eu merecia isso. Mas, seja o que for que eu tenha feito, realmente espero que você reflita e pergunte-se se vale a pena. Porque, seja lá o que eu tenha feito, nunca tive a intenção de machucá-lo. Não gosto de ferir pessoas, Tax. Mesmo agora, eu deveria odiá-lo, mas não consigo. Não tenho isso em mim.

Como ela pode dizer isso para mim? Como ela pode experimentar o ódio pútrido que expiro a cada respiração e ainda me desculpar? Vivo da infelicidade dos que me prejudicaram. Minha força vital é a vingança. Meu combustível é o sangue deles. Seja lá o que ela acha que vê, não há nenhum bem dentro de mim. Isso foi tirado de mim quando tinha quinze anos.

Esta mulher em meus braços, dizendo essas palavras, por um momento quase nem me importo com o que ela fez. Porque eu quero tê-la. Ela é a única pessoa que me faz sentir algo que não seja raiva ou retaliação. Talvez a maneira como ela faz eu me sentir seja a sua penitência. Mas isso não é suficiente, porque não fui o único arruinado naquela noite. Jude não aceitará nada menos do que a morte, e Jude é a única pessoa que já se importou comigo a minha vida inteira.

Mas sou egoísta, e quero sentir o calor de Mia. Quero recompensá-la por suas palavras gentis da única maneira que sei: com sexo.

Beijo os seus lábios macios e aveludados; seu sabor fresco instantaneamente me deixa com o pau duro. Seu cheiro, o gosto de sua boceta, tudo sobre ela faz o meu sangue se agitar, de modo que eu tenho de tê-la.

– Você está com pressa? – ela pergunta.

Caramba, eu sempre cuido de suas necessidades, então, não sei que tipo de pergunta é essa.

– Por que você pergunta?

– Porque não estou… com pressa. Quero dizer, nós não estamos no escritório, você não precisa sair tão rápido depois de terminar comigo.

Terminar com ela. Como se fosse lixo. Eu que sou o lixo.

– Vou pensar em me demorar por aqui, então – digo, voltando a pressionar os lábios nos dela, sentindo-a derreter de desejo em meus braços.

Quando fui atrás dela, queria quebrá-la. Queria torná-la fraca. Mas sua disposição para mim, a vontade de se expor para mim, não importa quão duramente eu a rejeite, isso é bravura. Porque conhecer alguém como eu e permitir que seu coração sinta algo, mesmo correndo um grande risco pessoal, não creio que seja uma fraqueza. Proteger o coração é fichinha em comparação com a dor que ela enfrenta por mim.

Mia para, olha para mim com seus olhos penetrantes, cheios de desejo, e depois os arregala. Suas bochechas incham, e ela meio que estremece para a frente algumas vezes.

– Oh, céus, acho que vou vomitar.

– Merda – digo.

Ela corre, atravessando rápido a porta do banheiro como a porra de um zagueiro e eu escuto o horrível som de seu vômito.

Esta noite continua a tomar rumos estranhos.

Eu deveria sair, agora mesmo, quando ela precisa de ajuda. Na verdade, eu deveria tirar-lhe o vestido e fodê-la enquanto ela jaz no banheiro, passando mal. Esse é o lembrete de que ambos precisamos. Mas parte do que nos conectou naquela primeira noite, o que faz meu pau vibrar cada vez que penso sobre isso, é o fato de que ela gostou da minha fúria sexual. Ela gosta de implorar, gritar, absolver-se de toda a responsabilidade que ela enfrenta todos os dias. Para bancar a vítima uma vez, enquanto mantém o controle sobre todo o restante em sua vida. Comigo, ela não está à frente de uma empresa de dez milhões de dólares, ou responsável pelo sustento de vinte empregados e seus familiares. Comigo, ela não está sozinha neste mundo, sem família. Embora ela saiba que eu sei tudo sobre ela e ela não sabe nada sobre mim, acho que saber que estou sempre lá é um conforto para ela. Ela acredita que a dívida que tem comigo deve ser paga com sexo e subjugação e, por isso, ela se sente segura, porque também obtém algo em troca.

Ela não entende que o pagamento total da dívida está em seu sangue derramado.

Então, para mim, não há prazer em foder uma garota vomitando no vaso sanitário. Ela provavelmente está passando mal, não me lançará aquele olhar doloroso de desejo que me enche de júbilo. E não quero tratá-la como uma maldita cadela. Não funciona para mim. Eu a fodo porque quero e sei que ela

quer que eu o faça, não porque eu preciso.

Então, algo mais profundo do que a vingança me leva a espreitar o banheiro escuro e acender as luzes. Ela está apoiando o braço na privada, o corpo mole e fraco.

– Você ainda está aqui – diz ela, antes de vomitar outra vez.

– Sim, estou – suspiro.

Estou. Este é geralmente o momento em que caio fora com *qualquer* garota. Se não conseguir o que vim ter, não tenho tempo para essa merda.

Seus membros estão esparramados pela lajota branca do piso do banheiro, e aquele incômodo sentimento de proteção entra em ação. Puta merda. Quando foi que me tornei esse tremendo babacão?

Solto os punhos da camisa, desabotoou-a, jogo-a no sofá da sala de estar, de modo que fico apenas de camiseta branca.

Eu me ajoelho diante dela e afasto o cabelo suado de seu rosto.

– Você quer um pouco de água?

Ela faz que sim com a cabeça, letárgica.

– Tudo bem, já volto.

Vou para a cozinha e pego um copo num armário. No silêncio de sua cozinha, torno-me hiperconsciente da faca de caça que trago numa bainha no cós das calças, entre a camiseta e a camisa. Sabe? Apenas no caso de chegar o momento em que eu decida seguir com o plano. Que porra de doente eu sou? Para que possa dançar devagarinho com essa garota em sua sala de estar enquanto mantenho a opção de assassiná-la completamente em aberto para mim?

Percebo agora que tirei a camisa, que ela pode ter visto a faca, embora estivesse com a cabeça apoiada no vaso e com os olhos fechados quando eu saí. Não quero assustá-la, já que não tenho intenção de usá-la hoje à noite, então, retiro a bainha e a envolvo no meu paletó, enfiando-o no assento de uma cadeira da sala de jantar.

Volto para o banheiro com um copo de água. Ela está com uma aparência péssima.

– Oi – ela diz, tentando minimizar o quanto está passando mal. – Provavelmente, deveria ter comido mais antes de tomar todas aquelas doses de bebida.

– Acontece nas melhores famílias – digo. Ela havia bebido quase tanto quanto eu. Estou impressionado por ainda estar consciente. – Você precisa ficar aqui?

– Acho que terminei, por enquanto – diz ela, forçando um sorriso. Ela toma um gole da água. – Péssima ideia. – Ela coloca a cabeça de volta no vaso

sanitário. Fico pé sobre ela e seguro seu cabelo para trás enquanto ela termina de vomitar. Mia puxa a descarga e cambaleia tentando se levantar, então, puxo-a para cima. Ela faz gargarejo com um enxaguante bucal e depois faz uma pausa no lavatório por um segundo, como se ela estivesse fazendo muita força para não voltar a vomitar.

– Obrigada – ela murmura.

Mia está pálida e trêmula, por isso, em vez de deixá-la sair lentamente do banheiro, eu a pego no colo. É mais fácil para nós dois sairmos desse jeito. Ela faz uma espécie de ronronado com a garganta enquanto acaricia o meu pescoço.

Aconchego. Aquela maldita sensação de aconchego está acontecendo de novo.

– Você provavelmente acha que sou mal-educada – ela resmunga no meu pescoço.

– Posso achar muitas coisas sobre você, Mia. Mal-educada definitivamente não é uma delas.

A respiração de sua risada silenciosa me faz cócegas no pescoço.

Acabamos no sofá em vez do quarto, já que ele fica mais próximo do banheiro. E também porque o quarto não é uma boa ideia, penso. Será mais fácil para escapar daqui. Vou ficar até ela adormecer e, depois, vou embora.

Coloco-a de pé e, então, sento-me no sofá.

– Vamos – digo, dando tapinhas na minha coxa. Ela se deixa cair no sofá e descansa a cabeça no meu colo. Puxo uma manta das costas do sofá, o mesmo sofá no qual a reclinei na primeira vez que nos encontramos, e a cubro.

– Tax, obrigada por cuidar de mim. Por ficar.

– Está tudo bem, querida. Apenas descanse. – Ela se aconchega no meu colo e, então, a casa é preenchida apenas com o som do Radiohead.

Capítulo 23

Tax

UMA VIBRAÇÃO NO MEU QUADRIL me desperta. Sinto a cabeça enevoada pela bebida e, enquanto tento piscar para clarear a visão desfocada, vejo a cabeça de Mia sobre o meu colo. Sinto o celular no meu bolso. É Jude. *Foda-se*. Ignoro a chamada e verifico a hora. Merda, é quase meio-dia e, PUTA QUE PARIU, passei a noite com Mia.

Ela se agita e solta um gemido de desconforto enquanto acorda.

– Me sinto péssima – ela diz, com um sorriso no rosto. – Bom dia.

– Bom dia – digo tenso. – Está com ressaca?

– Sim, minha cabeça, meu corpo. Está tudo horrível.

Corro meus dedos ao longo de sua mecha de cabelo roxo.

– Sinto muito por saber disso.

– Eu me sinto uma idiota, de verdade – diz ela. – Fiz papel de tola na noite passada ficando bêbada assim. Vomitando… argh! Que coisa mais adolescente! – Ela rola em minha direção e enterra o rosto na dobra do meu colo.

– Não há necessidade. Acho que todo mundo precisa dessas noites de vez em quando. Isso lembra por que você deve prestar atenção no quanto bebe. É bom para saber o seu limite com a bebida. Você quase bebeu mais do que eu, ontem à noite. – Ela fica sentada e eu me levanto, indo em direção à mesa da sala de jantar onde está meu paletó.

– Você causa esse efeito sobre mim – ela sorri.

– Alcoolismo?

– Ainda não. Mas quando você inesperadamente surrou um cara que… peraí: como você sabia que eu estava lá?

Olho para ela com ar de desaprovação e corro minhas mãos sobre o rosto e os cabelos.

– Demasiado cedo para perguntas, Mia.

– Café? – ela pergunta.

– Não, eu vou embora – digo, como se a noite passada nunca tivesse acontecido.

– Ok. Bem, você provavelmente sabe disso pelo meu calendário

compartilhado na Alea, mas estarei fora da cidade na próxima semana. Irei a uma convenção.

– Ainda não tinha visto.

– Bem, não vou estar aqui por volta da terça-feira, é o que estou dizendo.

– E onde você estará?

– É uma convenção para a indústria de entretenimento e produtos para adultos.

Mia, Mia, que carreira você escolheu.

– Uma convenção de vibradores?

Ela solta uma risada dolorida.

– Não! – Então, ela ri novamente. – Eu acho que você poderia chamá-la assim.

Pego meu paletó e me lembro da faca de caça que coloquei dentro dele. Retirá-la na noite passada foi como remover catorze anos de bagagem do meu corpo. Ao vê-la separada de mim, como sua própria identidade, sem intenção de ser usada, percebo como o nosso plano para Mia é doentio.

Eu me afasto de Mia e me recupero, enquanto endureço o meu tom para ela, tentando recuperar um pouco de terreno depois da noite passada.

– Você pertence a mim. Entendeu? Mesmo quando estiver fora da cidade, ninguém toca em você.

Ela me observa, atordoada. Acho que pensou que estávamos em pé de igualdade, por um momento. Mas, agora, ela se lembra de seu lugar nesta relação.

– Tax, eu sou muito profissional, não procuro parceiros de foda em convenções de negócios – diz ela. – E, pelo que me lembro, o nosso acordo foi o de que eu lhe daria sexo, não uma relação monogâmica. – Ela deve saber quão ridícula sua lógica é. Ela fode com o dono da Alea em uma sala de conferências todas as terças-feiras. Ela não acha que tem escolha, mas, ainda assim, eu não chamaria isso de profissional.

E não tenho certeza se gosto da sua ousadia.

E não me importa qual foi o acordo, ninguém mais a tocará.

– Não me teste, Mia – repreendo-a.

Resistindo ao incômodo desejo de dar-lhe um beijo de despedida, saio da casa.



Posso sentir que Jude está na minha casa antes mesmo de abrir a porta.

Antes que eu possa respirar, ela já está no meu pé.

– Onde você esteve?

– Fora – digo, precisando desesperadamente de um banho quente.

– Talvez você tenha se esquecido de que nós tínhamos planos para um brunch hoje – ela diz, com um olhar penetrante.

– Ah, merda, desculpe. Podemos ir depois que eu tomar banho.

– Tax, não se trata do café da manhã. Eu sei onde você estava. E aí? Agora você está passando a noite?

– Já chega de falarmos sobre este assunto. Você precisa ter uma vida fora dessa coisa toda – respondo.

– Dessa coisa toda? *Coisa*? – ela diz, escandindo a última palavra.

– Só estou dizendo que isso em breve terá um fim. O que você tem, Jude? Toda a sua vida girou em torno disso. Todo objetivo que já tivemos foi olhar para trás, para aquela noite. Quem você vai ser quando isso tiver acabado? Você precisa começar a viver uma vida de verdade. E eu preciso ter meu próprio espaço.

– *O quê*? – ela se indigna, sua voz tremendo de incredulidade.

– Estou dizendo que não quero que você venha à minha casa sem me avisar antes.

– Não acredito que estou ouvindo isso! – ela murmura. – De repente, agora você virou um guru motivacional? E o seu futuro? Você planejou o seu? – ela pergunta, zombando. – Oh, isso envolve Mia? – ela pergunta com uma voz melosa.

– Feche essa maldita boca. Eu não sei o que aconteceu com você ultimamente, mas estou ficando cansado de seus interrogatórios. Eu tive uma mãe e ela está morta.

– O que está acontecendo comigo? E com você? Você está diferente. Ignora os meus telefonemas, fico sem notícias suas dias a fio. E tenho que ficar bisbilhotando para saber das coisas. E agora você não quer que eu venha aqui? Você está me deixando de fora. Eu sou a porra da sua irmã gêmea, sua melhor amiga, sua única família, Tax!

– E talvez seja hora de você começar a criar sua própria família. Nós temos que começar a viver! Isso significa que você talvez encontre um cara de quem você goste ou outros amigos ou a porra de um hobby que não inclua vingança… Foda-se. Eu não sou o Dr. Phil. Você precisa começar a morar na sua própria casa e começar a viver a sua própria vida. Você acha que quando isso tudo acabar, alguma coisa irá mudar? Você acha que ficará contente, Jude? Isso nunca

vai acabar! Você nem sabe quem você é sem essa vendetta!

– Não vai me dizer que você está se deixando levar por ela na minha cara? – Seus olhos se estreitam quando ela se inclina para mim. – Ela está fazendo isso de novo, não é? Desnorteando você. Você dá uma trepadinha com ela e já quer ser seu cavaleiro da armadura brilhante.

– Ah, foda-se – digo, desdenhosamente.

– Nunca acontecerá, Tax. Ela não nos considera de seu nível, nunca considerou. E se ela descobrir o que você fez, ela o odiaria. E ela não é a pessoa que finge ser.

– E nós não somos melhores do que ela.

Seus olhos ficam rasos d'água, segurando lágrimas de frustração. Sua voz começa a tremer de fúria.

– Talvez você precise se lembrar, Tax, porque acho que você está se esquecendo. Lembre-se do que eles fizeram conosco! O tempo amolece as pessoas, todas elas amolecem. Todo mundo segue em frente, tem a chance de crescer e se tornar uma pessoa melhor. Elas magicamente desenvolvem princípios e tentam se esquecer das coisas que fizeram e pelas quais nunca pagaram. Pensam que o tempo é uma fuga, que faz as coisas melhorarem. Acaso Huck não teve uma esposa, filhos… *uma filha*… uma filha, depois do que ele fez comigo! Como ele podia olhá-la nos olhos? Ter uma filha e ser pai não faz com que o que ele fez desapareça! – Jude rosna.

– E agora essas crianças não têm pai.

– E eu nunca poderei ter filhos! – ela grita, lágrimas escorrendo por sua face. Lembrando-me da dívida, do que todos devem a Jude, do que eu devo a ela. – Você quer que eu siga em frente, Tax? – ela chora. – Eles tiraram minha vida de mim. Eles tiraram a minha inocência. Eles tiraram o meu futuro. – Seu rímel escorre por suas bochechas. – Eles me destruíram. Você está certo, nunca irei ficar bem, então, a única coisa que me resta é fazê-los sentir o mesmo. E não se engane, Tax, você é como eu. Você está enfiado até o pescoço nessa lama, esteve tão empenhado quanto eu, até agora. – Jude agarra minha mão, suplicando, seu rosto manchado com lágrimas desesperadas. – Tax, é você e eu. Eu amo Rex, mas ele não estava lá. Ele não entende o que é passar pelo que passamos. Ele não entende o nível de humilhação e injustiça. Nós éramos só crianças… – Seus apelos se transformam em soluços.

Observo a minha irmã e lembro que houve uma época, há muito tempo, em que ela era inocente. Mas agora, ela não passa de uma casca. Ela é vazia, estéril, e não irá parar até que a última das pessoas que tiraram seu passado e seu futuro

tenha desaparecido. E Mia está no topo dessa lista.

Jude sempre se concentrou em se vingar, mas nunca foi tão amarga e podre como se tornou desde que eu não consegui matar Mia. Acho que até então ela nunca duvidara de quanto eu estava comprometido, mas agora que o faz, isso a está deixando desesperada e feia. Jude e eu costumávamos nos divertir, ríamos, conversávamos, fazíamos confidências um ao outro. Mas essa demora em matar Mia levou-a a um lugar muito mais escuro, e quanto mais ela insiste em que eu a siga, mais hesitante me tornarei. Ver minha irmã gêmea tão desesperada e cega por vingança é como colocar um espelho em minhas próprias motivações. Isso é o que eu sou. Pode se esconder sob um comportamento calmo, mas esse ódio sinistro é exatamente quem eu sou.

Mas sei que minha irmã ainda está ali. E a razão pela qual ela é tão repugnante é que, há muito tempo, minha ingenuidade colocou-a em perigo. Preciso encontrar uma maneira de consertar isso para todos nós.

– Prometi que vou cuidar disso. Vou consertar as coisas. – Eu a deixo repousar o rosto no meu peito. – E isso não é apenas por você. Você era uma espectadora e eu nunca entenderia a sua dor, mas por mim, com essa pessoa, era pessoal. Estou trabalhando nisso, como prometi, mas você deveria me conhecer o suficiente para saber que ficar no meu pé não funciona, porra. Você precisa me dar certo espaço. Agora me dê suas chaves da minha casa e vá embora para a sua – digo.

Ela afasta o rosto de mim com ímpeto, endurecendo novamente.

– Vai se foder, Tax! – ela grita, tirando as chaves da bolsa e jogando-as no meu peito. Ela escancara a porta da frente e vejo Rex em pé no corredor. Ele fica de fora de nossas épicas lutas de gêmeos.

Dirijo-me à porta aberta e encontro Rex dando uma tragada num cigarro.

– Quantas vezes eu já falei com você para não fumar aqui fora, porra?

– Estava indo para a varanda, mas ouvi o tempo fechar entre vocês quando cheguei aqui e não me meto entre você e Jude. Você conhece a minha política sobre isso. Vocês dois são intensos demais para mim. E eu não tomo partido nas suas batalhas insanas de gêmeos malignos.

Jude e eu nos conhecemos. Por isso, ela percebeu desde o início que algo estava errado. Trabalhei num lance por dois anos e ela nunca ficou impaciente, mas a diferença é que agora ela simplesmente sabe. Nós nos amamos, fizemos coisas horríveis um pelo outro, mas quando brigamos… Uau, as pessoas pagariam muito dinheiro para ver essa merda. Acho que tem muito a ver com o fato de que Jude é ardente e emocional, e eu sou frio, controlado. Ela faz um

enorme show dramático, e eu simplesmente não respondo do jeito que ela quer. Sei que ela queria que eu a expulsasse do prédio. Não vai acontecer. Não tenho tempo para esses jogos. Um de nós tem que ter a cabeça fria. Se essa vingança dependesse de Jude, haveria cabeças decapitadas para tudo quanto é lado e estaríamos presos. Nós definitivamente não seríamos tão ricos também. Planejei toda essa merda. Consegui o dinheiro, planejei as mortes meticulosamente. Claro que ela ajudou, mas eu conduzi e planejei tudo. E, no entanto, ela tem a coragem de questionar a minha lealdade. De jeito nenhum irei ficar correndo atrás dela.

– Vá para a porra da varanda, então – falo para Rex.

Vamos até a varanda com vista para o Lago Michigan; descanso meus cotovelos na grade e solto um profundo suspiro.

– Ela está chateada, hein? – Rex observa.

– E quando ela não está?

– Quero dizer, esses dias, especificamente – complementa ele. – Tudo o que ouvi falar desde que conheci vocês dois era sobre essa merda, e pensei que ela finalmente iria relaxar, mas ela está piorando.

Rex sopra uma baforada. Seu pescoço está coberto de arranhões. Eu tento não pensar nisso, sendo ela minha irmã, mas sei que aquilo é obra de Jude. Não sou o único com a propensão para sexo violento. Ela tinha dezesseis anos, creio eu, quando tirou a virgindade de Rex, que tinha treze anos, e, desde então, ela vem usando-o basicamente como um brinquedo sexual. Ele não se opõe nem um pouco a isso, rola uma coisa estranha entre os dois, eles têm um relacionamento meio maternal. Somos todos tão perturbados que nunca pensei muito no assunto. Mas Rex sempre se importou de verdade com Jude, e para ele estar dizendo tal coisa sobre ela significa que está começando a enxergar as coisas mesmo através dessa relação edipiana com ela.

– Sim, eu só preciso arrumar um jeito de resolver a situação.

– Você não quer matá-la, não é?

Não digo nada.

– Você não precisa se preocupar, não direi nada a Jude. Eu acabei me tornando amigo de verdade da Tiff e ela simplesmente adora essa garota. Estive observando Mia por muito tempo, sinto que a conheço. Eu nunca estive realmente entusiasmado com o seu plano para ela, mas entendi que não era da minha conta, depois do que ela havia feito. Mas, quando vi vocês dois na noite passada… Cara, eu também não iria querer matá-la.

– Ela fez merda séria, Rex.

– Bem, assim como nós. – Ele atira a bituca no chão e pisa nela. E no mesmo

instante pega outro cigarro.

– Jude é minha irmã. Toda essa merda que vemos, toda essa dor que ela carrega, é porque ela foi arrastada para a minha desgraça e pela merda em que crescemos. Ela sempre me defendeu. Nossa raiva nos alimentou, não posso simplesmente virar as costas para ela porque agora sua raiva é inconveniente.

– Cara, essa raiva foi boa para nós. Veja o que temos por causa disso. Você tem o cérebro, o espírito, a força muscular e uma coragem do caralho, mas sempre foi Jude quem acendeu aquele fogo debaixo de você. Essa merda a está matando lentamente, mas também é a razão pela qual vocês são ricos. É a razão pela qual estamos fora da rua e ela não tem que se virar como prostituta e você não precisa aplicar golpes. Mas só porque você não lhe entrega a cabeça de Mia em uma bandeja não significa que você esteja traindo Jude.

– Talvez devêssemos ter parado na parte de enriquecer – digo.

Nós cobramos quase todas as nossas dívidas: os sonhos de Tripp de entrar para a Liga de Futebol Americano foram destruídos depois que nós manipulamos seu carro e ele sofreu um grave acidente na faculdade. Tucker morreu como passageiro nesse acidente. Devido à depressão subsequente de Tripp, ninguém jamais questionou seu "suicídio". O merda do seu pai morreu de um ataque cardíaco que lhe causamos com uma injeção de succinilcolina. Depois que seu filho e marido morreram tragicamente, seduzi a mãe de Tripp. Ela estava muito devastada e perdida para dirigir a Pettit Metals sozinha, então, devagar, assumi a empresa e, eventualmente, convenci-a a me tornar o único herdeiro da fortuna e me passar uma procuração. Custou dois tristes anos da minha vida, fodendo aquela baranga velha, para que eu pusesse a mão em seus milhões. Quando ela morreu, também graças ao meu ataque cardíaco predileto em uma seringa, vendi toda a rede de fábricas Pettit, exceto a de Clint. Aquela eu liquidei e fechei só de maldade. Destruí sozinho aquela bosta de cidade. Huck e os outros caras, nós pegamos um por um de variadas e sutis formas, que não poderiam ser relacionadas. Um acidente infeliz aqui, uma doença ou desaparecimento acolá. Uma década da minha vida foi dedicada exclusivamente a vingar uma só noite.

Mas Mia deixou Clint, escapando de toda a infelicidade. Ela construiu uma ótima vida para si própria. Ela não tinha nenhuma conexão verdadeira com Clint para que sequer pestanejasse com o fechamento da fábrica. Sempre conseguiu sair incólume de tudo o que fizemos. Eu estava guardando o melhor para o final. E tinha que me certificar de que ela tivesse uma entrega pessoal minha.

Serei sincero, não tenho arrependimentos. Deixei um rastro de infelicidade, e sempre dormi muito bem à noite. Quer dizer, até a noite em que me encontrei

com Mia, e agora há uma coisa que eu preferiria não ter feito.

Também não tenho dormido esses dias.

– Sei que não é da minha conta. Eu entendo, não sou seu irmão de verdade, e eu não estava lá, mas o que quer que você queira fazer, eu apoio.

– Rex, você é meu irmão, não diga merdas idiotas como essa.

Rex sorri, sorvendo essa aprovação que ele sempre esperou de Jude e de mim.

– Tudo o que estou dizendo é que você provou seu ponto, certo? Pense em toda a merda sem noção que fizemos quando nos conhecemos. Roubamos pessoas, roubamos coisas. E se alguém viesse atrás de nós pelas coisas que fizemos? Mia desencadeou tudo, mas ela não estava lá. Você realmente acha que ela pensou que toda aquela merda fosse acontecer?

Quero dizer a Rex que cale a boca, não preciso de mais sentimentos conflitantes do que já tenho. Mas, durante todo esse tempo, ele acatou ordens sem questionar. Minha única caixa de ressonância tem sido Jude, que é uma bola de neve crescente de raiva e amargura. Talvez seja hora de abrir espaço para outros pontos de vista.

– Entendo o que você está dizendo, mas nós roubamos porque nós éramos crianças sem-teto. A merda de alto nível, os milhões de dólares, foi porque os Pettit fizeram sujeira conosco primeiro. Eles nos deviam. Mas o que Mia fez, o que todos fizeram, foi pura crueldade. Não havia outro motivo além de infligir dor por prazer pessoal.

– Você sabe melhor do que eu. Mas você acha que ela é realmente tão cruel assim? Eu a tenho observado há anos, seguindo-a, examinando suas coisas. Nunca senti como se estivesse tocaiando uma filha da puta fria. Ela é tranquila, trabalha duro, é amada.

– Sei muito bem – respondo, balançando a cabeça. *Não tem explicação.*

– Só estou lhe dando a minha opinião. Faça o que quiser com isso. Mas Jude não está se aguentando de impaciência. Então, se você vai mesmo fazer a coisa, faça logo, ou a merda vai explodir. Ela está como um barril de pólvora – diz Rex, jogando o cigarro meio fumado no chão. – Tudo bem, vou procurar Jude e tentar colocar algum juízo naquela cabeça.

Traduzindo: fodê-la até não poder mais.

No entanto, funciona. Sempre que ela está chateada comigo, Rex ajuda a acalmá-la, convence-a a me dar espaço. Ele argumenta com ela. Merda, acho que ele faz isso por mim também.

Rex sai da varanda sem dizer outra palavra, deixando-me sozinho para contemplar o meu próximo passo. Preciso ganhar um tempo significativo.

Jude é uma tremenda chateação quando entra nesse estado de espírito, mas ela é minha irmã, minha aliada. Ninguém entenderia o que passamos. Até poderia tentar imaginar, mas nunca entenderia. Jude sempre será uma parte da minha vida. E se ela é assim hoje é porque me defendeu catorze anos atrás. Eu lhe devo algo. Mas talvez não seja morte, e sim, vida.

Talvez exista uma maneira de eu ter Mia *e* Jude.



Tax

Eu me esgueiro pela casa escura e silenciosa de Mia. Ela tem ficado fora o dia inteiro hoje e ontem, fazendo preparativos para a sua viagem, deixando-me com bastante tempo para entrar em sua casa e fazer um pequeno recondicionamento.

Sei que o que estou fazendo é foda em vários níveis. Entretanto, não vejo outra maneira de salvar sua vida e acalmar a minha irmã. Posso continuar a atrasar as coisas, dizendo a Jude que estou trabalhando num jogo longo, mas sempre será uma solução temporária. Preciso de algo para aplacar a ira de Jude e ela só tem um ponto fraco.

Mia pode me odiar para sempre, mas já cavei um buraco tão profundo que ela vai me odiar, não importa o que eu faça, quando souber de todas as coisas que fiz. Este é um plano de longo prazo para mantê-la viva, mesmo que a perca no final.

Entro no banheiro e abro a gaveta onde ela guarda sua cartela de pílulas anticoncepcionais. Conto o número de bolhas de pílulas vazias e pego a cartela substituta que eu trouxe e rompo nela o mesmo número de bolhas que a verdadeira. As vantagens de já ter sido um traficante: muitas conexões em produtos farmacêuticos ilícitos.

Deslizo a nova cartela com cem por cento de placebos em sua penteadeira e guardo as pílulas de verdade no bolso. Dou meia-volta.

Agora, é só esperar.

Capítulo 24

14 anos antes

TUDO PARECE BEM. Todos os dias, sento no refeitório e escuto o que as minhas amigas falam sobre seus enormes problemas: quem vai integrar a equipe de líderes de torcida, será que Huck gosta de Jessica?, ou o quanto elas odeiam qualquer coisa que a Sara Toms esteja vestindo. No exterior, sou o meu eu habitual. Não gosto de deprimir as pessoas com os meus problemas pessoais, mas esta semana foi de fato muito difícil. Minha mãe ficou seriamente doente. Isso já aconteceu antes, ela ficou bastante mal e depois teve uma recuperação milagrosa, e estou certa de que isso irá acontecer de novo, mas não posso deixar de pensar nela quando estou na escola.

Meus pais insistem que eu não falte às aulas. Eles não querem que minha vida seja interrompida constantemente, uma vez que a minha mãe está sempre entrando e saindo do hospital. A doença de mamãe colocou muitas coisas em perspectiva. Desde o meu relacionamento com Tripp, que parece ser sobre ele estar mais interessado no que está na minha calcinha do que na minha cabeça, até o fato de minhas amigas parecerem pensar que a vida começa e termina aqui em Clint. Eu simplesmente me sinto diferente.

De qualquer forma, decidi que um dia vou embora daqui. Apenas mais uns dois anos e, depois, farei faculdade fora do estado e deixarei esta cidade para trás para sempre.

Caminho em direção ao meu armário após a última aula, ansiosa para chegar em casa e ver como minha mãe está indo. Vindo na direção oposta está Sil, meu parceiro de projeto de Física. Bem, ele é mais do que isso. Ao longo das últimas semanas, nós nos tornamos amigos. Isso foi revigorante. Ele não se importa com o que as pessoas pensam, ele me apresentou música nova e nós rimos muito juntos. Eu admito: pedi para ele ser meu parceiro porque estava curiosa. Ele me olha muito na sala de aula, e queria saber mais sobre ele. Ele não faz meu tipo, é muito magro, tem cabelos longos e se veste todo de preto, mas há algo nele…

Seus olhos, eu acho.

Estou feliz que fiz isso, porque, apesar de toda a escuridão do lado de fora, ele é divertido e é um bom garoto. Nós não conversamos muito fora da aula ou da minha casa. Na escola, ele mantém sua distância, e não frequentamos os mesmos círculos. Mas sempre digo oi quando o vejo. Eu quero que ele saiba que não me envergonho da nossa amizade, mesmo que alguns dos meus amigos sejam uns babacas com ele.

Mas, hoje, parece que será mais do que um oi passageiro, já que ele está se dirigindo direto para mim. Ele deve querer me perguntar algo sobre o projeto.

– Oi – ele diz. Parece tenso, mas, em geral, é como ele é na escola, quando não estamos só nós dois na minha casa.

– Ei – digo com um sorriso. – O que há? – pergunto, abrindo meu armário.

– Queria lhe dar isso. – ele me entrega um envelope.

– O que é isso? – pergunto. – É para a aula de Física?

– É… hum…

Sinto uma palmada na minha bunda e pulo. É o Tripp.

– Odeio quando você faz isso! – reclamo. Ele se aproxima de Sil.

– Você conhece Sil? Ele é meu parceiro – digo, metendo o envelope no bolso da jaqueta de jeans.

– Oh, sim. Conheço Sil – ele responde, bagunçando os cabelos dele. Sil se afasta.

Essa merda me irrita.

– Venha aqui – digo a Tripp.

Ele suspira.

– O que fooooi?

Eu o afasto do meu armário.

– Não seja rude. Ele é legal. Não gosto quando você age assim.

– Tanto faz, Mia. Aquele garoto obviamente está apaixonado por você. Você acha que vou deixar que ele fique na sua cola?

– Não seja ridículo. Somos parceiros de laboratório.

– É melhor ele ficar esperto. Não confio nele.

– Tanto faz.

– De qualquer forma, passei para ver se você quer que eu te leve para casa.

– Está bem. Deixe-me pegar minhas coisas.

Volto para o meu armário e Sil já foi embora faz tempo. Eu me sinto mal por Tripp ter dado aquele showzinho idiota cantando de galo. Tripp nem sempre é assim, mas perto dos outros caras, e especialmente quando eles estão comigo, ele

precisa encontrar uma forma de estufar o peito.

Estive pensando em terminar com ele por um tempo. Na verdade, tentei há alguns meses e ele chorou como bebê, implorando-me que ficasse com ele. Eu cedi. Não gosto de machucar pessoas e ele simplesmente me venceu pelo cansaço. Então, pensei em lhe dar outra chance, mas, são merdas assim, como a forma como ele tratou Sil, que me lembram de que algumas coisas nunca mudam. Tripp sempre consegue o que quer, e talvez eu seja parte do problema também por ceder a ele.

Tripp e eu caminhamos para minha casa em silêncio. Minha mente está na minha mãe e realmente não falo com Tripp sobre ela. Na verdade, Sil é a única pessoa com quem falo sobre o medo de perdê-la. Ele perdeu sua mãe quando era bebê, e sinto que ele não fica com pena de mim nem se sente desconfortável quando falo com ele sobre isso.

– Tudo bem, vejo você amanhã – digo a Tripp assim que chegamos à porta da minha casa.

– Você não vai me convidar para entrar?

– Tenho muita lição de casa e estou cansada. Vejo você amanhã. – A verdade é que a casa está triste e deprimente. Tudo o que quero é sentar-me ao lado de minha mãe e ler para ela. Eu sei que Tripp quer mais do que simplesmente ficar de bobeira. Fazer sexo com ele é a última coisa na minha mente agora.

– Qual é a sua ultimamente?

– Do que você está falando?

– Você tem andado cheia de não-me-toques.

– Não estou com vontade, Tripp.

– Você está dando para o Sil? – ele se inclina e sussurra.

– O quê? Você está de brincadeira?

– Sei que ele tem vindo à sua casa, Huck me disse. – Huck, seu amigo xereta que vive do outro lado da rua. – Você acha que só porque eu estou no meu tutor eu não saberia?

– Estamos fazendo um projeto juntos, como eu disse! Chega dessa conversa. – Busco as minhas chaves e deixo-as cair no chão. Tripp espera de braços cruzados enquanto eu abaixo para pegá-las. Destranco a porta e estendo a mão, sinalizando para Tripp me passar a minha bolsa de livros que ele estava carregando.

Ele me empurra e entra na minha casa.

– Mia…

– O quê? – pergunto com petulância.

– Hum, deixa pra lá – diz ele. – Vejo você amanhã.

– Tá, tchau.

Minha completa falta de curiosidade sobre o que Tripp queria dizer só confirma que preciso terminar com ele logo. Largo a minha bolsa no chão, penduro a minha jaqueta e espio o quarto da minha mãe. Minha vizinha está lá, ela tem ajudado enquanto o meu pai está no trabalho.

Minha mãe sorri, ela parece melhor. Eu sabia que estaria. Minha vizinha sai e pego a cópia de *Romeu e Julieta* na mesa de cabeceira. Eu tenho lido isso para ela, interpretando as várias partes da peça. Ela adora.

Ela acaba cochilando e eu pego a minha bolsa para poder começar minha lição de casa. É quando eu me lembro das anotações que Sil me deu. Procuro em um bolso da jaqueta e não há nada. Então, procuro no outro. Eu poderia jurar que coloquei lá. Vasculho a minha bolsa e abro a porta da frente para ver se eu deixei cair o envelope quando me inclinei para pegar as minhas chaves. Nada. Droga, devo ter perdido as anotações, mas acho que posso pedir a Sil amanhã, quando o vir na última aula. Com alguma sorte, talvez elas apareçam magicamente em um dos meus cadernos ou algo assim.

Capítulo 25

Presente

Mia

– Bem-vinda ao Shore club. Posso ajudá-la?

– Olá, sim. Tenho uma reserva sob o nome de Mia Tibbett.

Faz alguns dias que não vejo nem falo com Tax. Pensei que a noite na boate pudesse ter mudado alguma coisa, mas ele recuou de volta ao seu esconderijo. Eu me sinto tão estúpida por pensar que aquela noite significaria qualquer coisa. Ele apenas me via como uma propriedade que precisava ser recuperada de um cara qualquer. Ele bebeu, e quando você bebe faz coisas que normalmente não faria. Assim que ficou sóbrio, ele voltou ao seu papel de meu chantagista, meu mestre. E para coroar tudo, paguei um mico fenomenal. Bebi muito mais do que costumo, e vomitei bem na frente dele. Impressionante. É exatamente isso que você quer fazer na frente de um narcisista antissocial e egoísta: dar-lhe uma razão para se sentir superior a você.

Após todos esses meses ele ainda é um estranho para mim. Não me parece assim porque nos tornamos familiares. Mas a familiaridade é apenas uma ilusão. Na verdade, ela me engana, fazendo-me pensar que sei mais do que sei, que significo mais do que significo para ele.

Nem sei onde o cara mora. Não sei de onde ele é. Demorou cerca de dois meses para eu conseguir o seu número de telefone. O pouco que sei veio de ocasionais deslizes na conversa ou nas circunstâncias de nosso arranjo. Devo estar delirando por pensar que ele nutre sentimentos sinceros por mim, e sou uma idiota ainda maior por sentir algo além de desprezo por Tax.

Continuo pensando que, de alguma forma, estou conseguindo alcançá-lo. Que eu posso levá-lo a se importar comigo o suficiente para me ver como uma pessoa e me devolver a minha liberdade. Mas, às vezes, sinto que voltei ao meu apartamento escuro, sendo agarrada por trás por um intruso mascarado. A única coisa que mudou é a arma que ele usa contra mim.

Tax tentou esconder sua embriaguez, mas com base em sua receptividade naquela noite, ficou claro que estava bêbado. Acho que foi por isso também que ele ficou depois que eu passei mal. Aquela parte dele que ele esconde tão profundamente, que não é dura e fria como o aço, recebeu um passe livre para se revelar depois de algumas doses de bebida. Mas, na manhã seguinte, o Tax sóbrio rapidamente me lembrou de que isso é um arranjo, nada mais. Se ele sente ou não alguma coisa nem ao menos importa, porque ele está determinado a me deixar de fora.

– Certo, Sra. Tibbett, tenho tudo preparado na suíte da cobertura. Você precisa de ajuda com suas malas?

– Obrigada… Espere, você disse cobertura?

– Sim, diz aqui que você reservou a suíte da cobertura.

– Não vai ser possível. Estou viajando a negócios, isso é muito extravagante. Aguarde um momento, a pessoa que fez a minha reserva está aqui. – Fico na ponta dos pés e espio por sobre o longo balcão procurando por Laney, que viaja comigo, e alguns outros para representar a Alea. – Droga, acho que ela já foi para o quarto dela.

– Senhora, desculpe, mas não há outros quartos devido à convenção. Isso é tudo o que temos.

– Ai, sério?

– Sim. Sinto muito, mas alguém ligou e fez essa reserva. Posso ver pelas anotações. Quem sabe alguém em seu grupo precisou de um quarto e, então, a pessoa responsável pela reserva fez um upgrade para você?

– Posso cancelar e dividir um quarto com alguém do meu grupo?

– Senhora, desculpe, mas a data limite para cancelamento já passou. Você ainda será cobrada por esta noite.

Maldita Laney. Talvez Laney tenha achado que eu queria a cobertura por causa da minha nova posição. Ou talvez essa seja a última acomodação restante. Gostaria apenas de lembrá-la mais tarde de que quero dirigir a Alea com um orçamento enxuto, o que não inclui suítes de cobertura nas minhas futuras viagens de negócios, a menos que tenham sido aprovadas por mim antes.

– Bem, neste caso, acho que não tenho escolha – digo, entregando-lhe o cartão de crédito da empresa.

Subo até a suíte extravagante. Apesar de me parecer um desperdício, tenho que admitir que fico deslumbrada ao entrar. O quarto é rodeado por janelões do chão ao teto com vista para o oceano e o centro de Miami. Os estofados e a roupa de cama são brancos e o piso é todo em cinza discreto. Abro as portas

deslizantes para o enorme deque, deixando entrar uma suave brisa do mar. O som das ondas quebrando e o golpe da brisa contra minha pele é uma terapia natural. Talvez devesse agradecer a Laney em vez de repreendê-la. Ela sabe que ando estressada. Claro, ela pensa que é apenas pela transição para o novo papel. Mas talvez estivesse me fazendo um favor. Pela primeira vez em meses, minha mente está tranquila.

O grande evento desta noite é um banquete em traje a rigor, então, alguns membros da equipe da Alea se dirigem para a piscina, mas opto por tirar um cochilo no deque antes de me preparar.

A tranquilidade mental não dura muito quando me deito, e lamento não me distrair na piscina. Meus pensamentos derivam para o que Tax deve estar fazendo: será que está pensando em mim? Ele se divertiu tanto quanto eu na noite da boate? Ele está vendo outras mulheres? *Merda: preciso perguntar se está, já que ainda não estamos usando proteção.*

Só faz alguns dias, mas anseio por seu toque vigoroso, seus lábios complacentes, sua respiração quente contra o meu pescoço, seu aroma masculino. Penso em seu corpo, rijo e musculoso, e em como ele muitas vezes o esconde, só para me fazer desejá-lo mais.

Suas cicatrizes. Lembrar-me delas suaviza meus sentimentos por ele outra vez. Ele não está apenas expressando uma furiosa dominação sexual – há algo mais. Senti que ele se encolhia debaixo dos meus beijos e lembro-me de como ele me tomou na cozinha para fazer sua dor parar.

Ele me disse no beco do Cuddy que ele não quer sentir. Ele me odeia. Eu acho que é porque o faço sentir.

Por que faço isso comigo mesma? Apesar de esse homem fazer questão de me desumanizar, continuo buscando humanidade nele.

Há algo que acontece quando estou com Tax. Eu não tenho que ser tão perfeita, ou ter todas as respostas. Todo mundo pensa em mim como uma pessoa que tem tudo sob controle. Quando minha mãe morreu, eu estava tão preocupada em parecer perfeita que quase nem comentava com os meus amigos que ela estava doente. Sempre mantive uma aura de estabilidade, com medo de ser vista como vulnerável. Mas sei que preciso de alguém que me desmonte e me permita ser fraca. Tax não me dá outra opção. Com Tax, eu posso ser desconjuntada e bagunçada. Assim como eu forço Tax a sentir, ele me obriga a abraçar minha natureza imperfeita. Ser perfeita exige que me feche para os extremos. Não posso ficar muito empolgada, nem emocionada, nem muito sensual. E isso significa uma vida de monotonia interior. Quando estou com Tax, sou uma

bagunça imperfeita e não me fecho a nada. Eu me torno um fio elétrico desencapado. Tanto quanto odeio essa verdade, sou mais sincera quando estou com ele. Sua aura dominadora absorve todo o ar em uma sala, sufocando qualquer fingimento.

Fecho os olhos e tento expulsar da minha cabeça os pensamentos sobre Tax. Romancear nosso relacionamento não é saudável, mesmo que seja minha maneira de lidar com a falta de controle. O que temos nem ao menos é um relacionamento, é um acordo pervertido. Ele não se importa com o que eu sinto, e preciso começar a fazer o mesmo.



Mia

Entro no salão de festas e vejo Laney com alguns dos outros, pegando seus crachás numa mesa comprida. Esses eventos têm a mais interessante mistura de pessoas: estrelas de cinema adulto, produtores, fabricantes, proprietários de sites. Esta noite, porém, a festa é especificamente voltada para o lado do produto físico da indústria. Ainda haverá muitos crossover já que muitos atores possuem linhas de brinquedos ou licenciam sua imagem, mas tentamos fingir neste evento particular que vendemos algo além do sexo. As pessoas vestem trajes de gala, bebem champanhe, conversam sobre as tendências da indústria. Pode-se olhar e pensar que estamos em uma convenção médica ou algo assim. Ok, isso é uma mentira, somos muito mais quentes e, mesmo nos eventos a rigor, as pessoas se vestem de forma muito mais sexy.

Hoje à noite, uso um vestido vermelho-fogo com alças cruzadas na frente e costas nuas. O comprimento chega a alguns centímetros acima dos meus joelhos. Deixei o cabelo solto, mas modelei alguns cachos longos aqui e ali para dar algum volume. Completando o visual, sandálias negras de salto alto e tiras, com um detalhe de corrente dourada na tira do tornozelo. Alguns membros do grupo vão ao bar para pegar bebidas, mas Laney e eu nos dirigimos para a nossa mesa. Pelo próximo mês, sequer quero olhar para uma taça de vinho.

Laney e eu tomamos nossos lugares, e ela me conta sobre sua tarde na piscina. Escuto atentamente, feliz em perceber que ela finalmente superou seu rompimento com Luke. Eu rio da alegria em seus grandes olhos verdes, enquanto ela me conta sobre todos aqueles astros gostosos de filmes pornô, tomando sol com suas minúsculas sunguinhas. Os maneirismos borbulhantes de

Laney quando ela está de bom humor funcionam como uma infinita fonte de entretenimento.

Quando há uma pausa na conversa, uso nosso momento a sós para trazer à baila a questão da confusão de suas reservas no hotel. Prefiro corrigir funcionários pessoalmente, já que o tom pode ser mal interpretado por escrito.

– A propósito, imagine minha surpresa quando…

Os olhos brilhantes de Laney mudam de repente. Ela olha para cima, por sobre o meu ombro, e aperta minha coxa.

– Não olhe agora, mas atrás de você está um cara com quem eu faria bebês hoje à noite. Sem dúvida. Ai, meus sais!

Eu rio e não me mexo.

– Está bem, está bem. Já posso me virar?

– Sim… não, espere! Oh, meu Deus, oh, meu Deus. Aja normalmente, acho que ele está vindo para cá. Aja com naturalidade – ela diz, endireitando o corpo na cadeira e colocando uma mecha do cabelo atrás da orelha.

– O quê? Ele está vindo para cá? – pergunto, tensa com a excitação nervosa de Laney.

– Shhh! – ela diz, o que significa que ele está tão perto que poderia nos ouvir.

Uma mão pesada e familiar pousa no meu ombro e toques de baunilha e pinho atingem meu nariz. *Puta merda*.

Eu me viro para ver um Tax impecavelmente vestido, trajando um terno azul-acinzentado. *Que estilo tão de acordo com Miami*. Engulo em seco, tentando reativar minhas glândulas salivares.

Sei que esse babaca não está interessado nas tendências de vendas atuais para vibradores portáteis, então, o que ele está fazendo aqui?

– Sr. Draconi – digo, levantando-me. – Eu não esperava vê-lo aqui.

– Achei que deveria fazer um esforço para aprender mais sobre a indústria na qual estou investindo.

Olho para Laney, que, ao que parece, não percebe que sua boca está completamente aberta e faço as apresentações.

– Essa é a minha assistente executiva, Laney Pulaski. Laney, esse é Tax Draconi, dono da Draconi Corp, os novos proprietários da Alea. Eles mantêm um papel relativamente silencioso, mas ele e eu nos encontramos de tempos em tempos. – Tax se esforça para que seus lábios não se curvem para cima.

Laney se levanta, estufa o peito e estende a mão para ele.

– Sim, falamos ao telefone, creio eu, quando agendei suas reuniões matutinas. Então, muito prazer em conhecê-lo, Sr. Draconi. – Suas bochechas coram. Sorrio

silenciosamente pelo fato de que ela acabou de me dizer que faria bebês com o seu chefe.

– Parece que eles estão começando – digo, aliviada por ter pela frente algum tempo para refletir sobre o que diabos está acontecendo.

As luzes diminuem e todos se sentam. Há uma rodada sussurrada de apresentações, à medida que outros funcionários da Alea chegam à mesa.

Alguém sobe ao palco, dá as boas-vindas a todos e faz algumas declarações sobre a indústria, mas não consigo me concentrar em uma única palavra. Olho para a frente, fingindo que a presença de Tax não é sufocante. Tenho medo de que, se eu olhar em sua direção, todos saberão instantaneamente que estamos trepando. *Os mundos colidem novamente*. E eu percebo um padrão: embora seja Tax que me diz que eu não significo nada para ele, é ele quem continua buscando contato fora da sala de conferências.

Olho rápido em sua direção, tentando avaliar sua expressão facial sem me entregar. Ele parece estar olhando para a frente também, mas é difícil dizer.

O anfitrião apresenta o primeiro orador, que se dirige para o palco sob discretos aplausos. Sob tal ruído, sinto uma palma quente repousar no meu joelho por baixo da mesa. Fico rígida e dominada pela indignação. Como ele se atreve a fazer isso na frente dos meus funcionários? Ele me tirou tudo, e agora quer me arriscar a perder o respeito dos meus colegas de trabalho? Eu me remexo na cadeira, e sua mão maciça agarra a minha coxa, fazendo-me congelar novamente.

A eletricidade sobe pela minha perna em resposta ao seu toque dominador. Lambo meus lábios e continuo olhando para a frente, sem vontade de lhe dar a satisfação do meu desconforto.

Olhando para o palco à frente, ele se aproxima e sussurra:

– Viajei lá de Milwaukee para vê-la, e essa é a resposta que recebo?

Meu peito afunda quando solto um suspiro desconfortável. *Ele veio me ver?* Sei, *não diga*, mas ele não disse para me foder, ou algo grosseiro assim. Ele veio *me ver*. Seu aperto na minha coxa arrefece e meus músculos relaxam em resposta a isso. As pontas de seus dedos seguem pela parte interna da minha coxa enquanto o calor flui por entre as minhas pernas. Inclino-me para criar a ilusão de que estou fascinada com os últimos dados dos anéis penianos e, enquanto faço isso, as pontas de seus dedos chegam ao meu púbis, experimentando ligeiramente o tecido da minha calcinha.

Ele se inclina, continua olhando para a frente e sussurra “tão molhadinha para mim”. Como que obedecendo ao seu comando, um calor úmido empapa a minha

calcinha.

Aceno com a cabeça exageradamente, como se ele tivesse feito apenas um comentário perspicaz sobre o tema do orador. Ele intensifica a pressão e começa a acariciar o meu clitóris através da renda, tornando difícil que eu mantenha minha calma exterior. *Caramba, como eu o quero*. Não me importo com nada agora além do tesão furioso que ele provoca.

Seu toque invade o meu corpo com excitação, e eu começo a me transformar da Mia presidente disciplinada da Alea na Mia devassa, necessitada, escrava sexual que não deseja outra coisa que não seja o homem ao seu lado curvando-a e possuindo-a. Acredito que Tax obtém mais do que o que ele negociou quando estendo a mão sob a toalha da mesa e a coloco sobre o volume em suas calças. Ele sai do personagem e olha para mim, enquanto continuo a olhar para a frente e sorrio. Seu pau começa a inchar na minha mão e ele se inclina e sussurra:

– Mia, você é a minha putinha perfeita.

Solto uma rajada de ar que chama a atenção de Laney. *Merda*.

– O Sr. Draconi quer discutir alguns assuntos comigo – digo, rolando os olhos, como se ele fosse uma chateação. – Nós vamos sair um pouco.

Eu me inclino para Tax.

– Vou para o bar do hotel. Suponho que você precisará de alguns minutos antes de se levantar. – Eu me levanto com confiança, saindo com uma gingada dos quadris.



Stone Sour – “Wicked Game”

Fico bebericando uma água com gás no bar enquanto os minutos passam e nada de Tax aparecer. Ondas de calor e pulsação percorrem todo o meu corpo enquanto me preocupo com o seu paradeiro. Existe outro bar? Será que ele mudou de ideia?

Justo quando começo a ser invadida por uma enxurrada de dúvidas, recebo uma mensagem de texto no celular:

Vá para o nosso quarto.

Nosso quarto? Mas é claro, foi ele quem reservou a cobertura. Essa ideia não havia passado pela minha cabeça inicialmente, já que Tax de fato não existe no

mundo real, a não ser por uma aparição especial. Eu certamente não achava que ele pensasse o suficiente em mim a ponto de voar até Miami. Mando uma mensagem para Laney a fim de lhe dizer que a reunião está se tornando mais séria do que eu pensava e subo no elevador até o último andar.

Entro no quarto com o meu cartão-chave. Nenhuma luz está acesa, destacando a cintilante paisagem noturna de Miami, dezenas de metros abaixo.

– Tax? – chamo.

Minha pele formiga, como se eu estivesse assistindo à parte de um filme de terror em que a garota lentamente abre a porta para um quarto escuro e seu funesto destino. – Tax, eu sei que você está aqui.

Suspiro quando vejo sua silhueta alta nas sombras da sala de estar. Eu o observo em silêncio por alguns instantes.

– O que você está fazendo aqui? – pergunto. Ele sabe que não me refiro apenas à cobertura.

Ele caminha até mim, com passadas calculadas. Mas, quando se aproxima, a luz ilumina seus traços e a escuridão já não esconde sua paixão.

Ele envolve a minha cintura com o braço e me puxa com força, as pontas dos meus dedos dos pés mal fazem contato com o chão quando eu pouso contra o seu peito.

– Estou aqui porque sonho com você, com o gosto de sua boceta, os seus gemidos, os seus gritos, com o jeito como você pede por mim…

Fico molhada instantaneamente quando seu hálito quente, temperado com apenas uma pitada de conhaque, acaricia a concha da minha orelha.

– Porque, assim que eu vou embora depois de ter você, já quero você novamente. E, mesmo quando a possuo, não é suficiente. Quando vejo outro homem olhar para você como eu olho, quero matá-lo. Quero engolir você. Quero consumir você. Quero possuí-la. Eu quero você. – Sua outra mão se aproxima e agarra a minha nuca. Ela parece tão pequena em sua mão, como se ele pudesse quebrar meu pescoço com uma torsão do pulso. Seus lábios se esfregam contra minha clavícula enquanto ele sussurra as últimas palavras com aspereza: – Quero mais.

O quarto fica em silêncio. Nossas respirações, carregadas de desejo, são o único som. Juro que ele pode sentir as batidas do meu coração, que parece que vai saltar do peito.

Depois, há uma erupção. Tax me vira e me pressiona contra o vidro de uma janela da cobertura para que eu encare a faiscante paisagem lá embaixo.

Os sons do farfalhar de tecido dominam o silêncio enquanto ele se desvencilha

do paletó com violência e botões chovem no piso enquanto ele arranca a camisa. Então, seu corpo empurra-se as contra minhas costas. Ele desliza a mão entre as minhas pernas.

– Isto… – outra mão agarra um peito. – Isto é meu.

Balanço a cabeça para cima e para baixo. Minha mente gira numa leve vertigem quando o abismo lá embaixo de vários metros de altura me ameaça.

– Diga-me, Mia. Diga-me que isto é meu.

– É tudo seu – gemo trêmula.

– Fale o meu nome.

– É tudo seu, Tax.

Ele pressiona os quadris contra a minha bunda, seu pau duro me provocando com seu poder.

– Porra, Mia – ele diz, agarrado os meus cabelos e enterrando o rosto em seu perfume. – Eu quero arruinar você. Quero inviabilizar você para todos os outros.

– Você já fez isso – eu gemo, arqueando o pescoço para recebê-lo. Tax levanta meu vestido até os quadris e desliza a mão pela frente da minha tanga.

– A porra da sua boceta está tão molhada. – ele desliza dois dedos para dentro, curvando-os, para aumentar a tensão dentro de mim. Eu gemo e giro os quadris contra o seu pau enquanto os dedos dele me fodem possessivamente.

– Somente para mim – diz ele.

– Somente para você – repito, rendendo-me. Ele desliza os dedos molhados contra os meus lábios e, sem que me ordene, eu os lambo. Seus lábios se juntam aos meus, enquanto juntos provamos minha excitação em seus dedos.

– O seu gosto é bom demais. Adoro quando o cheiro de sua boceta permanece na minha boca. Isso me deixa com o pau duro de novo assim que saio de você.

Eu me contorço mais forte contra o pau dele. Tax já me falou sacanagem, sacanagem muito baixa, mas isso… É claro que não sou apenas uma ferramenta intercambiável, ele *me* quer. Quando ele sonha, ele me prova, me cheira, me sente exatamente como eu faço com ele. Tax puxa as tiras cruzadas do meu decote para cima, expondo os meus seios ao frio contato do vidro da janela.

Suas mordidas no meu ombro me asseguram que, seja o que for que ele sente por mim, ainda é cru e não desenvolvido. Ele ainda é um animal, um bruto que mostra suas afeições por meio da conquista. Sua mão quente contrasta com o frio da janela quando ele a enche com o meu peito, amassando a carne até chegar ao pico e belisca o mamilo com a ponta dos dedos. Eu solto um gemido áspero do fundo do meu peito.

Não aguento mais, preciso dele dentro de mim. Preciso que ele apague o calor

que se espalha através de cada célula do meu corpo, destruindo a Mia que existia antes de Tax.

– Foda-me, Tax – imploro, estendendo a mão para trás para alcançar e esfregar a prova inequívoca de seu próprio tesão.

Num ímpeto, Tax puxa o meu vestido pela cabeça. Ele se ajoelha, pega as finas laterais da minha tanga e olha para mim enquanto as desliza. Ele agarra um dos meus tornozelos e dobra minha perna, puxando a tira do tornozelo da minha sandália alta com os dentes. Eu olho para ele por cima do ombro, excitada com a emoção de Tax abaixo de mim.

– Você me provoca com isso. Quando usa seus tops de barriguinha de fora, seus jeans apertados, suas saias. É como se você estivesse tentando quebrar minha resistência. – Seus dentes prendem bruscamente a carne macia da minha bunda, enquanto suas mãos esfregam-na, traçando círculos suaves ao longo de seu contorno.

Ronrono com suas palavras, porque há alguma verdade nelas. Eu nunca o vejo, mas sempre suspeitei que ele me observava. Talvez nem sempre, mas às vezes posso sentir seus olhos em mim, como se o desejo fosse tão forte que enviasse um feixe de luz, como um farol. Há segurança em seu olhar constante, eu me sinto querida, adorada, possuída. E sim, costumo me vestir esperando que ele me veja e queira arrancar cada peça de roupa do meu corpo.

Fico nua, só de sandálias, da mesma forma como fiz tantas vezes no escritório. Embora, quando ele me vira para encará-lo dessa vez, eu não me sinta sozinha. Seu torso também está nu, os montes dos músculos destacados pelas sombras na cobertura, as cobras no pescoço em harmonia com o seu peito. Os cortes em todo o seu tronco me lembram de sua dor e desencadeiam meu instinto de fazê-lo sentir-se melhor da única forma que ele permite.

Ele pressiona seu corpo nu contra o meu, calor contra calor, carne contra carne, pela primeira vez. Os dentes dele raspam e beliscam, seus lábios sugam, a língua prova.

– Foda-me, Tax. Por favor.

– Mia… – ele geme, pressionando o pau contra a minha barriga. – Implore.

– Por favor – sussurro sem fôlego em sua orelha. – Eu preciso de você dentro de mim. Eu preciso de você.

E minha confissão de que isso está se tornando mais do que desejo, está se tornando parte da minha identidade, o tecido de quem eu sou, o deixa doido. Tax abre as calças, a fivela do cinto tinindo contra o chão ao atingi-lo. Ele arranca fora a cueca boxer, acariciando para cima e para baixo minha cremosa fenda.

– Tax… – gemo, pressionando meus quadris contra ele. O que mais posso fazer? Ele me quer, ele me quer demais, mas ele ainda provoca. – Foda-me… – eu imploro, beliscando seu pescoço com os dentes.

– Não, Mia. Você é que vai me foder esta noite. – Ele agarra as duas abas da minha bunda e me arranca do chão. Enrosco os braços e pernas ao redor dele e ele nos leva para um sofá, sentando-se por baixo de mim.

– Foda-me o rosto. Foda o meu rosto do jeito que eu fodo você.

Minha boceta lateja de necessidade, e estou ansiosa para aliviar a tensão que se acumula. Monto em seus ombros enquanto ele se inclina para trás e abaixo-me suavemente em seu rosto. Seus olhos escuros me encaram, cheios de energia e poder sexual, me desafiando. Mesmo que eu esteja por cima, é ele quem está no comando. Sua boca captura a minha boceta, como uma das serpentes venenosas da tatuagem em seu pescoço, e ele mergulha a língua profundamente dentro de mim. Meus quadris pressionam o seu rosto, ele geme enquanto chamo seu nome como numa oração desesperada.

– Vai, Tax – engasgo. – Me fode!

Sua língua gira sobre o meu clitóris hipersensível. Meus quadris se contorcem em seu rosto com abandono. – Puta que pariu! – inspiro golfadas de ar, como se estivesse me afogando na luxúria. Suas mãos agarraram a carne da minha bunda, cravando os dedos dolorosamente, enviando uma centelha de energia através de mim. Eu fodo o seu rosto com força, como se sua língua fosse um cacete. Meus sucos embebem minhas coxas, como se Tax estivesse mordendo uma suculenta fruta madura. Despudorada, sorvo o ar de forma ruidosa, enquanto meu desejo reprimido explode por toda a sua boca. Seguro os meus peitos, minhas mãos muito pequenas para agarrá-los do jeito que Tax faz, mas eu os aperto mesmo assim, a maciez deles contrastando com a dureza da minha esfregação. *Esfregando. Fodendo. Escorrendo. Metendo.* A boca quente de Tax me bebe, regozijando-se em meus sucos. Ele grunhe como um homem faminto que consome um banquete.

Meu clitóris pulsa em ondas de choque que reverberam por todo o meu corpo, alternando ondas de euforia e dormência, como se todo o meu ser estivesse sobrecarregado de tesão. Meto os dedos pelos cabelos dele e cavalgo seu rosto como um cavaleiro furioso até que as intensas reverberações amorteçam.

Minhas entranhas ainda formigam com os abalos secundários do trabalho de Tax, mas a coisa ainda não acabou. Ainda sensível de gozar, ele me guia até o pau sólido e solto um grito de prazer engasgado. Seu pau me preenche, atingindo tão profundamente meu ventre que quase chega a doer. A cabeça cheia de seu

pau esfrega o ponto sensível dentro de mim, como se nossas partes houvessem sido projetadas para se encaixar com perfeição.

Olho diretamente nos olhos semicerrados de Tax, com ele profundamente atochado em mim, mas seu olhar não está no meu. Em vez disso, eu o vejo morder o lábio, ainda brilhando com minha umidade, enquanto admira meu corpo com um ar de proprietário. Suas mãos correm por meu torso e cada uma agarra um peito, espremendo-os para que os mamilos se projetem. Ele desliza os lábios molhados pelas pontas e eu derreto sob a sensação.

– Mia, seus peitos são lindos – ele rosna. Tax corre a ponta da língua por um mamilo, depois o morde e belisca forte com os dentes. Eu grito quando ele começa a sugá-lo, como se ele mamasse para afugentar a dor.

– Foda-me, Mia – ele ordena. – Com força. Sacana. Eu sei como você gosta disso.

Os olhos de Tax retornam aos meus e ele se inclina para trás, segurando a minha cintura, observando-me enquanto eu o monto. Exploro esse novo território, passando os dedos por seu peito, ombros, os músculos abdominais. Sua respiração torna-se áspera, a dor em seus olhos luta para chegar à superfície. Ele agarra as minhas mãos com força e as cruza atrás das minhas costas. Seu tom torna-se sério, como se ele estivesse impaciente.

– Mia, eu mandei você me foder.

Esse homem, que é tão aterrorizante por dentro e por fora, tem pavor de intimidade. Toda vez que me aproximo, ele morde.

Ele se senta, mordendo a carne de meus seios, apertando meus pulsos com raiva. Eu jogo minha cabeça para trás, desfrutando o seu controle.

– Mia, não me teste, caralho. Eu ainda sou eu. Eu machucarei você.

Alguma coisa em sua ameaça me deixa louca. Mesmo assim, cara a cara, finalmente nu e exposto, ele não me deixa tê-lo por inteiro. Como um animal selvagem que foi amarrado, resisto ao seu domínio em sinal de rebeldia. Isso só o faz usar outra fração de sua força para me restringir. Nada posso nos braços de Tax. Ele agarra meus dois pulsos em uma de suas grandes mãos, machucando a minha carne.

Com a outra mão, ele bate na minha bunda com tanta força que luto contra ele.

– Mia, foda-me. Mostre-me quem você é. – Eu salto para cima e para baixo em seu pau, rosnando em dor erótica pelas profundezas que ele alcança. Ele me dá outra palmada novamente sem restrições. O local onde a mão dele aterrissou lateja de ardência. – Eu sei que você quer isso. Você gosta quando eu machuco

você. – Outra palmada violenta e eu reclamo de uma forma que nem eu me reconheço.

– Vai se foder! – grito para ele enquanto subo e desço ferozmente em seu pau. Meus peitos chacoalham para cima e para baixo sem cessar, e ele me acerta outra dura palmada.

– Porra! – grito.

– Aí está. Minha boa putinha.

Subo cada vez mais, outra vez chegando a uma altura à qual apenas Tax pode me levar.

Tax agarra o meu rosto, beijando-me tão forte que sinto gosto de sangue.

Ele se levanta, ainda dentro de mim. Sua demonstração de força desperta o animal em mim e eu mordo o seu pescoço ferozmente. Ele me tomba em uma mesa, derrubando vasos decorativos. O choque da porcelana contra a lajota me faz sufocar de excitação.

– Sua cadela louca – ele diz com um sorriso malicioso. – Você quer foder como um animal? Eu vou te foder como um animal. Você vai uivar como um animal filho de uma puta.

Ele leva as minhas pernas para cima de seus ombros e inclina-se para a frente, erguendo os meus quadris da mesa. Usando essa alavancagem, ele esfrega seu pau dentro de mim, e são necessários apenas umas poucas estocadas antes de eu começar a uivar agarrada à mesa. Enquanto chego ao ápice do meu orgasmo, Tax se afasta e me estapeia repetidamente, adicionando dor ao desmesurado prazer enquanto produzo sons que nenhuma fêmea humana deveria ser capaz de produzir.

– Puta merda… – diz Tax, cravando os dedos na parte superior das minhas coxas. Ele golpeia a minha boceta com o seu pau e lança a sua cálida porra dentro de mim, rosnando como uma besta selvagem.

Capítulo 26

Mia

Fiona Apple – “I Know”

TAX AINDA ESTÁ AQUI E ACHO QUE ELE vai ficar. Ele chegou a chamar a suíte de *nosso* quarto. Eu me sento no sofá, enrolada em um cobertor, enquanto Tax olha pela janela em todo o esplendor de sua nudez. Aproveito a visão. Apesar de todo o sexo que tivemos, ele nunca tirara a roupa por completo antes.

Seu corpo é lindo. Nunca pensei em usar tal palavra para descrever o físico masculino até que o conheci. Sua silhueta é recortada em músculos, repleta de aclives e declives, uma topografia da masculinidade. Seus ombros são largos e fortes, suas costas revelam nós musculares que unem sua cintura aos quadris. E os sulcos em seus quadris que levam ao seu pacote… Eles provocam minha libido.

A tatuagem em seu pescoço e ombro, que parece ter vida própria, é uma obra de arte por si só. Mesmo suas cicatrizes, elas contam uma história, como marcas de cinzel em uma estátua.

Nós não dissemos nada de fato, nem acendemos as luzes. Estamos apenas aprendendo, creio eu, como estar um com o outro após o sexo.

– Merda. Eu deveria estar lá embaixo – penso em voz alta.

Tax se vira. Mordo involuntariamente meu lábio com a visão.

– Eu sou seu chefe, e digo que não se preocupe com isso.

Meu comentário parece quebrar o silêncio.

– Quer sentar aqui comigo? – pergunto.

Tax projeta o queixo de forma cética, como se eu estivesse escondendo uma faca nas minhas costas.

– Talvez eu deva abrir um vinho ou algo assim. – Ele parece uma forma de vida alienígena, recitando os hábitos do comportamento humano.

– Talvez um pouco. Ainda estou traumatizada com a grande reinauguração do bar de Tiff.

Ele sorri e meu estômago vibra como cordas de harpa.

– Você se divertiu muito naquela noite, não foi?

– Acho que você também – respondo com um sorriso malicioso.

Tax vem para o sofá com duas taças e uma garrafa de *prosecco* recém-aberta. Senta-se ao meu lado e nos serve.

– Seus pés estão congelando – ele comenta.

Eu nem percebi que os tinha enterrado debaixo da coxa dele. É uma coisa inconsciente que sempre fiz.

– Eles sempre ficam gelados – digo me desculpando. Sempre tive o hábito de esquentá-los nas pessoas. – Minha mãe costumava me dar divertidas broncas por isso. – Tantos anos depois, falar nela ainda dói. Tax olha para mim e concorda debilmente, como se ele entendesse de certa forma. Ele me entrega uma taça, depois larga a dele e agarra os meus pés, puxando-os para cima de seu colo e esfregando-os com suas mãos grandes e quentes.

– Se você quiser que eu os aqueça, tudo o que precisa fazer é pedir.

O tom de sua voz me faz lembrar do dia em que ele ficou por cima de mim debochando enquanto eu chorava. *Se você quiser, tudo o que precisa fazer é implorar, Mia.* Mesmo então, uma ligeira sugestão de sua fraqueza em relação a mim pôde ser vislumbrada enquanto ele me ajudou a me levantar e me deu alívio.

– Vendo como você já os está aquecendo, acho que não preciso.

Há uma calmaria, porque poderíamos continuar com essas amabilidades, mas o que temos é o oposto do casual. Está carregado, cheio de perguntas sem resposta e sentimentos não manifestados. Se há algo que eu sei sobre esse homem enigmático é que não é fácil para ele falar. Pelo menos, quando se trata de algo diferente da raiva.

Ele disse que quer mais, mas não acho que ele saiba como definir isso. Eu tenho que ter coragem de mostrar-lhe o que é isso, mesmo que ele solte os cachorros.

– Tax, o que estamos fazendo? – pergunto. Eu me preparo para um duro lembrete. São apenas trepadas. Você me deve. Sou seu dono.

Ele avança para a taça e toma um gole.

– Não sei.

Solto uma única risada. Que resposta casual. É sincera, no entanto. Finalmente.

– Você disse que quer mais…

Sua linguagem corporal torna-se rígida. Essas palavras significam muito para ele. Estendo a mão e baixo-a suavemente no ombro dele.

– Eu também.

Ele olha para mim, seus olhos castanhos refletindo as luzes da cidade.

– Eu sei – ele diz com tristeza, como se as minhas palavras fossem trágicas. – Por quê?

Mesmo ele não entende.

Dou grandes goles no *prosecco*.

– Tax, eu me pergunto isso o tempo todo. Penso muito nisso quando você desaparece por dias.

Ele desvia o olhar. *Poderia ser remorso?*

– Sei que você pensa que sou apenas uma mulher estúpida que fez algo realmente estúpido contratando alguém para vir atrás de mim. Mas eu estava tentando encontrar algo que não conseguia encontrar em nenhum outro lugar. E consegui.

Ele se inclina para a frente, digerindo minhas palavras.

– Mia, estou tentando lutar contra isso. Venho tentando lutar contra isso. Eu vou te machucar. Não porque eu queira, mas porque é o que acontece. É o que faço. É nisso que sou bom.

– Acho que é nisso que você acredita sobre si mesmo. Acho que é por isso que você me disse uma vez que não pode receber amor. Mas eu não acredito.

– Mia, você não sabe nada sobre mim. – Ele já me disse isso com desdém, mas, agora, a frase carrega arrependimento.

– Então, me diga.

– Não posso.

– Ainda estou aqui… depois do que você… – hesito em dizer a verdade e colocá-lo na defensiva.

– Depois do que fiz com você.

Baixo os olhos, mas depois volto a encará-lo. Ele me fez coisas horríveis, eu não deveria ter vergonha de afirmar isso.

– Tax, não podemos continuar assim para sempre. Eventualmente, a verdade precisará vir à tona. Não posso te dar mais se você não me der mais também.

– Só porque queremos mais, não significa que possamos ter.

Fico desapontada e resolvo arriscar.

– Tax, talvez você não tenha percebido isso sobre mim. Mas eu costumo obter o que quero.

Ele balança a cabeça para mim como se quisesse me corrigir, mas, depois, franze as sobrancelhas como quem tira uma conclusão.

– Na verdade, você está certa…

– O que você está fazendo comigo, segurando a verdade, não está certo – imploro.

– Você não sabe.

– Eu não posso continuar te dando mais se você não se abre. Daqui a pouco, não me restará mais nada.

– Mia, juro que você lamentará qualquer coisa além do que já temos. – Sua franqueza é tão brutal que às vezes machuca fisicamente.

– Mentira – digo, teimosamente.

– Não – ele diz, reafirmando sua posição. – Agora não.

– Já pensei tanto sobre isso… Eu não machuquei ninguém. Não devo nada a ninguém. Meu pai era um policial. Isso tem a ver com algo que ele fez?

– Basta, Mia.

– Eu mereço saber por que você me chantageou.

– Não essa noite.

– Então, quando?

– Quando for a hora certa.

Eu suspiro.

– Mia, confie em mim quando digo que existem razões que você entenderá um dia. Estou tentando te proteger.

– Me proteger? Alguém está atrás de mim?

– Ninguém vai te tocar. Ninguém. – Seus olhos adquirem uma expressão sombria. O que ele fez com aquele cara inofensivo no bar de Tiff me diz que isso é um juramento.

– Eu não vou parar de perguntar até você me dizer.

– Eu sei.

Olho para ele de alto a baixo, meus olhos acompanhando as marcas em seu corpo. Estendo a mão e passo o dedo delicadamente em uma delas. As narinas dele se dilatam e seus lábios franzem enquanto ele olha para a frente.

– O que aconteceu com você, Tax? – pergunto com ternura.

– Uma pessoa amiga armou para mim – ele diz, a frase difícil deixando claro que ele não vai revelar mais.

– Isso é horrível. Ser magoado por alguém em quem confiamos. – Seu maxilar se contrai, e as cobras em seu pescoço se movem.

– Há uma solução fácil para isso: não confiar em ninguém. – Tax endureceu novamente.

Eu acaricio o seu cabelo sedoso, sabendo que sua dor é profunda e nenhuma palavra que eu diga agora mudará isso.

– Acho que eu deveria te perguntar então… – *aproveito o gancho e mando ver.*

– O quê?

– Você esteve com outras mulheres desde que nós…

– Não.

– Porque nós…

– A resposta é não. Eu só estive com você. Eu gosto muito de foder você sem preservativo, e também gosto muito do meu pau, então o mantenho bem cuidado.

Se minha boceta pudesse sorrir, seu comentário sobre foder-me sem camisinha provocaria um sorriso. *Eu sou uma megapervertida.*

– Estou confiando em você nisso, Tax.

– Eu sei.

Descanso a minha cabeça em seu colo, aconchegando-me no cheiro de nosso sexo que permanece em sua virilha. Eu me enterro, esperando que ele esteja tão obcecado por mim quanto estou por ele. Para que ele vá contra os seus instintos da mesma forma que me fez ir contra os meus.

Seus dedos acariciam os meus cabelos. O quarto está silencioso, mas não tranquilo, pois o volume da introspecção de Tax é ensurdecedor.

– Tax – digo numa voz sonolenta. – Eu queria que você confiasse em mim.

– Eu também.

Capítulo 27

14 anos antes

QUASE PERDI A CORAGEM E MATEI AULA HOJE, PORQUE ESTAVA MUITO nervoso sobre a reação de Mia à carta. A essa hora, ela já deve ter lido. Ela sabe oficialmente como me sinto sobre ela, que eu acho que ela é uma bela pessoa, e que ela merece coisa melhor do que o babaca com quem ela está agora, mesmo que isso signifique não estar comigo.

Escolhi entregar-lhe a carta ontem porque não teríamos nenhuma aula juntos hoje. Se quisesse conversar comigo sobre isso, ela teria uma escolha. E, sinceramente, seria bom ter mais um dia antes do terrível constrangimento de encará-la depois da carta. Não tem como ela reagir de outra forma senão com um "Eu gosto de você como amigo".

Nossos armários ficam em extremidades opostas, mas geralmente nos vemos no corredor algumas vezes por dia. Normalmente, ela acena e sorri, mas tem sempre amigas ao redor, como uma espécie de guarda de popularidade do ensino médio. Então, embora eu não tenha que ficar sentado ao lado dela hoje por uma hora, ainda assim é provável que eu não passe o dia sem cruzar com ela no colégio.

Enquanto reviro o meu armário, o sino toca para a segunda aula. Eu atravesso o corredor, e avisto-a caminhando na direção oposta, na outra extremidade. Nossos olhares se cruzam e eu tenho certeza de que vou vomitar.

Mas antes que possamos nos aproximar o suficiente para dizermos qualquer coisa, a Sra. Strumbull, a diretora, toca no ombro dela. Mia se vira e segue-a por outro corredor, sumindo de vista.

Não a vejo pelo restante do dia, e me pergunto o que teria acontecido se não houvesse sido chamada. Ela teria sorrido? Falado comigo sobre isso? Fingido que nunca aconteceu?

É inútil tentar adivinhar. Amanhã, teremos de apresentar o nosso projeto final e não teremos outra escolha senão nos falarmos.

Abro o meu armário para pegar algumas coisas antes de ir para casa e uma carta cai no chão. Olho em volta, para ver se alguém está observando, mas o corredor está fervilhando de gente ocupada com seus próprios assuntos.

Abro cuidadosamente a carta, que está escrita com a caligrafia de Mia, usando grandes círculos como pingos nos seus “I”s.

Caro Sil,

Obrigada por sua carta. Foi muito bonita. Eu também gosto de você. Desde que iniciamos este projeto juntos, você é a única pessoa em que penso. Conhecer você neste semestre foi incrível. Mas estou com Tripp, por isso gostaria de vê-lo em particular. Mantenha isso em segredo e não conte a ninguém. É a única maneira de isso rolar por enquanto.

Quero encontrá-lo hoje à noite no antigo estaleiro, às oito da noite. Por favor, vá sozinho. Leve calção, caso decidamos dar um mergulho.

Com amor,

Mia

Escondo um sorriso ao dobrar o papel e enfiá-lo no bolso e fecho o meu armário delicadamente, como se alguém pudesse perceber minha empolgação se eu o fechasse com muita força. Isso não pode estar acontecendo. Garotas como Mia não gostam de lixos magricelas e pobres como eu. Mas talvez isso não seja verdade, talvez existam pessoas que veem além das aparências e sentem-se atraídas pelo bem nos outros. Talvez eu tenha finalmente dado sorte na vida.

Olho em volta outra vez rapidamente e corro para encontrar Jude na frente da escola.



14 anos antes

Assim que entro no escritório da Sra. Strumbull e vejo o meu pai parado de pé ali, eu já sei. A expressão nos olhos dele, como se cada um pesasse centenas de quilos, me deixa tão triste por ele… Sei que lidar com a perda da esposa já é bastante difícil, mas, ainda por cima, ele precisa contar para a filha que a mãe

dela se foi.

– Papai? – eu o chamo com os olhos marejados. Nem preciso dizer as palavras. Sabíamos que este dia estava chegando, mas ela parecia estar melhorando outra vez. Eu me agarro a essa última esperança, a de que talvez ela esteja apenas muito mal, mas que eu ainda tenho a chance de me despedir dela.

– Mia, minha filhinha – ele soluça. E eu sei que não há esperança, que nunca mais conseguirei segurar sua mão quente, ou ler para ela, ou ouvir sua risada enquanto ela me diz que não aqueça os pés gelados embaixo da sua bunda.

– Sua mãe teve um ataque cardíaco. Ela estava muito enfraquecida com o câncer, e não conseguiu resistir.

Eu sabia que esse dia chegaria, ficara claro que a minha mãe nunca seria curada, mas, como mágica, todos os dias ela ainda estava lá. Ela ficava mal e depois melhorava, e acho que eu, tolamente, pensava que ela continuaria lutando por mim. Pensava que talvez ela pudesse se forçar a viver para que eu não precisasse ficar sem ela.

Tento permanecer estoica enquanto ouço as notícias. Todo esse tempo, não quis que ninguém tivesse pena de mim. Eu nunca conversei com meus amigos sobre isso. Meu pai estava tão estressado com o trabalho e minha mãe que eu não queria que ele se preocupasse comigo. E, quanto a minha mãe, chorei uma vez em seus braços quando ela me contou que estava doente, mas depois disso, tentamos só criar lembranças alegres. Nós íamos ao parque em nossas bicicletas, e depois, quando ela ficou mais doente, dávamos curtas caminhadas e fazíamos noites de pizza e filmes. No final, quando ela não podia mais andar, eu lia histórias de amor para ela. Às vezes, elas tinham finais felizes, às vezes, eram trágicos.

Hoje estou vivendo em um desses livros trágicos. O sol não está brilhando, embora lá fora o dia esteja radiante; não há risos, mesmo que o corredor esteja repleto de adolescentes bobos. Há um vazio. Um vazio que nunca poderá ser preenchido. Ninguém será tão maravilhoso e especial quanto a minha mãe. Ninguém ficou acordado comigo à noite quando eu estava doente, ninguém mais criou meu traje de Halloween do zero, de modo que eu tivesse a fantasia mais legal da cidade, ninguém mais beijou meus machucados e fez a dor desaparecer. Ninguém mais fez o melhor espaguete do universo por causa do seu ingrediente especial: amor. Seu amor desapareceu. Sim, eu ainda vivia com ele no meu coração, mas nunca voltaria a senti-lo em seu abraço, nunca mais o ouviria em suas palavras. Ela não existe. É tão definitivo. Nada na vida deveria ser tão definitivo.

Ela era muito jovem para partir. Não é justo. Quem me ajudará a escolher o meu vestido para o baile de formatura ou me ajudará a planejar o meu casamento? Não é justo. Ela era muito boa para morrer.

Nem percebo que estou desmoronando até que o meu pai me ampara em seus braços. Eu soluço de forma incontrolável enquanto ele sussurra no meu ouvido:

– Vamos ficar bem, filhinha. Eu vou cuidar de você. O papai te ama.

Capítulo 28

Presente

Tax

ACORDO COM O SOM DE MIA SE ARRASTANDO para fora da cama. Olho para ela, e seu cabelo está uma bagunça, seu rosto inchado de sono. Está claro que ela não é uma pessoa que gosta de acordar cedo, o que só me torna mais babaca por exigir que ela me encontre para sessões de foda semanalmente às cinco da manhã. É bom saber que eu não era o único lutando para sair da cama.

Olho para o relógio na mesa de cabeceira. São quase sete e meia. Meu lado sádico gosta de vê-la revirar a bagagem apressada.

– Com pressa? – pergunto, minha cabeça apoiada na mão.

– Caramba! Você me deu um baita susto!

Eu a observo, enquanto luto com o fato de que acabei de passar a noite na cama com uma mulher cuja morte venho tramando nos últimos dez anos. Ela é tão inofensiva… só que não. Ela já me pegou de jeito e nem se dá conta disso. Existe um poder em sua gentileza e calor humano. Se ela fosse uma cadela fria, já estaria morta, mas sua vulnerabilidade tem sido um escudo impenetrável.

Depois de conversar com Rex, suas palavras foram como uma brisa suave que empurrou meu corpo de volta da beirada do abismo. Depois de trocar as pílulas, eu precisava engravidá-la de qualquer jeito. Mas essa razão não passa de uma mentira, faz parecer que estou aqui apenas para executar o “plano”, mas estou aqui porque quero estar aqui. Eu quero foder Mia, vê-la, conhecê-la.

– Eu tenho que estar lá embaixo às oito – ela diz, agarrando as roupas que ela arrancou da bagagem a caminho do chuveiro.

– O prognóstico não me parece bom.

– Obrigada pelo encorajamento! – ela grita, desaparecendo no banheiro.

Por um momento, pareceu que somos um casal normal, que não me debato constantemente entre a vontade de puni-la e fodê-la. Ou numa batalha ainda mais aterrorizante: querer puni-la ou querer passar algum tempo com ela.

Sento-me estalando o pescoço, pego o telefone do quarto do hotel e ligo para o serviço de quarto.

– Oi, traga qualquer café da manhã o mais rápido possível. Alguém aqui precisa estar num compromisso em quinze minutos. Obrigado.

Passo pelas coisas dela espalhadas sobre uma mesa no quarto e meus olhos batem na cartela de pílulas anticoncepcionais… Correção: pílulas placebo.

Sou um grande filho da mãe. Um merda.

Estou fazendo isso por ela. Não terei paz de espírito se Jude não tiver sua vingança. Sou responsável por quem ela é hoje. Fiz uma promessa a Jude. Mesmo se eu pudesse quebrar a minha promessa, Jude nunca aceitaria isso. A única maneira para que Mia fique segura fora engravidá-la é eu matar Jude. E isso não vai acontecer. Há apenas uma coisa que pode fazer com que Jude olhe além da ira que sente, a única coisa que a obcecou todos esses anos: uma criança.

Jude é infértil devido a lesões internas maciças que sofreu, e ela sempre quis uma criança em nossa família. Nossa família somos apenas ela e eu e, por isso, depende de mim ter uma criança para cumprir essa porra de obsessão dela. Nunca tive interesse em ter filhos e isso decepcionou Jude. Era como se ela estivesse perdendo a capacidade de ter filhos duas vezes. Somos gêmeos fraternos, mas ela sempre nos considerou metade de um todo, de uma pessoa completa. E, assim, ela adoraria meus filhos como se ela própria os tivesse dado à luz. Eles substituiriam a raiva deixada por sua infertilidade.

Não importava o quanto ela implorasse, eu sempre recusei isso. Eu poderia matar em nome dessa dívida, mas eu não geraria uma vida em nome dela. Nunca conheci uma mulher com quem quisesse ter filhos e nunca senti o anseio de ser pai. A palavra “pai” era uma espécie de palavrão para mim. Eu odiava o meu próprio pai. Não digo isso da forma como o fazem os filhos amargurados de pais babacas. Meu pai nos odiava e nós o odiávamos de volta. Normalmente, você aprende a amar os seus pais; eu aprendi a detestar. Ele me ensinou tão bem, de fato, que eu o matei. Ah, sim, ele também nos devia. Era tão culpado quanto todos os outros filhos da puta. Alguns poderiam argumentar que ele era o mais culpado, porque tinha a obrigação de nos proteger. Mas ele escolheu bebedeiras e dinheiro para toda uma vida de mais bebedeiras, a defender os próprios filhos. *Pai*, essa palavra faz subir bile à minha garganta. Por que eu gostaria de ser um *pai*?

Nenhuma mulher além de Jude significou alguma coisa para mim, e é diferente porque ela é minha irmã. Nunca pude estabelecer um laço emocional

com nenhuma mulher. É como se um fusível estivesse queimado em um lugar qualquer dentro de mim. Eu podia fodê-las, podia fazê-las se apaixonarem por mim, mas nunca consegui lhes dar nada em troca além de indiferença.

Quando eu tive que foder a mãe de Tripp por dois anos de agonia, eu poderia muito bem estar fodendo um colchão d'água. Eu nem ao menos me importava o suficiente para não gostar dela, embora fodê-la fosse um ato bastante desagradável. Seduzi-la pacientemente foi muito mais difícil do que matar pessoas. Pelo menos, foi a mais lucrativa de todas as dívidas que cobramos. Centenas de milhões quando todas as fábricas e propriedades foram vendidas.

Foi isso que me ferrou com Mia. Não foi só o fato de o sexo ser ótimo – mulheres bonitas nunca me faltaram. Não, foi o que eu senti durante o sexo com ela… Bem, foi o fato de me fazer sentir alguma coisa. A verdade é que, mesmo depois de ter gozado, eu ainda pensava nela. Ela até tem um sabor diferente, como se sua química corporal me atraísse para ela.

Então, se há uma mulher no mundo com quem eu gostaria de ter um filho, seria Mia. E estou mentindo para ela, para que finalmente possa estar segura. Eu a avisei que, não importa o que acontecesse, eu a magoaria. É só nisso que eu sou bom. Não há como isso acabar sem que Mia não se machuque, mas posso fazer tudo o que estiver ao meu alcance para diminuir sua dor. Uma gravidez não planejada é muito melhor do que a morte.

Jude não ferirá a mulher que está carregando o meu filho. E ela não vai querer que essa criança perca sua mãe do jeito que perdemos a nossa. Conheço Jude o suficiente para saber disso. As crianças são seu ponto fraco. Meu filho é a única solução que vai diluir sua potente raiva.

Depois de alguns minutos, há uma batida na porta. Visto uma cueca e recebo o serviço de quarto, enchendo uma xícara de café para mim e outra para Mia. *Viu?* Eu posso ser legal quando não estou concentrado em uma vingança de catorze anos.

Mia aparece na sala de estar, atrasando o passo quando avista o café da manhã servido. Ela está usando um vestido branco e vaporoso. Isso faz com que ela pareça muito pura e me dá vontade de deixá-la imunda enquanto ela o usa.

– Você pediu tudo isso?

– Sim, pensei que, de outra forma, você não teria tempo para comer.

– Uau, muito obrigada… – ela diz com ceticismo. Eu não a culpo, já envenenei pessoas antes.

– Tome, não sei como você prefere, então servi café puro para você – digo, entregando-lhe uma xícara cheia. Eu a pego me dando uma secada e ela morde

muito sutilmente o interior do lábio. Não vou mentir e dizer que não adoro o fato de ela estar tão atraída por mim quanto eu por ela.

– Obrigada, novamente. Desculpe, você vai ter que me perdoar, mas isso é tão… diferente.

– Eu só pedi um café da manhã. Não sou o Príncipe Encantado.

– Ainda assim, apreciei bastante o gesto. – O celular dela toca. – Merda, tenho que ir.

– Vejo você no almoço.

Seus olhos se iluminam, mas, então, ela suspira.

– Não posso continuar desaparecendo. Eles não são idiotas. Vão suspeitar. Laney já me enviou mensagens três vezes sobre a noite passada.

Que fofo… ela acha que eu aceito um não como resposta. *Que fofo?* Puta meeeerda, preciso lutar contra um urso raivoso ou algo do tipo.

– Eu vou vê-la no almoço. Na verdade, deixe sua equipe fazer o trabalho. Você não é mais Diretora de Operações, você é a porra da Presidente. Você vai tirar a tarde de folga. Não se esqueça, eu ainda tenho de puni-la.

Sim, eu sou um babaca por mostrar quem manda aqui, mas sei que ela fica excitada quando exerço meu poder sobre ela. Então, yin yang ou alguma merda do tipo.

– Está bem! Vejo você mais tarde – diz ela, metendo uma banana na boca. *Ereção instantânea*. Mia pega uma rosquinha e se dirige para a porta. Então para, vira, corre para mim e tasca um beijo nos meus lábios. Ela mete a rosquinha inteira na boca, fala “tchouuu” e desaparece pela porta. Eu meio que fico parado como um idiota atordoado. As coisas que fiz a essa mulher, e é um selinho nos lábios que me faz congelar.

Olho para a porta por um tempo e depois percebo que estou sorrindo. Na verdade, estou sorrindo desde que acordei esta manhã.



Mia

Não sei o que está acontecendo com Tax, mas estou adorando. O café, do qual continuo sentindo o cheiro, que me parece o melhor cheiro de café que já senti, porque ele o serviu para mim. Essa rosquinha murcha que me parece a mais deliciosa iguaria porque foi ele que a encomendou para mim.

É seguro para mim baixar a guarda? Ao menos esperar que ele ainda esteja

aqui mais tarde, como disse que estaria? Há tanto progresso que precisa ser feito, mas na noite passada havia um Tax diferente. Ele ainda era feroz, mas feroz de desejo, não apenas desprezo.

Posso dizer que no fundo de seu coração ele está remoendo algum tipo de batalha interior. Não tenho a menor ideia do que possa ser. Apesar de toda a emoção que esse homem representa para mim, ainda não sei quase nada sobre ele.

Sei que ele tem um irmão chamado Rex. Seus pais estão mortos. É dono da Draconi Corp e, portanto, da Alea. Ele trepa como um demônio sexual. Ele acha que eu devo a ele. Sim, é sobre isso!

Estou louca? Alguma coisa falhou no meu cérebro? Como posso me sentir segura em relação a esse homem? Por que eu iria aprofundar uma história com alguém que surgiu na minha vida entrando furtivamente na minha casa sob o disfarce de um prostituto contratado para um estupro *fake*?

Mas o meu coração não liga a mínima para o que a minha razão tem a dizer. Ele quer o que ele quer. Apesar de todo o mistério que envolve Tax, sinto-me viva quando estou com ele. Tudo é mais potente. As cores são mais vivas, os alimentos mais saborosos, os aromas mais perfumados. Se ao menos eu conseguir que ele confie em mim, então poderemos evoluir.

Não sou idiota. As cicatrizes em seu corpo, a raiva que sempre borbulha por baixo da superfície: sei que há um demônio envolto em uma linda concha. Tax prometeu que vai me machucar. Estar com ele é como montar uma fênix, só posso voar algum tempo antes de ser incinerada.

Mas há algo que penso que nós dois percebemos na noite passada. Nenhum de nós tem uma escolha. Quando estamos juntos, a energia é cósmica: quando estamos separados, tudo o que podemos pensar é na próxima vez que nos encontraremos. Tudo o que acontecerá entre nós é inevitável. Tudo o que posso fazer é me preparar para o impacto.

Entro no salão da convenção e, embora o sexo esteja no menu, a energia na sala é quase boba: estrelas pornô com implantes de silicone posam com os fãs, os estandes brilhantes mostram os últimos aparelhos, homens desfilando por ali em suas calças com recortes no traseiro, exibindo bundas nuas. Sim, essa garota de uma cidadezinha de Iowa construiu uma vida para si mesma neste mundo.

Encontro o estande da Alea e vibro de orgulho, admirando os metais modernos contra os turquesa, rosa e púrpura. Nossos modelos, todos com nomes de deusas gregas, são exibidos triunfalmente em vitrines. Graças a Tax, nunca mais considerarei alguns desses modelos do mesmo jeito.

– Mia! – Laney chama excitada.

– Ei, tudo parece ótimo.

– Fiquei preocupada quando você não voltou mais na noite passada. Você disse que a reunião estava séria. Vai tudo bem com a Alea?

– Oh, sim. Desculpe, não quis te preocupar. O Sr. Draconi ao que parece voou até aqui porque deseja desempenhar um papel mais ativo na empresa e, claro, está requisitando um monte de reuniões comigo agora. Ele pode ser um bocado exigente. Então, terei que lhe pedir que toque o barco hoje à tarde, pois terei que me ausentar.

– Sorte a sua – diz ela com um sorriso malicioso.

Merda.

– Não entendi…

– Você é cega? Eu admito que me empolguei além da conta ontem quando ele apareceu, mas como um cara desses pode ser o dono da empresa? Amo Dewey, mas Dewey era como um pai. Já o Sr. Draconi… – ela estremece como se estivesse toda arrepiada.

– Sim, Laney, ele é muito bonito.

– Ele é casado?

Para trás, Laney.

– Não, mas, mesmo que não tenhamos uma política oficial, confraternizar com proprietários é algo que Alea não vê com bons olhos.

Um lampejo atravessa a expressão de Laney ao se lembrar de que, apesar da nossa amizade casual, agora sou a presidente da Alea.

– Bem, é claro, Mia! Eu só queria saber quem era a vaca sortuda.

Sorrio um pouco por dentro.

– Não tenho certeza, ele é muito reservado. – *Isso é mesmo verdade.*

O dia parece se arrastar enquanto converso com potenciais distribuidores, visitantes e a fauna usual que participa desses eventos.

Pouco antes do meio-dia, Tax me manda uma mensagem de texto.

Encontre-me na frente do hotel. O trabalho terminou por hoje.

Comunico a Laney que tenho reuniões com a Draconi Corp pelo resto da tarde e digo para me ligar se precisar de alguma coisa. Não estou sendo irresponsável, certo? Estou delegando!



Assim que eu saio, o ar quente e úmido de Miami envolve o meu corpo, fazendo com que ele brilhe com uma fina camada de transpiração. Protejo meus olhos do sol para procurar por Tax, quando uma mão pousa na base das minhas costas.

– Oh, oi! – exclamo, tentando conter os arrepios que seu toque provoca.

– Como foi a convenção de vibradores desta manhã? – ele pergunta tão sério que eu caio na gargalhada.

– Por favor, pare de chamar assim. Eu não consigo levar minha vida a sério quando você diz isso.

– Mia, comprei uma empresa de brinquedos sexuais para poder estar perto de você. Se há alguém que não deveria levá-los a sério, esse alguém sou eu.

Essas palavras deveriam me aterrorizar, mas, em vez disso, disparam fogos de artifício na minha barriga. Ter alguém que lhe atribua tanta importância, para o bem ou para o mal, é emocionante.

– O lugar fica a uma curta distância – diz Tax, empurrando para trás uma mecha solta do meu cabelo. Eu me inquieto e vasculho nervosamente o perímetro para me certificar de que ninguém que eu conheça nos veja.

– O meu rabo de cavalo está uma bagunça – digo.

– Eu gosto da mecha roxa – ele sorri. – Também gosto quando você deixa o cabelo solto. Só para mim. – Ele corre um dedo na parte de trás do meu pescoço.

Que homem.

– É possível que eu esteja com fome de algo que não comida agora – falo sem fôlego.

– Você não está sempre? – ele sussurra.

– Somente para você. – Minha espinha estremece, percebendo que são as mesmas palavras que ele usou e, como qualquer outra coisa proveniente dele, elas não me saíram da cabeça.

Seus lábios roçam o meu pescoço enquanto ele se inclina.

– Oooh, agora eu sei que você está tentando ser fodida. Mas você já deve saber a essa altura que eu gosto de fazê-la sofrer por isso. Então, vai ter de aguardar um pouco mais antes de ter o meu pau, Mia. – Caramba, a maneira como ele diz o meu nome, ele ronrona como um leão.

– Um dia desses, você ainda vai me matar – confesso.

Ele se retesa, pegando o celular para checar a hora. Seu humor se torna mais sombrio.

– Devemos ir.

Hoje está fazendo um calor sufocante, e a brisa da costa é apenas um alívio

fugaz da umidade implacável do ar. Mesmo Tax, que geralmente está trajado impecavelmente, está vestindo calças marfim e uma regata *navy* descontraída que destaca os seus ombros, os peitorais e, claro, o pescoço colorido.

Em poucos minutos, estamos caminhando por uma doca, saudados por um homem vestido exatamente como você esperaria que um capitão de navio estivesse: com um uniforme branco e um boné.

– Sr. Draconi, boa tarde.

– Boa tarde – Tax responde, afastando-se para que eu possa embarcar primeiro no iate. Estou estupefata. Pensei que iríamos a um café ou algo assim.

Meus instintos de autopreservação entram em alerta. Eu realmente não conheço esse homem. A partir deste ponto, ele poderia me levar para qualquer ilha do Caribe. Ele poderia me largar no oceano. Mas, como já fiz até agora com qualquer grama de racionalidade, ignoro a prudência em favor do instinto mais poderoso, que me diz que continue pedindo mais. Que siga esse homem até as profundezas do inferno.

Tax me leva para um deque panorâmico. Há um estoque de bebidas e várias cestas de piquenique esperam por nós.

– Tax, um iate? – eu o repreendo. – Isso é demais.

– Estamos em Miami. Com que frequência você consegue desfrutar do oceano? Além disso, não consigo suportar as pessoas aqui, prefiro o conforto de um barco. Confie em mim, não é nenhum bicho de sete cabeças dar um telefonema e reservar um iate. Pense nisso como um café flutuante.

Lá vai ele, minimizando seu gesto. É o seu jeito de me lembrar de não interpretar bem demais sua gentileza.

Nós retiramos a comida da cesta de piquenique e belisco um pouco, mas estar aqui com ele nessas águas cintilantes me distrai da minha fome.

– Você terminou? – ele pergunta, depois que eu paro de comer.

– Sim, está tudo ótimo, só não estou com muita fome…

– Tire suas roupas.

– Desculpe, não entendi… O quê?

– Mia, só porque algumas coisas estão mudando, não significa que tudo mudou.

Sinto meu estômago se revirar a essas palavras. Ele ainda é meu dono. Ele pode escolher ser legal, pode escolher passar a noite depois de terminar, mas ele ainda tem minha reputação em suas mãos. Embora, a essa altura, eu me pergunto se ele me arruinaria mesmo se eu o desafiasse. Simplesmente não vejo por que ele faria isso depois da noite passada. Há momentos de crueza entre nós, em que

expomos partes um do outro que ninguém mais vê. Eu sinto que ele se preocupa comigo. Ele realmente gostaria de me destruir?

– Não – digo.

– Mia, não me faça me arrepender da minha gentileza.

– Há outro homem neste barco.

– Ele está no leme, não virá aqui.

– E se ainda assim eu disser não?

Os músculos da mandíbula de Tax ondulam enquanto ele aperta os dentes.

– É bom ver alguém amar sua carreira do jeito que você ama a sua. Não quero ser o cara que vai fazer tudo isso desaparecer. Agora, não me faça repetir.

– Depois de tudo, você ainda faria isso comigo?

– No momento, fazer isso com você é o que a mantém segura.

Não entendo. Estou tão cansada de suas ameaças enigmáticas e dívidas desconhecidas. Nunca senti que a minha vida estivesse em perigo até a noite passada, só achava que era a minha dignidade que estava em jogo. Mas esta é a segunda vez que ele menciona minha segurança, e de alguma forma acredito que esse homem, que eu pensava ser a minha maior ameaça, poderia realmente me proteger de uma maneira que não entendo.

– Duvido que fazer de mim sua escrava sexual me mantenha segura.

– Não – ele diz, levantando-se. Sua paciência se evapora. – Mia, eu lhe dou apenas um pouquinho de outra coisa que não seja a minha raiva e você já começa a me desafiar. Não posso tolerar isso. Não me faça me arrepender de vir para cá. Se você quiser que eu volte ao meu antigo comportamento, posso fazê-lo num piscar de olhos. Não acredite nem por um instante que eu não vá fechar essa merda. Você não sabe do que sou capaz.

Engulo lágrimas de desapontamento. Se eu simplesmente tivesse tirado as minhas roupas, as coisas não teriam chegado a isso. O céu é testemunha do quanto eu desejava fazê-lo, mas tive de desafiá-lo. Ele está certo, comecei a me sentir confiante do meu lugar com ele, mas é Tax quem manda e ele não recebe bem desobediência.

– Agora, tire o vestido ou eu vou arrancá-lo.

O barco para, a fim de ancorar, o zumbido do motor morre e há apenas o barulho suave das marolas batendo no casco.

A leve brisa do oceano lambe a minha pele, mas não com tanta força como quando o barco estava em movimento. A umidade e o sol começam a castigar novamente a minha carne, cobrindo-me com um véu cintilante de transpiração. Encaro Tax com um olhar furioso, como se eu fosse capaz de apunhalá-lo agora,

mas, por dentro, meu corpo responde à sua dureza. Quero tudo de Tax, sua ferocidade, sua força, mas devo aceitar também seu outro lado. A parte que quer mais. Eu não poderia viver comigo mesma se cedesse a um homem que me despreza e usa o sexo apenas para me ferir. Mas, se eu souber que ele se importa, se houver mais, essa interação é algo completamente diferente. Gosto da violência, do abandono, mas preciso saber que ele não vai me deixar ou me machucar toda vez que terminarmos.

– Você vai continuar usando-me e saindo fora. É disso que se trata. Sou uma pessoa, Tax. Tenho sentimentos. Você não pode me tratar assim.

Ele solta um profundo suspiro.

– Mia, não faça isso.

– Pensei que você quisesse mais.

– Eu quero. Você não?

– Sim, mas…

– Então, faça o que estou dizendo, porra.

Lentamente deslizo cada tira do meu vestido e deixo-o cair no convés. Por baixo do vestido, estou com um sutiã branco e calcinha de algodão.

– Calcinha de algodão branco? – ele pergunta. Normalmente, uso tanga de renda.

– Este vestido tem a tendência de levantar no vento, então, preciso estar protegida.

Ele sorri, sutil.

– Gostei. Há certa inocência nisso. – Olho para baixo. Ontem, nós dois estávamos nus, pele contra pele, mas hoje estamos de volta a mim sendo despida sozinha. – Tire o sutiã. Quero ver os seus peitos.

Abro o fecho, espiando por sobre os seus ombros para me certificar de que o capitão não esteja por perto, mas ele não apareceu mais desde que nos cumprimentou.

O sol aquece os meus seios enquanto deixo o meu sutiã cair no chão. Tax solta um gemido abafado. Seu short se expande abaixo da linha da cintura e ele esfrega uma das mãos contra a protuberância.

– Solte o cabelo.

Pego o elástico e o puxo até meu cabelo cair por sobre os meus ombros e costas. Deslizo os meus polegares na cintura da minha calcinha.

– Não. Fique com ela.

Ele se aproxima e passa os dedos pelos meus cabelos. De repente, ele o está repartindo em duas bandas. Eu não uso o meu cabelo em duas tranças assim

desde o ensino médio. Minha calcinha branca fica molhada em reação à sua mistura de força e ternura.

– Mia, você precisa entender que há coisas sobre mim que nunca mudarão. Essa é uma delas. – Ele não precisa especificar o que ele quer dizer. Eu seria uma tola se pensasse que esse homem animalesco perderia sua ferocidade.

– Isso pode ser uma boa coisa – digo.

Ele ergue uma sobrancelha.

– Tax, eu lhe disse que estava procurando algo. Era isso que eu estava procurando.

– Então, por que você luta contra mim? Chora? Por que você continua tentando enxergar além disso?

– Porque quero você inteiro, não apenas isso. Eu luto contra você porque estou lutando contra mim mesma. Porque sempre me senti errada por querer essas coisas, mas você me permite tê-las sem o sentimento de culpa. Se eu sempre ceder, se eu não lutar, significa que isso é só o que eu sou. Significa que estou doente.

Ele corre a ponta do dedo ao longo da mancha molhada da minha calcinha.

– Você não está doente, Mia. Você está mais viva do que jamais esteve. – A mancha se expande sob o seu toque.

– Estou entendendo isso agora. Não preciso que você me chantageie. Eu lhe daria isso espontaneamente, você não consegue perceber? Mas preciso que me permita confiar em você. Isso significa que você não pode simplesmente desaparecer quando acabamos. Sei que você veio aqui atrás de mim, que passou a noite, mas sinto que, uma vez que voltarmos, isso acontecerá novamente. Sobretudo, ameaçar expor meus segredos não me faz sentir segura ou a salvo com você. Eu nem sei onde você mora. Você pode simplesmente decidir desaparecer para sempre, você ainda pode me expor depois de tudo isso e, quando tiver terminado comigo, não me restaria nada.

– Eu tenho palavra. Nunca voltaria atrás no que prometi.

– Por que eu deveria ter algum motivo para acreditar em você?

– Porque estou aqui agora, porque vim aqui atrás de você.

– E ainda assim deixa ameaças pendentes sobre a minha cabeça. Eu acho que você também tem medo.

– Eu não tenho medo de nada.

– Então, por que você continua se afastando quando eu me aproximo?

Seus olhos se desviam dos meus.

– Você tem todo o poder. Você sabe tudo sobre mim e não sei nada sobre você.

Se você tem medo de deixar que me aproxime, pode imaginar como devo me sentir? Você entrou na minha vida caindo como um meteoro e, se você me deixar assim… nunca mais serei a mesma. Quero saber se você se importaria se eu morresse amanhã. Porque, às vezes, parece que você pode se livrar de mim a qualquer momento. Como se pudesse me substituir num instante. Eu gosto do que fazemos, mas o que fazemos fora disso importa tanto quanto. Deixe-me fazê-lo de bom grado. Não me chantageie. É a diferença entre você ser meu amante e você ser meu… – eu hesito em dizer a palavra que se manteve no ar desde a nossa primeira vez – estuprador.

– Não ouse me chamar assim nunca mais, ouviu? – ele dispara com fogo nos olhos, erguendo o dedo para mim. – Você sempre teve a porra de uma escolha. Você me implorou para fodê-la na primeira noite. – Ele se afasta de mim com raiva.

– Eu não quis dizer isso. Quero dizer, não quero pensar assim. Mas isso significa que você tem que me mostrar o contrário. Há uma razão para você reagir mal a essa palavra, porque quando é forçado a encarar os fatos você agride. É óbvio que o que eu disse ressoa, caso contrário, você não teria ficado tão bravo.

– Mia, você não faz ideia do que está falando. – As veias de seus antebraços dilatam-se quando ele contrai os punhos. – Você não faz ideia do que essa palavra significa para mim.

– Então me diga.

Seus lábios formam uma linha tensa, como se a história de sua vida fosse explodir para fora dele se ele os relaxasse. Seu peito afunda com uma lenta exalação.

– Nunca mais me chame disso outra vez. – Seu tom ainda é firme, mas há algo mais suave por baixo. É quase como se ele estivesse pedindo em vez de ordenando.

Eu suavizo o meu tom de voz para argumentar.

– Enquanto você me ameaçar, nada disso será real. Como podemos confiar nos sentimentos um do outro? Se você parar de segurar o vídeo sobre a minha cabeça, então você poderá confiar que eu estou com você genuinamente, e poderei confiar que não está aqui apenas para me machucar. Quero saber que isso é real. Só estou tentando dizer que temo que você vá embora. Ninguém mais é como você, Tax.

Eu estendo a mão para tocá-lo, e ele agarra o meu pulso, me puxando para perto.

– Mia, não vou a lugar nenhum. Mas eu preciso que você me prometa o mesmo. Eu falo sério quando digo que isso é para protegê-la. Não quero segurar nada sobre a sua cabeça. Houve um tempo em que apreciei a ideia de humilhá-la dessa maneira. Não mais. Mas farei isso se tiver que fazer. Só se eu precisar. Por você.

– Tax, você nunca me ameaçou com isso – falo. Ele me teve o tempo todo. Se ele tivesse entrado naquela sala de conferências sem essa gravação, sem suas ameaças, só seria uma questão de tempo antes de eu estar nua diante dele da mesma forma. Ele me fascina com sua poderosa aura. Eu teria caído em seus braços contra a minha própria vontade, a despeito de tudo. Ele me teve no segundo em que senti seu perfume em que senti seu peito pressionar minhas costas na cozinha da minha casa. O resto é tudo fingimento.

– Ninguém é como você, Mia. Ninguém – diz ele, colidindo com paixão os lábios contra os meus, mordendo meu lábio inferior dolorosamente. Meus quadris pressionam-se contra o seu toque vigoroso. – Eu não sei como fazer isso. Você não vê? Não sei como estar com alguém. Talvez você deva partir. Posso exibir o vídeo e isso tudo acabará. Você pode começar de novo em algum lugar distante. Vou deixá-la começar de novo. – Ele fala isso do jeito que dois jovens amantes fantasiam sobre fugir, sabendo que é uma impossibilidade.

– Eu não quero começar de novo. Eu gosto da minha vida. E não irei a lugar algum sem você – eu juro.



Tax

Olho para o rosto de Mia, descansando no meu colo. Seu cabelo escuro ainda está repartido em tranças bagunçadas, como costumava usá-las quando a conheci em uma vida passada. Sua pele brilha com um tom dourado sob o sol da tarde. Seus seios descansam lindamente sobre o peito, sua boceta nua ainda brilha do nosso sexo. Ela jaz aqui na vulnerabilidade do sono, confiando que vou mantê-la segura de um destino desconhecido.

Eu queria ter forças para deixá-la ir, mas, toda vez que tento, ela implora e não consigo resistir. Eu deveria exibir a fita, arruinar sua carreira e sua vida. Então, eu poderia me esforçar para convencer Jude de que é um pagamento suficiente. Mas eu conheço Jude, isso não será o bastante. Assim como a lesão de Tripp não foi suficiente. É uma questão de vida ou morte. Eu escolho a vida. Então,

poderei finalmente ter minha irmã de volta e manter Mia também.

Mia não é a pessoa que me machucou anos atrás, assim como não sou aquele garoto que era uma vítima constante das circunstâncias. Estou começando a acreditar que Mia nunca quis me machucar de fato. Talvez ela pensasse que seria uma brincadeira tola, ou sentisse a necessidade de proteger suas amizades. Talvez tivesse medo de Tripp. Ela merece pagar, mas não com a morte. Matá-la só iria me punir. Pela primeira vez, posso vislumbrar um futuro além da vingança. Jude pode ter tudo o que ela quiser, mas não pode ter Mia. Ela pode escolher aceitar o presente que vou trazer ao mundo junto com Mia, ou ela pode ir para o inferno.

Capítulo 29

Mia

ALGUÉM DEVERIA ME NOMEAR PARA A pior presidente de corporação do ano. Tax fretou o iate durante todo o fim de semana. Nós fomos para as Bahamas. Sim. Você sabia que dá para fazer isso? Simplesmente pular num barco e ir às Bahamas? Bem, agora você sabe. Foi um fim de semana regado a apetites sexuais insaciáveis, comida maravilhosa e muito sono.

Se Laney desconfiou, ela escondeu bem suas suspeitas e assumiu alegremente a responsabilidade adicional de representar a Alea na conferência. Eu disse a ela que Draconi queria me levar num voo para conversar sobre alguns planos de longo prazo para a empresa, mas que ela não deveria se preocupar, pois isso era um bom sinal. A verdade é que a única conversa envolvendo a Alea aconteceu quando Tax me fez demonstrar o restante da linha de produtos.

Mas agora estou de volta, longe do mundo da fantasia de umas férias improvisadas. As coisas já estão diferentes, entretanto. Na verdade, estou sentada na cobertura de Tax, para a qual ele me convidou para jantar antes de voltar para casa e enfrentar outra semana de trabalho.

O espaço aberto é completamente rodeado por janelas que vão do chão ao teto, com uma vista infinita do Lago Michigan e do centro de Milwaukee. Olho ao longe, enquanto o pôr do sol brilha ao redor do Pavilhão Calatrava do museu de arte. Suas asas brancas parecem majestosas conforme a noite cai.

A cobertura está carregada do aroma de alho, azeite e tomates assados.

– Tem certeza de que não precisa de ajuda? – eu pergunto.

– Não. Você provavelmente iria estragar tudo. Não é uma pizza congelada – ele grita do outro lado de seu enorme apartamento.

– Isso não é justo. Pizza também é comida italiana.

Pizza congelada foi algo que comecei a comer muito depois que minha mãe morreu. Meu pai tentou, que Deus abençoe sua alma, mas eu não conseguia aguentar seus esforços culinários. Ainda é algo que eu armazeno na minha geladeira com regularidade, já que sempre foi um hábito sacar uma quando recebo convidados. Eu me pergunto se ele sabe disso sobre mim por causa daquela única vez que tentei preparar uma para nós e ele vazou, ou se é apenas

mais uma das muitas coisas que ele sabe por ter me espionado.

Eu caminho até a cozinha americana, o sonho de um chef com extensas bancadas de caesarstone cinza, várias pias de aço inoxidável e dois fogões industriais com fornos. *Aposto que esses fornos assariam uma pizza congelada de arrasar.*

– Aliás, eu sei, SIM, cozinhar. Só que geralmente estou ocupada demais com o trabalho.

Observo Tax enquanto ele pica as ervas frescas vestindo uma camiseta branca e calças de moletom cinza. Estou em pé do lado em que ele tem a tatuagem no pescoço e é difícil não o morder. Tem algo muito excitante em ver esse homem diante de uma frigideira fumegante, preparando com toda a atenção uma refeição com suas vestimentas casualmente sensuais.

Meus olhos examinam o apartamento moderno minimalista e percebo uma coisa. Uma delas é que ele tem uma tonelada de livros. Uma parede inteira é dedicada a uma estante que vai do chão ao teto, repleta de livros. O apartamento é minimalista e impecável, com exceção da estante de livros, que está abarrotada. Fica claro que eles não estão ali apenas para ficarem à mostra, que ele retira regularmente os livros. Acrescenta um toque humano ao tema monótono e linear de sua cobertura.

E percebo outra coisa: não há fotos. Nem umazinha, de si mesmo ou de qualquer outra pessoa.

– Então… o Rex?

Seu picar rítmico para.

– Sim? O que tem ele?

– Ele é seu irmão.

– Acho que nós já passamos por isso, ou você estava bêbada demais para se lembrar? – ele pergunta, com malícia. Por sinal, reparei nisto nesses meses desde que nos conhecemos: seu humor é mais seco do que o Saara. Eu consigo notar as mudanças quase imperceptíveis em seu tom que fazem a diferença entre uma declaração literal e uma piada, mas outros podem achar que ele está apenas sendo um babaca direto. E ele é direto, mas isso faz parte do seu humor. Gosto disso. Gosto de pessoas que não falam baboseiras.

Eu reviro os olhos para ele.

– Não, eu não estava muito bêbada. Ele obviamente não é um parente de sangue. Você mencionou que seus pais morreram. Como vocês dois estão relacionados?

Assisto enquanto Tax faz uma série de cálculos mentais antes de dizer

qualquer coisa. Estou esperando que evite a minha pergunta. Ele está me dando mais do seu tempo e atenção. Mas, no que diz respeito a quem ele é, ele continua sendo muito mesquinho.

– Nós nos encontramos na rua – ele conta, limpando a garganta.

– Na rua? – pergunto, olhando em volta para o seu habitat caríssimo. – Você ficava na rua?

– Eu morava na rua.

– Oh… – digo. Sei que ele não quer a minha compaixão. Provavelmente é por isso que ele está relutante em mencionar isso. – Então, se vocês não têm pais em comum, é mais como se você fosse irmão porque vocês são próximos?

Ele mantém o rosto para baixo, fixo na tábua de cortar, mas seus olhos se voltam para mim rapidamente várias vezes.

– Sim, é exatamente assim.

– Deve ser legal isso, ter alguém de quem você possa ser assim tão próximo. Sou filha única. Minha mãe me teve quando era jovem e sempre me prometeu um irmão, mas aí ficou doente.

– Eu sei – Tax diz com a suavidade da compreensão. Eu conto a ele trechos da minha vida o tempo todo, esquecendo que provavelmente vou lhe contar coisas que ele já sabe. Ele olha para mim. – Não quis dizer que isso é menos importante porque você está me contando o que já sei. Apenas entendo. Perder pessoas.

– Oh, eu sei que você não quis dizer isso – digo. – Está falando dos seus pais? – Sim. Perdi a minha mãe quando era jovem também. Meu pai morreu quando eu era mais velho.

– Sinto muito ouvir isso – eu digo, beijando o seu pescoço. O toque suavíssimo dos meus lábios faz seu corpo inteiro se encolher com desconforto. *Eu não posso receber amor.* Lembro-me das palavras que ele disse depois que me mostrou suas cicatrizes.

– Tax, não vou ficar brava, eu só quero saber… você introduziu o Rex na vida de Tiff?

Desta vez, ele não leva tanto tempo para pensar em sua resposta.

– Sim, introduzi. Mas Rex é um cara legal. Ele gosta de Tiff. Ele a considera uma amiga. Só porque ele foi colocado lá não significa que não se importa. Todos nós somos colocados em situações com as quais temos de nos contentar.

Respiro profundamente, ainda tentando compreender o nível de vigilância sob o qual minha vida tem estado.

– Rex também gosta de você, Mia. Ele é a razão pela qual acabei em Miami. Ele me deu um conselho fraternal.

– Oh, uau. Eu nem sabia que havia forças como essa operando na minha vida.

– Mia, todo mundo que te conhece se apaixona por você. – Eu observo os olhos de Tax quando eles se arregalam, percebendo que indiretamente acabou de dizer que está se apaixonando por mim.

– Oh, não acho que você tinha sentimentos quando me conheceu – brinco, tirando-o da sua zona de conforto. – Você me odiava.

– Odiar é um sentimento. – Minhas palavras saem de sua boca. Ele também não consegue me tirar da cabeça dele.

– Então, Rex é seu único irmão?

– Tenho também uma irmã mais nova. Não somos muito próximos – diz ele.

– Qual é o nome dela?

– Judith Ann.

Suas respostas são mais rápidas quando ele fala dela.

– Bem, você construiu uma vida e tanto para si – eu digo. – Isto é incrível. Tenho certeza de que sua mãe ficaria orgulhosa. – Ele desliza as ervas da tábua de corte para uma frigideira. A frigideira chia e borbulha, enquanto uma onda de vapor sobe da panela. – Eu gosto disso – continuo, passando meus braços ao redor dele por trás, inalando profundamente o seu cheiro, o seu calor. – Saber sobre você.

– Mia… – ele diz, hesitante, como se estivesse nos preparando preparando para uma rejeição. – Você pode pegar o vinho branco na geladeira?

Sinto um pesar no coração, ele está me pedindo que o solte, só que está fazendo isso de uma maneira menos bruta. O que não torna menos doloroso.

– Claro – respondo, deslizando meus braços para longe de seu tronco tenso. Eu compreendo que essa simples conversinha, que se abrir sobre sua vida, sua família, é um salto para ele. O próprio ato de me mostrar sua casa significa dizer: *Eu vou ficar, Mia. Não vou desaparecer.*

Não posso esperar que tudo seja despejado de uma só vez.

Em poucos minutos, a massa, colorida com ervas e legumes frescos, é servida em dois pratos. Ele tira o robalo chileno dourado e crepitante do forno e coloca um filé em cada prato.

Nós nos sentamos em seu deque amplo, com vista para o lago cintilando à luz da lua, veleiros brancos atracados nas docas e pequenas luzes brilhantes vermelhas e cor de laranja conforme os veículos cruzam a Lincoln Memorial Drive.

– Obrigada, isso está um espetáculo. Eu nunca teria pensado que você poderia cozinhar desse jeito.

– Não sei bem se isso é um elogio – ele diz com um meio sorriso. Ah, como eu amo quando ele compartilha seu sorriso.

Nós comemos num pacífico silêncio. Pela primeira vez, acredito em Tax. Ele não vai me deixar. Por menos convencionais que possamos ser, ele não vai simplesmente me usar e me descartar.



Tax

This Moment – “Sick Like Me”

Ao contrário do que Rex poderia dizer, eu trabalho sim. Você simplesmente não se senta em centenas de milhões de dólares. Você gerencia esse dinheiro, você o faz crescer, você o investe. E tentei muito mesmo trabalhar hoje, mas a minha mente está inquieta. Eu fiz promessas neste fim de semana, e eu cumpro as minhas promessas. E agora, tudo em que consigo pensar é em como posso manter todas elas. Pensei que tinha tudo esquematizado, mas até o *plano c* estar completo, eu ficarei no fio da navalha.

Eu não falo com Jude desde que ela me entregou as suas chaves. Nós vamos fazer as pazes, nós sempre fazemos. Só preciso de tempo, e fico feliz que ela esteja me dando isso. Espero que ela esteja pensando no que eu disse a ela. Sei que minha mudança de opinião parece servir aos meus próprios interesses, e de fato serve, mas quero que minha irmã construa sua própria vida. Na última década, inventamos planos tão complicados e arriscados que parecia que a nossa missão de dar o troco nunca terminaria. Bem, o fim está próximo, e acho que Jude e eu temos ideias diferentes sobre o caminho a seguir a partir de agora.

Meu domínio sobre Mia mudou de destrutivo para tutelar. Ela está se entregando de bom grado a mim, e agora devo certificar-me de que nada lhe aconteça sob minha vigilância. Eu me tornei seu cavaleiro das trevas.

Mia não está tentando me mudar, e é isso que é tão incrível nela. Na verdade, ela me quer exatamente como sou. Eu nunca tive isso com uma mulher antes. Eu usei apenas fragmentos da minha identidade para atingir o meu objetivo: sexo, dinheiro ou poder. Mas Mia anseia aquele meu lado sombrio, um lado carnal que devora enquanto fode. E, no entanto, ela traz à tona um lado meu que quer salvaguardar, compartilhar, expressar. Quanto mais eu faço o último, mais ela anseia o primeiro. As sombras não podem existir sem a luz. Durante catorze

anos, só espreitei os cantos negros da minha psique. Mia me puxa para fora, mesmo que seja só para espiar fora do escuro e me lembrar de como era desfrutar do brilho de algo bom. E Mia passa a enxergar seus próprios cantos sombrios comigo. Durante muito tempo, eu me mantive num dos extremos dessa dicotomia, não me permitindo todo o espectro de calor que vem com alguém que faz você se sentir seguro o suficiente para se tornar verdadeiramente perigoso.

O carinho de Mia não muda o fato de eu ser um psicopata, mas dá aos meus desejos um propósito, uma forma de ser produtivo, e não apenas destrutivo. Pela primeira vez, conheci alguém que me faz querer ficar desconfortável. É difícil para mim me preocupar com qualquer um o bastante para me colocar na inquietante posição de crescimento.

Em defesa de Jude, todas as minhas acusações contra ela também se aplicavam a mim. Nós temos o dinheiro, a satisfação da vingança. E depois? Nenhum de nós sequer chegou aos trinta. Eu não poderia simplesmente me dissolver na vida cotidiana. Minha vida é vingança. Minha vida é raiva. Eu não tinha nada pelo que aguardar mais para a frente. Mas agora, para mim, é Mia. Ela me deu algo para ver além do objetivo único de vingança. Quando ela tiver o meu filho, ironicamente ela pode ser a chave para ajudar a curar Jude. Eu posso passar por isso, tornar-me algo mais do que um gângster homicida. Ela é um milagre: amar o suficiente para se importar com um patife como eu e, no entanto, ela tem os seus próprios desejos obscuros.

Voltamos à estaca zero: a garota que me colocou no caminho da destruição pode ser a minha redenção.

Aguardo na escuridão da sala de estar de Mia. Algumas coisas jamais mudarão. Ela esteve ausente no trabalho o dia todo, e a distância me faz ansiar por ela, e o anseio se transforma em algo obscuro quando ela não está por perto para moderá-lo imediatamente. Ela estava procurando por isso. Estava desesperada por isso quando a encontrei.

Quando penso em Mia, começo a sentir algo quente, e fico com raiva quando ela me faz sentir. Então, preciso devolver essa raiva para ela. Fazê-la sentir a impotência que sinto quando penso nela e não posso tê-la.

Eu sei, estou fodido. Tem vezes que consigo devolver essa raiva menos selvagemente, mas há dias como este, quando ela se acumula tão rápido, como uma inundação relâmpago, em que só consigo expressá-la rasgando-a em pedaços.

As suas chaves chacoalham na fechadura e eu salivo, saboreando sua essência na minha língua, como um viciado prestes a tomar sua dose. Levanto-me e

espero por ela nas sombras. Quero senti-la estremecer nesses primeiros momentos de pânico, seguidos de seus músculos cedendo em submissão.

Ela suspira enquanto larga a bolsa no chão ao lado da entrada e tira os sapatos. Aspiro o seu fresco perfume floral, enquanto ela tateia em volta procurando acender uma luz.

Ela liga um pequeno abajur que lhe proporciona luz suficiente para olhar seu celular e escrever algo, com um pequeno sorriso no rosto.

Meu telefone chama segundos depois. Ela vira rápido a cabeça com uma expressão de choque no rosto e antes que consiga dar um pio, tapo sua boca com a mão.

– Shhhh… não lute comigo – sussurro em seu ouvido. *Ela derrete*. Meu pau se agita.

Deslizo a mão por seu ventre trêmulo e aperto o seu peito cheio. – Isso é meu – falo num grunhido. – Sua boceta… é minha. Eu a pego quando quiser. Minha putinha perfeita.

Ela se arqueia para mim, exatamente como na primeira noite que a possuí nesta casa. Meu pau pulsa com desejo enquanto me recordo das imagens de minha pica deslizando em sua boceta, como se fosse minha própria pornografia pessoal.

– Estive pensando em sua boceta molhada em torno do meu pau o dia todo.

Puxo para cima a sua camiseta, baixo seu sutiã e giro seus mamilos rudemente em meus dedos. Ela solta um profundo suspiro de alívio.

– Vou deixar as minhas marcas em seus mamilos esta noite. Tão redondos e puros pra caralho. Preciso arruiná-los. Quero-os doloridos amanhã. Quero que você sinta minhas mordidas amanhã e sua boceta fique molhadinha quando você se lembrar de como estou prestes a foder você.

– Tax… – ela murmura, esfregando seu traseiro apertado contra o meu pau. Ele dói, pressionando-me a buscar alívio rápido em sua boca ou boceta. Mas eu também sinto prazer em me segurar por ela.

Baixo sua calça com violência e ela geme com o ardor da fricção. Sua tanga vermelha grita *sonsa, vadia e pervertida* para mim, e eu deslizo o meu pau gordo contra o vinco de sua bunda. Se fosse possível, meteria o meu pau em todos os buracos dela ao mesmo tempo. Quero ter todas as partes dela. Meus quadris pressionam a sua bunda, excitando o seu traseiro. Afundo o meu dedo na boceta melada.

– Me fode – ela sussurra. Deslizo para dentro e para fora, espalhando sua lubrificação por toda a sua boceta.

– Você está sempre tão pronta para mim – digo.

– Sempre – ela sussurra, esticando o pescoço na minha direção. Estendo a mão e solto o seu coque, fazendo seu cabelo se derramar sobre a pele macia.

Minha mão livre agarra um peito, a outra mão a fode, enquanto esfrego o meu pau contra o seu traseiro complacente. Aperto a sua delicada compleição fortemente contra mim. Se eu a apertar mais forte, poderia quebrá-la, arruiná-la. Com tão pouco esforço da minha parte, ela grita, convulsionando em meus braços. Sua boceta empapa a minha mão. Adoro o jeito como ela goza, parece que está chorando.

– Sua boceta está molhadinha demais – digo, usando seu sumo para lubrificar o meu pau. – Mia, você me provocou o dia todo e nem sabe disso. Me irrita ter que esperar por você. E agora você gozou muito rápido, da próxima vez, você precisa esperar.

Esfrego o meu pau, lambuzado com a umidade dela, contra a sua bunda até que tenho que parar para evitar que eu goze antes mesmo de penetrá-la.

– Deite-se no chão. – Ela se inclina na minha frente e se deita, como uma boa menina obediente.

Ponho-me diante dela, tiro a camisa e me livro das calças e da cueca, e seus olhos se acendem de desejo.

Esfrego a ponta do pau em seus mamilos, curtindo a expressão de rendição em seu rosto enquanto eles endurecem.

Uma gota de líquido pré-ejaculatório aparece.

– Lamba.

Ela cumpre, correndo sua língua sexy na ponta da cabeça do meu pau, saboreando o meu gosto. Ela lambe os lábios olhando diretamente nos meus olhos. *Puta que pariiiiiu*. Ela costumava desviar o olhar, cheia de vergonha, mas eu a treinei para não sentir isso. Ela adora se sentir sacana por mim, não há vergonha nisso.

Eu a monto, batendo o meu pau pesado contra a sua fenda e clitóris, provocando-a.

– Implore.

– Por favor, foda-me, Tax – ela geme.

Isso é tudo de que preciso hoje. Merda, mais dois segundos e quem estaria implorando seria eu. Mergulho em sua boceta escorregadia e tão apertada que reviro os olhos enquanto o meu pau é dominado por aquela sensação. Seus peitos fartos imploram para serem brutalizados e eu mordo aquela carne pálida. Cada um de seus gemidos provoca espasmos de excitação no meu pau.

Ela diz o meu nome, num tom que ao mesmo tempo suplica para que eu pare e continue. A maneira como a carne lisa de seus peitos se compacta entre os meus dentes esquenta o meu sangue. Eu bato minha pelve contra ela, desejando feri-la com minha pica.

– Você vai me sentir durante dias, Mia. Sempre que mudar de posição na cadeira ou enxugar-se com o papel, você vai se lembrar de que a sua boceta tem dono. Eu sou dono dessas tetas. É a minha porra que te enche.

Ela grita com abandono, seu rosto inocente maculado pelos termos chulos que fluem tão facilmente de seus lábios corados. Eu adoro transformá-la em minha puta devassa. Dou estocadas raivosas, sua fenda estrangulando a minha pica túrgida a cada metida. Cravo os dentes em seus seios, a carne agora coberta de vergões e marcas de mordida.

Meu instinto é puxar para fora e gozar sobre os seus peitos, arruiná-los ainda mais com a minha porra, mas o *plano c* me impede. Vou ter que guardar isso para outro momento e curtir o aperto de sua boceta sedosa em torno do meu pau.

Ela grita de agonia e sei que seu orgasmo está próximo. Olho para baixo e fico olhando o meu pau se cravar nela repetidas vezes, e como ele está brilhando com o mel dela, grosso de excitação. Bancar o voyeur do meu pau mergulhando em sua boceta, observá-la desabrochando para mim como uma flor rosada, os lábios inchados e castigados que me recebem com tanto entusiasmo, me deixa doido.

Solto grunhidos enquanto mergulho nela tão fundo quanto posso, meu pau pulsando com violento prazer, gozando em sua boceta enquanto suas paredes se fecham ao meu redor. Agarro o tapete embaixo dela, querendo rasgar algo enquanto sua boceta ordenha a minha pica.

Capítulo 30

Tax

NÓS NOS DEITAMOS NO CHÃO NO TAPETE *shaggy* amassado de Mia. A essa altura, esse troço deve ter mais fluidos corporais do que uma cama num motelzinho de quinta categoria.

Mia desliza o seu dedo ao longo dos meus lábios.

– Você tem os lábios mais incríveis – ela diz com uma voz entorpecida.

– Você também – concordo, esfregando sua boceta macia. – Acho um tesão do caralho você deitada aqui com minha porra ainda dentro de você.

– Gosto de ter um pouco de você dentro de mim – ela diz com um sorriso. – Não esperava que você viesse esta noite, mas foi uma surpresa maravilhosa, bem, depois do miniataque cardíaco.

– Meu pau não vai parar de me incomodar. É realmente muito irritante.

– Aposto que sim – ela diz preguiçosamente.

– Pensei que você gostasse dos miniataques cardíacos.

– Oh, eu gosto, Sr. Draconi. Uma sensação como nenhuma outra. É o mesmo para você?

Sorrio, pensando na alegria sombria que sinto na minha agressão sexual.

– Acho que a resposta para isso é óbvia.

– Que bela dupla.

– Pois é – eu digo, correndo o meu dedo sobre uma leve marca vermelha em seu peito. – Como foi no trabalho? – pergunto. Normalmente, logo que faço esse tipo de pergunta a uma pessoa, eu me desligo, mas realmente quero ouvir sobre o dia dela. Esse negócio todo de se importar é tão bizarro.

– Foi bom. Ter Laney fazendo muita coisa foi uma ótima ideia. Isso me ajudou a perceber que preciso delegar mais ou acabarei ficando esgotada. A Alea não vai fracassar retumbantemente só porque me afastei um pouco. Dewey era bom nisso. Ele confiava em nós, então, vou me certificar de fazer as coisas que preciso fazer e confiar na equipe o bastante para não me meter a menos que seja necessário.

– Parece que você está pegando o jeito da coisa – digo. Minha intenção original ao comprar a Alea era encerrar as suas atividades. Não me importaria

com os milhões jogados fora para fazer isso. Considerei esse o preço de compra da satisfação de destruir o trabalho duro de Mia. Mas agora que enxergo um futuro possível com ela, quero ver a Alea ter sucesso e crescer sob sua liderança. Falando estritamente do ponto de vista dos negócios, não poderia haver ninguém melhor do que ela para dirigir aquela empresa.

– Sim, nós até fechamos com alguns novos distribuidores na convenção. Então, valeu a pena. Maior distribuição, mais lucro. – Droga, isso foi meio sexy, a forma como ela ronronou esses jargões do mundo dos negócios como um tubarãozinho excitante.

– Acho que fiz um investimento sensato.

– Sim, é verdade, Tax. Posso ser um zero à esquerda na minha vida pessoal, mas se tem uma coisa em que sou excelente, é no meu trabalho. – *Isso é algo que definitivamente temos em comum.*

– Não acho que tenha dito isso nesse tempo todo em que temos nos visto, mas, essa é uma coisa que me impressionou a seu respeito. Não importava o que estava acontecendo, você era resiliente. Você apareceu para trabalhar todos os dias e dirigiu uma empresa de milhões de dólares. Ninguém teria sequer notado que você poderia estar passando por alguma coisa. Isso exige uma quantidade enorme de equilíbrio.

– Uau… obrigada. Isso significa muito para mim.

Ela trilha o dedo pelo meu tronco, ao longo das minhas cicatrizes. *Sangue. Botas. O fedor de mij*o. *Gargalhadas de zombaria.* A raiva direcionada a Mia começa a tomar forma, e eu entrelaço os dedos dela nos meus para afastar a atenção dela da rejeição.

Terei de acabar contando para ela quem eu sou. Não há como contornar isso. Eu não quero dizer a ela, porque não quero odiá-la. Mas quando penso naquele dia, não importa quem seja a Mia que está na minha frente agora, não importa quais tenham sido suas intenções ao armar para mim, aquele ódio sombrio, finamente cultivado durante catorze anos, petrificado e obscuro, pesa mais e ofusca qualquer coisa boa. Tenho medo que, dependendo da reação dela, eu possa perder a cabeça. Eu poderia perder tudo. Quem dera poder voltar no tempo e nunca ter mencionado a dívida. Eu poderia ter feito tudo isso sem esfregar na cara, e eu poderia ser apenas Tax Draconi, o babaca sádico que virou um babaca não tão sádico. Mas é tarde demais, ela não vai tolerar ficar sem saber para sempre. Especialmente se o plano C se concretizar.

A única maneira de eu poder apreciar Mia é não pensar naquele dia, é pensar nela como uma pessoa à parte daquela que planejei torturar e matar. Mas, assim

que eu trouxer ao seu conhecimento quem sou eu e lembrá-la do que fez, não serei capaz de empurrar essa imagem dela para aquele cantinho escuro da minha memória. Ela terá que responder por isso. A Mia do presente e a Mia do passado se tornarão uma só e jamais poderão ser dissociadas novamente.

– Obrigado por cuidar da Alea, querida – enuncio, tentando combater a minha própria raiva borbulhante que tenta abrir caminho no meu peito com suas garras.

– Mmmm, amo quando você me chama assim. E eu adoro o jeito como você diz o meu nome quando está com tesão. *Miiia* – ela diz, com uma voz rouca de deboche. A fervura baixa para fogo brando. *Fique apenas presente*, digo a mim mesmo.

– Sou fã de você dizendo o meu nome quando estou te fodendo. Mas acho que você já sabe disso…

– Oh, sim, você deixa isso bastante claro, seu safado depravado. E o prazer é todo meu em dizer isso, Sr. Tax Draconi… Draconi? De onde é isso?

– Romeno.

– Romeno? Que exótico! Eu estou deitada no peito de um gostosão romeno? Humm… – Ela beija o meu peito. – Conheci alguém que era romeno…

– Ah, é?

– Sim, mas acho que ele era só metade romeno, porque seu sobrenome era comum. Era James, eu acho.

Ela se lembra.

– Não me parece romeno.

– Não, acho que ele era de ascendência romena apenas por parte de mãe. Seu primeiro nome, no entanto… era algo mais exótico… bem, era Sil… mas era uma abreviação de alguma coisa. Sil… Silvo… Silvio! É isso: Silvio James. Mas ele era sempre chamado de Sil. Éramos parceiros de laboratório.

Respiro fundo para manter a calma. Ela não soa como alguém que detém alguma culpa por magoar Sil – por me magoar.

– Parceiros de laboratório? Nerd da porra.

– Fica quieto. Pois bem, estávamos nos tornando amigos, mas… É, agora que penso a respeito, foi realmente muito estranho. Um dia ele simplesmente desapareceu.

– Desapareceu? – Minha tática neste exato momento é levá-la a confessar, e a maneira mais fácil de fazer isso é deixá-la continuar falando. Se ela puder me mostrar remorso verdadeiro, eu consigo lidar com isso.

– Estou me lembrando agora… Foi realmente muito estranho. Tínhamos um enorme projeto que levou semanas para ser completado. Ele ia à minha casa

algumas noites por semana e trabalhávamos no projeto e ficávamos de boa. Ele era tão magro e desajeitado. Acho que ele não percebia isso, mas eu o via afanando comida extra no refeitório, botando dentro da sua mochila. Ele era pobre e acho que seu pai pode ter sido abusivo. Meu pai mencionou que ele tinha um problema com bebida. Então, quando ele ia à minha casa, eu sempre fingia que estava com fome depois da escola e preparava pizza, e dava um montão de lanches pra ele. Então, pedia a ele que levasse os restos para casa, dizendo que não os queria, para que ele e sua irmã gêmea pudessem ter mais o que comer.

A revelação provoca em mim uma terrível angústia. Ela sempre fez com que me sentisse tão confortável que nunca me ocorreu que ela estava fazendo comida apenas para alimentar a mim e a Jude. *Sentimentos. Eu odeio quando ela me faz sentir.*

– Isso foi bem gentil de sua parte. Você mencionou que ele desapareceu?

– Bem, na última vez em que o vi, ele me deu o que penso ter sido umas anotações de laboratório. Mas eu as perdi que nem uma idiota. Acho que elas caíram do meu bolso no caminho de casa. Enfim, o dia seguinte foi o dia em que minha mãe morreu do nada. Bem, nós sabíamos que ela estava doente, mas eu não consegui me despedir nem nada. Na verdade, lembro-me vividamente, porque você não esquece momentos como esses. Eu estava caminhando pelo corredor e o vi à distância. Eu ia contar para ele que tinha perdido as anotações e me desculpar, mas a diretora me chamou à sala dela e meu pai… ele estava lá com aquela expressão na cara… e eu soube… – Sua voz some enquanto ela revive aquele momento.

Eu me lembro de seu medo oculto, de como ela ria com seus amigos, mas quando ela e eu estávamos sozinhos havia uma aura de tristeza nela. Ela tentava se divertir, dançar, agir feito boba porque não gostava de mergulhar na tristeza. Mas ela enxergou a minha própria tristeza e sentiu-se segura por compartilhar a dela comigo, mesmo que fosse apenas por breves momentos.

– Foi difícil, meu pai me levou embora da escola na hora. Bem, me tirou escondido, na verdade, para que as pessoas não vissem que eu estava chorando.

Ai, merda.

– Então, você nunca encontrou essas anotações ou o que quer que fossem?

– Não, e eu me senti tão mal porque ele provavelmente precisou delas para a apresentação. Eu não retornei às aulas por uma semana, deixando-o para apresentar o projeto sozinho. Quando voltei e tentei encontrá-lo para pedir desculpas por deixá-lo abandonado sem os materiais de que precisava, ele tinha sumido. Meu pai disse que o pai dele juntou as coisas e se mudou com a família.

Foi isso. Foi meio frustrante ele não ter se despedido de mim, mas me senti boba, nós ficamos nos conhecendo de verdade só durante algumas semanas. Nós nem chegamos a trocar sequer uma palavra um com o outro antes de nos tornarmos parceiros de laboratório.

Não. Não. Não.

– Isso é… uma pena.

– Sabe, fiquei me perguntando sobre ele por um tempo. Ele era tão diferente de todos os outros. Na nossa cidade, você tinha que ser de um certo jeito e, se você não se adequava nesse tipo limitado, era duro. Principalmente no ensino médio. Acho que tive sorte o bastante para não me destacar, mas gosto de pessoas interessantes de variados estilos de vida. Se você olhasse para ele, poderia ser um tanto intimidante: alto e magro, com cabelos negros e compridos, ele usava muito preto e correntes. Às vezes, ele usava essas lentes de contato assustadoras. – Ela ri consigo mesma. – Mas, assim que eu o conheci melhor, vi que ele era sentimental. Gostei de passar o tempo com ele. Ele me fez experimentar coisas novas, e gostei do fato de ele não se enquadrar, apesar de ele sofrer bullying por isso. Ele também era muito inteligente. Estava um ano abaixo de mim, mas na mesma turma de Física que eu, o que seria dois níveis acima de sua série. Então, apesar de suas circunstâncias em casa, tenho certeza de que ele está vivendo uma boa vida. Na verdade, aquele CD do Radiohead que tenho ali foi ele quem me deu. Ele me apresentou muita música que de outra forma eu não teria conhecido. Acho que aprendi com ele como as pessoas podem ser tão diferentes do que aparentam ser do lado de fora. Não tive muita exposição à diversidade enquanto estava crescendo.

Eu permaneço quieto, examinando sua voz em busca de qualquer sinal de mentira, um furo na sua história. Não há nada além de um desconhecimento inocente.

É difícil não sair tocando o terror, não com ela, mas numa sensação geral de raiva. Eu quero arrebentar aquela merda de CD player, jogar longe abajures, esmurrar uma parede. Mas não posso, tenho que manter a calma. Ela não mereceria ver isso, ela já viu o bastante do meu ódio pútrido.

Essa é uma merda de situação que não pode ser consertada. Mesmo se eu contar tudo a ela agora, como posso olhá-la nos olhos e dizer que durante todo esse tempo eu a chantageei por nada? Que fiquei tão cego pela fúria que não considerei a possibilidade de o nome dela ter sido arrastado para algo de que ela poderia nunca ter feito parte? Nunca foi moralmente aceitável da minha parte fazer o que fiz, mas foi justo. Pensei que, se eventualmente ela descobrisse quem

nós éramos, acabaria entendendo. Ela poderia ficar zangada, mas entenderia por que Jude e eu éramos tão fodidos. Eu poderia tentar racionalizar com ela. Ela entenderia por que sentíamos que ela tinha que pagar. Agora não há como entender. Se eu pudesse trazer Tripp de volta à vida e matá-lo novamente neste exato segundo, eu o faria. Aposto que o filho da puta está rindo no inferno neste momento.

Sou um assassino. Planejei cortar a garganta dela com uma faca de caça serrilhada. Sonhei com a expressão de terror em seus olhos em seus últimos segundos de vida, enquanto o sangue quente jorraria de seu pescoço. Mas, como aquele garoto estúpido que um dia já fui, fiquei preso a uma ilusão: de que sou normal, de que posso estar com alguém como Mia. De certa forma, Jude estava certa, eu estava me permitindo embarcar numa espécie de fantasia. Jude compreende quem eu sou de verdade.

Sou bom para duas coisas: tramar e foder.

Fui um idiota em pensar que Mia iria querer alguma coisa mais depois que soubesse da verdade. Ela vai me odiar pra caralho. Até mesmo a “verdade” que planejei contar a ela teria que ser uma mentira. Eu nunca iria contar a ela sobre o meu plano de matá-la, sabotar as suas pílulas anticoncepcionais, e a única coisa que ela jamais seria capaz de relevar. Se eu lhe contasse isso, ela iria me querer morto.

Não há dívida alguma a ser paga. Ela está segura agora. Tentando engravidá-la… Onde eu estava com a cabeça? Não sou um pai. Eu não crio. Eu destruo. Essa criança acabaria ferrada tanto quanto Jude e eu. Pensei que criar uma criança era o que eu precisava fazer para salvá-la e inventar uma desculpa para Jude, mas não há do que ela precise ser salva. Mia é inocente. Todas as dívidas foram pagas.

Na verdade, agora sou eu quem deve a ela.

Ela merece algo melhor do que eu. Ela merece mais do que um psicopata como namorado e pai de seu filho. Ela merece mais do que o seu útero ser usado para satisfazer os impulsos maternos de uma mulher perturbada e vingativa. Ela precisa da vida que tinha antes de eu entrar em cena e foder com tudo.

Isso muda tudo.

Voltamos à estaca zero. Não há razão alguma para eu continuar em sua vida por mais tempo.

Eu preciso libertá-la.

Sou um destruidor. Sou o profanador de sonhos e esperanças. É hora de voltar para o que eu faço de melhor e acabar com esse pequeno paraíso que Mia pensa

que criamos. Pelo próprio bem dela. Talvez eu possa fazer pelo menos isso de bom. Eu posso salvar Mia da maneira que não pude salvar Jude.

Durante todo esse tempo, eu brandi a minha espada da vingança com um escudo de superioridade moral. Até mesmo os danos colaterais, eu dizia a mim mesmo, ainda eram justificados, porque não eram culpa minha, mas de seus entes queridos que me traíram.

Mas a verdade é que eu simplesmente gosto de machucar as pessoas. Sou um predador. Busco sexo, dinheiro e prazer. Apenas faço coisas que fazem com que me sinta bem. Essa vingança deixou de ter a ver com justiça há muito tempo. Não sou mais um ser humano. Eu não tenho alma.

Tenho cobrado uma dívida de Mia que ela nunca deveu.

Capítulo 31

Mia

Fiona Apple – “Get Gone”

É POSSÍVEL QUE TAX POSSA SER TUDO de que preciso em um homem? Ele tem o fogo que me queima e me desperta. Era o que eu estava procurando e que era tão difícil de encontrar. Sempre nos recomendam reprimir esse lado em nós. É imoral, é vil, é doentio. Mas algo em Tax é selvagem. Ele possui todas as armadilhas de um homem civilizado: riqueza, bens materiais, bom gosto. Mas a parte oculta dele é indomável, intocada pelas convenções, como um menino criado por lobos. Ele me transforma também nesse animal selvagem e eu adoro isso.

Mas preciso de mais do que isso. Preciso saber que ele me enxerga como pessoa. Apesar de extravasarmos todos os nossos instintos, ele não quer me machucar de verdade. É uma dança de acasalamento, cheia de dentes à mostra, rosnados e mordidas. Mas, quando tudo acaba, preciso de uma pessoa lá que me proteja e cuide do meu bem-estar, assim como eu faria por ele.

Sinto que esse lado sempre esteve lá. Essa sugestão de algo diferente da fúria sexual animalesca. Ele se importava, embora não quisesse fazê-lo. Agora, porém, está se tornando menos zeloso em relação a isso, expondo o pescoço para outro animal que poderia rasgar a sua jugular. Eu não tenho poder sobre ele como ele tem sobre mim, mas se ele se importasse, eu poderia dobrá-lo de outras maneiras.

Entretanto, não quero dobrá-lo, quero construí-lo. Encontrei uma conexão quase impossível de ser encontrada e quero melhorá-la. Já não me importo com a forma como chegamos aqui, eu simplesmente gosto de onde estamos indo. E isso significa que estou disposta a admitir essas circunstâncias, se as coisas caminharem como eu espero. Ele é um homem mau, e acho que ele pode se tornar uma versão de um homem bom. Mas, se eu quiser um homem mau, entendo que precisarei aceitar algumas coisas ruins.

É por isso que ficar aqui no meu tapete no meio do chão da sala de estar, depois do ataque repentino e brutal de Tax, parece certo. Depois da brutalidade vem a ternura. Ele preenche o vazio deixado para trás quando ele me barbariza.

Eu mergulho em seu cheiro. É como uma droga, um toque de sua masculinidade misturado com o calor do almíscar, pinho e baunilha. Ele está me perguntando como eu estou, ele está conversando comigo. Ele está *me vendo*.

E, então, algo muda. Nossa conversa em tom suave, sob o brilho de uma única lâmpada, para. Tax fica tenso por baixo de mim.

É porque toquei suas cicatrizes?

– Está tudo bem? – pergunto.

– Eu preciso me levantar.

– Ok…

Tax apanha suas calças e camisa e desaparece no banheiro. Ele emerge minutos depois, completamente vestido, com rosto sombrio.

– Você está indo embora? – pergunto.

Nenhuma resposta.

Eu me sento, procurando por algo para me cobrir. Seu gelo faz a minha pele exposta arrepiar.

– O que há de errado? É aqui que você me conta o que está pensando, Tax. Lembra-se do que conversamos? Não é só levantar e ir embora.

Tax pega seu telefone de uma mesinha lateral e o enfia no bolso, seu movimento conciso é um sinal claro de que ele não quer se engajar numa discussão.

– É claro que há alguma coisa errada – digo, atordoada pela mudança acentuada em seu humor.

– Basta, Mia – diz Tax com frieza. – Pare com o interrogatório.

Meu estômago se revolve com ansiedade. Como as coisas podem virar tão rapidamente?

Observo em silêncio enquanto ele estala o pescoço e fecha os punhos da camisa. Espero que ele comece a rir e me diga que esse é o seu número cômico mudo, embora eu não saiba disso. Em vez disso, ele limpa a garganta e olha para mim.

– Mia, eu oficialmente a liberto do nosso arranjo. Você não me deve mais nada. Sua reputação está segura comigo. Vou destruir todos os vídeos. Você está livre.

Isso é uma coisa boa. Isso é o que eu queria. Então, por que por dentro eu sinto como se Tax houvesse simplesmente me chutado?

– Eu não entendo… Então isso significa que vamos continuar nos vendo como pessoas normais fariam? Não há mais terças?

– Não é assim que isso funciona.

– O que você quer dizer?

– Não há nenhum arranjo. Não nos vemos mais. Nunca.

Parece que ele bateu no meu peito com um aríete.

– Há algo mais acontecendo aqui… – eu não quero parecer desesperada, mas é difícil conter o estremecimento que viaja do meu coração até o estômago. – Você disse… você disse que não iria a lugar nenhum. Lembra? No barco? Nós deveríamos estar aqui um para o outro? O vídeo era uma espécie de último recurso. Concordamos que a chantagem realmente não importava mais, porque nós dois não vamos a lugar algum.

– Você está livre agora. Você não precisa de mim. Eu estava por perto para protegê-la. Você não precisará mais disso.

– Eu não acredito em você. Como tudo mudou desde que você chegou aqui? Você recebeu algum tipo de mensagem telepática? Você estava deitado aqui comigo, minutos atrás, tudo estava bem.

– Nada nunca esteve bem, Mia!

As lágrimas escorrem pelas minhas bochechas enquanto o medo do abandono total me invade.

– Você se importa comigo. Eu sei que sim. Por que você está fazendo isso? Por que você está indo embora? Você veio aqui esta noite para ficar comigo. O que mudou desde que você chegou? Eu não entendo! Foi algo que eu disse? – Tento relembrar o que falamos, mas a conversa se move muito rápido para eu manter o foco.

– Mia, vim aqui para te foder uma última vez. Eu já sabia que iria liberá-la, mas eu queria usá-la mesmo assim. Eu usei você. Queria invadir sua casa e gozar em você uma última vez porque essa merda me excita. Prometi que iria machucá-la. Eu prometi, Mia. Você não escutou. Eu te avisei.

O grande otimismo que eu sentia por nossa relação murchou quando ele pronunciou essas palavras. Será que fui tão otária assim esse tempo todo? Eu deveria continuar acreditando que ele estava fazendo tudo isso por algum bem maior? Por que eu não deveria acreditar que ele não passa de um sádico desalmado?

Nem importa se ele se preocupa comigo ou não. Porque está claro que ele machuca as pessoas com quem ele se importa e machuca as pessoas que ele odeia. Para Tax, tudo acaba da mesma forma. Tax é venenoso e, se você por acaso tem a infelicidade de cruzar o seu caminho, seu veneno se infiltra na sua vida.

Tax disse que iria me machucar de um jeito ou de outro. Não escutei. Eu

poderia ter desencanado, deixá-lo usar o meu corpo, e então ele teria desaparecido e nossas interações se tornariam uma lembrança distante, mas em vez disso me tornei uma participante voluntária. Eu investi na fantasia Mia & Tax, e como um bandido ele está fazendo ruir tudo o que construí.

Eu o odeio. Odeio-o tanto por fazer isso comigo… Por me fazer virar uma fera solitária. Como poderei continuar sem ele? Como poderei fazer sexo com outro homem? Sair para um jantar canhestro com mais um cara da internet? Como poderei fingir ser como todo mundo depois de estar com Tax? É como nunca ser capaz de provar novamente, cheirar novamente. Quando Tax for embora, levará todas essas coisas com ele. Meu mundo ficará totalmente sem graça outra vez.

Mas estou cansada de implorar, tentando fazê-lo querer-me por inteiro. Assim que eu me liberto dessa necessidade, a parte de mim que murchou renasce das cinzas como uma fênix, dando-me força para fazer o que não quero.

Se Tax realmente não me quer, então ele pode ir para o inferno.

– Por que, Tax? Por que você entrou na minha vida pra começo de conversa? Você disse que eu devia a você. Pelo quê?

– Não é mais relevante.

– Uma ova que não!

Ele baixa os olhos, e alguém que não o conhece bem poderia achar que é por vergonha, mas acho que ele não sabe o que é isso. Quando ele volta a me encarar, é como se estivesse usando uma máscara, com olhos negros e um sorriso cruel para combinar.

– Mia, nunca houve uma dívida. Eu vi você, quis você e tive você. Pensei que seria divertido foder com a sua cabeça enquanto isso.

– Eu não acredito em você. Você acha que não conheço você, Tax, mas conheço. Enxergo muito bem através das suas mentiras.

– Mia, se você se sente melhor acreditando nisso, vá em frente. Escolher você foi aleatório. Não havia motivo, nem qualquer razão oculta, além do fato de que gosto da sua aparência e queria meter meu pau em você. Foi tudo por que eu fiquei a fim. E, agora, acabou.

– Muito bem, vá embora, então. Espero que tenha gostado, seu filho da puta! – eu grito para aquela casca de beleza física masculina que encapsulava um miolo podre. Levanto-me cambaleando, tentando recuperar alguma aparência de controle. – Mas faça um favor a nós dois e não finja que algum dia você me protegeu. Você só se importa com você. Você não é capaz de cuidar de outro ser humano. Você é um parasita. Você usa, usa, usa e, quando termina,

provavelmente sai procurando outra pessoa para sugar-lhe a vida. Essa é a única maneira de você sobreviver, não é? Sugando a vida de todos à sua volta. Porque, sozinho, você é vazio.

Acho que vislumbro uma centelha em seus olhos, uma mínima contração indicando que as minhas palavras podem ter surtido algum efeito. Mas estou cansada de projetar minha humanidade sobre ele e não vou fazer isso desta vez.

Ele não responde e simplesmente se afasta, caminhando até a porta da frente. Ele para e, sem se virar, diz:

– Mia, estou-lhe dando sua liberdade de volta. Você nunca teve uma escolha, agora você tem.

– Isso não é uma escolha – silvo com o rosto contorcido numa careta de nojo. Nunca gostei de ferir as pessoas, mas, nesse momento, minhas palavras são como veneno e quero cuspi-las em Tax, como uma cobra. Para machucá-lo como ele me machucou. E quero que ele perceba que não vou deixá-lo se esquecer de mim. Claro, ele pode ir embora, mas vou assombrar a porra da vida dele até obter respostas. – Eu nunca tive escolha com você, e continuo não tendo. Você é um covarde, Tax. Você pode confundir minha bondade com fraqueza, ou minha compreensão com tolice, mas você me entendeu errado. Você é um valentão. Você pode ser alto, forte e ter dinheiro, mas por dentro você é frágil. Você não tem coragem de correr o risco de se machucar. Eu ponho tudo pra fora, sou um livro aberto. Digo como me sinto, mesmo que isso signifique que eu possa me machucar. Eu não sou fraca, Tax, mas me recuso a machucar as pessoas para me sentir forte. E nunca deixarei que alguém tire de mim a capacidade de me importar com as pessoas. Isso inclui você, seu babaca. Eu sei que você está mentindo. Há uma razão pela qual você veio atrás de mim e, se você não me disser qual é, vou descobrir eu mesma.

Minhas palavras queimam meu peito e meus lábios enquanto as vomito como lava. Tax continua enrolando a carretilha e depois me lançando de volta na solidão de um oceano escuro. Só que, desta vez, ele vai me deixar à deriva, sem esperança de me trazer de volta.

Durante toda a minha vida tenho sido silenciosamente forte. Gentil com as pessoas, mas nunca tendo receio de lhes dizer como me sinto, seja para fazer um elogio, seja para me defender. Por todo esse tempo eu tive tanto medo de que Tax desaparecesse, medo de perder essa coisa pervertida que tínhamos, ou medo de ele me expor, que eu pisava em ovos. Mas, agora que ele está indo embora de qualquer jeito, quero que sinta a dor do isolamento que ele me causa quando brinca com as minhas emoções como se eu fosse uma velha boneca de pano em

frangalhos. Que seja ele a sentir alguma dor desta vez, se for capaz.

Ele permanece de costas para mim, de frente para a porta, por um momento, como se estivesse absorvendo o impacto das minhas palavras.

Nessa imobilidade, eu o sinto exatamente como o senti na primeira vez que ele me mostrou suas cicatrizes. É a humanidade que eu sempre descubro nele, não importa o quanto ele tente escondê-la sob o seu manto negro de ódio.

– Mia, confie em mim. Você não quer saber.

Ele abre a porta, sai e deixa-a se fechar atrás de si.

Simples assim.

Ele se foi.



Tax

Nine Inch Nails – “Only”

O que foi que fiz?

Mia não fez nada. Nada. E quase a matei. Nem consigo olhar para ela agora, sabendo quem eu sou, o que eu poderia ter feito. Olho para mim mesmo no espelho de seu banheiro por um tempo, resistindo ao impulso de quebrar meu reflexo. Uma sensação sombria e pesada escorre de mim como alcatrão enquanto penso naquela pessoa que ela conheceu e em quem ele se tornou: vergonha.

Nunca senti isso antes. Quando era pequeno, eu falava coisas que as outras pessoas achavam rudes ou impróprias. Apesar de ser corrigido ou espancado, nunca tentei ser alguém que não era. Nunca me importei com o que as pessoas pensavam. Fazia o que queria fazer e não dava satisfações a ninguém. Mas senti-me envergonhado quando ouvi Mia, lembrando sua amizade com Sil e todas as vezes que ela me ofereceu comida porque sabia que eu estava com fome e não queria me envergonhar. Que ela enxergou além do meu exterior, projetado para isolar e intimidar. Essa era a menina por quem me apaixonei anos atrás, e ela é a mesma pessoa, não adulterada por um ato horrível como eu pensava. Ela sempre foi a pessoa que eu esperava que fosse.

Enfiei uma faca de caça na cintura, a fodi, chantageei, sonhava em retalhá-la e disse-lhe mais de uma vez que ela não significava nada para mim. Ela superou todas as minhas expectativas: sou eu quem é a decepção. Ela diz que imagina que Sil seja bem-sucedido, que vive uma vida feliz em algum lugar, tendo

derrotado todas as chances contrárias. Mas eu não fiz isso. Sou um assassino, um sádico e um trambiqueiro.

E, por isso, sabia que tinha de machucá-la uma última vez, para que então ela ficasse livre de mim e do caos no qual a introduzi. Diria para Jude esquecer, para seguirmos em frente. Não resta mais nada daquela noite a não ser as cinzas da devastação que Jude e eu deixamos para trás. Mia pode viver uma vida normal como se eu nunca tivesse acontecido. Como se aquela noite nunca tivesse acontecido, porque não aconteceu para ela. Ela não teve nada a ver com aquilo. Ela nem imagina o que houve.

Só que existe um grande e maldito problema: a possibilidade de que eu já a tenha engravidado. *Porra. Pai*. Essa palavra. Essa palavra nojenta. Eu nem sei se concebi uma criança com Mia e já caguei a minha paternidade de inúmeras maneiras.

As chances de ela já estar gravida devem ser mínimas, mas, se estiver, garantirei que Mia e nosso filho sejam amparados. Mas a única maneira de livrar Mia de mim e de Jude é acabar de vez com nosso relacionamento. Se Jude descobrir que tem um sobrinho, sem dúvida ela encontrará uma forma de fazer parte da vida dessa criança. Afinal, era esse o objetivo de engravidar Mia: mantê-la viva e fazê-la compensar Jude com uma vida. Mas agora sei que ela não deve porra nenhuma a Jude. E, se Mia estiver grávida, Jude vai se agarrar a essa criança como se fosse dela. Se for para eu libertar Mia, tem que ser por completo, não importa o sacrifício.

A melhor coisa para Mia e nosso possível filho é que eu desapareça de sua vida. Ela encontrará outra pessoa (cuja cara eu gostaria de esmagar), alguém que pode ser um pai normal para o nosso filho, porque ela sempre estará em risco, enquanto eu estiver por perto. Eu me convenci de que o risco era algo que ela havia adquirido por meio de seu comportamento cruel e estúpido anos atrás. Agora eu sei a verdade. E é hora de encarar.

O lado racional do meu cérebro reza para que ela não esteja grávida, para que ela possa realmente começar de novo. E, no entanto, em algum canto profundo da minha psique, ainda quero que ela esteja grávida, de modo que eu esteja para sempre conectado a ela de alguma forma. A fim de que, não importa se ela acabar com um cara normal, eu sempre tenha uma parte dela. E em algum lugar dentro de mim sei que o melhor de mim somado ao melhor de Mia pode formar algo – alguém – incrível. Mia sempre será a única mulher para mim, mesmo que eu não possa tê-la.

Fodi tudo. Fui um idiota por pensar que eu poderia ter uma mulher como Mia.

Eu a destruiria como faço com tudo. Meu toque é destrutivo, arruíno tudo em que ponho as mãos.

Se Mia soubesse quem eu sou, quem eu me tornei, o que eu fiz, isso a destruiria. E, de qualquer forma, ela me odiaria. Prefiro que ela me odeie agora por deixá-la do que por saber a verdade sobre o monstro que espreitou em sua cama.

Estaciono na casa de Jude na cidade. Parece que chegou a hora de romper a batalha silenciosa que travamos nessas últimas semanas.

Uma chuva fina começa a cair enquanto esmurro a porta dela.

Minutos depois, ela vem me atender de roupão e com uma toalha enrolada na cabeça

– Credo, Tax! Você quase me mata de susto!

Passo por ela e entro.

– Nós precisamos conversar.

– Ah, é? Agora você quer falar comigo?

– Jude, foi você que foi embora e me deixou falando sozinho. Você disse para eu me foder, lembra?

Ela cruza os braços e suspira.

– É melhor que tenha vindo me dizer que o seu maldito plano principal finalmente chegou ao seu grande final.

Ando de um lado para o outro, passando os dedos pelo meu cabelo úmido.

– Ela não fez aquilo, Jude.

Ela leva um instante para digerir minhas palavras e depois ri, incrédula.

– Hein? O quê? Você só pode estar brincando comigo, Tax. Ela realmente virou a sua cabeça, não foi?

– Não… não. Jude, você pode parar um pouco e me ouvir? Eu descobri que ela não fez aquilo.

– Por quê, ela lhe disse isso? – ela pergunta, afetando uma cara de inocência.

– Sim e não. Não diretamente, mas ela me contou sobre Sil. Ela nunca leu a carta. Foi tudo coisa do Tripp. Tinha que ser.

– Ora, vamos, você acha que ela lhe dirá que armou para que duas crianças fossem espancadas quase até a morte?

– Não, mas foi a forma como ela me contou… ela não precisava. Eu sei que ela estava dizendo a verdade.

Jude passa por mim e põe-se a caminhar de um lado para o outro, uma imagem espelhada de mim. É estranho como às vezes temos os mesmos maneirismos e movimentos. Até eu mesmo percebo.

– Você está acreditando no que quer acreditar – diz ela, afinal.

– Não, Jude, você é que está.

Jude passa da descrença imparcial à raiva desesperada. Vejo sua pequena silhueta enrijecer, seus olhos escuros se estreitarem. Ela ainda sente aquela noite como se tivesse acontecido há poucos dias.

– Isso é mentira, Tax. Depois de tudo o que passamos, agora você quer voltar atrás? – ela grita, segurando as lágrimas.

– Não estou voltando atrás! Ela não é culpada de nada além de ser minha amiga. Você sabe que ela nos alimentava porque sabia que passávamos fome? O pai dela contou-lhe sobre o nosso pai, sobre como as coisas eram ruins lá em casa.

– Ah, então, agora nos importamos com o que o xerife Tibbett pensa?

– Caramba, Jude, você não consegue mais enxergar a situação como um todo. Você só quer machucar as pessoas agora. Você já nem se importa mais com o motivo.

– Tem razão, esqueci de que estou falando com o Gandhi em pessoa aqui. Você adorou cada minuto que usou para se vingar daqueles merdas.

– Claro que sim. E gostaria de repetir, se pudesse. E, se houvesse restado alguém sem pagar pelo que fez, eu o mataria com um sorriso no rosto. Mas Mia não é uma dessas pessoas.

– Só porque você está escolhendo acreditar nas lembranças e na versão dela dos fatos não significa que eu tenha que fazer o mesmo! – Jude grita, com o dedo em riste para mim. Do alto de seu metro e meio e com seus 45 kg, Jude nunca foi de fugir de uma discussão. – Você sabe o que Tripp disse. Ela tomou parte daquilo. Como ele poderia saber sobre a maldita carta?

– Ela disse que a perdeu. Talvez ele a tenha encontrado. Eu não sei!

– E a carta que ela escreveu de volta?

– Havia um grupo de pessoas envolvido na trama, uma delas deve ter falsificado a carta para nos atrair para lá.

– Ora, vamos! Não vê que isso tudo é uma baboseira? Você está parecendo um teórico da conspiração. Quando você ouvir barulho de cascos…

– Eu sei, pense em cavalos, não em zebras. Isso não significa que zebras não existam.

– Não… você não é mais uma fonte confiável. Ela não vai escapar dessa assim, depois de fazer tudo o que fez. Por uma vez na vida, sua bela aparência e charme não vão permitir que ela faça o que bem entender! Não são zebras. Você sabe que ela o traiu. Não se trata de uma incrível série de estranhas

coincidências. Você e eu passamos anos fabricando “coincidências” para matar pessoas. E você sabe que “estranhas coincidências” só provêm de um planejamento meticuloso.

– Eu já vi coisas mais mirabolantes do que essa na minha vida e você também.

Jude caminha de um lado para o outro, balançando a cabeça com descrença.

– Não. Desculpe, mas ela estava envolvida. Detesto desfazer as suas ilusões, mas você está caindo nas mentiras dela outra vez, exatamente como no ensino médio. Você me arrastou para essa merda da primeira vez, Tax, porque estava apaixonado por ela, e você me prometeu que faria todos eles pagarem!

– E eu cumpri minha promessa, droga, mas ela não fez nada. E, como ela não fez nada, está fora da promessa. Acabou, Jude, deixe isso tudo para trás.

– Bem, se você não tem coragem para fazer, faço eu sozinha.

Conheço Jude o suficiente para saber que ela está falando sério. E, embora eu tenha abandonado Mia, fiz isso para protegê-la, e essa necessidade incontrolável de protegê-la irrompe novamente em mim. Ninguém vai tocar em Mia, nem mesmo a minha irmã.

Eu avanço contra Jude e ela engasga quando a agarro pelo pescoço, prensando-a contra a parede do vestíbulo. Ela derruba um abajur sobre o aparador da entrada enquanto se debate.

– Jude, se você a tocar, eu vou te matar. Você entendeu? Eu vou te matar. Basta. Todos tiveram o que mereciam. Isso acaba aqui. ACABOU.

Jude e eu olhamos olho no olho, duas metades, dois aliados, dois lutadores, sempre na mesma equipe, agora divididos, dispostos a alienar a única constante em nossas vidas. Ela olha nos meus olhos, escuros como os dela e, como ela não cede, aperto as mãos, intensificando lentamente a pressão. Sempre vi Jude como uma igual, mas ao sentir seu pequeno pescoço nas minhas mãos percebo que isso é uma ilusão. Jude precisa sentir a proximidade da morte. Ela precisa entender que isso não é uma ameaça vã. Se ela machucar Mia, Jude não será mais minha irmã.

O abajur rola pela borda do aparador e se espatifa no chão, rompendo o nosso impasse. Nós dois olhamos para baixo e eu a solto enquanto ela recua vários passos. Seu roupão quase escorregou do corpo, expondo-a sem vergonha para mim, a toalha em sua cabeça torta para o lado.

Seu rosto vermelho, molhado de lágrimas, olha para mim com uma mistura de raiva e piedade. Como uma coisa dessas pôde acontecer tão rápido? Como as únicas duas mulheres da minha vida que já importaram me odeiam? Mas Jude já nem está mais lá. Ela é como um cão encurralado, e ela rosna quando as palavras

se acumulam em sua boca, quase como se as estivesse saboreando antes de cuspir seu veneno.

– Você a ama? Você a ama! Você é um maldito imbecil, Tax! – ela grita. – Ela nunca vai corresponder o seu amor! Mesmo que ela pudesse aceitar o fato de você ter matado Tripp e o pai dele, e Huck, e Tucker, e todos aqueles babacas. Ela nunca aceitaria que você tenha matado o pai dela!

Jude não está me dizendo nada que eu não saiba. Mas ouvir as palavras que tenho evitado, disparadas contra mim como tiros, é doloroso. O que Jude está dizendo está certo e é por isso que percebi hoje que todo o meu plano estava tentando cumprir os sonhos de Sil, não a realidade de Tax. Se Mia descobrisse que fui a pessoa que provocou um ataque cardíaco em seu pai com uma injeção de succinilcolina, ela cuspiria no meu túmulo, ela me desprezaria. Foi por isso que tive de ir embora. Mia e eu e nossa criança, foi tudo uma fantasia tola. Talvez eu pudesse contar a Mia apenas uma meia-verdade, mas eu saberia. Eu saberia que tirei dela a única pessoa em quem ela confiava neste mundo, o homem que estava lá para ela quando sua mãe morreu e a protegeu, mesmo às custas de mim e da minha irmã. Compreendo. Se alguém matasse Jude ou Rex, eu nunca perdoaria. Existem algumas dívidas que simplesmente não podem ser perdoadas.

– Você não se importa mais com ninguém, não é, Jude? Só você importa. Eu existo apenas para que você possa empilhar a sua culpa. Nunca farei o suficiente para compensar o que aconteceu. Você não quer que eu vá em frente. Você quer que seja só eu, você e Rex para sempre. Você pode ter o Rex, mas não tenho permissão para ter alguém, tenho? O mundo deve girar em torno de você. Você continuará encontrando maneiras de me manter com você. – Eu agito minha cabeça desgostoso, com Jude e comigo mesmo. – No entanto, você não precisa se preocupar. Disse a ela que acabou. Ela não merece essa merda. Mas não pense por um segundo que não falei sério. Não vou simplesmente matá-la, vou tingir o meu rosto com o seu sangue se você machucá-la. Não vou me importar com quem você é para mim, porque, se você fizer isso, então, obviamente, você também não se importa.

Jude faz o que sempre faz, passa de atacar a agir como um animal ferido que precisa de ajuda, aproveitando-se da minha necessidade de proteger minha irmã, a irmã que eu não consegui proteger quando ela precisou.

– Tax, Tax, Tax… – ela diz em rápida sucessão, correndo para mim e agarrando o meu braço. – Sinto muito. Não falei sério. Ora, vamos, meu colega de útero. Nós dois dissemos muita merda um para o outro. Não vou fazer isso.

Ok? Não vou machucá-la. Podemos esquecer isso. Podemos arrumar nossas coisas e nos mudar para o Taiti ou Malta. Lembra-se de todos aqueles planos que tínhamos?

Olho para as pequenas mãos que apertam o meu antebraço.

– Jude, você não está entendendo. Precisamos de vidas separadas. Até descobrirmos que porra nós somos. Estamos fodidos. Precisamos viver nossas próprias vidas no mundo real. Porra, Jude, você não é minha esposa.

– Não, eu não sou sua esposa. Você pode se divorciar de uma esposa, mas não pode se divorciar de sua irmã gêmea. – Jude suaviza a voz para quase um sussurro. – Tax, nunca seremos normais – diz ela com olhos tristes, como se estivesse me diagnosticando com uma doença terminal.

– Talvez não, mas podemos ser melhores do que isso – respondo, afastando o meu braço e voltando para o meu carro.

Capítulo 32

Mia

Gnarls Barkley – “Crazy”

– EU VOU MATAR VOCÊ! – DIZ TIFF, DEPOIS que eu conto a ela que Tax me largou. Não entrei em detalhes, mas disse que ele era um idiota, que me falou coisas horríveis. Deixei-a pensar que eu estava lamentando pelo nosso rompimento, mas era muito mais do que isso. Estava lamentando a perda de Tax como se ele tivesse morrido. Eu estava de luto pelo meu antigo eu, a pessoa que eu era antes de entrar na sala de conferências da Alea e reconhecer as cobras deslizando pelo pescoço de um homem misterioso. Estava de luto por acabar de ser sentenciada a uma vida de amor banal, não a paixão explosiva e violenta que Tax e eu compartilhamos.

Faz quase uma semana que Tax saiu pela porta sem ao menos se despedir, e nunca na minha vida me senti tão machucada. Mas coloquei minha máscara de jogo de Mia Tibbett. Ninguém sabe sobre minha agonia silenciosa e solitária. Mas aqui, com Tiff, não consigo mais segurar a emoção.

Eu amo Tiff, e ela pode me contar qualquer coisa que não vou julgá-la e sempre senti a reciprocidade dela nisso. Mas me meti num lance tão distorcido que tenho medo de que ela me julgue dessa vez e, tenho vergonha de admitir, que ela também julgue Tax. Ele é o meu segredo, ele pertence a mim. Ela não o conhece. Só eu poderia julgá-lo na minha silenciosa infelicidade.

– Não entendo… No bar, ele só tinha olhos para você… – ela diz. – O jeito como ele olhava para você era como se você fosse a única garota no bar.

– Bem, ele estava bêbado e excitado, eu acho – explico. Mas sei que não é só isso. Ele olhava para mim com olhos ferozes, cheios de desejo e proteção. Nunca me senti tão desejada.

– Merda. Por que os homens têm que ser tão idiotas! Vou me queixar a Rex sobre o seu maldito irmão – diz ela.

– Não! – *Merda, Rex*. – Por favor, isso só me faz parecer patética. Posso lidar com isso sozinha.

– Tudo bem… – ela cede, hesitante.

– Estou falando sério, Tiff. Se você comentar com Rex, ficarei muito

chateada. Nada deixa esta sala. Eu só preciso desabafar com você, amiga, posso lidar com o resto.

– Simplesmente odeio que alguém faça uma coisa dessas com você. Você é a pessoa mais generosa, boa e tolerante que conheço. E você é bem-sucedida, linda. Que diabos ele está pensando? – Suas palavras, lançadas de forma tão casual, trazem minhas lágrimas à superfície novamente. Por que o que tínhamos não era bom o suficiente para Tax? Por que ele me descartou?

– Não, não, não… não chore. Desculpe! – ela diz.

– Não foi você… – esclareço. – Eu é que estou muito sensível e deprimida. Vou ficar bem. – Enxugo algumas lágrimas desgarradas com as mangas.

– Odeio vê-la assim. Nunca vi você assim por um cara, nunca. O que ele tinha de tão especial? Sei que ele é lindo e rico, mas é apenas um cara, certo? Há outros lá fora como ele. – Ela está tentando racionalizar e me ajudar a ver que não é o fim do mundo, mas tudo que sua argumentação consegue é amplificar a diferença entre Tax e todos os outros homens com quem já estive.

Não há ninguém como Tax. Ninguém.

– E o Blake? Ele não foi apenas mais um cara para você. Foi?

– Na época, não. Você sabe que eu achava que não iria sobreviver ao rompimento com aquele filho da mãe, mas os sentimentos diminuíam. Ele não queria ficar comigo e eu merecia coisa melhor do que isso; você também. Você merece o mundo, Mia! Você é uma ótima pessoa. Você merece alguém que lhe dê valor e que a ame. Alguém que simplesmente não vire as costas e vá embora. – Ela adiciona um pouco de vinho à taça. – Você quer mais? – ela pergunta.

– Não… sim – digo. O vinho amortece a dor que permeia todo o meu peito. Me faz esquecer o seu toque, o seu cheiro. Talvez eu pare de ver os flashes daquele sorriso que ele raramente mostra. Talvez me ajude a esquecer a forma como sinto que vou explodir quando ele me segura em seus braços fortes. Como o meu mundo implode ao seu redor quando ele está dentro de mim. Eu só quero esquecer que ele já existiu.

Muitos lamentos e taças de vinho mais tarde, há uma pausa na conversa, quando começo a adormecer.

– Mia, posso te perguntar uma coisa?

– Sim… – Tiff raramente pergunta se ela pode me fazer uma pergunta, não é o estilo dela.

– Você… você usou o cartão que eu lhe dei. Não foi?

– Eu, hum… Por que está perguntando isso?

– Eu agendei outro encontro, e cobraram no meu cartão apenas a metade do

valor.

– Bem, você não recomendou o serviço a outras?

– Pensei em fazer isso, mas essa é uma questão muito delicada. Só dei o cartão a você. Ou foi um erro deles ou foi você que usou.

Minha sonolência se evapora no calor da energia nervosa.

– Você usou, hein? Não precisa ficar encabulada. Só queria que experimentasse. E eu também queria falar com alguém sobre isso. Não há muitas pessoas como nós, Mia. Não são muitas as pessoas que gostam da coisa rude ou dolorosa. Ou, se gostam, nunca conversam sobre isso. Temos sorte de termos uma à outra para compartilharmos isso.

– Não estou encabulada – comento, ciente de que mentir para Tiff sobre a reserva com a agência Happy Kitty não funcionaria.

– Você fez! Eu sabia! – ela exclama. – Mas quando? Deve ter sido já há algum tempo.

Penso em mentir, dizendo-lhe que o cara que veio até mim na entrada da garagem cumpriu sua obrigação. Mas, algo se rompe dentro de mim. As lágrimas que derramei antes foram subjugadas, foram uma versão contida da tristeza que sentia. Contar para Tiff aquela história modificada sobre mim e Tax me ajudou a quase acreditar nela por um tempo: que nos conhecemos na nossa primeira reunião na sala de conferências numa terça-feira de manhã, meses atrás, e saímos para tomar o café da manhã e rolou, e então começamos o nosso romance turbulento.

Mas essa cunha de verdade que ela meteu no pequeno espaço entre minha falsa versão de Tax e a realidade da situação me deixa aberta. Começo a soluçar incontrolavelmente. É profundo, as lágrimas vêm de um lugar que não visito desde que perdi minha mãe. Um lugar de medo, confusão, mágoa e solidão irreconciliável.

Os olhos de Tiffany se enchem de preocupação. Em todos esses anos que a conheço, quase nunca chorei, e nunca por um cara, e menos ainda desse jeito.

– Oh, meu Deus, Mia. O que há de errado? Alguém te machucou? – ela pergunta, abraçando o meu corpo todo encolhido. – O acompanhante que enviaram te machucou?

– Não… – engasgo entre respirações rasas. – Tiff, eu me fodi. Não sei o que fazer…

– Ei… respire fundo. Tudo vai ficar bem.

– Não posso… contar para você. – Meu diafragma está fora de controle, dificultando a respiração.

– Mia, você está me deixando preocupada de verdade.

– Não quero… envolver… você… nessas coisas. E eu conheço você. Você… vai querer se envolver, mas não deve.

– Você está me apavorando.

– Nenhum acompanhante me machucou. Se eu te contar, você tem que… prometer, ninguém pode saber disso. Você não pode… fazer… nada a respeito. Estou confiando em você com… esta informação. – O meu discurso entrecortado me frustra, por isso, respiro mais lentamente na tentativa de sufocar a emoção.

– Querida, é claro. Eu nunca trairia sua confiança. Conte-me, você não tem nada do que se envergonhar.

Respiro devagar, mas o meu peito sacode com soluços destacados.

– Prometo. Não vou contar a ninguém. Isso fica entre nós duas.

– Era o Tax.

– Tax foi o seu agressor?

– Espere… – digo, respirando fundo para que eu possa controlar a minha voz e contar a história com clareza. – Fui ao site. Paguei pelo serviço, mas, assim que o fiz, achei que foi um erro. Eu ia cancelá-lo assim que o cara chegasse. Mas, então, na primeira noite, alguém veio e eu mudei de ideia. Nós fizemos sexo. Eu disse a mim mesma que diria "não", mas quando aconteceu, eu quis. E foi diferente de tudo… e isso me assustou. De tanto que gostei. Mas depois, dias depois, alguém veio e entrei em pânico. Paguei apenas por um serviço. Usei a senha de segurança. E ele saiu. Ele me disse que era impossível que outra pessoa pudesse ter chegado antes dele. Percebi que a primeira pessoa com quem eu estive…

– Oh, meu Deus. – Tiff é uma porra-louca. Ela já viu coisa pra caramba nos seus trinta anos de vida, mas a expressão de choque e horror que seu rosto mostra agora eu nunca tinha visto desde que a conheci, há quase uma década.

– Entrei em pânico. Pensei que alguém aleatório entrou na minha casa e eu o deixei, não, eu o encorajei a estar comigo. Ele usava uma máscara, mas havia coisas que me fizeram lembrar dele, ele tinha uma tatuagem no pescoço…

– Ai, que merda! – É a coisa de que todos se lembram sobre Tax e Tiff fez a conexão instantaneamente.

– Por essa mesma época, a Alea foi comprada, eu fui promovida e, então, tive a minha primeira reunião com o novo dono… Cedo, quando ninguém mais estaria no escritório…

– Ah, fala sério, você está de sacanagem comigo! – ela diz. Sua voz tem um tom de descrença, raiva e uma pontinha de diversão. *Já entendi, isso tudo é*

ridículo.

– Era uma emboscada. Ele me disse que gravou o nosso encontro, que, se eu não fizesse o que ele queria, ele me destruiria.

– Espere, fizesse o quê?

Baixo os olhos envergonhada.

– Que filho da puta doente. Mia, acho que vou matá-lo! – ela diz, levantando-se.

– Não. Você prometeu que não contaria para ninguém. A ninguém mesmo!

– Sim. Eu sei. Estou apenas emocionada, Mia. Mas você não pode deixar que ele faça uma coisa dessas e depois se safe. Isso é loucura. Tudo isso é muito louco. Como ele te encontrou? Por quê? Ele faz parte da Happy Kitty?

– Não… ele vinha me observando, eu acho. Pelo que sei, ele pode estar nos ouvindo agora mesmo, mas não me importo. Ele sabia tudo sobre mim. Ele disse que eu devia a ele.

– Devia a ele? Pelo quê?

– Ele se recusou a me contar.

– Ele provavelmente estava blefando para foder com a sua cabeça.

– Não, acho que houve algo.

– Então, você entrou nessa de ficar pagando por algo que nem sabia que devia?

Não posso deixar de me sentir julgada com essa pergunta.

– Que escolha eu tinha? A dívida nem sequer importava. O motivo não importava. Ele tinha minha atividade de computador e o vídeo com ele me fodendo usando uma máscara e segurando uma faca na minha garganta. Ele iria publicá-lo em todos os lugares, dizendo às pessoas que eu contratava homens para me estuprar. Ele me disse que iria enviá-lo para todos os empregadores possíveis, colocá-lo na internet. Enviar para amigos e qualquer familiar distante que eu tenha. Ele iria arruinar a minha vida. Ele não estava jogando verde, ele estava me avisando que faria.

E tenho noção de como estou mal quando, apesar da história doentia que estou contando, ainda estou preocupada por talvez estar dando uma impressão ruim sobre Tax.

– O que poderia ter levado a isso? Para alguém vir atrás de você?

– Eu não sei! Você me conhece, eu não me meto na vida de ninguém, só cuido da minha. Minha vida é quase um tédio. Meu pai era policial, mas morávamos numa cidadezinha pacata. Nada de grandes apreensões de drogas nem coisa do tipo.

– Ainda não estou engolindo essa história. Eu acho que ele mentiu sobre você ter uma dívida com ele como efeito psicológico. Então, na grande reinauguração do bar você estava sob coação? Oh, meu Deus. Como eu pude não perceber?

– Não, eu não estava – respondo, encarando-a com remorso nos olhos, pedindo desculpas pela minha própria depravação.

– Estou confusa.

– Eu o queria lá.

– Quer dizer que você queria estar com ele? O relacionamento era real?

Eu me esforço muito para não começar a chorar outra vez:

– Tiff, eu me sinto uma idiota, mas…

– Você está realmente apaixonada por ele?

Desabo novamente. Logo eu, que sou tão boa em controlar as minhas emoções. Quando a minha mãe estava morrendo, eu andava com um sorriso, tentando me certificar de que todos se sentissem bem perto de mim. Mas Tax mexe demais comigo.

Tiff senta-se ao meu lado, acariciando as minhas costas.

– Tudo bem, Mia. Você sabe, isso acontece… quando as pessoas são forçadas…

– Não estou com uma maldita Síndrome de Estocolmo. Eu fiz uma escolha – confesso a Tiff o que ainda não havia confessado nem a mim mesma. – Eu me permiti apaixonar por uma pessoa ruim. Acho que ele é perigoso. Não estou dizendo que ele vai me machucar. Mas acho que está envolvido em coisas ruins. É por isso que é importante que você fique fora disso. E ele começou a dizer coisas sobre me proteger. E há uma parte de mim que espera que ele tenha ido embora porque achava que estava fazendo o que era certo. E também há outra parte de mim que fica gritando comigo mesma, dizendo-me que sou uma idiota por pensar que ele se importa se estou viva ou morta.

– E por todo esse tempo você tem lidado com isso sozinha? – pergunta Tiff.

– Eu estava envergonhada. Sei que o que tenho feito é imprudente, mas nada se assemelha a estar com Tax, quando é bom. Que inferno, mesmo quando é ruim, é bom. Ele sabe como ser aquele cara de que preciso de um jeito bom e de um jeito ruim.

– Rex… – Tiff sussurra em voz alta.

– Ele disse que Rex se importa com você. Ele a considera uma amiga de verdade.

– Mas?

– Ele foi plantado em nossas vidas para me observar.

Tiff corre os dedos através de suas mechas verdes.

– Isso é muito louco! Então, por que ele deixou você, de verdade?

– Ainda não sei. Mas ele o fez. E vou descobrir por que ele veio atrás de mim realmente.

Capítulo 33

14 anos antes

EU E JUDE ESTAMOS DIVIDINDO ALGUMAS latas de carne de porco e feijões para o jantar. Em breve, vou sair para encontrar Mia. Eu costumo devorar seja o que for que tiver para o jantar, seja muito ou quase nada, mas esta noite mal consigo ficar quieto no meu assento enquanto remexo os grãos de feijão no meu prato.

– Foi mordido por um bich-carpinteiro? O que foi? – pergunta Jude. Ela já terminou sua comida. Para alguém tão pequeno, ela come um bocado. Ela não chega a pesar nem quarenta quilos.

– Não é nada – respondo. Eu costumo contar tudo a Jude, mas ela sabe que gosto de Mia e, já me provoca incessantemente sobre ela.

– Mentiroso! Posso ler a sua mente, Sil! Nós somos gêmeos! – ela diz, roubando uma colherada de meus feijões.

– Ei! – reclamo, golpeando sua colher com a minha. Os feijões sobrevivem e chegam até a sua boca.

– Conta pra mim! – ela geme com uma voz irritante, que ela sabe que faço qualquer coisa para calar. A verdade é que eu quero contar para a minha irmã. Ela é minha única amiga. Ela me conta sobre as suas paixonites, que tendem a mudar semanalmente, mas sempre acho que ela não tem nenhuma chance. Pobrezinha, condenada a nunca passar da condição de amiga, por ser tão franzina e mirrada, pouco desenvolvida. Nós dois somos. Eu ainda nem tenho pelos faciais, meus membros são só pele e osso. Papai diz que esse desenvolvimento lento é de família, que ele não ganhou corpo até ter dezenove ou vinte anos, quando se tornou musculoso, sua barba apareceu e a linha do maxilar mudou. É uma característica nossa: nos desenvolvemos tarde, mas, quando afinal acontece, é com exuberância. Pelo menos, é isso que espero.

– Vamos, Sil!

– Tudo bem – concedo, deslizando o bilhete de Mia para ela. – Eu entreguei um bilhete para Mia, e ela colocou isso no meu armário.

Acompanho os olhos escuros de Jude varrerem intensamente o bilhete, arregalando-se mais a cada linha que leem.

Ela ergue a vista, sua boca formando um grande “O”.

– Sil! Meu Deus. Ela gosta de você! Jude começa a pular na cadeira.

– Tudo bem, relaxe. Você está me deixando nervoso – digo, mas um sorriso já se instalou no meu rosto.

– Quando você vai sair?

– Em alguns minutos.

– Papai não está em casa para você usar a caminhonete.

– É por isso que vou sair agora, para dar tempo de eu ir de bicicleta.

Nesse exato momento, o som da picape do meu pai rolando pelas folhas e galhos secos nos alerta da sua chegada. *Merda*. Geralmente, quando ele chega tarde do trabalho é porque esteve fora a noite toda bebendo, e só vai para casa quando já estamos na cama e ele desmaia de bêbado. Se ele chega mais cedo do que isso, e está mamado, significa que vai nos infernizar.

A luz dos faróis inunda o nosso trailer e, então, se apaga. Tanto eu quanto Jude aprendemos a ouvir a cadência de seus passos e sua respiração, às vezes acompanhada de murmúrios incoerentes, para que possamos avaliar se nosso pai está sóbrio (raro), um tanto alto (menos raro) ou totalmente embriagado (muito comum). O som de suas passadas arrastadas, o repetitivo pigarrear e seus resmungos para si mesmo quando tropeça nos próprios pés me dizem que esta não será uma noite rara.

Jude e eu reviramos os olhos um para o outro. Sinto o estômago embrulhar. Quando se tem um bêbado violento como pai, você reza para que ele chegue e desmaie logo ou, quem sabe, um dia não volte para casa tão chapado, mas a sensação de que algo ruim vai acontecer sempre está presente. Você sabe que vai virar um saco de pancada humano. Às vezes, são os punhos, outras vezes, são palavras, mas você se sente como um cristão na arena esperando soltarem os leões.

Despejo um pouco de feijão no prato de Jude. O segredo é manter os olhos baixos, deixá-lo gritar, deixá-lo bater em você. Reagir só lhe dá o que ele quer, então, é um festival de pancada grossa. Você só precisa manter essa estratégia em mente. A comida em nossos pratos nos dá motivo para mantermos os olhos baixos.

Nós dois nos pomos a comer devagar os feijões.

– Mas que porra… Feijões? Foi só isso que vocês prepararam? – ele pergunta num tom de insulto.

– É só o que temos em casa, pai. – Ele gosta de se queixar da parca comida na hora das refeições, embora quase nunca compre mantimentos e não nos dê dinheiro.

– Está bancando o espertinho comigo? – ele pergunta, olhando para mim ameaçadoramente. Seus pés estão bem espalhados e os quadris projetados para a frente, para ele não tombar.

– Vou te servir um prato, pai – diz Jude, para tirar a atenção dele de mim.

– Não… eu mesmo faço. Ninguém aqui precisa levantar um dedo por mim! Eu simplesmente faço tudo. Eu pago as contas, eu trabalho. Mas vocês dois me olham como se eu não fosse um ninguém… seus merdinhas ingratos.

Ele agarra a panela e a colher de Jude do prato dela e começa a pegar os feijões. Cerca de oitenta por cento alcançam o alvo com sucesso.

Ele abre a geladeira.

– Onde está a porra da cerveja?

– Você bebeu tudo – respondo, da forma mais neutra possível.

– Não, tinha cerveja aqui! – ele se exalta. – Foi você que bebeu, Sil?

– Não, pai.

– Não minta pra mim!

Eu sei que é difícil para ele acreditar, já que, embora a geladeira não tenha muita comida, sempre tem cerveja. Mas ele havia bebido tudo no dia anterior.

– Foda-se – ele diz, fechando a porta da geladeira com um chute.

Da forma mais discreta possível, levo os pratos para a pia.

Papai se aproxima de mim, tão perto que pode me cheirar.

– Por que você está todo arrumadinho feito um mané?

Não ergo a vista para ele, continuo olhando para o que estou fazendo. É melhor não desafiar. Ele me dá um tapa na cabeça.

– Responda, seu imbecil teimoso.

– Eu não sei.

Um dia, eu serei grande e musculoso como ele, e vou lhe dar uma surra. E vou despejar uma lata fria de carne de porco com feijão em sua goela e ficar vendo enquanto ele engasga.

Eu me viro e deslizo para trás de Jude, percebendo, tarde demais, que a merda do bilhete está sobre a mesa. Eu o apanho e tento metê-lo no bolso antes que ele o veja.

– O que você está tentando esconder? – ele pergunta, com voz arrastada.

– Nada.

– Você continua mentindo, menino. Estou ficando cansado disso. Anda, passa

pra cá isso!

– Não.

Ele avança na minha direção e o arranca das minhas mãos.

– Me dá essa merda!

Ele examina a carta lentamente, tentando compreender as palavras em meio ao seu torpor embriagado.

– Então, você acha que vai sair esta noite? Numa semana de aula?

Nem uma única vez esse homem se importou com a minha educação.

– Não vou demorar.

Ele me olha de cima para baixo com terrível desdém. As pessoas dizem que a minha mãe era uma boa mulher, mas tenho dificuldade em acreditar que uma boa mulher teria tido filhos com um merda como ele.

– Você tem que limpar o galpão esta noite. Venho te mandando fazer isso a semana toda.

– Você não falou nisso antes.

– Não me chame de mentiroso.

– Tudo bem – diz Jude, levantando-se. Até agora, ela havia sido apenas uma espectadora. Normalmente, sou eu que recebo o grosso do bullying, porque sou garoto e acho que ele prefere me desafiar. – Posso limpar o galpão. Deixe-o sair.

– Como é que é? Você acha que agora é você quem manda debaixo do meu teto?

– Ela não quis dizer isso.

O relógio voa. Já são 7:55, eu precisaria de quinze minutos para ir até lá de bicicleta.

– Agora vocês dois vão limpar o galpão. Eu quero aquela porra tão brilhante que dê para comer no chão ali.

É nesse momento que me dou conta de quão cruel e odioso esse homem é. Uma coisa é não gostar dos filhos o suficiente para cuidar deles e alimentá-los, mas ver que um deles tem a chance de ser feliz e arruiná-la só por capricho é sentir puro ódio por sua própria carne e sangue.

– Não – respondo. Essa é uma palavra que não se pode lançar ao meu pai impunemente.

Ele joga a panela vazia dentro da pia. A colher chocalha enquanto gira, produzindo um ruído penetrante de metal contra metal, e depois tudo fica em silêncio.

– O que foi que você disse? – ele pergunta, aproximando-se de mim.

– Eu vou sair esta noite. Voltarei para casa num horário razoável.

– Você vai é limpar o galpão esta noite. – Ele pega o bilhete amassado de Mia, abre-o e o rasga em dois, deixando as duas metades caírem no chão.

Há um silêncio tenso enquanto o medo e a raiva lutam dentro de mim, cada um dos sentimentos tentando ganhar acesso às minhas próximas palavras.

– Sil… talvez possamos limpá-lo rapidamente… – A vozinha fraca de Jude tenta argumentar comigo, mas eu não vejo nada pela frente. Ela não quer que eu apanhe. Sempre que o papai bate em um de nós, é como se ele estivesse batendo nos dois.

Papai se aproxima grunhindo, e dá pra ver que há pedaços de feijão presos em seus dentes e um pouco de caldo escorrido em torno da boca. É então que percebo que, apesar de toda a gritaria, fúria e força bruta que ele exerce contra nós, ele não passa de uma piada. Esse homem é uma piada amarga e patética. Um homem que se sente impotente diante da vida, irritado com as coisas que não conseguiu controlar, provavelmente engole muitos sapos no trabalho, e exerce seu domínio sobre as duas únicas pessoas em sua vida que não têm escolha senão suportá-lo: seus próprios filhos.

– Não – digo, minha voz um pouco mais firme desta vez.

Seus olhos tremem de incredulidade, talvez pânico. As coisas estão diferentes hoje: ele pode estar perdendo o controle até mesmo sobre nós.

– Mova a sua bunda já para o galpão! – ele diz, agarrando a parte de trás do meu pescoço e me empurrando para a porta.

– Não. Eu vou sair. Vou limpar o galpão neste fim de semana. – Ninguém vai me impedir de ver Mia hoje.

De onde estou, não consigo ver Jude, mas posso sentir o seu medo. Viaja como um cheiro, flutuando no ar.

E, então, ele me estapeia. Forte. Tão forte que quase me derruba no chão. Mas eu me endireito e o encaro. Ele não pode mais me machucar. Posso não ser grande nem forte, mas já não sou mais uma criança.

– Não.

Ele repete o tapa, ainda mais forte dessa vez.

– Pare! – Jude chora. Posso ouvi-la choramingando para si mesma, murmurando sons incoerentes.

Em seguida, é um soco, e isso me manda no chão. Abro os olhos justo a tempo de assistir impotente o meu pai recuando a perna para um chute.

– Não! – A frágil silhueta de Jude corre na direção dele e o agarra, conseguindo desestabilizar um homem que deve pesar quase uns setenta quilos a mais que ela. Meu pai cambaleia alguns passos para trás, mas recupera o

equilíbrio e atira Jude longe, como se ela não pesasse nada. Seu corpo minúsculo bate contra a borda da mesa e ela chora quando cai, agarrando seu flanco.

O momento de bravura de Jude me dá tempo para me levantar e, assim como o meu enfrentamento aumentou sua bravura, o dela faz o mesmo por mim. Se minha irmã de trinta e sete quilos pode confrontar o nosso pai, então eu também posso.

Levantando-me do chão, numa posição agachada, derrubo o meu pai no chão.

– Deixe-a em paz! – exclamo. – Nos deixe em paz! Seu babaca!

Sua embriaguez permite um momento de folga, mas ele é um homem grande, com os músculos de quem trabalhou a vida toda. Ele me tira de cima dele e rola sobre mim. Ele me dá um murro e, depois, envolve as mãos em minha garganta, cortando meu suprimento de ar. Agarro os seus pulsos e arranho, mas seus olhos estão vazios. É fúria bêbada: completamente animalesco, nenhuma humanidade ali.

E, então, alívio. Olho para cima e vejo pequenos braços envolvendo a cabeça de papai.

– Puta que pariu, Jude, sua desgraçada! – Ele se levanta com ela agarrada às suas costas e bate na parede, mas ela não o larga. Minha irmã, que mais parecia uma bonequinha de louça, tornou-se um lince feroz. Mas ele a quebrará. Ele pode matá-la tão fácil num lapso momentâneo! Ele bate de novo e ela se solta, deslizando para o chão, ofegante.

Ele se volta para ela, e eu sei que precisa ser detido. Agora. Jude e eu chegamos a um ponto sem retorno. Se não o pararmos, ele matará um de nós esta noite.

Eu passo a mão na coisa mais próxima, a panela que usei para esquentar o feijão esta noite, e o golpeio com ela. Ele para, ereto. Eu o golpeio novamente, com mais força. Ele olha para mim em total choque, com uma fenda aberta na maçã do rosto, por onde começa a escorrer sangue escuro. Ele cai de joelhos.

– Sil! – grita Jude, encorajando-me a acertá-lo outra vez. Faço isso e ele desaba no chão.

– Merda. Acho que o matei – digo baixinho.

Jude se coloca de joelhos desajeitadamente e, hesitante, se inclina sobre ele.

– Está respirando. Acho que você apenas o nocauteou. Você sabe que ele vai nos matar. Temos que fugir.

Apanho as chaves da caminhonete dele.

– Pegue a sua mochila da escola e empacote as suas coisas.

O relógio marca 8:09.

Corro para o meu quarto e pego meus itens essenciais. Então, entro no quarto do meu pai e procuro o seu dinheiro escondido. Eu o encontro em uma lata de café enfiada numa gaveta e tiro dali um maço de notas de vinte dólares. Dou uma última olhada no meu pai, seu peito está subindo e descendo. Bom, não sou um assassino.

Em poucos minutos, estamos correndo para a picape. Jogamos nossas malas na caçamba do veículo e entramos.

– O que vamos fazer? – Jude pergunta.

– Eu não sei – respondo, rodando aos solavancos pela estrada de terra isolada e escura que nos leva para longe de nossa casa.

– Você ainda vai se encontrar com a Mia, certo? Essa é a razão pela qual fizemos isso. Você não poderia perder esse encontro por nada neste mundo. Então, você precisa aparecer.

– Sim, vou vê-la esta noite. Ele não vai vencer. Que horas são?

– 8:17…

– Merda! – exclamo, acelerando mais, fazendo a velha caminhonete sacolejar por sobre as pedras e o terreno irregular da estradinha. – Devemos chegar lá em cinco minutos.

– Ela estará lá – Jude me assegura.

– Você está bem? – pergunto, dando a Jude uma sucessão de olhares rápidos, enquanto tento manter meus olhos na estrada escura.

– Sim – ela levanta a camiseta e faz uma careta para o vergão em suas costelas, no ponto em que ela bateu na mesa. – Está tudo bem, apenas um hematoma. E quanto a você? Ele te bateu com muita força.

Toco o meu rosto. É quando me dou conta de que pareço ter saído de uma batalha. Isso vai assustar Mia.

– Merda! – exclamo, olhando o sangue na mão com que esfreguei o rosto.

– Deixa comigo – diz Jude, tirando umas coisas de sua bolsa. – Eu me adiantei e tomei providências. – Ela apanha um trapo na parte de trás da cabine e derrama um pouco de álcool que ela trouxe de casa. – Vai doer.

– Manda ver – digo.

Ela limpa o meu rosto enquanto silvo pela ardência em cada corte.

– Está muito melhor. Sua bochecha está inchada, mas não tão mal quanto pensei.

Paramos na clareira que leva à casa abandonada do lago, um local popular para festas e encontros do ensino médio. O lugar está tranquilo, por ser um dia de semana em meio às aulas. Adianto a caminhonete e paro ao lado do único

outro veículo no local. Ambos, Mia e eu, costumamos ir andando para a escola, por isso, não me lembro de como é o seu carro, mas deve ser esse.

– Você fica aqui, ok?

– Boa sorte – diz Jude com um sorriso. Eu a beijo na testa e ela sorri. – Eu te amo, colega de útero.

– Também te amo – respondo.

Fecho a porta da picape e olho em volta procurando um sinal de Mia na noite tranquila. O lago cintila com o reflexo da lua, os grilos estrilam, de vez em quando uma coruja pia, mas não há sinal dela. Será que ela foi embora? Cheguei muito atrasado?

Ouço um farfalhar nos arbustos próximos.

– Olá? – grito.

– Psiu.

– Mia?

Sigo os sons, passando por árvores e ramos caídos, até outra clareira. Latas e garrafas de cerveja estão espalhadas pelo chão, dezenas delas. O cheiro da bebida no ar está fresco.

Alguma coisa não está certa. O instinto me diz que saia dali, e dou um passo atrás, para voltar para a caminhonete. Talvez eu possa encontrar Mia amanhã e explicar tudo.

É então que escuto a explosão de gargalhadas coletivas de um grupo de caras. E Tripp sai de trás de uma árvore.

– E aí, Sil?

Capítulo 34

Presente

Mia

Hozier – “Take Me to Church”

EU OLHO ATRAVÉS DO VIDRO DO MEU para-brisa na frente do prédio de Tax. É assim que estou começando a minha manhã de sábado, na estaca zero. Minhas pesquisas na internet ainda não estão rendendo muito, então pensei que a próxima melhor coisa a fazer seria tentar segui-lo. Eu sei, perdi a porra da minha cabeça. Mas vou descobrir quem é ele e por que entrou na minha vida. Tax adorava mencionar que eu devia a ele – bem, agora ele me deve uma explicação.

E não vou parar até descobrir por que ele entrou assim na minha vida.

Quase uma hora se passa sem que algo aconteça, mas eu vim preparada para ficar aqui o dia todo, trazendo um almoço e uma *playlist* carregada com muita música. É nisso que Tax me transformou: uma mulher doida que segue um homem por aí. Mas não tenho escolha. Se eu simplesmente deixá-lo ir, a dúvida de por que Tax veio e se foi permanecerá na minha cabeça enquanto eu viver.

Oh, meu Deus, eu sou como aquela astronauta[1] *que usou uma fralda espacial para cruzar o país de carro para encontrar o seu amante.*

Senti-me ótima por contar tudo a Tiff. Depois que o choque passou, ela prometeu me apoiar da maneira que pudesse, embora admitisse que queria a cabeça de Tax num espeto. Eu enfatizei para ela que não queria que ninguém viesse em meu resgate e que era importante para mim que eu resolvesse isso sozinha.

Minha impaciência começa a tomar conta bem quando a porta da frente se abre e Tax sai, vestindo um par de calças *jogging* e uma camiseta de exercícios sem manga. Ele já está coberto de suor, provavelmente porque acabou de levantar pesos, e coloca seus fones de ouvido e parte para uma corrida.

Meu coração dói. Esta semana foi difícil e solitária, mas pelo menos não tive

que ver Tax. Eu poderia me enterrar em outras coisas e ignorar a dor pungente. Agora, observando-o correr – seu corpo coberto de suor, seus músculos brilhando sob a garoa, seus cabelos úmidos e bagunçados –, o meu corpo dispara de desejo. São as pequenas coisas como vê-lo correr que me fazem perceber que ainda há muita coisa que não sei sobre ele. Eu também corro, oras. Nós poderíamos ter corrido juntos. Eu lamento pelas coisas que nunca faremos.

Para a minha decepção, Tax parece bem, e me dói pensar que ele provavelmente já seguiu em frente. Mas essa mágoa me impele a sobrepujar a dor e obter as minhas respostas.

Eu saio do lugar onde estou estacionada, tomando o cuidado de ficar alguns carros atrás de onde ele está na calçada. Se eu me aproximar demais, ele vai me ver. Ele segue na direção sul, e fico me perguntando se vai rumar para o leste, para o parque, arruinando efetivamente a minha perseguição. Para minha surpresa, no entanto, ele permanece na calçada e corre em direção a uma parte mais industrial do centro da cidade. Em alguns trechos, penso que quase o perdi, tendo que manter tamanha distância dele, mas de alguma forma consigo acompanhá-lo. Eventualmente, chegamos a Walkers Point, uma parte de Milwaukee cheia de armazéns, lojas de antiguidades e bares gays; não é uma parte da cidade típica para uma corrida. Isso me faz pensar se ele está se dirigindo a algum lugar específico. Por que alguém iria correr até lá, quando se está a poucos minutos de um belo lago e áreas verdes?

Por fim, Tax corre por uma rua tranquila repleta de armazéns que no fim acaba se mostrando ser uma rua sem saída. Eu estaciono alguns quarteirões atrás da rua sem saída para ficar de olho nele sem ser muito óbvia. Tax vira abruptamente no que parece ser uma antiga coleção de armazéns abandonados, talvez um antigo curtume. Depois de esperar cerca de vinte segundos, eu saio de onde estou e sigo sua trilha.

Será que ele está se encontrando com alguém?

Eu paro o carro no estacionamento de cascalho no meio de três prédios de armazéns, todos perpendiculares uns aos outros, de modo que estou praticamente cercada por edifícios abandonados. Tax desapareceu. *Merda.* Acho que dessa vez o perdi de verdade. Ou talvez ele não tenha ido embora e entrou em um desses prédios. Acabei de passar 45 minutos seguindo-o para obter pistas e eu finalmente poderia ter uma, então nem a pau que vou desistir. Eu estaciono o meu carro num beco sem saída entre dois edifícios, fazendo o máximo que posso para protegê-lo da vista dele caso ele retorne para o estacionamento de cascalho.

Deslizo cautelosamente para fora do carro, procurando por sinais de vida. O

cascalho esmagado sob os meus pés é o único som no lugar ermo. Então, ali perto, ouço o som de metal chiando, logo atrás de uma porta, não mais do que a cinco metros de distância. Eu olho de um lado para o outro quando a paranoia assume. Ainda estou sozinha. Eu ando na ponta dos pés até a porta, que está coberta de pichação, na esperança de olhar através de uma das janelas que a flanqueiam. Outro chiado estridente ecoa dessa direção. Eu acalmo a minha respiração, embora meu coração se acelere com antecedência pelo que eu possa ver. *Crunch. Crunch.* De todos os materiais para construir um estacionamento, este aqui *tinha que ter* cascalho. Eu me aproximo de uma janela quebrada, esgueirando-me debaixo dela, preparando-me para o que eu possa encontrar.

Um pombo arrulha e bate as asas em cima de mim, escapando pela janela quebrada e me fazendo recuar alguns passos nervosos. O choque é suficiente para eu perder a coragem.

Isso é loucura. Eu deveria voltar para o prédio dele e recomeçar. Está claro que o perdi neste momento e devo ser paciente.

Eu puxo o meu celular do bolso para verificar as horas, quando ouço o ruído de cascalho sendo pisado atrás de mim. Antes que eu possa virar, um corpo enorme e caloroso pressiona-se contra o meu, empurrando-me para o capô frio do meu carro. Minha memória sensorial explode, e eu nem preciso ouvir sua voz para saber que Tax me pegou com a boca na botija.

– Agora você está me seguindo? – ele rosnou no meu ouvido.

Meu corpo se aquece contra o dele. A sensação de sua virilha pressionando a minha bunda traz uma mistura de raiva e desejo.

– Vou descobrir quem é você, Tax. Você não pode fazer o que fez comigo.

– Mia, apenas deixe isso pra lá.

Apenas deixe isso pra lá. Como se não tivesse sido nada. Simplesmente deixar pra lá meses de insanidade.

– Não.

– Você acha que quer isso, mas não quer.

– Não me diga o que eu quero! – Eu luto contra ele novamente, e ele apenas se pressiona mais contra mim.

– Você quer mesmo isso, Mia? Você realmente me quer? Quer saber quem eu sou? – ele pergunta, sua voz cheia de frustração. De repente, uma lâmina serrilhada está sendo pressionada contra o meu pescoço. – Isso é quem eu sou, Mia. Aquela primeira noite. Aquele psicopata, esse sou eu.

– Você é um mentiroso – eu solto. Ele não quer me machucar de verdade. Há poucas coisas das quais tenho certeza, mas isso eu sei.

– Isto não é uma merda de um jogo, Mia. Eu não sou um garoto que você pode alimentar e deixar melhor. Você não pode me consertar. Eu não sou um projeto. Eu não sou um caso de caridade que você pode usar para se sentir melhor a respeito de si mesma. Eu não sou um cara que você pode foder para tirá-la da monotonia de sua vida entediante.

– Ah, vai tomar no cu!

– Você quer que eu a faça sentir-se indecente? Você gosta de indecência? Hein!? Eu sou destrutivo. Meu perigo é real, Mia. Você tem que ir embora e nunca mais olhar para trás. Esqueça que um dia você me conheceu. Porque eu só vou lhe trazer dor. Esse é quem eu sou.

Tax inclina a parte superior de seu corpo contra mim e os seus quadris movem-se para a frente, esfregando sua grossura na parte inferior das minhas costas. Os dentes da faca afundam-se dolorosamente no meu pescoço, sempre à beira de romper a pele, mas seu aperto preciso impede que eu derrame sangue.

– Esse é quem eu sou. Eu sou uma merda primitiva.

Ele levanta o meu vestido floral e rasga a minha calcinha, esfregando-se na minha boceta por trás.

– Caralho, você sempre está tão molhada para mim. Porra, Mia. Eu te dei uma chance de ser normal.

– Eu não quero ser normal.

– Cala a boca – ele diz, pressionando a lâmina contra o meu pescoço, e eu solto um grito assustado quando ela espeta a minha pele. – Não diga uma palavra. Por que você está aqui? Você quer que eu te coma? Que eu te machuque?

Suas contradições me enfurecem, mas eu o quero desse jeito. Eu quero que essa besta me ataque violentamente, que me machuque enquanto me conduz ao ápice do prazer.

Ele abaixa suas calças de moletom. Seu cheiro atinge o meu nariz e, como um poderoso afrodisíaco, ele me entorpece.

– Você quer o meu pau, caralho? Quer tanto assim? – Ele esfrega a cabeça ao longo da minha fenda, por entre os meus lábios e de volta.

A garoa transforma-se em uma chuva leve, e cai sobre nós, misturando o suor com a água, imundície com limpeza. Meus cabelos úmidos colam no meu rosto e nos ombros, gotículas acumulam-se nos cílios e deslizam pelas minhas bochechas, para os meus lábios.

Independentemente dos desejos que ele desperta em mim, não lhe darei a satisfação de ficar ciente deles.

– Eu quero a verdade, seu babaca de merda.

Ele novamente pressiona a faca contra o meu pescoço.

– Segura essa boca, porra, ou eu te obrigo a fazê-lo.

Ele passa a mão na minha bunda, na minha cintura, chegando até em cima e apertando um peito.

– Esses peitos gostosos – ele murmura.

Ele desliza a mão pela minha barriga e massageia o meu clitóris através dos meus lábios vaginais, enviando ondas de prazer para o meu ventre.

– Caralho, você fica tão molhadinha para mim. Minha putinha – diz ele, de forma quase carinhosa. Ele morde o meu ombro e faíscas irradiam daquele ponto. – Se você continuar procurando por problemas, Mia, você os encontrará.

Eu anseio por ele do fundo da minha alma. Faz só uma semana, mas poderia muito bem ser um mês. Eu o odeio. Eu o desejo. E quero a verdade, mas, neste exato momento, só o quero dentro de mim. Sinto falta de nossos corpos se juntando em uma mistura de medo, raiva, paixão e afeição. Eu sou forte, caramba. Mas Tax, ele me deixa fraca pra cacete. Eu terei a minha verdade, mas seu corpo úmido e rígido pressionado contra o meu me recorda que ele é o único homem que pode me dar as coisas que eu quero.

Puta merda, eu o quero desesperadamente, mas não vou ceder a ele até que me dê mais. Meu sexo é o único poder que tenho porque, embora ele nunca vá admitir isso, acho que ele é fraco por mim também.

Minha boceta está em ponto de bala, sua cabeça deslizando-se para dentro de mim, quase sem esforço, e as minhas paredes se contraem, esperando que seu pau as preencha. Apesar de a faca ainda estar pressionada contra o meu pescoço, a dor atenua-se para uma consciência constante do perigo, mas isso é apenas parte da dança. Ele não vai me ferir. Eu sei disso.

Eu curvo a minha coluna para ele, encorajando-o a me invadir, para me fazer esquecer quem eu sou neste momento. Se ele me penetrar com uma faca no meu pescoço, eu posso culpá-lo por me obrigar a fazer isso, em vez de culpar a mim mesma por permitir que isso aconteça. Mas, apesar da frustrada rigidez de seu pau, ele resiste, provocando-me com a cabeça.

– Implore.

Meus punhos se fecham de consternação. Ele sempre faz isso, faz com que me rebaixe, deixando claro para nós dois que, não importa quão grande seja a sua demonstração de força, eu quero isso tanto quanto ele. Mas não posso. Eu não vou implorar por alguém que não me quer por completo. Que me abandona como se eu não significasse nada. Eu não vou deixá-lo ter todo o poder

novamente. Não vou implorar, porra. Não até eu saber quem é esse homem de verdade e se ele realmente está pouco se lixando.

– Não.

A faca pressiona mais fundo. *Isso é quem eu sou de verdade, Mia.* É o que ele está me dizendo, mas não acredito que ele seja só isso. Eu vi seus outros lados, ele já me mostrou demais para eu acreditar que ele é apenas um bruto.

– Eu disse para implorar, porra. – Ele desliza a cabeça para dentro e para fora, eletrificando os meus lábios vaginais com tesão. Eu mordo o lábio e enrugo o meu rosto para suportar a agonia de resistir a ele. Odeio dizer não a Tax. – Você me seguiu. Aqui estou eu, Mia. Eu vou te dar o que você tanto quer. Mas é bom implorar por isso, porra.

– Vai se foder – eu estremeço. – Vai pro inferno.

Ele puxa ferozmente o meu rabo de cavalo, a faca pressionada com tanta força contra mim que, se eu me mexer, vai cortar a minha pele.

– Não, vai se foder você – ele me penetra apenas uma vez, enfatizando sua declaração. Ambos soltamos gemidos de intenso alívio e prazer. Nós dois derretemos naquele momento de rendição singular.

Mas Tax não se rende. Ele oferece um pouco e sempre tira mais. Tão rápido quanto ele está sobre mim, igualmente rápido ele se afasta. A fisgada da faca contra a minha garganta desaparece rapidamente, e seu calor abandona o meu corpo, deixando-me molhada e fria. Seus pés esmagam o cascalho enquanto ele se enfia de novo nas calças de moletom e coloca sua faca de volta na bainha do tornozelo.

Eu viro para encará-lo, broxada por conta da chuva e do abandono, minha calcinha ainda caída no alto das minhas galochas, sentindo-me nua, apesar de meu vestido ensopado ainda se agarrar ao meu corpo.

Eu o encaro, a chuva no meu rosto disfarçando as lágrimas que se misturam com ela. Mas meus lábios tremem de desdém. Ele está me deixando. De novo. Tudo tem sempre que ser do jeito dele. Talvez eu consiga vê-lo novamente, talvez não. Eu tentei ficar calma, para não confrontar a agressão dele com a minha agressão. Não medi minhas palavras no dia em que ele saiu da minha casa, mas ainda assim não disse tudo. Eu explodi com ele, mas eu não quis lhe dizer o quanto ele me magoou. Naquele momento, só queria magoá-lo de volta.

Mas ele precisa saber. Se ele quer me proteger, se ele pensa que o que ele fez foi bom para mim, ele precisa saber a verdade. Ele me magoou profundamente. Ele me fez sentir um tipo de dor emocional ao qual nenhuma dor física pode se equiparar. Ele não pode ir embora assim achando que está fazendo a melhor

coisa.

Se ele realmente não dá a mínima, então ele vai cair fora sem se importar. Mas, se ele se importa, eu quero que sinta a dor à qual está me sujeitando. Ele vai senti-la, porra. Ele vai saber que é um merda.

Tax olha para mim, seus olhos castanhos determinados, mas as cobras ao longo de seu pescoço se retorcem. Sua tatuagem é muito reveladora. Ele não consegue esconder a tensão no pescoço e como se sente incomodado ao afastar-se de mim.

Ele não fala nada, encarando-me com os olhos vazios, até se virar para ir embora.

Eu o observo, seu corpo um monumento à destruição enquanto ele se afasta, deixando-me de novo em frangalhos.

E, desta vez, perco a cabeça.

Eu puxo minha calcinha tão rapidamente que ela se enrosca no meu vestido e corro na direção dele pelo cascalho molhado e lamacento.

– Qual é o seu problema, porra!? – eu berro, tropeçando nas minhas galochas e caindo de joelhos no chão. As pequenas pedras penetram na minha pele, mas a dor é insignificante se comparada com o fogo que é expelido dos meus pulmões. Eu pego um punhado de cascalho e atiro nele. – Você me destruiu! Seu filho da puta! – Eu desmorono, ficando de quatro, aos prantos. Apanho outro punhado e jogo nele. A maior parte do cascalho e da lama, pesados por causa da chuva, mal o atinge.

Ele continua andando, mas seu corpo fica mais pesado a cada passo.

– Como você pode ser um desgraçado tão cruel? – eu grito através das lágrimas. – Você me arruinou! Você disse que não iria embora e depois me descartou como lixo! Você disse que não iria e então se afastou como se me odiasse!

Eu me levanto e fico de joelhos, as pedrinhas penetrando ainda mais fundo na minha pele, como uma espécie de autoflagelo por permitir a mim mesma me humilhar dessa forma.

– O que eu fiz para você, Tax? Por que você me odeia tanto? O que eu fiz para merecer o jeito como você me trata!? Você me magoou tanto! Fez com que me importasse com você e depois me abandonou. Maldito desgraçado! Você não tem nem coragem de me dizer, seu idiota! Seja homem! Seja homem, porra! Encare essa bagunça que você fez!

Tax finalmente para, como se cada palavra fosse outro fardo adicionado até que o acúmulo estivesse pesado demais para carregar. No instante de silêncio,

tenho um momento de clareza enquanto Tax está virado de costas para mim. Ele parece pesado, seu corpo encharcado da chuva parece sustentar décadas de dor. Minhas palavras, elas o magoaram. Minhas palavras importam.

E, em vez de gritar, desta vez eu suplico, com uma semana de lágrimas ocultas em minha voz:

– Tax, o que eu fiz pra você?

A chuva começa a apertar, e eu caio de novo de quatro, deixando as gotas me inundarem. Olho para as pedras cinzentas e a terra, sem coragem de assistir Tax afastar-se de novo.

Seus passos raspam pelo cascalho. Mas, dessa vez, o som se aproxima.

Eu olho para cima e vejo Tax sobre mim, água escorrendo de sua cabeça e ombros.

Seus olhos estão sérios.

– Nada – ele diz calmamente.

Não é a resposta que eu quero ouvir. Eu tenho que saber o porquê. Preciso saber que isso não é aleatório, que há um significado por trás de tudo. Ele me oferece sua mão.

– Diga-me, Tax – eu peço, recusando o gesto.

– Nada. – Ele estende novamente a mão.

– Mentiroso! – eu grito, afastando a mão dele com um tapa.

E agora, Tax não pede para me ajudar a levantar, ele agarra os meus pulsos e eu luto com ele enquanto ele me ergue do chão. Eu brigo com ele e ele me solta, permitindo que o empurre e bata com meus pulsos contra o seu peito.

– Você é um mentiroso de merda! – eu grito.

– Não sou, Mia – ele diz tranquilamente. Sua serenidade me frustra. Sinto-me histérica enquanto Tax permanece firme, aceitando os golpes como alguém que sabe que os merece.

– Tem algo mais. Eu sei. E você tem que me contar, porra. Você me deve isso. Você me deve.

Por fim, ele fica frustrado e agarra meus antebraços, puxando-me para perto dele. Nossos corpos úmidos colam-se um ao outro, e eu paro de brigar com ele.

Os lábios de Tax roçam a minha orelha.

– Você só tem uma chance de se afastar de mim, Mia. Estou dando essa chance a você. Não consigo lhe oferecer resistência. Eu estava fazendo isso por você – ele sussurra no meu pescoço.

– Não, você está fazendo isso por você mesmo – eu o corrijo. – Você não pode se afastar de mim. Você não pode me deixar em chamas e me abandonar como

uma pilha de cinzas.

– Eu nunca a abandonei, Mia. Mas sou eu quem a magoará. Eu estou protegendo você de mim.

– Você está me protegendo? De você?

O fogo entre nossos corpos faz com que a friagem da chuva se evapore da minha pele. Sou apenas eu nos braços de Tax. Os elementos se curvam para nós. O tempo para. Os sons silenciam.

– Merda – diz Tax, enquanto afunda uma mão nos meus cabelos molhados e me puxa para um beijo tão apaixonado que dói. Não apenas os meus lábios, mas meu coração se contorce em agonia. Nós dois sabemos que estamos fodidos. Nós continuamos combatendo o que quer que seja isso, e continuamos perdendo a batalha.

Eu me torno maleável, moldando meu corpo ao dele. Seu pedido de desculpas vem na forma como sua língua desliza contra a minha, no jeito como o braço dele envolve a minha cintura, no modo como a sua mão torce o tecido ensopado do meu vestido.

– Eu devo a você – ele confessa, enquanto seus lábios roçam no meu pescoço. – Não existe ninguém como você, Mia.

Se por um lado minha mente quer respostas agora, meu corpo grita muito mais alto, clamando pelo alívio do toque de Tax. Ele desliza as mãos para baixo até a minha bunda, e me levanta, enquanto eu entrelaço as minhas pernas nele. Ele me carrega de volta para o meu carro e me pressiona contra a porta do lado do motorista, puxando seu pau pra fora. Ele o guia enquanto eu deslizo para baixo sobre ele. A sensação de ele me preenchendo é agonizantemente prazerosa. Gemo em meio a uma risada parcial, delirantemente consumida pela explosão de êxtase.

Seus poderosos quadris me empurram para cima e para baixo sobre seu pau pesado e curvo enquanto berro palavrões e versões deturpadas de seu nome. Seus dedos fortes cravam nos montes da minha bunda, fazendo minha boceta saltar contra o seu pau. Carne molhada contra carne molhada. As alças do meu vestido se rompem, meus peitos pingando e saltando contra os lábios de Tax. Ele agarra a carne entre os dentes, produzindo uma comunicação elétrica dos meus seios até as paredes da minha boceta.

– Sinto falta de foder a sua bucetinha apertada. Provar do seu mel. Você foi feita pra mim – ele bufa enquanto lida comigo como um animal destroçando a sua presa.

Enrosco os braços ao redor do pescoço forte de Tax, sufocando o rosto dele

nos meus peitos enquanto tento abafar meus gritos nos cabelos dele. Ele agarra a carne da minha bunda firmemente, me fazendo subir e descer por toda a extensão de seu pau, metendo bem fundo. Eu lanço a minha cabeça para trás em uma agonia eufórica cada vez que seu mastro mergulha fundo dentro de mim.

Meu corpo trava conforme aperto o dele, tensa por suas estocadas, quando uma explosão de energia dispara através do meu corpo.

– Caralho, Tax! – eu berro enquanto a pressão do meu peso sobre o seu pau torna a intensidade do orgasmo inevitável. Agarro freneticamente os cabelos dele e colido a boca contra os seus lábios carnudos, enquanto solto um grunhido e gemo em sua boca. Ele esfrega sua virilha contra a minha enquanto seu pau extrai até a última onda de prazer do meu corpo. Seu pau incha quando meu orgasmo esmorece e ele explode dentro de mim, pressionando-me contra o carro para alavancar enquanto se empurra o mais profundamente que pode dentro de mim, preenchendo-me com sua porra quentinha.

Eu deslizo minhas pernas para o chão, mas não vou soltar Tax dos meus braços. Não quero que ele pire e vá embora. Ele precisa me enfrentar. Precisa me contar tudo.

Mas, desta vez, ele colapsa sobre mim, ofegante, seus músculos relaxando com a liberação. Nós dois realmente precisávamos expulsar isso dos nossos organismos.

– Você me deixa louco, Mia. – Partindo dos lábios de Tax, isso parece um poema.

– Então, acho que estamos quites. – Eu dou o meu primeiro sorriso genuíno em uma semana. Seguro o rosto dele entre as minhas mãos. – Tax, é hora de a gente conversar.

– Eu sei – ele concorda, seus olhos cheios de medo. Ele faz menção de dizer algo mais, mas hesita.

– O que foi? – eu pergunto.

– Agora não.

– Agora. Você tem que me dar alguma coisa. Qualquer coisa.

Ele suspira, olhando para o cascalho molhado abaixo de nós. O corpo dele serpenteia em meus braços, o relaxamento do nosso sexo já sendo consumido por seus segredos. Seja lá o que tenha que me contar, ele deve achar que isso mudará tudo. Eu me contraio em reação ao seu toque, preparando-me para sejam quais forem as palavras que sairão de sua boca.

Finalmente, ele olha nos meus olhos. Eles estão ofuscados pelo remorso.

– Mia, eu sou… era… o Sil.



Tax

Eu sabia que Mia estava me esperando do lado de fora do meu prédio antes mesmo de eu sair. Tive a sensação de que uma hora ou outra ela poderia aparecer depois de sua pequena promessa de descobrir por que a chantageei. Eu disse ao porteiro e à segurança que, se um carro com o número da placa dela estacionasse dentro ou em volta do prédio, era para me avisar. Mia não é boba. Ela é gentil, mas é determinada. Eu acreditei quando ela disse que descobriria quem eu sou e por que entrei na sua vida.

Tenho que admitir: esse negócio todo de me seguir é meio que uma coisa muito foda da parte dela.

E aí existe a outra possibilidade, a que eu rezo para que não se concretize: que ela possa aparecer na minha porta dizendo que está grávida. Não que eu não queira que ela tenha um filho meu, é que eu quero que ela fique livre de todo o histórico comigo. Então, sepulto esse pensamento, dizendo a mim mesmo que isso não vai acontecer. Eu a deixei antes que pudesse causar mais dano do que já havia causado. E, se isso acontecer, eu terei que lutar com todas as fibras do meu ser para ficar distante, porque isso é o que seria melhor para Mia e o nosso filho. Ela provavelmente me odiaria por abandoná-los, mas ela nunca iria saber o quanto me torturaria ficar longe. E eu mereço que ela pense isso de mim, mesmo que seja uma mentira.

Eu pensei que seguir Mia durante esta semana tornaria as coisas mais fáceis. De forma egoísta, eu poderia vê-la de longe, ter um gostinho dela enquanto ela ficaria protegida contra qualquer outro drama que eu pudesse trazer, mas isso só me fez ansiar por ela com uma intensidade torturante: noites sem dormir repletas de considerações internas, uma dor implacável nas entranhas, um pau que não baixava a porra da bola de jeito nenhum.

Tentei fazê-la pensar que eu não dava a mínima. Isso seria melhor que a verdade, mas ela enxerga direitinho as minhas mentiras, e não tem medo de me dizer isso. Em geral, eu posso simplesmente cortar as pessoas, é um escudo que usei por toda a minha vida, mas Mia sequer percebe esse escudo. Ela atravessa essa merda como uma soldadora. Suas palavras foram como balas, cada uma delas perfurando a armadura que um dia foi impenetrável.

Quando me chamou de covarde, ela estava certa. Mia se expõe para mim com tanto destemor. Eu reajo partindo. Sim, estou fazendo isso para protegê-la, mas

também não quero que Mia me odeie. Eu gosto que ela me deseje. Escolhi ir embora enquanto estava em vantagem, em vez de ficar e merecer seu eventual ódio.

Porque, se Mia descobrir toda a verdade, ela vai me odiar. Não há outro desfecho. Serei eu quem será deixado para trás em uma pilha de cinzas.

Mas vendo-a no chão, destruída e abandonada, sabendo que fui eu quem fez isso com ela, sem uma boa razão, não consegui convencer a mim mesmo por mais tempo de que o que eu estava fazendo era para o bem dela. Não podia deixá-la pensar que eu não me importava. Ela merecia saber que ela é muito mais para mim do que eu jamais admiti. E, se ela está carregando o nosso filho, não posso deixá-la fazer isso sozinha, vou ter que encontrar uma forma de controlar Jude.

Eu vi seus olhos inchados todos os dias quando ela foi trabalhar na semana passada, escondendo as lembranças do que houve entre nós para que pudesse continuar a comandar a Alea. Durante toda a semana, fiquei lutando contra o desejo de acabar na sua porta e fazer as lágrimas cessarem. Mas eu continuava dizendo a mim mesmo que precisava fazer o que era certo para ela e que sua dor temporária compensaria evitar a dor maior de saber. Mas então ela se ajoelhou. Ela implorou.

E eu não consigo dizer não para ela quando ela implora.

Se alguém aqui tem uma dívida a pagar, esse alguém sou eu. Ela merece saber quem sou, o que aconteceu comigo e com Jude, por que nós terminamos assim.

Estou nessa agora. Mia e eu não temos escolha, podemos tentar correr disso, mas nós dois continuaremos sendo tragados de volta, como se a nossa conexão fosse uma forte correnteza, puxando-nos em seu curso não importa quanto nós nademos.

Contarei a ela o máximo que puder, isso será feio, mas pode ser o suficiente. Embora haja algumas coisas que ela nunca poderá saber. Ela não merece esse tipo de dor.

– Sil? O quê? Sil… de Silvio? Não é possível. Você nem se parece com ele… – ela diz em resposta à minha confissão, a confusão patente em seu rosto.

– Mia, isso foi há catorze anos, antes de ganhar trinta e cinco quilos e passar por uma puberdade atrasada. Ninguém me reconheceria. Você ao menos se lembra de verdade como Sil era? Além das características superficiais mais óbvias? Cabelo comprido, alto, roupas pretas. Você não o vê – não me vê – há catorze anos. Ninguém se lembra de Sil, ninguém se importa com Sil. Sil desapareceu um dia e ninguém nem notou.

– Eu notei – diz ela.

Eu observo Mia analisar o meu rosto, buscando suas lembranças. Sua boca está aberta pelo choque.

– Não faz sentido. As coisas que contou sobre você… aquela não era a vida de Sil… digo, a sua vida.

– Bem, algumas coisas eram verdadeiras para Sil, algumas eram verdadeiras para Tax.

– Não consigo acreditar… – sua voz some em descrença. – Seus olhos… eu achei que havia algo de familiar neles. Acho que é por isso que sempre me senti segura com você. Não importava quão duro você tentasse ser, havia algo de familiar neles.

Eu olho para o lado, agora sentindo como se meus olhos tivessem algum tipo de vulnerabilidade. Eu não gosto de vulnerabilidade.

– Mas você nunca teve um irmão…

– Eu conheci Rex logo depois de ter saído de Clint.

– E a sua irmã? Jude… Claro… Judith… Eu nunca a conheci por outro nome que não Jude. Você disse que ela era sua irmã mais nova, e não sua irmã gêmea.

– Tecnicamente, ela é mais nova alguns minutos. Questão de interpretação.

– Você disse que não era próximo dela. Eu me lembro de vocês serem tão próximos.

– Isso foi uma mentira, admito. Eu não queria que você xeretasse com mais perguntas sobre ela.

– Não consigo entender… – Ela cai de volta no chão, tremendo quando bate uma brisa.

– Venha à minha casa, nós podemos conversar, mas vamos te vestir com roupas quentes – eu digo, me sentindo protetor.

– Eu não entendo… – ela balbucia para si mesma enquanto a conduzo para o banco do passageiro de seu carro. – Mas por quê? Eu nunca fiz nada pra você… Achei que nós éramos amigos.

– Vamos voltar para casa – digo, partindo com o carro do estacionamento abandonado.

Referência à astronauta norte-americana Lisa Nowak. (N. T.)

Capítulo 35

14 anos antes

ISSO É RUIM, MUITO RUIM. NÃO TENHO certeza do que está acontecendo, mas todo instinto básico está me dizendo que caia fora daqui. Eu não quero correr e parecer assustado, então recuo lentamente.

– Nada, cara. Eu não sabia que você estava por aqui esta noite – eu digo, como se o fato de Tripp estar no ponto de encontro em vez de Mia fosse uma grande coincidência.

Eu analiso o meu perímetro e vejo que Tucker, o irmão mais velho de Tripp e delinquente a vida toda, está parado espreitando nas sombras. Ao contrário de Tripp, que é visto como um menino de ouro e futura estrela do futebol americano a brilhar na faculdade, Tucker sempre foi um notório encrenqueiro. Em vez de ir para a faculdade, meu pai reclamava que Tucker conseguiu um confortável escritório na fábrica sem fazer nada. Ele nem sequer aparecia por lá a metade do tempo. Ele é conhecido por curtir noitadas no bar e por bater em algumas namoradas. Tripp e Tucker juntos, bêbados, puta que pariu, não é coisa boa.

Olho para os lados procurando uma rota de fuga. Flanqueando-me estão Huck e Curtis. Meu estômago se embrulha e o vômito ameaça subir pela minha garganta.

– Só estava me perguntando por que você quer comer a minha mina – ele diz, com um sorriso espertalhão, sua postura animada por sua embriaguez.

– Eu não sei do que você está falando.

Tripp ri, olhando para os outros em busca de apoio, e eles se unem ao seu coro de zombaria.

– Ahhhhh, tadinho, ele acha que Mia iria querer um magricela fodido como ele, que é metade um lixo que mora num trailer no meio do mato, metade imigrante. – Tripp tira um bilhete do bolso, agitando-o no ar.

Ele limpa a garganta e aperta os olhos para ler o escrito na escuridão da floresta mal iluminada.

– “Mia, acho que você é uma pessoa incrível, e você merece o melhor. Eu sei que você pensa em mim como um amigo, mas vejo você como mais do que isso”. Ahhhh, que fofo! – Ele lê com uma vozinha aguda, debochando da doçura das minhas palavras.

Minhas bochechas queimam enquanto ele lê essas palavras particulares, agora tornadas públicas para provocação e humilhação.

– Oh, esta é a minha parte favorita: “acho que você merece alguém que vá tratá-la como uma rainha. Pode não ser da minha conta, mas você merece algo melhor do que Tripp”. – Ele olha para cima e sorri desdenhosamente para mim. – Então, você está tentando fazer a minha garota terminar comigo?

– Como você conseguiu isso? – eu pergunto. Minhas entranhas estremecem de mortificação. Como vou conseguir mostrar minha cara na escola novamente?

– Cara, ela riu de doer quando leu a sua carta e depois a deu para mim. Mia estava apenas tentando completar o projeto dela. Ela é legal com todo mundo. Ela não gosta de você. Você tem apavorado ela pra caralho. Ela quer que você a deixe em paz e me pediu que me certificasse de que você recebeu o recado.

– Tudo bem. Entendi. Não tem necessidade de quatro pessoas darem o recado – digo.

– Eu acho que tem sim. Você parece ter se esquecido da porra do seu lugar, seu esquisitão de merda. – Tripp bate seu peito contra o meu, e o cheiro de cerveja quente agride o meu nariz. Isso faz com que me lembre do homem cuja cabeça eu acabei de golpear com uma panela.

– Eu não quero problemas – digo.

– Bem, então, talvez você não devesse sair por aí procurando por eles.

Eu dou alguns passos para trás e atinjo uma parede. Viro-me e vejo que é Tucker. Tripp e seus amigos são todos do último ano. Todos eles jogam futebol americano e Tucker costumava jogar quando estava no colégio. Embora todos nós tenhamos mais ou menos a mesma altura, cada um deles é uns vinte quilos mais pesado do que eu.

– Qual é, pessoal, recado dado – eu digo.

Tucker me empurra para a frente, para os braços de Tripp e Tripp me empurra de volta para o seu irmão.

– Ah, você tá querendo encrenca? A aberração aqui pensa que ele é um cara durão! – Então, ele dá uma espiada no meu rosto, inclinando a cabeça. – Parece que você já tomou uma surra esta noite. Acho que ninguém gosta de você, hein? O que aconteceu? Papai te deu um cacete de novo? Todo mundo nesta merda de cidade sabe como o seu pai é um bêbado perdedor.

– Cala a boca – eu digo baixinho, fervendo de raiva.

– Não é de se estranhar que a sua mãe tenha se matado. Quem gostaria de viver com um marido assim e ter uma porra de aberração como filho?

– Minha mãe morreu dando à luz. Você nem sabe do que tá falando.

Tucker ri de trás de mim.

– Meu pai disse que a sua mãe se matou depois que você e a sua irmã nasceram.

O choque dispara através do meu corpo como uma granada de atordoamento. Isso não pode ser verdade. À Jude e a mim sempre nos foi dito que ela morreu nos dando à luz. É por isso que papai nos odiava. Mas por que Tucker diria essas coisas do nada?

– Sil? – Uma vozinha ressoa das árvores, procurando por mim. *Droga, Jude.*

– Apenas volte para o carro! – eu grito, mas é tarde demais, ela chega à clareira e vê a comoção.

– O que está acontecendo? – ela pergunta, seus olhos dirigindo-se para os caras que me cercam.

– Eu estava apenas dizendo ao seu irmão como a vagabunda da sua mãe se matou – diz ele. Eu nem penso. As palavras de Tripp, projetadas para crueldade, me fazem explodir. Talvez, se eu estivesse sozinho, eu poderia ter tolerado. Mas Jude, minha melhor amiga, a ferinha que derrubou o meu pai para me defender, não deveria ter que ouvir essa besteira.

Eu giro e desfiro um soco direto na bochecha de Tripp. Uma dor aguda irradia pela minha mão quando é feito o contato e ele cambaleia alguns passos para trás. A satisfação só dura um segundo, já que sinto os braços de Tucker prenderem os meus, expondo o meu tronco.

Tripp esfrega os lábios e olha para a ponta dos dedos ensanguentada.

– Então você quer brincar com os grandões? Talvez você tenha esquecido quem eu sou. Eu mando nesta merda de cidade! – ele grita.

– Bate nele – encoraja Tucker, apertando firme seus braços contra os meus.

Tripp caminha decidido na minha direção e me dá um soco na barriga. O soco parece um míssil disparado diretamente no meu estômago, provocando um tsunami de náusea. Antes que eu possa buscar por ar, ele desfere outro soco e mais um.

– Para! – Jude grita, tentando afastar Tripp. Mas não somos nós dois contra um homem tão bêbado que mal consegue ficar em pé. São quatro adolescentes atléticos mais velhos. Não somos páreo para eles. Tripp a empurra para o chão.

– Huck, não a deixe ir embora. Ela vai contar – adverte ele.

– Corra, Jude! – eu grito entre arquejos ásperos.

Jude tenta se levantar, e Huck, com seu mais de um e oitenta de altura, a agarra. Ela se debate e grita enquanto ele a afasta.

– Jude vai assistir – Tucker fala no meu ouvido, seu bafo de cerveja choca aumenta a sensação de enjoo no meu estômago.

Então, começo a receber uma chuva de golpes – no meu corpo, no meu rosto, no meu pescoço. A umidade quente do sangue e do muco banha o meu queixo. Minhas costelas doem tanto que, se não fosse por Tucker me segurando, eu já estaria desfalecido no chão.

Finalmente ele me solta, e a terra úmida e fresca recebe o meu corpo. *Alívio. Até que enfim isso acabou.*

Mas logo percebo que não.

– Eu também quero participar dessa merda! – Tucker diz, como se fosse sua vez em uma partida de minigolfe. Um estrondoso baque ressoa do meu peito quando um pé faz contato com a parte superior das minhas costas. A dor dispara para cima e para baixo na minha coluna, enquanto estrelas explodem na minha visão.

– Esperem… esperem… – diz Tripp, com um toque de riso em sua voz. – Vamos mostrar para ele quem é o papai dele de verdade. – Eu olho através dos olhos inchados enquanto eles tiram seus cintos.

– Por favor… – eu gemo, levantando debilmente a mão para me proteger.

É quando eu sintonizo o som de Jude gritando. Eu o havia desligado antes. Seus apelos guturais para eles me deixarem em paz estavam difíceis demais de suportar.

– Cala a boca dela! – grita Tripp.

Eu quero dizer a ela que pare, mas toda vez que falo eu engasgo com sangue e saliva.

– Vocês vão matar ele! – Jude berra.

– Talvez devêssemos parar – sugere Huck. – Pessoal, isso está ficando fora de controle.

– Huck, cala essa merda de boca! – grita Tripp. – Deixa de ser covarde. Cubra a boca da garota.

Então, desce a saraivada de fivelas de cinto. Parece que cada irmão está competindo com o outro para ver quem consegue bater mais forte. Tripp incita Curtis a se juntar e ele acrescenta seu cinto à violenta surra. De alguma forma, minha camiseta sai do meu corpo, e eles açoitam diretamente a minha carne, rasgando-a a cada chicotada. Cada vez que uma fivela fria pousa na minha pele,

imediatamente explode em chamas de dor. Calor viscoso derrama-se de cada nova ferida.

– Droga, meu cinto quebrou – reclama Tripp.

– Uhuuu! – urra Curtis com a carga de adrenalina.

– Me dá isso! – Tripp arranca o cinto da mão de Curtis.

– Caramba, cara, ele parece mal – diz Curtis. – Merda, cara, vamos ter sérios problemas.

– Cala a boca! – grita Tripp, espancando-me com o cinto de Curtis ininterruptamente.

Por fim, a sova para. O mundo começa a escurecer lentamente, mas eu luto para me manter acordado. Não posso deixar Jude sozinha. Tenho que me levantar e tirá-la daqui.

– Que isso, cara – ouço Huck dizer, enquanto ele e Tucker discutem algo murmurando baixinho. Eu rolo para o lado e inclino o pescoço para olhar para cima e vejo Tripp apalpando Jude. Ela se debate e contorce sob suas mãos.

Sem sequer olhar para mim, Tripp fala:

– Que tal eu deixar você foder a Mia, se você me deixar foder a sua irmã? Aposto que ela é apertadinha. Ela é tão pequenininha.

Isso não pode estar acontecendo. Deve ser um pesadelo. Isso não acontece na vida real. Somente nos filmes. Tripp e Tucker são maus, mas ninguém é tão mau assim.

– Não faça isso – eu digo, tentando me levantar. Toda vez que eu tiro uma parte do corpo do chão, eu desabo. Minha caixa torácica parece ser apunhalada por dez facas a cada respiração. Sangue e cuspe dependuram-se do meu queixo, balançando como um pêndulo com cada movimento.

– Huck, não seja um maricas – diz Tucker. – Segura ela.

– Não! – eu peço, mas minha voz mal chega a ser um sussurro.

O rosto de Huck está tomado pelo medo quando ele segura Jude com mais força e Tripp arranca a blusa dela. Ele ri.

– Ela não tem peitos!

Tucker aperta um dos mamilos dela.

– Aposto que ela nem tem pelo na boceta ainda – ele diz, puxando o cós da roupa dela.

Seu corpo minúsculo chuta e luta sob o controle de Huck, mas ele prefere segurar uma menina indefesa ao invés de bater de frente com seus amigos. Curtis fica de lado, mudando de posição desconfortavelmente, mas ri com os Pettit quando eles fazem seus comentários repulsivos.

Eu inalo profunda e dolorosamente. Parece que unhas estão dançando nos meus pulmões, esfaqueando-os sem piedade. Eu finalmente me levanto, arrastando-me para Tripp. Eles estão tão empenhados em atormentar a minha irmã que quase não me notam.

Eu reúno cada grama de força que me resta para atacar todos eles, mas com uma arfada, eu simplesmente desabo em cima de Tripp.

– Que merda é essa? – ele diz, empurrando-me para o chão e me chutando no estômago.

Ele pega uma garrafa do chão e a sacode na minha direção. Então, tudo fica escuro.



O calor úmido me desperta. No começo, é quase reconfortante, como se eu estivesse nadando em um oceano quente, mas então, o odor chega ao meu nariz, o gosto acre da amônia satura os meus lábios. Eu mal consigo focar os meus olhos, enquanto meu corpo inteiro lateja em uma vibração consonante de dor. Então, meu ouvido volta sua atenção para o ruído de uma única corrente de fluido que vem de cima. Alguém está mijando em mim. Mal tenho energia para me importar. Pelo menos, é quente, e esfriou tanto durante a noite que esse parece ser o único alívio físico disponível para mim. Provavelmente, vou morrer esta noite. Não vejo como poderei sair desta.

Então, eu me lembro de Jude. Meus olhos disparam de uma sombra escura para outra, e eu finalmente identifico uma se movimentando.

– Vai logo, Huck. Você não estará conosco nessa a menos que faça isso, porra – a voz de Tripp está mais arrastada. Ele está ainda mais bêbado do que antes. A sombra está curvada e empurra para a frente e para trás, de forma irregular, parando alguns segundos a cada vez, sobre uma figura inerte. Eu gemo, tentando fazer tudo o que está ao meu alcance para fazê-los deixá-la em paz. As estocadas param.

– Eu não consigo! – Huck está choramingando. – Eu enfiei, ok? Eu meti um pouco. Já deu. Eu já fiz.

– Então, usa essa merda! – Tripp apanha alguma coisa do chão e a entrega à figura. Eu aperto os olhos para focar a minha visão no formato e vejo que é uma garrafa de vidro.

Abro a boca para gritar, mas apenas ruídos débeis e roucos escapam da minha garganta. Eu me ergo sobre os antebraços e arrasto o meu corpo imprestável pelo

chão macio e flexível da floresta. Eu usarei esta última chama de vida que me resta para impedir que eles machuquem Jude por mais tempo. Algo segura a gola da minha camiseta e me puxa para cima.

– Você simplesmente não desiste. É tarde demais. Todos nós já revezamos para tirar o cabacinho dela. – Ele solta a minha gola quando as lágrimas começam a escorrer pelas minhas bochechas e eu caio de volta no chão. Uma explosão de dor dispara em todas as direções do meu tronco e eu me enrosco em posição fetal enquanto gemo de agonia.

Não me restou mais nada.

Nunca pensei que a vida fosse justa. Aprendi isso desde bem jovem. Mas hoje eu aprendi que a vida é cruel. Não é aleatório. Destina-se a algumas pessoas. Gente como Tripp e Tucker vive na impunidade. Eles recebem dinheiro, garotas e pais que se importam com eles. Gente como Jude e eu é esquecida. Não, somos pior do que esquecidos. Somos joguetes do destino. O destino é um filho da puta cruel e, quando ele mira em você, não tem como escapar de seus planos.

E assim eu apelo para a única coisa que resta. Nunca acreditei em oração. Eu costumava fazer isso quando era pequeno. Costumava pedir a Deus que tornasse o meu pai legal. Parei de pedir com cerca de oito anos. Era evidente que as minhas preces não serviam pra nada. Mas agora, estou disposto a colocar o meu orgulho de lado pela minha irmã. Eu a arrastei para essa merda. Ela nunca deveria ter estado aqui. Ela deveria ter ficado em casa para se preparar para a escola amanhã. Tudo aconteceu por causa da minha obsessão por uma garota que riu da minha carta sincera e a entregou para o seu namorado, para que ele pudesse usá-la como um dispositivo de tortura. Mia sabe que tipo de cara é o Tripp. Ela sabia que isso acabaria mal para mim. Talvez não morte, mas dor e humilhação estariam garantidas. Ela não é quem eu pensei que fosse. Fui um idiota por achar que uma garota como ela retribuiria o meu amor.

Por favor, se houver um Deus, se você permitir que eu e Jude sobrevivamos a isso, eu vou consertar tudo. Eu serei forte. Eu vou compensá-la.

Botas aproximam-se esmagando folhas e galhos secos, parando em frente ao meu tronco. Tucker se ajoelha, agarra-me pela gola e ergue o punho.

A escuridão me engole novamente.

Capítulo 36

Presente

Tax

MIA ESTÁ SENTADA DIANTE DE MIM, COM os cabelos ainda molhados da chuva, enrolada num cobertor, enquanto as lágrimas escorrem por seu rosto. É a primeira vez que conto a alguém sobre aquela noite. Os eventos foram repetidos na minha cabeça mais vezes do que consigo lembrar, mas nunca os rememorei em voz alta. Mesmo Jude e eu falamos sobre isso usando referências vagas: *o que eles fizeram conosco; aquela noite; o que aconteceu*. Nunca nos permitimos revivê-los abertamente.

Para mim, é para evitar o ódio a mim mesmo por ter permitido que minha irmã fosse espancada e sofresse um estupro coletivo. Para Jude, é pela vergonha de saber que seu irmão testemunhou a maior parte disso.

Eu nunca sequer cheguei a falar sobre isso com Rex de forma direta, apenas por referências passageiras. Ele sabe do mais importante por meio de Jude. De certa forma, aquela noite é como se fosse uma outra irmã nossa. Ela tem vida própria. Vive conosco, nos alimenta, nos dá propósito e fortalece nosso vínculo. Rex ama Jude e a mim o suficiente para saber que as cicatrizes no meu corpo e as cicatrizes no útero de Jude foram geradas no mesmo ataque. Isso é tudo de que ele precisou saber.

Pronunciando as palavras para Mia, fico surpreso por ter me tornado tão anestesiado e insensível. Era como se estivesse relatando um conto de terror, não algo que eu vivi. Mas, quanto a Mia, dava para ver que ela sentia cada golpe, cada violação, cada agressão verbal. Eu a vi sentir a dor por mim que eu já não conseguia mais sentir.

– Sinto tanto que essas coisas tenham acontecido com você! Pobre Jude… – diz Mia, sufocando mais lágrimas. – Eu não entendo como eles conseguiram sair impunes disso – ela diz, balançando a cabeça com descrença.

– Eu fiquei no hospital dias a fio sob sedação, assim como Jude. Quando

acordamos, Pettit havia subornado todos que importavam, inclusive o merda do meu pai.

– Eu não consigo acreditar que namorei Tripp, esse bosta asqueroso. Eu terminei com ele assim que voltei para a escola, depois que a minha mãe morreu. Ele era um pesadelo narcisista. E tenho certeza de que ele deve ter corrido chorando para o pai dizendo que cometeu um erro, implorando por sua ajuda. Era só isso que sabia fazer, aprontava o que bem entendesse e depois chorava para os pais dele consertarem tudo.

– Bem, seja lá o que for que ele fez, funcionou. Porque todos foram silenciados.

– Então, você pensou… que eu tinha armado para você? Achou que eu poderia fazer isso? – seus olhos voltam a se encher de lágrimas. – Tax, me diga que você não pensou que eu poderia fazer algo assim…

– Tripp estava com a minha carta. Ele disse que você a havia entregado a ele. Isso fez sentido para mim. Na época, eu não achava que fosse digno de você. Fez sentido para mim que você pudesse ter reagido dessa forma. Na verdade, parecia mais provável do que você corresponder ao meu amor.

– Tax… eu jamais faria uma coisa dessas… Como você pôde pensar isso? Eu era boa para você. – Seus lábios franzem com indignação.

– Mia, você não sabe como é. Você foi amada desde o dia em que nasceu. Jude e eu, ninguém se importava conosco, a não ser nós mesmos, um pelo outro. Para nós, era realmente fácil pensar que mais outra pessoa também não se importasse.

A linha tensa dos lábios de Mia se atenua. Ela suspira, fechando os olhos por alguns segundos. A tensão de seus músculos se dissolve ao digerir meu ponto de vista. Ela abre os olhos, acena com a cabeça e leva a mão à minha coxa. Eu me reteso. Mas, dessa vez, permito-me receber seu carinho. Não foi ela que me brutalizou nem provocou as cicatrizes. Tenho que me policiar para lembrar disso.

– Nunca, Tax. Eu nunca teria deixado que isso acontecesse, se eu soubesse – diz ela com remorso.

– Eu sei disso agora. Mas, Mia, o que aconteceu conosco… Isso muda uma pessoa. Não estou afirmando apenas que isso causa um trauma. Quero dizer que isso é capaz de infectar com ódio. Destrói de tal maneira que já não há conserto. O mundo continuou a nos tirar e nunca devolveu coisa alguma. Só nos doamos sem receber nada em troca. Amor, compreensão, empatia. Jude e eu só demos essas coisas, raramente as recebemos. E aquela noite levou o restinho que nos havia sobrado. Perdemos algo. Não sinto remorso. Eu odeio o mundo. Minha

vida tornou-se a missão de espalhar dor multiplicada por dez. Dor. O mundo nos deu isso até não poder mais. Eu tinha uma imensa reserva para devolver.

– Você tem mais a dar do que dor, Tax. Você não é como esses babacas. Não é – ela fala com firmeza. Os olhos dela se arregalam. – E o meu pai?

Eu não tenho coragem de lhe dizer a verdade. Isso a destruiria. E, se ela soubesse que o pai dela estava envolvido, isso a conduziria a uma série de perguntas que eu não quero que ela siga.

– Ele não sabia.

– Por que você não contou a ele? Ele teria feito justiça. – *Ele não era para mim o mesmo homem que era para você, Mia.*

– Eu estava com muito medo de meu próprio pai. Ele ameaçou machucar Jude se eu não mentisse à polícia.

– Droga. Quem me dera ter sabido. Eu teria ajudado. Eu juro que não fazia ideia. E, se eu soubesse, teria feito meu pai ajudá-lo.

– Eu sei.

– Então, você me procurou porque achou que eu fiz isso com você?

Eu concordo. *Vergonha*. Ela é a única pessoa que pode me fazer sentir isso com um mínimo gesto ou olhar. Não é porque ela tenha intenção de fazê-lo, mas porque, pela primeira vez, eu realmente me importo com o que alguém pensa de mim.

– E porque você pensou que eu fosse responsável pela violação de Jude… você queria fazer o mesmo comigo?

Porra. Não quero admitir que sou um estuprador. Eu sou muitas coisas, mas não isso. Eu nunca tive a intenção de fodê-la. Eu pretendia matá-la. Mas eu sei que só na minha mente distorcida isso soa melhor. Procuro encontrar uma maneira de explicar tudo.

– Eu queria assustá-la. Quando vi que você reservou aquele serviço, a ocasião se mostrou perfeita. O resto simplesmente aconteceu. Quando eu fui à sua casa naquela noite, eu não ia te estuprar, juro. Mas, então, quando toquei você, e você respondeu, não pude evitar.

– Foi como uma tempestade perfeita… – ela pensa em voz alta.

– Sim. E, depois, uma vez que estávamos juntos, eu queria você mais. Eu sei que você também. E a forma como queríamos as coisas não era típica. Mas ainda estava com raiva. Eu me convenci de que poderia fazer as duas coisas: ter você e fazê-la pagar. Claro, eu estava me enganando. Eu sabia, assim que iniciamos o arranjo, que algo estava errado. Não conseguia me conformar com o fato de você ser a pessoa que armou para mim e Jude. E comecei a querer vê-la cada vez

mais, e eu me odiei por trair a minha promessa de me vingar. Você precisa entender que, até a semana passada, eu pensava que você tivesse armado para mim e Jude.

– Então, apesar de pensar que fiz tudo isso, você foi me ver em Miami?

Eu percebo como deve ser confuso para ela entender, mas era confuso para mim também na época.

– Sim. Eu simplesmente não conseguia evitar.

– Conhecendo-me agora, como adulto, como você poderia pensar isso?

– Eu aposto que você não pensou que eu seria o que Sil se tornou. Essa era a minha verdade, Mia. O que eu fiz com você foi errado. É a única coisa de que me arrependo.

– É. Mas também sou parte disso. Eu deixei você fazer o que você queria. E não tenho uma desculpa.

– Não é tão simples, Mia. Não ouse se responsabilizar por nada. A responsabilidade é minha. E você não precisa de uma desculpa para ser quem você é. Você é perfeita do jeito que você é.

Ela olha para baixo, e seu sorriso suave ilumina a tristeza em seu rosto.

– Se o que aconteceu entre nós não deveria acontecer, qual era o seu objetivo original? O que você planejava fazer comigo?

Eu não quero continuar a mentir para Mia. Mas devo. Ela nunca poderá saber que eu pretendia cortar sua garganta naquela primeira noite. Algumas coisas nunca podem ser esquecidas ou perdoadas.

– Meu objetivo original era assustá-la naquela noite em sua casa e, depois, comprar a Alea e surpreender você quando percebesse que eu era a mesma pessoa que invadiu sua casa. Então, ia lhe contar na sala de conferências durante a primeira reunião que eu ia fechar a Alea. Você ficaria sem emprego e todos os seus amigos também.

Ela abre a boca, pasma. Até agora, ela não entendera as profundezas da minha vingança. E ainda não entende, mas essa pequena verdade é um aperitivo.

– Você faria tudo isso? E o dinheiro? A empresa valia dezenas de milhões.

– Foi o preço que eu estava disposto a pagar. Eu sabia como a Alea era importante para você.

– Eu teria ficado devastada.

– Era esse o objetivo.

Ela inclina a cabeça entre as mãos, deixando seus cabelos castanhos úmidos esparramarem-se sobre os seus ombros. Não insisto no perdão. Não há desculpa. É a verdade. Foi o que eu queria na época. Ela suspira profundamente.

– Mas você não fez isso.

– Não fiz.

– Por quê?

– Porque eu conheci você.

– Então, você foi atrás de mim. Você seguiu os outros?

– Mia, você não vai querer saber as coisas que eu fiz. E não posso te contar. Eu não sou dedo-duro e outras pessoas estão envolvidas. Prometi-lhe dizer o que você era para mim. Por que eu vim atrás de você. E foi o que fiz. Só posso dizer que fiz algumas coisas ruins, mas nunca pedi a vida que recebi. Todo mundo que recebeu uma lição mereceu.

Ela não sabe que a tatuagem que ela admira sutilmente sempre que estamos juntos é uma homenagem a todas as pessoas que matei. Cada serpente é uma pessoa que liquidei com alegria. É algo de que me orgulho. E havia um lugar vazio para ela. Por causa de Mia, essa tatuagem nunca será completada. Sua incompletude é uma dedicação ao meu compromisso de protegê-la.

Mia se levanta e vem até mim, sentando-se no exagerado pufe e descansando a cabeça no meu ombro.

– Eu sei que alguns desses caras tiveram um destino ruim. Você não precisa me dizer se foi obra sua. Mas seja o que for que você tenha feito com eles, depois do que eles fizeram com você e Jude, estou certa de que mereceram. Eu conhecia você, e você era amável, generoso e tinha… tem.. um bom coração.

– Sil está morto. Ele não existe. Eu não sou Sil, Mia. Quero deixar isso claro para você.

– Compreendo.

Ela desliza os dedos entre os meus.

– E Jude? Está por perto?

– Ela e eu não estamos nos falando no momento.

– Pensei que vocês fossem próximos.

– E somos. Muito. Nós apenas temos uma relação de altos e baixos. No momento, está num ponto baixo.

– Talvez eu possa falar com ela. Eu poderia explicar que eu não sabia.

– Ela sabe. Eu disse a ela. E ela também já não é Jude. Ela manteve o nome, mas ela não é aquela garota de que você se lembra.

– Ela também me odeia?

– Eu não odeio você, Mia. Mas Jude está tendo dificuldade para mudar sua percepção da situação. Ela precisa de muito tempo. Eu não quero que você se encontre com ela. Você conhece aquela citação de Shakespeare: “Apesar de

pequena, é perigosa”[2]? Mais ou menos isso, não me lembro exatamente.

– Conheço.

– Bem, essa é Jude. Deixe que eu lide com ela.

– Ela é sua irmã gêmea. A periculosidade está nos genes. Mas, se eu puder ajudar, avise-me.

Mia desliza um dedo sobre o topo da minha mão até o meu antebraço. A suavidade do seu toque envia calor pelas minhas veias. Eu não quero machucá-la. Mas é o que eu faço. Eu inflijo dor e sofrimento. Como posso me tornar o homem que essa mulher forte, linda e bondosa merece? Tudo o que posso fazer é adverti-la, como sempre fiz, mas ela é persistente. Ela tem um jeitinho de conseguir o que quer, mesmo com alguém como eu.

É um esforço vão. Eu continuo afastando-a para longe, tentando levá-la à segurança e ela continua correndo de volta para a casa em chamas para me salvar. Isso é o que Mia é, é o que ela sempre foi. Desde que a conheci em uma vida anterior, ela tentou me salvar. Fingindo estar com fome, para que eu comesse, sendo minha amiga ou me permitindo ter a alegria de me apaixonar durante uma época da minha vida em que eu me sentia tão sozinho. Sil soube o que era se apaixonar por causa dela. Tax soube o que era odiar por causa dela.

E, agora, talvez ela finalmente esteja conseguindo abrir caminho. Talvez, apesar das queimaduras e cortes, e da fumaça que a atrapalhou, apesar da minha persistência de que ela corra e se salve, ela esteja se tornando minha salvadora.

– Sou uma pessoa rude. Digo coisas ruins mesmo quando não quero. Se outro sujeito colocar as mãos em você, vou arrebentá-lo. Eu não faço amor, ou sexo; eu fodo. Às vezes, com força. Às vezes, brutalmente. Eu não fico chateado, eu toco o terror. Eu não lido bem com os outros.

– Diga-me algo que eu não sei – diz Mia com um sorriso malicioso no rosto. É essa insolência que me faz querer curvá-la e dar-lhe uma palmada naquela bunda apertada dela.

Quero dizer a ela que sou mentiroso. Que eu a traí da pior maneira possível: matei alguém que ela amava. Ou que eu estava preparado para tirar sua própria vida da maneira mais brutal possível. Que eu até sou capaz de pegar algo que deve ser um presente alegre, o dom da vida, e perverter com minha mente distorcida. Eu pensei que, de alguma forma, deixá-la grávida poderia compensar tudo o que fiz com ela salvando sua vida e restituindo-lhe a família que ela havia perdido. Mas, para as pessoas normais, vidas não são malditas peças de Lego intercambiáveis. Você não pode trocar uma pela outra. Não consigo compensar a pessoa que lhe tirei dando-lhe uma nova.

E, no entanto, ainda bombeio a minha porra dentro dela, porque, apesar do que a minha mente racional sabe ser o certo, uma parte qualquer de mim ainda quer se conectar com ela nesse nível.

Mia vê minhas boas intenções e acha que isso é tudo o que importa, mas as intenções são inúteis quando se é como eu. Porque, no momento em que as intenções viajam através de minha psique fodida e explodem no mundo como ação, foram despedaçadas e retorcidas até estarem deformadas e com bordas afiadas que cortam até o osso.

Pensei que poderia salvar Mia da morte dando-lhe uma vida, mas é tudo a mesma merda comigo. Mesmo quando eu crio, eu destruo.

Mas não digo a ela essas palavras, porque quero que ela fique. Eu lhe dei uma chance de sair, e ela voltou. E não tenho força de vontade para afastar Mia de novo.

– Nunca serei uma pessoa normal. E não posso ser controlado. Eu não deveria estar com ninguém. É disso que preciso protegê-la. Não funciono como a maioria das pessoas. Você é boa, deve encontrar uma boa pessoa.

As palavras são inúteis, porque sei que ela não liga a mínima. Ela decidiu.

– Já encontrei – ela diz, seus lábios macios beijando as cobras no meu pescoço.



Mia

Finalmente entendi. E talvez eu devesse estar com raiva, mas não estou. Tax não quer minha piedade, mas o que aconteceu com ele e com Jude foi uma monstruosidade. Como eles poderiam sentir outra coisa além de raiva e desejo de vingança?

Admito: doeu ouvir Tax me dizer quais eram as suas intenções originais comigo. Dói imaginar que ele pensava que eu fosse capaz dessas coisas. Mas tudo o que ele já conheceu foi o ódio. Ninguém, além de sua irmã, já havia sido bom com ele. Por que ele pensaria que isso havia mudado nas poucas semanas em que ele e eu fomos amigos? Não custaria muito para um jovem que havia sido decepcionado sucessivas vezes acreditar que mais uma pessoa havia seguido o exemplo.

E talvez eu devesse estar chateada por ele ter resolvido fazer justiça com as próprias mãos, mas às vezes as circunstâncias exigem outras formas de justiça.

Quem sabe quanto dano lhes foi permitido fazer aos outros porque nunca foram responsabilizados pelo que fizeram com Sil e Jude? Quantas outras vítimas receberam dinheiro para ficarem caladas? Eu simplesmente não consigo sentir pena dos homens que estupraram e feriram a pequena Jude. Há tantas outras pessoas que merecem a minha compaixão, e até mesmo eu tenho meus limites quando se trata de estendê-la a este ou aquele.

Enquanto assisto a Tax tratando as feridas em meu joelho, tento enxergar Sil fisicamente. Ele mudou tanto ao longo dos anos que dificilmente posso vê-lo, mesmo agora que sei quem ele é. Mas vejo Sil de maneiras não físicas. Tax diz que Sil está morto, que não resta nada do menino sarcástico, embora doce, que conheci há catorze anos, mas isso não é verdade. Vejo isso em pequenos momentos como este. Quando ele não sente a necessidade de se proteger com agressividade. Tax pode ser duro, mas ele não é cruel.

– Então, depois que tudo isso aconteceu, você fugiu?

– Sim. Não nos sentimos seguros. Assim que nós dois pudemos caminhar, fugimos enquanto o meu pai estava no trabalho.

– Como vocês sobreviveram?

– Você faz o que for preciso – diz ele. – Eu me virei de todas as formas. Nós fizemos isso. Jude fez coisas que eu não queria que ela fizesse. Mas, como eu disse, algumas coisas mudam você. – Não solicito detalhes. Só posso imaginar o que teve que ser feito.

– Como você saiu dessa para tudo que tem agora? – pergunto. Tenho que admitir que, sendo ambiciosa, a sua tenacidade me impressiona.

Ele olha para mim pelo canto do olho.

– Alguém me devia – ele diz com conhecimento de causa. – Há muitas maneiras de pagar uma dívida. Isso é tudo o que posso dizer, querida.

Querida. Amo como a sua voz gutural e rouca maltrata essa palavrinha alegre e jovial.

– E quanto ao seu sobrenome? Draconi?

– É da minha mãe.

– Você descobriu a verdade? Sobre como ela morreu?

– Meu pai não me falou. Depois que Jude e eu nos recuperamos, fugimos de casa, vivemos na rua por anos. Eu não tinha os recursos para investigar. Mas, eventualmente, investiguei. Ela se matou. Não sei por que o meu pai mentiu. Talvez tenha sido a única coisa legal que ele fez. Ou talvez ele estivesse tentando ser ainda mais cruel. Eu acho que ele tinha vergonha. Você conhece a nossa cidade. O suicídio carrega um estigma. De qualquer forma, éramos bebês. Em

qualquer das versões da história, ela morre por nossa causa.

– Tax, a depressão pós-parto não é culpa de ninguém. É um desequilíbrio químico.

– Mas se não tivéssemos nascido…

– Não, Tax. Você está aqui porque era para ser assim. Se ela não tivesse tido você, eu nunca teria conhecido o amor da minha vida. – *Oh, merda*. Às vezes, eu sou muito franca. Tax já se abriu muito, e essa palavrinha pode cair como uma bomba, mesmo com um cara comum. Eu não queria largá-la assim. Não tão logo depois de tudo o que acabamos de passar.

O Band-Aid que Tax está pondo em mim treme quase imperceptivelmente, como se a palavra fosse uma rajada de vento invisível. Ele alisa o curativo silenciosamente no meu joelho.

Fico paralisada pela incerteza sobre a minha escolha de palavras. Elas foram sinceras, mas cruas. Eu deveria ter esperado mais um pouco antes de dizer isso a ele.

Meu coração acelera, e agora sou eu quem está tensa e desconfortável. Ele se vira para mim. Seus cabelos recém-secos, macios e escuros estão escorridos, de modo que ele parece quase infantil. Ele beija o topo da minha cabeça e diz:

– Você também é especial pra caralho.

De *Sonho de uma noite de verão*, ato 3, cena 2. No original: “And though she be but little, she is fierce”. (N. T.)

Capítulo 37

14 anos antes

DEPOIS DE SER INFORMADO PELO MERDA AMBULANTE do meu pai que eu teria que mentir na cara dura para o xerife Tibbett, eu me encho de revolta. Não me importo se o meu pai me estrangular até a morte, mas não vou deixar aqueles filhos da puta saírem impunes depois do que fizeram comigo, e muito menos depois do que fizeram com Jude.

Um médico entra e faz uma série de testes em mim. Ele continua a me dizer quão "sortudo" eu sou por sair do ataque sem nenhum dano permanente, apenas ossos quebrados, contusões profundas e uma concussão grave. Ele lamenta que as lacerações tenham sido a parte mais difícil e, quando levanta meu cobertor e desenrola meu tronco, entendo o porquê. Eu pareço a porra de um Frankenstein. Existem pontos de sutura em todos os lugares. Só os ferimentos no meu torso exigiram centenas de pontos. O médico também me diz que precisarei ficar mais alguns dias em observação, e então eles me darão alta.

Depois de ser deixado a sós por alguns minutos, soluçando, o xerife Tibbett entra no quarto em seu uniforme marrom de policial. Ele tem um andar característico de tira, com os quadris deslocados para a frente e sua pequena barriga estufada para fora. Ele tira os óculos ray-ban do nariz.

– Como você está se sentindo? – É como se ele estivesse fazendo a pergunta a alguém que tem um resfriado, e não a alguém que tenha sido espancado com punhos, garrafas, botas, fivelas de cinto e depois mijado em cima.

Limpo os olhos com o meu braço menos fodido.

– Nada bem. Quero ver a minha irmã.

Ele suspira e puxa uma cadeira para o lado da minha cama, pegando uma caixa de lenços de papel e colocando-a ao meu lado. Eu não os toco.

– Ela está descansando. Eles a mantêm sedada para lidar com a dor.

Minhas mãos tremem de ódio pelo que aqueles animais fizeram com ela. Até mesmo Huck, aquele covarde que a fodeu enquanto *ele* chorava. Ele chorava.

Como se ele fosse a vítima. Como se ele não estivesse segurando uma garota de um metro e meio de altura em vez de deixá-la correr para se salvar quando tivesse a chance.

– Bem, então, quando posso vê-la?

– Depois de conversarmos, vou chamar os médicos aqui para vermos o que eles dizem.

– Tudo bem, vou te contar tudo o que eu lembro. E eu sei mais agora. Pettit está pagando o meu pai para me manter de bico fechado. Os filhos de Pettit mais Huck McKinley e Curtis Collins, eles atacaram a mim e Jude…

– Ei, ei, ei, agora desacelere e respire um pouco, Silvio.

Paro, entendendo que ele precisa de um relato cronológico das coisas. Isso inclui minha carta embaraçosa para a filha dele. Mas antes mesmo de poder debater isso internamente, ele continua:

– Agora, no meu entendimento, você e Jude atacaram seu pai depois que ele lhe disse que não poderia sair à noite em dia de semana. Então você roubou sua caminhonete e dinheiro e fugiu da cena. Você parou no lago para tomar um pouco de cerveja com sua irmã e alguns passantes madrugadores que saíram para correr no início da manhã encontraram vocês dois. Eles ouviram alguma movimentação nos arbustos, como se algumas pessoas fugissem. Os corredores devem tê-los assustado. Você e sua irmã tiveram sorte. – *Eu queria que as pessoas deixassem de usar essa palavra para nos descrever*. – Nós temos relatos de um veículo desconhecido e um grupo de homens dirigindo pela cidade algumas horas antes. Nós achamos que foram os mesmos que os atacaram.

– Não. Estou lhe dizendo que sei quem fez isso… e não roubei a caminhonete do meu pai. Ele me atacou, nós lutamos. E eu e Jude não bebemos.

– Eu vi o rosto do seu pai. Aquilo me pareceu um ataque.

– De qualquer forma, eu sei quem nos atacou… não foram alguns bandidos. Foram os Pettit…

– Os Pettit? – ele se inclina para trás em seu assento e suspira. – Isso não é possível, garoto. Eles estavam com a família naquela noite. Huck e Curtis passaram a noite na casa dos Pettit. Temos várias testemunhas para garantir isso, incluindo os pais. Agora, você foi espancado severamente…

– Você está brincando comigo? Eles estão mentindo! Você não pode testar a minha irmã? Ela foi estuprada.

– Não posso falar desses detalhes com você, filho.

– Mas…

Tibbett se inclina e quase sussurra.

– Ouça, eu não quero ter que acusar você e sua irmã. Ataque e agressão, roubo de veículo, roubo de dinheiro…

E foi quando percebi que os Pettit não haviam subornado apenas o meu pai, Tibbett também havia sido pago. Ninguém é tão estúpido, ele está olhando exatamente pra onde ele quer olhar. Ele está me dizendo qual deve ser a minha versão da história. Todos que importam estão nessa farsa juntos. Jude e eu estamos sozinhos. Estamos cercados por pessoas que foram pagas para permitir que nosso sofrimento perdure.

– Foda-se – eu respondo.

– Como é que é?

Usando o controle remoto da cama, abaixo-me, mantendo os olhos à minha frente. O teto branco do meu quarto de hospital parece exatamente como eu me sinto por dentro.

– Sim, estava escuro. Não sei quem foi. Eu só me lembro de entrar na floresta e isso é tudo. Eles devem ter me golpeado imediatamente.

– Ok – percebo que ele não anota nada, porque o que eu tenho a dizer é irrelevante. – Nós temos um alerta para um caminhão que combina com a descrição do que foi visto na área. Entraremos em contato com você e seu pai quando tivermos alguma novidade.

Eu não olho para ele. Apenas me concentro no teto, tentando não piscar. Mas toda vez que cedo, as lágrimas rolam por minhas têmporas. Eu me pergunto se Deus está me castigando por não rezar e usá-lo apenas quando eu precisava dele no último minuto. Prometi que, se vivêssemos, eu faria justiça, mas ele vai dificultar as coisas ao máximo. Ninguém, nenhuma maldita pessoa vai nos ajudar. Nem mesmo a lei.

O xerife Tibbett levanta-se da cadeira e calmamente caminha em direção à porta. Antes de abri-la, ele se vira.

– Silvio?

Não respondo.

– Sei que você trabalhou com a Mia num projeto. E sei que o projeto já terminou. Quero que a deixe em paz. Tripp me disse que você a está incomodando, fazendo ideia errada de sua amizade. Ela é uma boa garota. Ela logo vai para a faculdade. Ela é tudo o que tenho. Não a quero metida com encrenqueiros. Então, suas visitas à minha casa não são mais bem-vindas.

Olhe para a frente. Não chore. Não os deixe ver a dor que causaram.

A porta se fecha atrás de Tibbett, e então estou sozinho novamente.

Meu peito sacode enquanto deixo as lágrimas fluírem.

Capítulo 38

Presente

Tax

ESTOU ESPERANDO QUE MIA ACORDE. ELA me fez prometer que eu iria correr com ela esta manhã. Costumo levantar por volta das sete horas da manhã e, nos dias em que não faço treino de força, visto uma roupa de corrida e mando ver. Mas, esta manhã, acordei mais cedo do que de costume, e Mia parece tão em paz que não tenho coragem de acordá-la.

Então me deito ao lado dela, observando sua tranquilidade. Ela dorme tão pacificamente. Lembro-me de quando eu dormia assim. Desde que Mia passou a fazer parte da minha vida, eu me remexo e viro muito de um lado para o outro durante o sono. Nunca tive tanto a perder e tantas razões para isso acontecer.

Não me sinto mal por ter matado Tibbett. Ele já estava mal de saúde, recebia dinheiro para não fazer justiça. Tirando o meu próprio pai, ninguém mais me devia mais do que Tibbett. Era a porra do trabalho dele ajudar os indefesos. Mas ele trocou sua ética por dinheiro. Como adulto, entendo melhor. Ele acabara de perder a esposa, tinha pela frente a tarefa de criar a filha sozinho. O dinheiro ajuda muito a enfrentar esse tipo de encargo. Mas ele não era um qualquer, tinha a obrigação de ajudar a mim e Jude, e escolheu ficar do lado dos corruptos. Eu só me sinto mal por ter feito Mia sofrer. Odeio que eu tenha de esconder essa verdade dela. Mas isso é problema meu, não dela.

Amo olhar para Mia de perto: sua pele lisa, a suavidade de suas curvas, a maneira como os cabelos escuros cobrem os seus ombros nus. Flashes desse corpo se contorcendo em torno do meu quando a fodi na noite passada ficam pipocando na minha cabeça. Seus lábios: macios, carnudos, cheios de cor. Eles envolveram o meu pau enquanto sua língua girava em torno dele, fazendo-o explodir. Seus seios fartos, com seus mamilos macios e perfeitos; adoro a sensação deles na minha boca. Seu cheiro, leve e floral, permanece em tudo, de modo que, quando ela não está comigo, me pego pensando nela em momentos

inesperados. Tudo nela me excita, como se ela tivesse sido criada de acordo com minhas especificações.

Mas não se trata apenas de sexo. Porque não quero mais ninguém. Nunca senti tristeza quando alguém saía pela porta. Nunca senti a necessidade de proteger. Nunca quis me sentar e simplesmente não fazer nada com outra pessoa desde que conheci Mia, ainda adolescente. Quer dizer, até encontrar Mia novamente.

Meu telefone zumbe com uma ligação lá de baixo, da recepção. Deslizo para fora da cama silenciosamente. É muito cedo para visitantes inesperados.

– Alô?

– Bom dia, Sr. Draconi. Sua irmã está aqui para visitá-lo.

Posso ouvi-la reclamando ao fundo. Ela sempre teve passe livre para subir, mas, agora que Mia vem passando algumas noites na minha casa, revoguei esse privilégio. Jude é muito cabeça quente para descobrir Mia na minha casa por acaso e ficar por isso mesmo.

– Diga a ela que vou descer, mas não a deixe subir.

– Sim, senhor.

Procuro entre a pilha de roupas que Mia e eu deixamos para trás na noite passada, no chão da sala de estar, e visto uma camiseta e calças de moletom. Saio do apartamento sem fazer barulho e desço as escadas.

Assim que a encaro, Jude parece chateada. Eu entendo, ela está se sentindo excluída. Não era essa a minha intenção, mas fazer o quê? Não tenho outra opção.

– O que há? – pergunto. Não a vejo desde que a joguei contra a parede e ameacei matá-la.

– Então, o que é isso agora? Não posso nem subir direto? É assim?

Esfrego as têmporas.

– Não. Só quero privacidade.

Ela fica amuada por uns instantes.

– Por que você está fazendo isso? – ela pergunta, lágrimas se formando em seus olhos. Eu olho em volta para ver se alguém percebe nossa interação e depois a puxo pelo braço para uma sala de estar.

– Por que você está aqui?

– Pensei sobre o que você disse, e você está certo. Precisamos olhar para a frente. E eu estava sendo uma cretina. Vou te dar o seu espaço, mas não queria que parássemos simplesmente de nos falar. Então, queria ver como você estava indo. Que tal a gente tomar o café da manhã juntos?

– Estou feliz que você esteja começando a ver o meu lado das coisas. Eu

adoraria ir, mas tenho companhia.

– Desde quando você já se importou em expulsar uma das suas vadias?

– É desse tipo de coisa que eu estava falando.

– Está bem, está bem. Desculpe! – ela diz. – É só que você está agindo muito estranho. Nós não nos falamos há semanas e você nem me deixa subir. Estar com uma garota no apartamento nunca o impediu de me deixar entrar.

– Talvez eu esteja tentando ter um relacionamento saudável e normal.

Jude ri com zombaria.

– Tudo bem, aprecio essa sua virada de página que você está implementando na sua vida, mas você nunca vai ser um Ned Flanders.

– Ah, vai se foder – respondo, empurrando-a meio de brincadeira. – Não foi isso o que eu quis dizer.

– Então, quem é ela?

– Hum? – então, o meu celular vibra com uma mensagem de texto. Eu olho para ele:

Se você foi correr sem mim, eu te mato.

Deslizo o meu telefone de volta no bolso tão discretamente quanto possível, lutando muito para esconder um sorriso.

– Tenho que ir. – Eu me levanto.

– É ela. Não é?

Porra. Maldito sexto sentido entre gêmeos.

– Jude, agora não é a hora de falarmos sobre isso.

Ela se afasta de mim, mas então se vira bruscamente, erguendo o dedo indicador para mim.

– Você disse que havia terminado as coisas com ela. Foi o que acertamos. Ela teria que ir embora. Você a deixaria infeliz. Você faria com que ela se apaixonasse e então cairia fora. Essa é a única maneira de eu concordar com o acerto.

– Agora, não – sussurro com firmeza enquanto a encaro.

Jude reprime uma risadinha de desdém.

– Ela deve ser uma foda do outro mundo para você arriscar nossa relação por ela.

– Ela não fez nada. E não estou arriscando nada, Jude. É você quem está.

– Não acredito.

– Você tem que ir agora, Jude.

– Então, quer dizer que de uma hora para outra eu não significo mais nada para você. Depois de tudo o que passamos juntos. Nós costumávamos sair todos os dias. Você não precisa mais de mim em sua vida, agora que é o novo Tax.

– Você sempre será minha irmã e você sempre será importante para mim. Pare de ser tão dramática.

– Odeio quando você me chama de dramática.

– Então não seja tão fodidamente dramática.

– Depois de tantos anos, você ainda é um tolo nas mãos dela – ela diz, balançando a cabeça.

– Vá se foder.

– O mesmo para você.

– Bem, dito isso, fico feliz que tenhamos voltado a nos falar e você esteja disposta a aceitar que eu tenha o meu próprio espaço. Está tudo bem. E, quando eu não estiver ocupado, teremos uma longa conversa sobre isso.

Ela cruza os braços com ar de desaprovação e me fuzila com os olhos.

– Vou ligar para você e poderemos sair, só nós dois, um dia qualquer desta semana. Vou explicar tudo, mas preciso ir.

– Não posso acreditar em você – ela diz, genuinamente magoada. – É como se você me odiasse agora. Você não quer nada comigo desde que ela entrou na sua vida.

– Isso não é verdade. Nossos problemas não têm nada a ver com ela.

– Eles têm tudo a ver com ela! – ela silva alto.

– Eu não tenho tempo para essa merda. Vamos sair para jantar. Conversaremos. Eu não vou excluí-la. Eu prometo. Vou te ligar e levá-la a qualquer lugar que quiser para jantarmos. Talvez possamos passar o fim de semana em Door County ou algo assim. Ok? Agora tenho que ir – digo, saindo do salão.

Jude murmura, com os braços cruzados.

– Talvez eu não esteja por perto quando você finalmente tiver tempo para mim.

– Vou te ver esta semana… – respondo, correndo de volta para o elevador.

O aroma do café me atinge assim que eu abro a porta do apartamento. Mia está de pé na cozinha completamente nua, esperando ao lado da máquina de fazer café.

– Que beleza – digo.

– Aonde você foi? – ela pergunta, inclinando-se sobre o balcão. Seus olhos ainda estão inchados do sono e seus cabelos estão em absoluta desordem depois

de sofrerem tantos puxões nas minhas mãos.

– O porteiro teve um problema com uma entrega. Não fui correr sem você. Sempre cumpro as minhas promessas – falo, meu pau subindo enquanto admiro o seu corpo nu resplandecendo ao sol da manhã.

Caminho até ela e aperto-a contra mim. A maciez de seus seios cheios roçando contra o meu tórax faz o meu pau doer de desejo.

– Precisamos correr – diz ela, afastando-se de mim.

Eu agarro o traseiro dela com tanta força que ela se encolhe.

– Você sabe muito bem como são as coisas. Não há uma versão da história em que você ande por este apartamento com os peitos e a boceta de fora que não termine comigo fodendo você.

Eu a giro e a curvo sobre a ilha da cozinha e ela ofega enquanto esfrego a mão na sua boceta molhada.

– Porra, Mia, eu sabia que você queria isso.

Eu enfio alguns dedos dentro dela, e seu calor cremoso os engolfa. Meu pau pulsa pela expectativa de ser envolvido por sua boceta. Mas eu adoro provocá-la. Mesmo que seja uma rapidinha, existem maneiras de fazer sua boceta jorrar por mim.

Curvo os meus dedos em seu ponto G e ela ronrona como a porra de uma leoa.

– Para, Tax. Nunca conseguimos fazer nada – geme, empurrando os quadris contra o meu dedo. Seu protesto muito convenientemente se parece com ela fodendo com a minha mão.

Deslizo meus dedos para fora, eles brilham com os sucos de sua boceta e eu puxo-a pela nuca, usando a lubrificação em meus dedos para esfregar a ponta de seus deliciosos peitos. Ela enrosca o corpo contra o meu, com um gemido gutural. Pego um mamilo e estico-o, enquanto ela solta aquele gritinho sexy que faz o meu pau latejar.

Agarro o seu peito com força e o levanto.

– Lamba – digo. Ela morde o lábio inferior, olhando-me hesitante, provocando-me com os olhos castanhos. – Eu disse para você lamber, caralho – ordeno, apertando-o com mais força. Ela baixa o queixo e passa a língua ao longo do seu mamilo castanho-claro. Vê-la lamber o próprio mamilo assim faz o meu pau implorar para ser tocado, então, acaricio-o para aliviar o latejar.

Eu a puxo para mim apenas o suficiente para que eu possa lamber o restante de seus sucos que espalhei por seus peitos e isso é tudo o que consigo fazer antes de explodir.

– Puta que pariu, Mia. Eu vou te foder tão forte que o prédio inteiro vai ouvir

– eu falo, afastando o seu rosto de mim novamente e a segurando pelo pescoço para sustentá-la.

– Foda-me – ela implora, estendendo a mão para esfregar a sua boceta. *Caraaaaaaalho*.

– Diga “por favor” – gemo em seu ouvido. – Você gosta de implorar, não é?

– Por favor, Tax, enfia o seu enorme pau dentro de mim. – *Caramba, ela é quente pra caralho*.

Meto na sua boceta apertada, grunhindo pela pressão quente e forte que envolve o meu pau. Ela solta um gemido que parece um choro. A maneira como ela geme poderia fazer o meu pau explodir ali mesmo se eu deixasse.

Mergulho e mantenho o pau dentro dela, massageando o seu ponto G com a cabeça dele. Separo as abas de sua bunda e provoco o seu cuzinho apertado.

E, então, a maçaneta da porta da frente começa a se mexer.

– Oh, merda – gemo, prestes a gozar. Tiro o pau de dentro dela, rápido. A porta se abre.

– Quem é? – ela pergunta, tapando os seios.

– Se abaixa – digo, bem na hora em que Rex aparece por trás da porta. Ela cai de joelhos.

– Puta merda, caralho! – grito. – Será que posso ter um pouco de privacidade?

Então, sinto os lábios de Mia se envolverem em torno do meu pau. – *Que garotinha mais atrevida e pervertida*.

Rex não está olhando para mim quando começa a dizer:

– Desde quando ter privacidade algum dia… Que porra é essa?

Bem naquele instante, Mia começa a fazer uma porra de magia maligna no meu pau com as duas mãos e a boca: sugando, torcendo, lambendo.

– Ahhhh, que foda… – digo, segurando a mesa.

– Você está nu? – Rex pergunta.

– Vá embora, volte dentro de… tipo uma hora. – Assim que falo isso, ela agarra as minhas bolas. Sua habilidade em chupar pica é tão mágica quanto um maldito unicórnio.

– Ora, vamos, cara, que porra eu vou ficar fazendo durante uma hora?

Para um gênio, Rex pode ser muito imbecil às vezes.

– Rex, estão chupando a porra do meu caralho atrás desse balcão enquanto falamos. Preciso anunciar isso num cartaz para você perceber? Cai fora, caramba!

– Oh, foi mal, cara. Ok, tô saindo – ele responde. Eu deixo escapar um suspiro de alívio. Então, a porta se abre novamente.

– Puta merda, cara, a Mia está aqui?

– Você deve estar de sacanagem comigo! – O riso de Mia zumbe contra o meu pau. Definitivamente, eu deveria ter colocado o nome dele na lista negra do porteiro junto com o de Jude. Não cheguei a falar sobre o meu encontro com Mia, achando que isso cairia nos ouvidos de Jude antes que eu mesmo pudesse contar a ela.

– Tudo bem! – Rex diz, retrocedendo e batendo a porta atrás dele.

– Uhhhh… – Jogo a cabeça para trás e desfruto da sensação da maravilhosa e quente boca de Mia no meu pau.

– Venha cá – digo, puxando-a para cima. – Isso que você acabou de fazer foi pervertido pra caralho.

– Você é uma má influência – diz ela com um sorriso malicioso.

– É, sabidinha? Agora vou acabar com você de tanto meter!

Capítulo 39

Mia

ESTOU ME SENTINDO UM CACO HOJE. Acordei nauseada e indisposta. Para completar, minha menstruação está começando a descer. Essa coisa toda com Tax me deixou menos produtiva nas últimas semanas porque quero passar todo o tempo com ele ou pensando nele. Eu sei. Isso é patético, certo? Virei uma adolescente apaixonada.

Enfim, como tenho uma empresa para comandar, eu insisti, contra a vontade de Tax, que eu passaria a maior parte das noites dos dias úteis na minha casa, longe dele. Dessa forma, posso ter uma boa noite de sono e também levar um pouco de trabalho para casa comigo. Trabalho esse, devo acrescentar, que está atrasado desde a semana em que ele me deixou. Eu exibi um rosto feliz para todos na Alea durante esse tempo, mas ainda assim a minha produtividade foi prejudicada. Gosto de lembrá-lo de que é do investimento *dele* que estou cuidando no fim das contas, embora agora eu saiba que originalmente ele não tinha intenções de fazer a empresa crescer.

Agora, quando entro na Alea ao meio-dia desta terça-feira, sinto que nunca vou botar o trabalho em dia. Felizmente, parece que seja lá o que eu tive passou sozinho, embora a minha menstruação tenha resolvido dar as caras na sua visitinha mensal. *Desgraçada.*

– Bom dia… Ops, quero dizer, boa tarde, Mia! – começa a falar Laney enquanto caminho numa linha reta para o meu escritório. – Está se sentindo melhor?

– Boa tarde! Sim, acho que comi alguma coisa estragada ou algo do tipo. De qualquer forma, agora estou zerada! Tem alguma coisa que eu deveria saber?

– Sim. Ligaram da Adão e Eva, eu os transferi para o seu correio de voz. Ah, e Pete estava procurando por você. Eeeeee o Sr. Draconi está no seu escritório – ela diz pressionando os lábios, que formam uma linha fina em sua boca, enquanto seus olhos se arregalam.

– Peraí, o quê?

Ela mantém os lábios franzidos e murmura, apontando a cabeça na direção do meu escritório.

– O senhoooor Draacooniiii estááá nooo escriiitóóório.

– Sim, isso eu entendi.

– Desculpe, normalmente eu não deixaria ninguém entrar, mas ele insistiu e meio que é o dono de toda a empresa.

– Não, tudo bem – eu digo, deixando cair uma pasta e depois derramando meu café no chão quando me inclino para apanhá-la. – Droga! – Eu não encontro Tax nesse escritório desde a nossa última reunião depravada da madrugada de terça, semanas atrás, e tê-lo aqui tão inesperadamente me traz de volta aquela sensação de deliciosa ansiedade.

– Vai lá. Eu dou um jeito nisso – oferece-se Laney, tirando as pastas dos meus braços e praticamente me empurrando na direção do meu escritório.

– Segure as minhas ligações! – eu peço enquanto me dirijo para a porta.

Endireito o meu vestido esvoaçante, aliso os meus cabelos e abro a porta.

Tax está sentado na MINHA cadeira, sorrindo exatamente como eu sabia que ele estaria. Ele adora me ver no limite. Ele está vestindo um terno preto com uma camisa branca e uma gravata mostarda que realça os tons azeitonados de sua pele. Pelos meus ovários, como ele está gostoso nesse terno com aquela tatuagem espreitando logo acima do colarinho. Eu fecho a porta atrás de mim.

– O que você está fazendo aqui?! – sussurro.

– Eu esperava uma reação muito melhor do que essa – diz Tax, reclinando-se na minha cadeira.

– Bem, já faz um tempo desde que o vi aqui. E… eu não esperava você.

– Está se sentindo melhor?

– Sim, estou. Obrigada por perguntar.

– Que bom, porque eu vim aqui por uma coisa – ele diz, lambendo os lábios.

– Você queria jogar damas? – pergunto.

– Ei, é você que insiste em ir para casa sozinha, senhorita Independente.

– Bem, você sabe, estou dirigindo sua empresa e, ironicamente, você é uma distração imensa para essa tarefa. E essa cadeira em que você está sentado é minha, senhor.

– Não se esqueça de quem é o chefe aqui – ele diz, levantando-se. Regrido imediatamente à mulher que estava à mercê desse homem sombrio. Quando ele não está na Alea, eu estou no comando, mas assim que Tax está na minha frente, seu cabelo para trás, seu corpo elegantemente envolto em um terno Armani, eu me torno sua puta secreta. E sim, isso me deixa com tesão.

– Você sabe que vou ficar fora alguns dias a partir desta tarde. Eu pensei que dar uma passada na sua casa ontem me seguraria, mas decidi que precisava da

sua boceta uma vez mais antes de ir.

– Ou você poderia simplesmente ficar na cidade. Você provavelmente vai pra lá só para tomar sol mesmo.

– Por que todo mundo acha que não trabalho? – questiona Tax, exasperado. Eu sei que Rex adora encher o saco dele com essa história, então me junto ao coro de vez em quando. – Se eu só fosse tomar sol, você viria junto. É uma porcaria chata de mercado imobiliário, como você sabe.

– Talvez seja porque você faz tudo parecer tão fácil.

– Essa é uma boa explicação. Alguns de nós não se esforçam tanto para manter as coisas nos eixos – ele diz, brincalhão.

– Você só está com inveja porque trabalho numa fábrica de vibradores, como você gosta de chamá-la. É muito mais divertido do que o troço entediante que você faz – eu digo.

Tax aproxima-se lentamente, uma expressão faminta em seus olhos enquanto ele se pressiona contra mim. Eu recuo um passo para a porta, e o seu peito sólido me encurrala contra ela. Seus lábios chegam perto dos meus a uma distância quase invisível e então ele estende o braço além de mim.

Click.

Esse som traz de volta uma inundação de lembranças. Tanta coisa mudou desde aquele primeiro dia. Aconteceu lágrima por lágrima, estocada por estocada, beijo por beijo, mas ao longo do tempo Tax e eu evoluímos para algo lindamente feio. A jornada dolorosa é tão importante quanto este momento, porque, sem ela, o que nós temos agora não teria o mesmo significado.

Tax ainda é uma fera selvagem, mas agora ele é a *minha* fera selvagem.

Ele desliza os dedos em volta do meu pescoço e me puxa para ele, pressionando seus lábios contra os meus. Ele murmura na minha boca, seu hálito cálido misturando-se ao meu.

– Vim aqui pela minha boceta. Agora dê para mim.

Ele possui a minha boca, deslizando sua língua contra a minha, puxando o meu lábio superior com os dentes. O calor se espalha entre as minhas pernas, minha calcinha se umedece, como uma reação condicionada à sua agressão sexual neste prédio.

Seus beijos vagam pelo meu pescoço, seguidos de mordidas furiosas. Ofereço a lateral do meu pescoço a ele, como alguém convidando um vampiro a cravar as presas. Tax agarra a minha bunda, arrastando-me para a minha mesa. Ele me senta na beirada dela, parando para desabotoar o seu paletó. Enquanto o arranca, seguro os botões da camisa, abrindo-os, enquanto ele se agarra à parte de trás

dos meus joelhos e me puxa para ele. Meu porta-lápis cai e as canetas rolam pela borda da minha mesa, uma por uma.

– Espera… espera… – alerto, pressionando uma das mãos contra o seu peito nu.

– Não – ele rosna, puxando o meu vestido para cima.

– Estou menstruada – digo com remorso, como se fosse minha culpa.

Ele se detém, inclinando o nariz no meu pescoço, como se tivesse sido pego desprevenido. Um leve suspiro sopra nos delicados pelos do meu pescoço.

Por um momento, parece que o clima pode mudar.

Mas então, Tax ri no meu pescoço, sua respiração fazendo cócegas na dobra atrás da minha orelha. Ele se endireita, olhando-me com seus olhos da cor do chocolate.

– Mia, você acha que um sanguinho de nada me assusta?

– Bem, não pensei…

– Estou pouco me lixando para a sua menstruação. – Ele desloca minha calcinha para o lado e gentilmente puxa a cordinha do meu absorvente interno de modo que isso provoca a minha boceta com promessas de prazer. – Você quer fazer as honras, ou eu devo fazer?

Puta merda, por que é que acho isso tão excitante?

– Qual é o seu desejo?

– Garota esperta. – Ele me encara com os olhos carregados de tesão. – Por que você não o tira para mim? Devagarinho. – Sua voz é rouca e grave, originando-se de um lugar profundo de desejo ardente.

Tax afasta-se para ter uma visão melhor. Desço da mesa, ficando em pé, e deixo a minha calcinha escorregar até o chão, depois deslizo de volta para a mesa e mordo o meu lábio enquanto subo de novo o meu vestido de forma provocante. Tax assiste com um sorriso canalha enquanto desabotoa suas calças e enfia a mão lá dentro para puxar o pau pra fora. Seus dedos grossos agarram o tronco, e deslizam para cima e para baixo, girando, enquanto ele solta um longo suspiro. Ele me observa através de seus olhos escuros e semicerrados enquanto desço meus dedos pelo interior das minhas coxas, até os meus joelhos, e abro minhas pernas.

– Sua boceta é linda pra cacete, querida – ele me diz.

Lambo os lábios enquanto levo suavemente as pontas dos meus dedos de volta para o interior das coxas, alcançando a cordinha de algodão branco.

– Retire-o. Devagar. Deixe-o fazer cócegas nos seus lábios vaginais conforme for saindo.

Puta merda, ele é tão pervertido.

Eu puxo a cordinha firmemente desta vez, soltando-o de pouquinho em pouquinho. Minha menstruação acabou de começar a descer, então a sequidão causa um pouco de desconforto, mas, assim que está livre, eu deslizo o absorvente aos poucos, deixando as fibras provocarem cócegas contra a carne da minha abertura.

Um arrepio percorre meus braços e coxas enquanto Tax me assiste executar o ato devasso enquanto massageia o seu pau. Eu balanço o absorvente sobre a lixeira e ele produz um pequeno baque quando no fundo.

Tax se levanta, ainda segurando seu pau grosso e curvo na mão. Ele vem até mim e o desliza para cima e para baixo na minha fenda.

– Minha perfeita putinha – ele me diz. São palavras de carinho. Sou uma puta para ele e ninguém mais.

– Você vai conseguir ficar quieta? – pergunta Tax. Ele me faz gritar.

– Tenho escolha?

– Aqui está uma medida de segurança – ele diz, pegando sua gravata e enrolando-a numa bola. Abro a boca voluntariamente. – Agora, vou te comer com força. Vou te machucar, do jeito que você gosta. – Ele ergue um dos meus peitos até a altura do meu decote e roda o polegar no meu mamilo. – E você vai ficar de boca fechada.

Projeto os meus quadris para a frente e para trás, sinalizando que vou obedecer. Ele cospe em suas mãos e alisa o seu pau grosso, olhando para mim como um predador avançando em direção à sua presa. E então seus olhos se apertam quando ele penetra profundamente em mim. Meus gemidos altos são pouco abafados pela gravata na minha boca.

– Caralho, Mia, você não se segurou na primeira metida – ele geme. – Você precisa se esforçar mais.

Concordo, concentrada. Mais uma vez, ele mergulha dentro e sai de mim. Enfio o rosto em seu peitoral quente enquanto passo meus braços ao redor dele para abafar minha doce agonia. Ele vem com tudo até o fundo, puxando a carne da parte de trás das minhas coxas para que batamos um contra o outro a cada estocada.

– Mia, a sua boceta é sempre minha, estou pouco me fodendo qual é o dia do mês – ele geme entre suas poderosas investidas.

A pele das minhas coxas queima por conta do atrito do aperto de suas mãos, mas isso só contribui para acelerar a explosão do desejo que irrompe do meu núcleo. Ele me levanta da mesa e desaba em uma poltrona.

– Fode, Mia. Usa o meu pau para gozar. – Seus dedos arrastam as mangas do meu vestido para que meus seios se liberem.

Planto os pés no chão e rebolo para cima e para baixo em sua rígida solidez. No mesmo instante, o acúmulo de prazer tem início.

– Faça seus peitos balançarem – ele diz, apertando os dois juntos em suas mãos enquanto corre seus lábios molhados contra os meus mamilos, em seguida, puxa um com os dentes. – Faz essa boceta safada gozar no meu pau, Mia. Gozar nele todinho.

Seus quadris sobem para encontrar os meus cada vez que eu pouso em seu cacete, e a profundidade que ele alcança emite ondas de energia lá do fundo. Aperto a minha boca na gravata e enterro meu rosto na tatuagem em seu pescoço, deixando-o abafar os sons dos meus gritos de prazer inimaginável.

Tax solta um suspiro do fundo do peito, pois ele está usando sua própria força para regular o meu ritmo, e solto mais um gemido quando seu pau grande incha, disparando sua porra bem lá dentro de mim.

Eu me recosto em seu peito arquejante por alguns minutos, meus olhos navegando pela colagem de cicatrizes em seu peito. Antes elas eram como sua tatuagem, apenas uma manifestação física de um homem misterioso. Mas agora, quando eu olho para elas, meu coração dói por ele. E então fico com raiva. Eu tento não demonstrar isso, porque ele não precisa de mais raiva em sua vida, mas as cicatrizes me lembram como o mundo pode ser um lugar injusto. E, no entanto, apesar da injustiça, a beleza surge. Suas cicatrizes defendem um físico espetacular, robustez e beleza combinados, elas são uma característica de Tax. Nunca as enxerguei como um defeito, mas como uma assinatura. Quando eu costumava trilhar os meus dedos ao longo de seu peito, ele travava, mas agora é diferente. Não há segredo. E ele sabe que eu não sou a responsável por ter rasgado a sua carne.

Deslizo o meu dedo indicador pelas colinas de seus peitorais, encontrando vez ou outra a carne elevada. Sinto que ele me observa em silêncio. Há algo no ar entre nós, como se ele quisesse dizer alguma coisa, mas estivesse retendo. Tudo bem. Sei que ele me dirá quando estiver pronto.



Tax

Eu costumava me encher de raiva quando ela tocava as minhas cicatrizes.

Como ela se atrevia a tomar a liberdade de tocar a brutalidade que eu suportei a seu mando? Como se atrevia a fingir que seu toque poderia me curar? Precisava de todas as minhas forças para não a atacar, mas mesmo assim eu estava lutando contra alguma coisa.

Mesmo quando pensava que havia sido ela que armara para mim, seu toque ousado me fazia sentir coisas que eu nunca me permitia sentir. E agora, enquanto ela corre seus dedos delicados ao longo das lembranças permanentes do sofrimento pelo qual Jude e eu passamos, não me sinto mais em conflito. Posso permitir o que quer que aconteça quando ela me toca.

Quando eu era criança, costumava ter uma compulsão para destruir coisas delicadas e bonitas. Se eu passasse próximo a um canteiro de belas flores, eu pisava nelas. Se visse um arbusto florescendo, eu pegava um galho e batia nele até que o chão estivesse cheio de pétalas espalhadas. As coisas que nasciam bonitas, que eram regadas e cuidadas, me inquietavam. Nada deveria ser assim tão fácil. A delicadeza deve ser corrompida, e a verdadeira beleza deve ser merecida.

Mia permite que eu ainda satisfaça essa compulsão. Mas, com ela, posso fazê-lo sem destruir a sua beleza. Ela é forte e compassiva, e, ao contrário das flores que murcharam e morreram quando as destruí, ela floresce. Não há ninguém como Mia. Ela é delicada e feroz. Ela ganha vida quando enfrenta a minha feiura.

Acho que ela entende isso, mas eu nunca, de fato, disse isso. Eu não posso arrancar as palavras dos meus pensamentos. Fiz isso uma vez, catorze anos atrás, e, ao fazê-lo, tudo desmoronou. Não quero que isso desmorone. Não quero que acabe. Talvez se eu não disser, isso jamais vá embora. Ela pode ser vulnerável por nós dois, mas eu nunca vou me abrir. Sempre que eu faço isso, a crueldade do mundo encontra uma maneira de escorrer através das fissuras.

Então, em vez de palavras, proporciono sexo e toque e espero que ela entenda que é tudo o que posso dar. Eu já a adverti de que é tudo o que tenho à minha disposição.

Quando Mia me contou que estava menstruada, meu primeiro sentimento foi de decepção. Foi instinto puro. Em algum lugar bem dentro de mim, ansiei por algo para expressar a proximidade que sinto com ela. Eu sou um zero à esquerda em demonstrar isso, ou expressar isso. E não há conexão maior do que uma criança. Mas, momentos depois, fui tomado pelo alívio. Nós realmente podemos seguir em frente, livres das consequências das mentiras em que eu acreditei a respeito dela.

Então, há uma outra coisa que farei por ela. Algo que ela nunca saberá. Não vou substituir a próxima cartela de pílulas anticoncepcionais por placebos. Porque Mia merece uma escolha. E não é mais a estratégia para manter Jude feliz enquanto tenho Mia na minha vida. Se Mia e eu um dia tivermos um filho, será porque nós dois queremos, não como uma oferenda a Jude. Jude terá que aprender a aceitar as coisas exatamente como eu aprendi. O que tenho com Mia pertence a nós e somente a nós. Ninguém mais pode ter um pedaço.

Pego a mão dela, tão pequena e entrelaçada na minha, e mordisco a ponta do dedo que roçou o meu peito.

– Tenho um voo para pegar, querida – digo a ela.

– Eu sei. Esta reunião também está começando a demorar suspeitosamente demais. Laney provavelmente está com a orelha colada na porta – ela suspira.

Meu celular toca e verifico o visor. É a Jude. Não falo com ela desde que foi ao meu prédio naquela manhã. Tenho tido a intenção de dar uma passada para vê-la, mas a maior parte do meu tempo livre passei com Mia e agora tenho essa viagem de última hora. Ignoro a ligação. Vou entrar em contato com ela assim que eu voltar de viagem. Não faz sentido tentar botar a conversa em dia por telefone. Ela vai ficar reclamando e resmungando como sempre tem feito nesses últimos dias. Eu digito para ela um texto rápido dizendo-lhe que vou sair da cidade e falarei com ela quando retornar. Então, atiro o telefone para o lado e volto a falar com Mia.

– Desculpe por isso. Era a Jude. Enfim, estarei de volta na quinta. Então, vou ter você para mim o fim de semana inteiro. E aí eu vou te trancar na minha cobertura, vender a sua casa e mudar todas as suas tralhas para lá.

– Essa é a maneira à la Tax Draconi de me pedir que vá morar com você? – ela questiona. Sinto sua bochecha pressionada contra o meu peito quando ela sorri.

– Na verdade, acho que é.

Ela faz uma pausa por um momento e acaricia o meu peito com o seu nariz.

– Bem, já que você pediu com jeitinho… mas só se tiver espaço para o meu CD player rosa e prata.

– Ah, merda. O valor do imóvel vai cair, mas acho que tenho um lugar para ele. Escondido. Numa caixa. No fundo de um armário. Onde ninguém possa vê-lo – digo, curtindo a melodia de sua risada.

Capítulo 40

14 anos antes

JÁ FAZ TRÊS DIAS QUE ACORDEI E AINDA não vi Jude. Eu continuo pedindo para vê-la e todos evitam o assunto, dizendo que ela está sedada ou está se recuperando. Hoje é o primeiro dia em que tenho permissão para perambular pelo hospital com muletas. Até então, a dor nas minhas costelas era muito forte para suportar o meu próprio peso.

Evidentemente, minha primeira parada é o quarto de Jude. O hospital é pequeno e levo apenas alguns minutos para encontrá-la, mesmo no meu ritmo lento. Há duas camas no quarto, mas a mais próxima da porta está vazia. A cortina está baixada entre elas, tapando Jude. Na televisão, está passando uma reprise de *Galera do Barulho*, seu seriado preferido.

Eu entro no quarto, caminhando com dificuldade, espio além da cortina e uma forte corrente de náusea me atinge o estômago. Ela parece tão pequena na cama, seu corpo coberto de hematomas roxos e verdes. Seu rosto está arranhado. Ela está dormindo, e eu engulo as lágrimas e o muco que ameaçam entrar em erupção de dentro de mim enquanto assimilo o que eles fizeram com ela enquanto eu estava inconsciente, a poucos centímetros de distância.

Eu escondo o rosto no meu antebraço, sufocando o choro que irrompe. Meu choro abafado agita Jude e ela vira o rosto e abre os olhos.

– O que você está fazendo aqui? – ela pergunta, grogue.

Eu refreio as lágrimas.

– Eu queria ver você.

– Eu não quero que você me veja assim – diz ela.

Esse tempo todo foi Jude quem pediu para não me ver nos últimos dias.

– Por quê?

Seus lábios tremem incontrolavelmente, seus olhos ficam vermelhos e marejados de lágrimas.

– Eu… eu… eu… estou envergonhada.

Então, uma torrente de lágrimas escorre pelo seu rosto e o meu choro engasgado se liberta. Por alguns minutos, ela e eu apenas choramos. Não apenas sobre isso, mas em relação a tudo. Nunca nos permitimos o privilégio da autopiedade.

Mas, se há algum momento para chafurdarmos em nossa tristeza, esse momento é agora.

Sento-me ao lado dela.

– Eu é que deveria estar envergonhado, não você. Eu que fui o idiota que acreditou que Mia algum dia quis me encontrar. Eles usaram a minha estupidez para armar para cima de mim. Eles machucaram você, Jude. Você não fez nada de errado. Eles é que deveriam sentir vergonha.

– Eles fizeram você assistir… – ela começa a chorar novamente. Eu compreendo a vergonha. Embora não seja culpa dela, a ideia de seu irmão presenciar a perda de sua virgindade de uma maneira tão repulsiva ainda a atormenta com humilhação. Eu também estou envergonhado por ter tido que assistir.

– Não vi muita coisa. Desculpe por não poder tê-los detido. Eles me derrubaram várias vezes. Eu tentei tanto impedi-los!

– Queria que fôssemos mais fortes. Que pudéssemos tê-los matado. Outra coisa pela qual podemos agradecer ao papai, ter demorado para entrar na puberdade. – Ela diz isso como uma piada, mas sei que está falando sério cada uma das palavras.

Nós nos sentamos em um silêncio devastador por algum tempo, até que Jude reúne forças para falar novamente.

– Sil… eles me disseram… que eu estou… que eu estava sangrando e eles tiveram que fazer uma cirurgia. Que não poderei… ter… filhos.

Eu estremeço, arrasado, lágrimas que bem poderiam ter sido uma chuva de fogo derramam-se pelo meu rosto. Desde que éramos pequenos, ela valorizava cada boneca como se fosse uma criança de verdade. Nós não ganhávamos muitos brinquedos, então quando ganhávamos era uma coisa e tanto. Ela me disse que queria ter filhos cujos pais fossem bons como nós nunca tivemos. Ela queria reescrever nossas vidas por meio de seus próprios filhos. E agora, mesmo aquele dom inerente que lhe fora dado, a capacidade de gerar vida, havia desaparecido.

– Quando os médicos disseram que você poderia andar? – eu pergunto.

– Posso me levantar só para fazer xixi por enquanto. Mas acho que vai demorar mais uma semana para que possa me mexer de verdade. Por quê?

– Não estamos seguros aqui. Papai te disse?

– Eu sei. Ele disse que ele iria te machucar se eu contasse.

– Não é só ele, o xerife Tibbett, os Pettit, todos eles sabem e vão acobertar tudo. Não podemos viver aqui. Não vou deixar você ir à escola e ter que enfrentar aqueles idiotas.

– Eu queria poder matar todos eles, fazê-los sofrer para sempre.

Assinto com a cabeça, desejando que existisse uma forma de eu poder explodir toda essa merda de cidade em milhões de pedaços.

– O que vamos fazer? – ela pergunta.

– Assim que nós dois tivermos alta, quando papai estiver no trabalho, vamos fugir. E aí prometo a você que, um dia, vamos fazer cada filho da puta nesta cidade pagar.

Nós choramos em silêncio até não haver mais lágrimas.

Esta será a última vez que vou chorar.

Capítulo 41

Presente

Mia

Ele mal pode esperar para vê-la.

Essa é a mensagem de texto que recebo de Tax na manhã da quinta-feira, acompanhado de uma foto de seu lindo pau.

E quanto à outra cabeça presa ao corpo?

Você sabe a resposta. Falei sério antes de viajar, sobre você ir morar comigo. E isso não é apenas papo do Hércules.

Hércules? Por favor, me diga que você acabou de inventar isso.

Será? 😉

Posso perdoar qualquer coisa, menos dar ao seu pau o nome de Hércules.

É zoeira (na verdade não). Mas era sério sobre a outra parte.

Eu sei. E eu estava falando sério quando dei a minha resposta.

Ótimo. Agora você pode parar de fingir que faz outra coisa além de pensar em mim o dia todo.

Igualmente, Tax.

Embarcando. Vejo você em algumas horas.

Passo as próximas horas trabalhando na minha mesa, tentando manter a mente longe da minha reunião com Tax. Por volta das onze e meia da manhã, Laney me dá um toque no telefone.

– Oi.

– Oi. Tenho uma ligação na linha de alguém da Draconi…?

– Draconi? Sério?

Nunca tratei com ninguém mais a não ser Tax com relação à Draconi. E acho estranho que ele não tenha me avisado com antecedência que alguma outra pessoa poderia ligar.

– Essa pessoa deu o nome?

– Sim, ela disse que era importante. O nome é… Judith James.

Jude?

– Sim. Sim, pode passar.

Laney transfere a ligação para mim.

– Alô? Jude? – pergunto.

– Sim. Olá, Mia.

– Oh, meu Deus, há quanto tempo. Está tudo bem? – Por um instante, eu entro em pânico, lembrando que Tax está em um voo e ela é sua parente mais próxima.

– Sim. Desculpe, não queria te preocupar. Eu imaginei se poderia conversar com você o quanto antes. Talvez nos encontrarmos na hora do almoço?

– Hummm… sim… sim. Claro. Sobre o que que é? – Tax disse que ela teve dificuldade em aceitar o que aconteceu. Talvez esteja pronta para ouvir o meu lado das coisas.

– É sobre o Tax. Estou preocupada. Preciso lhe pedir um favor. Por favor, não diga a ele que eu a procurei. Pelo menos não até depois de nos falarmos.

– Ok… – eu respondo hesitante. – Podemos fazer isso fora do escritório?

– Eu preferiria assim porque é um assunto pessoal.

– Ok. Meio-dia está bom para você? Tem um parque do outro lado da rua da Alea. Você sabe onde fica?

– Sim. Te vejo lá.



Meus joelhos saltam para cima e para baixo enquanto espero nervosa por Jude em um banco do parque. Eu quase sinto a necessidade de me desculpar com ela. Embora eu não tenha feito nada, durante todos esses anos ela pensou que eu fiz. Durante todos esses anos, na cabeça dela, provoquei ao irmão dela e ela a tortura

que enfrentaram.

E quero pedir desculpas pelo que aconteceu com ela. Sei que a culpa não é minha, mas é como dizer “sinto muito” a alguém quando ele perde um ente querido. Você não está aceitando a culpa, está expressando sua tristeza pela tragédia em si.

Olhando para trás agora, sinto que fui parte do problema. Fiz amizade com Sil, mas isso não foi suficiente. Não o convidei para se sentar comigo no almoço, não o apresentei aos meus amigos. Quando eu era criança, o impacto desses pequenos atos nem me ocorria. Era mais fácil manter Sil para mim mesma. De certa forma, gostei da nossa amizade secreta e não queria compartilhá-la.

E Jude, ela veio à minha casa algumas vezes e manteve-se ocupada enquanto Sil e eu trabalhávamos em nosso projeto. Ela sempre foi legal, um pouco mais impetuosa do que Sil. Eu gostava dela. Mas nunca interagi com ela. Eu poderia tê-la convidado para sair comigo e minhas amigas, mas simplesmente deixei as coisas como estavam.

Eu deveria ter feito mais. Ser uma pessoa legal passivamente não é bom o bastante. Sei disso agora, mas não sabia quando tinha dezesseis anos.

Mais ou menos cinco minutos depois do horário combinado, eu vejo uma mulherzinha caminhando pela entrada do parque. Ela continua sendo uma coisinha minúscula. Claro que ela é uma mulher agora, então está alguns centímetros mais alta e deve pesar uns quarenta e cinco quilos. Seu tamanho é quase cômico se comparado ao de Tax. Seus cabelos negros e lustrosos têm um corte chanel, e ela está absurdamente vestida de preto dos pés à cabeça: calças enfiadas em botas de salto alto, um blazer preto abotoado até em cima e óculos escuros do tipo gatinho. Eu me lembro que no ensino médio ela costumava usar muita cor, enquanto Sil vestia-se como se estivesse em estado de perpétuo luto. Neste instante, parece que sua próxima parada poderia ser um funeral.

Eu me levanto e aceno para ela, ela acena com a cabeça e caminha na minha direção.

– Jude, é tão bom ver você! De verdade – eu a cumprimento, estendendo os meus braços para um abraço.

Ela aceita, mas o abraço é breve.

Jude tira seus óculos escuros, revelando seus grandes olhos negros, emoldurados por longos e espessos cílios, assim como os de Tax. Ela se tornou uma mulher muito atraente.

– Eu agradeço por você separar um tempo para me encontrar. Imagino que Tax possa ter lhe passado uma certa impressão de mim. Então, obrigada por me

dar a chance de explicar o meu lado das coisas – diz ela enquanto nós duas nos sentamos no banco.

– Claro. E, bem, Tax só me disse que você estava tendo dificuldade em aceitar que as coisas não eram como vocês haviam pensado originalmente. E só quero que você saiba que eu nunca, jamais soube. Pensei que tivesse perdido a carta. Eu nem sabia que havia uma carta, para ser sincera. Se eu tivesse ficado sabendo, teria contado ao meu pai e garantiria que ele levasse todos a julgamento.

Seus olhos escuros se arregalam e ela se inclina um pouco para trás, aparentemente surpresa com a minha afirmação. Ela ajusta sua posição no banco para me encarar.

– Entendo isso. Mas, Mia, estou aqui para te contar que existem algumas coisas que você tem que saber sobre Tax. Coisas que ele obviamente não lhe contou.

Capítulo 42

Tax

– Desculpe, Sr. Draconi. A Sra. Tibbett saiu para almoçar e depois ligou dizendo que não estava se sentindo bem e ia para casa. Ela tem estado mal do estômago a semana inteira. Cancelei todos os seus compromissos, mas não vi nada marcado com o senhor hoje – diz a assistente de Mia, que me encara de forma nada discreta toda vez que venho ao escritório.

– Não, está tudo bem. Eu estava na área e pensei em dar uma passada para um bate-papo rápido. – Eu esperava fazer uma surpresa e levar Mia para almoçar. Enviei-lhe uma mensagem de texto do aeroporto, mas ela não me respondeu. Deve estar descansando em casa.

No caminho para a casa dela, paro no Mercado Público de Milwaukee e compro-lhe uma sopa em sua loja favorita. Isso é o que os bons namorados fazem, certo? Aos poucos, eu vou aprendendo.

Quando chego à casa de Mia, uso as chaves que ela me deu para entrar no caso de ela estar tirando uma soneca. Eu tenho as minhas próprias cópias, dos meus dias de vingança, mas gosto de usar as que ela própria me deu. Passo pelo vestíbulo e entro na sala de estar, onde apenas um abajur está aceso. E é então que a vejo, sentada no sofá, inclinada para a frente, seu peito tremendo. Ela está chorando. Algo está errado. Ela deve estar se sentindo muito mal. Ou alguém a machucou. Vou matar quem quer que tenha sido.

– Mia? O que há de errado, querida? – pergunto, largando a sopa na mesa mais próxima.

Ela olha para mim, seus olhos inchados e vermelhos. Eu a fiz derramar lágrimas antes, mas desta vez ela parece arruinada. Está diferente.

– Jude me contou tudo – diz ela.

Vou matar aquela filha da puta.

– Ei, ei. Do que você está falando?

– Você sabe muito bem do que estou falando! – ela faz uma pausa, como se tivesse medo de perguntar. – Você… matou o meu pai?

Vergonha. Aí vai ela, envolvendo o meu peito e apertando-o forte. Medo. Martelando o meu coração como um tambor tribal. Vou perder Mia hoje. Vou

perder a melhor coisa que já aconteceu comigo.

– Acalme-se. Deixe-me explicar.

– Não vou me acalmar! Explicar? Era uma pergunta de sim ou não. Você ia me matar naquela noite. Na noite em que você entrou na minha casa. Você não veio apenas para me intimidar. Você ia cortar a minha garganta, seu doente!

Embora eu esteja parado em pé diante dela, com toda a minha altura, me encolho todo por dentro. Agora eu me sinto nauseado.

Tentei explicar para ela o que realmente sou, mas ela não conseguia entender. Eu não queria vê-la assim, eu estava tentando protegê-la da verdade horrorosa.

– Mia, eu nunca te machucaria.

– Tudo o que você fez foi me machucar. De novo e de novo. E é minha culpa por ser uma idiota e pensar que eu poderia salvar você. É esse meu estúpido complexo de salvadora.

– Você me salvou – digo, desesperado para me agarrar a qualquer fragmento de respeito ou amor que Mia ainda possa ter para mim.

Mas essas palavras não tocam o seu coração, que está protegido por raiva e sentimento de traição.

Ela franze o cenho para mim.

– Se eu tivesse provas, se meu pai não tivesse sido cremado, eu não hesitaria em procurar a polícia para te entregar. Você tem sorte de sua irmã deixar claro que não há vestígios de nada que você fez.

– Jude está tentando nos sabotar.

Mia ri com incredulidade.

– Ela me contou o verdadeiro motivo pelo qual você não queria que nos encontrássemos. Porque ela queria me contar tudo. Você a fez parecer uma psicopata desenfreada. Ela me pareceu perfeitamente calma e bem quando me encontrei com ela.

Meu desespero se converte em fúria maníaca enquanto aperto as têmporas com os punhos fechados e grito.

– Mia, ela está louca. Você não consegue perceber o que ela está fazendo? Ela queria você morta. Tenho tentado evitar que ela te machuque!

– Bem, eu estava bem na frente dela hoje e ela não fez nada.

– Você tem certeza disso?

Em algum momento durante os gritos, Mia tinha ficado de pé. Eu estava muito alterado para notar, mas percebo quando ela desmorona novamente no sofá.

– Por que, Tax? Meu pai era um bom homem. Entendo os outros, mas você

me tirou a única pessoa em quem eu podia confiar. Você o tirou de mim e me deixou sozinha neste mundo. Minha mãe me foi tirada e depois o meu pai… Você é um filho da puta doente.

– Você tem que entender… Eu não disse nada porque não queria te magoar.

– Pare! Simplesmente pare de dizer isso!

– Mia, ele pode ter sido um bom pai para você. Mas ele foi um homem diferente para mim e Jude. Eu não queria te dizer isso… mas ele fez parte da farsa. Ele recebeu dinheiro e, mesmo quando tentei contar a ele o que aconteceu, ele me disse que iria prender a mim e Jude por roubar o carro do meu pai e atacá-lo. Ele me disse que nunca mais a visse.

Ela se levanta.

– Cale-se! Não ouse falar dele! Ele era um bom homem!

– Entendo por que ele fez isso. Ele tinha que criar uma filha sozinho. Como você acha que ele pôde enviar você para a Universidade Marquette com o salário que ganhava? Ajudar você a comprar sua casa? Mia, foi com dinheiro de sangue! Meu sangue, o sangue da minha irmã!

– Você é um maldito mentiroso! Minha mãe tinha seguro de vida.

– O seguro de vida dela era uma mixaria.

– Como você poderia saber? Ah, sim, você me espionava havia anos. Você é louco e eu sou muito mais louca por confiar em você.

Não consigo vencer sua resistência. O pânico se instala enquanto permaneço parado ali, observando Mia escapar de mim. Preciso fazê-la enxergar através da raiva, da dor e do medo. Não posso perdê-la novamente.

– Mia, minha irmãzinha de trinta e sete quilos foi estuprada por um bando de adolescentes bêbados que pesavam pelo menos uns cinquenta quilos mais do que ela. Eles me espancaram até quase a morte. Então eles a foderam com garrafas quebradas, galhos de árvore, bateram nela, chutaram sua barriga. Eu a vi estendida lá enquanto eles fodiam o seu corpo inerte. Seu ex-namorado e o escroto do irmão dele forçaram os amigos a fazer o mesmo, para que ninguém pudesse abrir a boca e denunciá-los. Eles foram tão brutais que lhe tiraram a capacidade de ter filhos. E seu maldito pai fechou os olhos para isso. Dois adolescentes que ele sabia que cresceram em meio a abusos, que nunca conheceram a mãe, que não tinham outra pessoa a quem recorrer senão ele, que tinha a responsabilidade de protegê-los, e ele lhes virou as costas! Quem sabe o que mais ele fingiu que não viu? Seja lá qual for o bem que você pensa que ele fez, esse único ato o definiu.

– E o que define você?

– Não machuco as pessoas, a menos que me machuquem primeiro.

Ela reprimiu uma risadinha de escárnio.

– Sério? – Que coisa hipócrita para dizer para ela.

– Seu pai achava que eu era um lixo e ele deixou isso claro para mim no dia em que entrou no meu quarto de hospital. Ele me disse que nunca mais voltasse à sua casa. Eu estava deitado lá, coberto de pontos, ossos quebrados, espírito alquebrado, e ele me disse que eu não era bem-vindo. Ele não era flor que se cheire, Mia. Ele pode ter sido seu pai, mas para mim era mais um na longa fila de pessoas que me machucaram.

– Cale a boca! – Mia uiva. – Vai embora daqui! Eu te odeio! Eu nunca mais quero ver você de novo. Nunca mais!

Respiro fundo e suavizo o meu tom.

– Porra. Mia, você não quer fazer isso.

– Saia! Eu não me importo que você coloque um outdoor com a gente fodendo na Times Square. Despeça-me da Alea. Você não pode arruinar minha vida mais do que você já arruinou. Você é um maldito psicopata. Saia! Não me ligue. Não tente voltar. Se eu o vir por perto outra vez eu chamarei a polícia e conseguirei uma ordem de restrição – ela grita.

– Mia, não vou desistir de você com tanta facilidade.

A mulher que passara a me olhar com felicidade nos olhos agora me olha arrasada.

– Não importa, Tax. Porque desisti de você. Agora saia, ou eu chamo a polícia.



Mia

Fiona Apple – “Love Ridden”

– Sinto muito, Mia.

Essas são as últimas palavras que o amor da minha vida me dirá. Eu o expulsei da minha vida. Tive de fazê-lo. Não se pode tolerar certas coisas. Estou fazendo o que é certo, mas a dor em meu peito é tão profunda que não consigo respirar. Não acho que eu seja capaz de sobreviver a essa dor.

Eu me odeio por ter corrido atrás dele e tentado melhorar as coisas entre nós. Nada pode ser melhorado. Ele matou o meu pai. Que tipo de pessoa eu seria se

ficasse com o homem que admitiu ter matado o meu pai?

Odeio Tax por me dizer o que o meu pai fez. Cheguei a me perguntar por alto como o meu pai conseguia pagar por certos luxos a que tivemos acesso depois que a minha mãe morreu. Minha mãe tinha um seguro de vida, mas ficamos encalacrados com as suas despesas médicas. Simplesmente aproveitei os benefícios e nunca pensei a fundo sobre como ele conseguia isso. Meu pai provavelmente obteve o maior suborno. Como o braço local da lei, ele tinha capacidade de desviar a investigação. O grosso do dinheiro ficou com ele. Só a minha faculdade custou milhares de dólares por anos. Cursei um semestre no exterior. Ele colocou cinquenta mil na minha casa. Como eu poderia ter sido tão ingênua a ponto de não me perguntar como um homem que ganhava apenas cinquenta mil por ano poderia bancar me enviar para uma faculdade particular sem pedir dinheiro emprestado, sem contrair dívidas?

Jude apenas contou que Tax matou o meu pai porque ele o culpava por não ter buscado investigar a verdade mais a fundo. Se ela sabia mais e não me disse, é possível que estivesse tentando nos sabotar. Jude e Tax são ambos mentirosos, pessoas que nunca tiveram a chance de se desenvolver e florescer como eu fiz. O sol brilhava sobre mim. Fui amada, minha mãe cuidou de mim, meu pai me protegeu. Nasci em um mundo seguro e protegido. Jude e Tax nasceram nas sombras, bem no caminho de um predador. Cada vez que tentavam alcançar o sol, a besta se virava contra eles. E então cresceram com almas distorcidas e deformadas.

Em meio a dois mentirosos, em qual deles eu deveria acreditar?

Se o que Tax disse é verdade, então sou uma hipócrita. Como posso ficar do lado dele, fechar os olhos para as outras pessoas que ele destruiu e depois odiá-lo pelo que fez com o meu pai?

Como posso dizer que ele teve uma boa razão para se vingar dos outros envolvidos na farsa do encobrimento, mas de alguma forma excluir o meu pai? Quando Tax me contou o que o meu pai fez, foi como se ele o estivesse matando de novo. Não consegui suportar. Não podia aceitar o fato de que o meu pai não fosse o homem que eu pensava. Agora percebo que ele pode ter sido como todos os outros em Clint: se você não fosse um “deles”, então você não importava.

As lembranças de meu pai falando sobre como a família James era um lixo me vieram à mente. Lembro-me do tom mordaz que ele usava. Ele comentava como o Sr. James sempre estava sendo preso por bebedeira ou começando brigas. Como Sil fora apanhado algumas vezes furtando lojas. Como eles viviam na floresta em um trailer. Como Clint seria muito melhor sem esse tipo de lixo.

Talvez meu pai me tratasse como uma princesa, mas isso significava que ele via pessoas como Sil como camponeses.

Mas ele ainda era o meu pai. O homem que me amparou quando eu desabei com a notícia de que a minha mãe havia morrido. O homem que me ensinou a andar de bicicleta. O homem que foi o meu treinador de futebol no ensino médio. Como posso ficar – que dirá amar – com o homem que o matou?

Tax pode culpar Jude quanto ele quiser. Talvez seus motivos não fossem puros, e talvez ela tenha omitido alguns fatos, mas Tax matou o meu pai. Essa é a verdade inegável.

Gostaria de poder dizer que odeio Tax, mas não posso impedir que as lágrimas rolem. Já existe um vazio dentro de mim. Simplesmente não consigo desligar meus sentimentos por ele. Mesmo que eu nunca mais volte a vê-lo, sempre continuarei suspirando pelo homem que matou o meu pai e tinha planos para me matar brutalmente.

Eu me sento no sofá por um tempo, esfregando minhas têmporas latejantes para acalmá-las. Finalmente, levanto-me para fazer o que evitei fazer a tarde toda. Caminho até a sacola da farmácia no balcão da cozinha e retiro o teste de gravidez. Minhas mãos tremem incontrolavelmente.

Isso não pode estar acontecendo. Minha vida não pode estar desmoronando à minha volta desse jeito. Sou responsável. Dirijo uma empresa de sucesso. Nunca pulei um dia da pílula. Que inferno, tenho até um alarme diário para me lembrar de tomá-la. Sou responsável pra caralho. No entanto, de alguma forma, me apaixonei por meu chantagista, o homem que matou o meu pai, e talvez eu esteja grávida de um filho dele.

Na manhã em que senti enjoo pela primeira vez, achei que a minha menstruação havia chegado. Mas acabou que não foram mais do que dois dias de um corrimento sanguinolento. As regras mesmo não vieram. Eu tinha os mesmos sintomas da menstruação: inchaço das mamas, letargia, mau humor. Em algumas manhãs, sentia enjoo. Achei que era a demora para a menstruação chegar que estava fazendo com que me sentisse nauseada. Só depois de uma semana de atraso comecei a pensar que poderiam ser os sintomas de outra coisa.

Respiro fundo e caminho até o banheiro, a poucos minutos da notícia que pode mudar todo o curso da minha vida.



Fico olhando para o sinal positivo azul por um período indefinido de tempo.

Apesar de todos os sintomas, eu me convencera de que seria apenas um alarme falso. Nunca pensei que teria uma gravidez não planejada. Isso só acontecia com idiotas irresponsáveis. Os sentimentos conflitantes de carinho e angústia me assaltaram. Tax e eu havíamos criado uma vida. Dos escombros estéreis de tudo o que aconteceu, cresce um pequeno broto. *Nosso bebê.*

Lembro-me do nosso último momento de felicidade juntos no meu escritório, eu montada em Tax, descansando sobre o seu peito. Ele me pedira que fosse morar com ele. Estávamos genuinamente felizes. Quando estamos a sós, as coisas são melhores do que um sonho. Mas não somos apenas nós, há um mundo doente lá fora, que corrompe e destrói tudo o que há de bom. Tax foi destruído a um ponto em que não há mais conserto. É mesmo certo expor uma criança a um homem como ele? Mas eu conheço Tax, suas intenções vêm de um bom lugar. Elas simplesmente se tornaram tão distorcidas que a bondade nelas se torna irreconhecível. Ele nunca machucaria o nosso bebê.

Um aborto está fora de questão para mim. Não porque eu seja contra isso, mas porque já me sinto apegada ao pedacinho de Tax que está crescendo dentro de mim. De tanta dor e morte, uma vida foi criada. Algo bom e inocente para superar o horror.

O que eu mais desejo é que Tax estivesse aqui agora. Para que ele me abraçasse e me dissesse que estará aqui por mim e por nosso filho.

Então, sou invadida por uma tempestade de dor. Ele matou o avô do nosso filho. Não consigo conciliar isso. Como poderei me perdoar se eu perdoar Tax?

Eu luto com essas emoções sentada no tampo do vaso sanitário, olhando para o para o sinal de positivo. Já sinto falta de Tax como se uma parte da minha própria alma houvesse partido, e saber que uma parte dele está dentro de mim só aprofunda a minha saudade dele. Se fosse só eu, eu daria conta. Poderia reunir minhas forças para seguir em frente. Doeria todos os dias, custaria cada centímetro de força que possuo ocultar essa dor e eu o lamentaria pelo resto da minha vida. Mesmo que eu aprendesse a amar outra pessoa por seus próprios méritos, ela nunca chegaria aos pés de Tax. Mesmo se eu casasse com outra pessoa, eu me sentiria uma viúva, minha vida sempre ofuscada pelo fantasma da memória de Tax.

Mas, se tiver que olhar nos olhos de uma menininha com os mesmos cílios longos de Tax, ouvi-la dando a mesma risada contida, ou um dia ver meu filho estalar o pescoço ao levantar da cama, eu conseguiria suportar a agonia diária desses pequenos lembretes. Os ecos de Tax em nossa criança seriam como uma navalha cortando a mesma ferida aberta todos os dias. Eu nunca conseguiria a

distância que eu precisaria para viver novamente, porque estaria vivendo com um pedaço de Tax. Eu estaria vivendo com uma manifestação física de nosso vínculo único e iria amá-la mais do que a própria vida. Amar alguém que é metade de Tax sempre manteria meu amor por ele vivo, não deixando espaço para mais ninguém.

Tax só conheceu dor e traição. Ele merece saber que é capaz de fazer algo puramente bom.

Meu pai se foi. Ele fez algo de reprovável. Todos fazemos coisas ruins, até mesmo boas pessoas fazem. Mas, como Tax disse, às vezes uma coisa é tão horrível que ela define você. O homem que encobriu a violência brutal contra dois adolescentes inocentes era o meu pai. Ele era outras coisas, mas ele também foi esse homem. Talvez até esse homem em primeiro lugar. O que aconteceu com o meu pai nunca teria acontecido se ele tivesse feito o que era certo.

E o nosso filho não deve pagar pelos pecados de seu pai. Tanto Tax quanto eu sabemos como é perder um dos pais. Nós dois sabemos o que é pagar pelos pecados deles: ele pelo suicídio de sua mãe e eu pela ganância do meu pai.

Nosso bebê não pagará.

Então, tomo a minha decisão. Não sei como posso avançar com isso, mas preciso dizer a Tax que o amo. Não por alto, não simplesmente "deixando escapar". Mas dizer que o amo com todas as letras, que não tenho dúvidas quanto a isso. E não sei se posso estar com ele depois do que fez, mas ele precisa saber que eu não quis dizer aquelas coisas. Sobre desistir dele, ou sobre ele apenas me machucar. Porque ele fez muito mais do que me machucar. Ele me trouxe à vida. Ele me fez sentir emoções mais poderosas e profundas do que jamais imaginei que seria possível. E nunca desistirei dele, especialmente agora que ele é o pai do nosso filho.

Largo o teste de gravidez na penteadeira do banheiro e saio dali a fim de pegar o meu celular. Quando chego ao final do corredor, vejo uma sombra na sala de estar.

– Olá? Tax?

Ele voltou.

Entro na sala de estar e encontro Jude parada lá sozinha.

– O que você está fazendo aqui? Como você entrou?

– A porta ficou destrancada depois que você expulsou o meu irmão.

– O quê? Como você sabia? Você estava lá fora?

– Eu precisava mostrar para Tax que você realmente nunca o amou. O verdadeiro ele. Não permitirei que você o afaste das pessoas que realmente o

amam. Vai ser mais fácil para ele seguir em frente desse jeito.

– Jude, do que você está falando?

– Sei que você deu a Tripp aquele bilhete. Vocês voltaram para casa andando naquela tarde. Eu vi. Tenho certeza de que você não pensou que a coisa iria tão longe. Mas foi. Nada pessoal, certo? Huck, Tripp, Tucker… Nada disso teria acontecido se você não manipulasse os garotos ao seu redor. E agora você está fazendo isso outra vez com Tax. Você sempre consegue o que quer.

– Jude, pensei que você tivesse entendido. Eu nunca li o bilhete. Eu juro. Nunca teria feito algo tão torpe. Me desculpe, mas você precisa ir embora. – Eu devia ter escutado Tax. Há algo errado com Jude. Ela largou a bondade que exibiu no parque como uma cobra troca de pele. Seus olhos escuros se curvam em gélida satisfação enquanto ela me confronta na minha sala de estar.

– Nunca deveria ter sido ele a vir atrás de você. Deveria ter sido eu. Mulher contra mulher. É hora de você pagar, Mia.

Capítulo 43

Tax

– Olá, este é o correio de voz de Jude James. Deixe seu recado.

– Atenda o celular, Jude! Atenda a porra do celular, Jude! – grito, batendo o meu telefone no banco do passageiro. Saio costurando no trânsito enquanto voo para a casa dela.

Não sei o que vou fazer com ela quando a encontrar, e não importa. Eu estou simplesmente cego de fúria. Ela me tirou a única pessoa que conseguiu fazer com que me sentisse menos morto por dentro. Jude não quer que a vingança termine. Ela quer que Rex, ela e eu sejamos uma pequena família perturbada para sempre. Claro, Jude e eu fantasiávamos sobre termos uma vida "normal", mas, agora que estamos perto disso, acho que Jude está apavorada. Ela não conhece o normal. Porra, pode ser que ela nem goste do normal. Eu não sou assim. A diferença entre nós é que eu quero mais e ela só quer o mesmo.

Jude sempre adorou o fato de eu não me ligar de fato às mulheres que eu fodia. Que eu amasse apenas a ela. Eu me dediquei a ela. Mas sempre vislumbrei um final na nossa missão, e agora percebo que Jude não quer que isso termine. Ela já tem os homens que ela quer, não precisa procurar em outro lugar. Ela sempre foi o centro do mundo para Rex e eu. E eu seguir em frente com Mia era uma ameaça a isso. Então, ela tinha que arruinar essa história para mim.

Desde aquela noite, tudo o que fiz foi para tentar compensar as coisas com Jude. Mas nada que eu faça compensará sua dor e perda. Ela só sente raiva e quer arrastar a todos para o seu horror. Ela quer acreditar que Mia fez essas coisas. Porque, de outra forma, tudo foi aleatório. Não haveria a quem culpar. Não seria nem mesmo culpa minha. Porque não fui manipulado por Mia, ela gostava de mim como pessoa. Foi apenas o destino. Esse monstro. De alguma forma, Tripp apoderou-se da carta, e o destino encontrou a maneira perfeita de manifestar sua crueldade.

Jude odeia Mia porque Mia é tudo o que ela nunca teve a chance de ser. Ela odeia Mia porque eu a amo. Ela odeia Mia porque vê Mia como aquelas flores que eu gostava de pisar: Mia tinha tudo de mão beijada.

Jude estaria condenada se Mia me tivesse também.

Mia era bonita, inteligente e popular. E seu pai a amava. Claro que ela perdeu sua mãe, uma dor que a maioria das crianças nunca deveria suportar. Mas Jude seria capaz de matar para ter dezesseis anos na terra com nossa mãe – tal qual Mia teve. A vida era muito boa para Mia, e Jude iria pisar nas suas pétalas.

Bato a porta do carro e corro até a casa de Jude, esmurrando a porta furiosamente. Estou a dez segundos de derrubá-la quando Rex vem atender, sem camisa, apenas de cueca boxer, com os olhos de sono às duas e meia da tarde.

– Tax, que diabos está acontecendo?

Eu o empurro para passar.

– Onde está a porra da Jude?

– Hã?

– Onde ela está? – pergunto, prensando-o contra a parede.

– Calma, Tax. Eu não sei. Ela saiu ontem e não voltou. Eu achei que tivesse saído com um dos seus caras.

Seus caras. É como Rex chama os outros homens com quem ela trepa enquanto o mantém a tiracolo.

Dou um passo atrás e o solto.

– Ela contou tudo para Mia. Filha da puta. Mia não quer me ver nem pintado de ouro.

– Puta merda.

– Você me disse que se certificaria de que ela não faria nada estúpido!

– Cara. Juro, ela me disse que acreditava em você. Ela estava agindo de forma normal e tudo. Estava melhor do que já vi em muito tempo.

Era porque ela sabia que estava prestes a conseguir o que queria.

Dou uma volta, correndo a mão pelo cabelo.

– Que diabos ela está fazendo? – penso em voz alta. Qual é o objetivo dela? Ela sabe que eu ficaria furioso. Se ela agiu assim para me ter só para ela, por que faria isso e desapareceria? Talvez esteja esperando que eu me acalme, não sei. – Precisamos encontrá-la. Agora! – exclamo, apontando o dedo na direção de Rex.

– Ok, cara… ok… deixe-me pensar. – Vamos lá – diz ele, correndo para o andar principal. – Deixe-me olhar no escritório dela para ver se descubro alguma coisa.

Ando de um lado para o outro na sala de estar, ligando para Mia e Jude. Não me importo se Mia chamar a polícia por minha causa. Eu preciso que saiba que por ela vou até o fim do mundo. Ela precisa saber que não vou desistir dela.

Sinto que vou explodir a cada chamada perdida para as duas únicas mulheres com quem já me preocupei.

Os sons de Rex revirando o escritório de Jude são quebrados por ele dizendo “merda, merda, merda”…

– O que foi? – eu pergunto, do portal.

– Ai, cara… não sei… isso não me parece bom.

– Fala, porra! – grito.

– O cofre dela. O dinheiro que ela guarda para emergências. Você sabe, nosso plano de fuga.

– Desembucha, caralho!

– Eu também sei a combinação do cofre. Acabo de verificar e ele está vazio.

– Você acha que ela saiu da cidade?

– Tax, havia pelo menos dois milhões em dinheiro e…

– E o quê?

– Uma arma.

– Uma arma?

Apesar de toda a vontade de matar de Jude, fui sempre eu ou Rex quem fez o trabalho sujo. Eu queria evitar que ela tivesse que fazer isso. Jude não é do tipo que anda com uma arma.

Rex e eu nos entreolhamos e percebemos instantaneamente a implicação dessa arma desaparecida.

– Mia – dizemos em uníssono. Em uma fração de segundo, estamos correndo para fora da casa. Rex veste as calças enquanto corre, pegando uma jaqueta para jogar por sobre o tronco sem camisa.

Jogo as chaves do carro para ele, para que possa dirigir enquanto eu ligo para Mia. Rex e eu nem falamos. Operamos sem palavras em pura adrenalina.

– Querida, atende a porra do telefone! Tranque as portas, ou vá para a Alea e me ligue de lá. Se você vir a Jude, corra. Não fale com ela, apenas corra!

Eu termino a chamada e envio uma mensagem de texto logo em seguida.

Se Jude aparecer na sua casa, não a deixe entrar. Não saia de casa. Tranque as portas. Atenda o celular, por favor!!!

– Vamos… vaaamos… – Rex diz para si mesmo enquanto acelera na autoestrada.

Chegamos ao quarteirão de Mia, e Rex sobe o meio-fio bem ao lado da entrada de garagem. O carro nem chega a parar direito quando eu abro a porta e desço, tropeçando pelo gramado em direção aos degraus da varanda. Subo-os voando e escancaro a porta da frente, que se encontra destrancada.

– Mia! Querida! Mia! – chamo. Não há resposta. Sob a minha respiração

ofegante, ouço um gemido vindo do corredor que leva aos quartos. Olho para baixo e vejo um pé saindo por trás do ângulo da parede.

– Mia?

Corro para lá e entro no corredor, deparando-me com ela deitada no chão, numa poça de sangue.



– Não, não, não, não, não – digo, erguendo o corpo mole de Mia nos braços, estapeando sua bochecha para mantê-la consciente. Levanto sua blusa para encontrar a ferida. Há muito sangue. Tanto sangue, porra! Minha mão escorrega e desliza pelo líquido quente e viscoso até encontrar um ferimento na parte inferior do abdômen.

– Querida, você vai ficar bem, ok? – pressiono o buraco de bala e ela geme.

– Tax… – Ela levanta a mão para o meu rosto. – Nosso bebê…

– Bebê? O quê? – Minha mente está rodando a mil por hora, tentando entender tudo. – Você está grávida?

Ela assente com a cabeça.

– Oh, meu Deus. Oh, meu Deus – gemo, balançando-a de um lado para o outro em meus braços.

– Que merda, cara – Rex diz quando chega à cena.

– Onde está a maldita ambulância? – berro.

– Eles não vão vir. Aquela arma tinha um silenciador. Vamos levá-la no carro, será mais rápido. Ela vai conseguir, ok? Mas temos que ir já!

– Querida, eu sei que dói, mas pressione o ferimento – digo, pegando uma manta no sofá, pressionando-a sobre o ferimento e colocando a mão dela por cima.

Ergo Mia do chão, quase escorregando na poça pegajosa de sangue.

– Vamos! – Rex grita. Normalmente, sou que tenho cabeça fria, mas agora não estou nem conseguindo raciocinar direito e é Rex quem tem que segurar as pontas por ambos.

Corro para o carro e me enfio no banco de trás com ela. Os olhos semicerrados de Mia estão fixos em mim, enquanto ela descansa no meu colo.

– Vai, vai, vai! – grito para Rex. O carro sacoleja quando desce o meio-fio e o motor geme quando ele mete o pé no acelerador.

Pressiono minha mão sobre a dela, fazendo tudo o que posso para estancar o sangramento. Ela diz algo, mas é inaudível no caos, então eu me inclino.

– Fale comigo, querida, fique comigo – murmuro. – Nós estamos levando você para o hospital.

– Jude – ela sussurra.

– Eu sei. Eu sinto muitíssimo. Eu estraguei tudo. Eu nunca deveria ter saído. – É nesse momento que me dou conta de que estou chorando. Não apenas chorando, mas soluçando de forma histérica, em total desamparo. Eu não derramo uma lágrima desde o primeiro dia em que visitei minha irmã após o ataque. Foram catorze anos sem me permitir sentir nada além de fúria entorpecida. Prometi a mim mesmo que não me permitiria sentir esse tipo de dor novamente, e eu cumpro as minhas promessas. Mas, desde que conheci Mia, tudo o que fiz foi quebrá-las. Quebraria com prazer qualquer promessa por ela. O meu peito se agita de forma irregular, e eu derramo um fluxo interminável de lágrimas.

Pressiono o meu rosto contra o dela, beijando sua testa úmida. A temperatura de seu corpo está caindo. Eu arranco minha jaqueta para cobri-la.

– Você vai ficar bem. Nosso bebê vai ficar bem – digo a ela. É mentira. A vida de Mia está por um fio, e não há esperança de que uma gravidez tão no início possa sobreviver a um tiro na parte inferior do abdômen.

Eu jamais deveria ter deixado Mia sozinha. Mas nunca pensei que Jude faria algo assim. Ela só havia matado uma pessoa, e isso porque estava comigo ao seu lado. Sobretudo, nunca pensei que Jude pudesse me ferir assim. Apesar de Jude ladrar muito, fui eu que sempre mordi.

Nem acho que Jude se importasse se Mia iria viver ou morrer, ela só queria ter certeza de que Mia sofreria a mesma maldição que ela.

– Eu sinto muito. Eu não falei aquelas coisas a sério – ela me diz com uma voz gutural. – Eu não desisti de você.

– Eu sei, querida. Não se preocupe com isso. Eu sinto tanto por tudo… Mas você não pode me deixar. – Colo mais o meu rosto ao dela e imploro em seu ouvido. – Você não pode me deixar. Não posso viver sem você. Você é a melhor coisa que existe, meu amor. Não há ninguém como você – sussurro, sentindo o gosto da mistura de sangue e lágrimas salgadas nos meus lábios.

– Ninguém como você – diz ela, forçando um débil sorriso através da dor.

Ergo os olhos para ver onde estamos.

– Ainda vai demorar muito pra chegar? – grito. – Acelera essa porra!

– Estou indo o mais rápido possível! Mais um minuto – Rex, diz freneticamente. – Aguente firme, Mia, estamos quase lá – ele gagueja do banco do motorista. Seus olhos estão vermelhos, seu rosto está molhado de lágrimas.

Rex vigiara Mia por anos e não creio que ela se deu conta de que ele acabara ficando um pouco apegado a ela também, especialmente quando descobriu que era inocente.

O rosto dela, geralmente colorido por um tom de pêssego, estava cada vez mais acinzentado. E, chorando, vou dizendo a ela como tenho sido idiota demais até mesmo para pensar.

– Eu te amo. Eu amo você, Mia. Por favor, não morra. Oh, meu Deus, por favor.

Lágrimas escorrem de seus olhos.

– Eu te amo – ela diz sem som. – Está tudo bem…

Flashes do desamparo que senti quando vi Jude ser barbarizada me vêm à mente. Então, faço o que fiz naquela noite. Não sei se vai funcionar, mas vou tentar qualquer coisa. Não me importo se eu for punido novamente por apenas rezar quando preciso de algo. Ou por nem ao menos acreditar na divindade para a qual eu rezo. Deixe-me pagar, deixe-me sofrer, mas deixe Mia viver.

O placar nunca será equilibrado. Há sempre os danos colaterais. É como uma forma desonesta de interesse. Quando matei as pessoas que machucaram a mim e Jude, pessoas inocentes também foram feridas. Filhos perderam os pais, uma cidade inteira perdeu a vida, irmãs perderam seus irmãos. Nunca acaba. Tudo o que Jude e eu fizemos foi espalhar nossa dor como um vírus. Agora, o placar encontra-se virado contra mim. E agora tenho uma dívida a pagar. E vou passar o resto da minha vida pagando-a se isso significar que Mia não precise fazê-lo. Eu mereço o castigo, mas ela nunca mereceu nada disso. Ela nunca mereceu o portador da destruição que sou eu. Viverei na infelicidade todos os dias se isso significar que ela poderá viver uma boa vida.

No dia em que descobri que ela era inocente e saí da casa dela, eu deveria ter deixado a cidade. Deveria ter mudado de nome. Eu nunca deveria deixar que ela me encontrasse novamente. Porque eu sabia muito bem que não conseguiria ficar longe dela. Não consigo dizer não a Mia.

Ainda murmurando em seu ouvido, falo:

– Se você existe, por favor, deixe-a viver. Eu irei embora. Vou deixá-la ter uma vida normal. Vou deixá-la ter a vida que ela merece. Vou deixá-la ser feliz. Vou fazer a coisa certa. Por favor, não a deixe morrer.

O carro para bruscamente. Rex aparece e abre a porta. Eu olho para baixo e as pálpebras dela mal estão separadas.

– Não, não, não – murmuro para mim mesmo enquanto saio correndo do carro em direção às portas de correr do hospital.

– Alguém nos ajude! – grito correndo pelo pronto-socorro. Os pacientes abrem a boca pasmos e cobrem os olhos de seus filhos enquanto enfermeiros nos rodeiam.

– Ela foi baleada!

– Senhor, você precisa entregá-la. – Como uma colônia de formigas, eles a carregam embora e eu fico parado ali em choque, minha camisa branca embebida no sangue da minha garota e da criança que nunca teremos. – Senhor? Senhor? O que aconteceu, senhor?

– Alguém atirou nela. Entrei e ela estava caída no chão. Não sei quanto tempo ela esteve deitada lá.

Seu pulso está acelerado!

Precisamos de um cirurgião imediatamente!

Pressão arterial está caindo!

Precisamos do tipo de sangue para uma transfusão!

Tragam o ressuscitador!

– Senhor? Senhor! Você sabe se ela tem alguma alergia à medicação? – uma enfermeira pergunta em voz alta, enquanto, desesperado, vejo Mia desaparecer atrás de portas duplas.

Eu desabo contra a parede mais próxima em completa devastação.

– Ela está grávida – é tudo que consigo dizer. Não posso fazer nada para salvá-la. O destino, esse monstro cruel e sem coração, voltou para mais.

– Você é o marido dela?

– Não… mas eu sou o pai da criança que ela está esperando… eu não sei nada sobre o maldito histórico médico dela. Pare de falar comigo e vá salvá-la! – grito para a enfermeira.

– Irmão… – sinto as mãos de Rex em meus ombros e meus joelhos dobram por um momento. – Estou com você, cara – Rex fala, solidário. – Ela vai ficar bem.

Eu me viro para encará-lo. Ele está uma lástima. Descabelado, sem camisa por baixo da jaqueta, olhos vermelhos. É quando percebo que ele nem está de sapatos. Ele compreende a gravidade de toda a situação. Rex me conhece bem o suficiente para entender minha típica reação à morte. Ele sabe que isso é diferente para mim.

– Eu a ouvi entrar em falência cardíaca. – Não consigo dizer que ela está morta.

– Os policiais logo vão estar aqui – sussurra Rex.

Desde o ataque, adquiri uma inerente desconfiança com relação à lei e sua

capacidade de fazer justiça a quem merece.

Jude. Preciso encontrar Jude.

Os policiais devem chegar a qualquer momento, uma vez que houve um ferimento de bala. Se eu não sair agora, Jude terá muito tempo para desaparecer. Prometi que iria consertar as coisas. E, exceto com relação à Mia, costumo manter as minhas malditas promessas.

Capítulo 44

Tax

– MERDA! MERDA! MERDA! – GRITO. Minhas mãos deixam marcas do sangue de Mia em todo o painel enquanto eu o esmurro. – Preciso encontrar Jude imediatamente. Ela tem que ter deixado alguma pista de onde estava indo em seu computador ou algo assim. Você sabe como procurar esse tipo de coisa, certo?

Rex coça a cabeça com desconforto.

– … o que você vai fazer com ela, cara?

Há uma incerteza em seus olhos que não me agrada. Sua lealdade está dividida. Claro. Ele está apaixonado por Jude.

– Encosta o carro – digo entredentes.

– O quê?

– Eu disse para encostar o carro! – Eu agarro o volante e o giro para o acostamento da pista. Um motorista mete a mão na buzina para nós e por um triz não bate no para-choque do carro.

– Caralho, Tax!

Eu o agarro pelo colarinho.

– Onde ela está?

– Não sei!

Torço o tecido de sua camisa nas minhas mãos.

– Onde ela está, porra!? Você sabe de alguma coisa, caralho. Ela te conta tudo.

Seus olhos baixam.

– Eu não sabia de nada disso, Tax. Que merda, porra! Você sabe que eu nunca a deixaria fazer o que fez, se eu soubesse. Eu gosto da Mia, cara. – Ele suspira, balançando a cabeça. – Fui eu que te convenci a dar uma chance pra ela, lembra?

Eu relaxo um pouco as mãos que o seguram, percebendo que estou perdendo cada vez mais o controle e preciso manter a cabeça em ordem se eu quiser ter alguma chance de acertar as coisas.

Rex suspira, as palavras saem de seus lábios amargamente.

– Jude me enviou uma mensagem de texto enquanto estávamos dirigindo para o hospital. Eu não tinha visto até você entrar.

– E você ia escondê-la de mim?

– Eu não quero que você a mate! – ele berra. – Ela é a porra da sua irmã!

– Ela é MINHA irmã. E eu preciso cuidar dela. Rex, você não está acompanhando de fora a merda dessa batalha. Você não vai simplesmente sair do caminho. Você faz parte dela, está bem no meio dela. Se você não me disser o que sabe, você morreu pra mim, caralho. – Eu aperto mais o seu colarinho.

– Tax, acho que todos nós precisamos nos esconder. Apenas esfriar cabeça.

Eu o ergo e o bato de volta contra seu assento.

– Você só tem mais uma porra de uma chance para me dizer. Faça a coisa certa. Nem pense em escolher Jude em vez de mim. Eu juro por Deus que você vai se arrepender disso pelo resto da sua vida. Você sabe que não importa o que você sinta em relação a ela, o que ela fez… Caralho, ela atirou na Mia, porra! – eu grito de frustração.

As lágrimas escorrem pelos olhos de Rex.

– Eu não posso escolher, cara…

– Você não tem escolha – digo, afrouxando minha mão em seu colarinho. – Esta merda acaba aqui.

Cada palavra sai de sua boca como um fardo pesado. Pela primeira vez, ele tem que escolher entre as duas pessoas mais importantes em sua vida. Rex não é como eu ou Jude. Ele faz umas coisas bem ferradas, mas é por uma lealdade feroz a nós, nunca por maldade. Mas sabe bem lá no fundo que, qualquer que seja a ligação que ele tenha com Jude, ela está errada pra cacete nessa história.

– Sua mensagem veio de um número de celular diferente. Ela queria saber o que estava acontecendo. Ela não tinha certeza do que sabíamos. Ela só sabia que você estava puto com ela por contar tudo para Mia. Eu não acho que ela saiba que nós encontramos Mia ou que nós sequer já sabemos o que aconteceu com ela.

– E?

– Ignorei a pergunta. Perguntei onde ela estava. Ela não respondeu. Eu só queria ficar fora disso.

– Desculpe, irmão. Não dessa vez.

Eu reorganizo a linha de tempo dos eventos. Da última vez que liguei para Jude, eu estava a caminho da casa dela, furioso por causa da discussão. Se ela está se escondendo em algum lugar, ela não sabe que eu sei que ela pegou a arma dela e o dinheiro. Ela não sabe que encontrei Mia morrendo em uma poça de seu próprio sangue. Eu posso usar isso em minha vantagem.

A melhor maneira de encontrar Jude é dar o que ela quer: ser necessária. Ser o ombro no qual posso me apoiar.

Eu solto o colarinho de Rex e apanho o meu celular.
– O que você está fazendo? – ele pergunta.
– Me dê o novo número. Estou enviando uma mensagem para ela.

Onde você está? Preciso falar com você. Desculpe por ter reagido daquele jeito. Você estava certa sobre Mia. Ela me expulsou da casa dela. Agora ela está no hospital e ninguém me dá detalhes. Acho que ela pode ter ferido a si mesma. Ou… foi você? Se foi você, eu entendo agora. Eu nunca deveria ter ido embora. Me apaixonei por ela de novo. Eu deveria ter concluído as coisas conforme planejamos.

É um tiro no escuro, mas ninguém conhece Jude como eu. Ela nunca ficou sozinha. É o seu maior medo. E agora estou permitindo que ela acredite que o esquema está finalmente funcionando. Que ela tem a chance de seguir em frente agora que tudo acabou conforme nosso plano original. Jude pode ser fria e calculista, às vezes aparentemente impenetrável. Mas eu sei quais partes dela são fáceis de manipular, partes dela que são quase infantis.

Começamos a dirigir de volta para casa quando recebo uma mensagem do novo número.

Fiz isso tudo por você. Eu te amo. Não aguentei ver você se apaixonando de novo por ela desse jeito. Eu sabia que ela iria magoá-lo novamente. Ela não ama você, ela só amava uma versão de você que você apresentou. Tive que te mostrar isso para te poupar da dor. Ela não é como a gente. Agora todos nós podemos seguir em frente.

Onde você está, Jude? Se você fez isso, as coisas vão se complicar pra você se ela sobreviver. Eu preciso me certificar de tirá-la do país com segurança.

Ela sabe que precisa da minha ajuda. Ela já fez merda ao enviar mensagens para mim e Rex nos nossos celulares principais. Jude é emoção à flor da pele, e a emoção turva o seu julgamento.

Você promete que não vai me machucar?

Nunca. Estou puto. Não com você, mas com Mia e comigo mesmo. Desculpe não ter escutado. Vou seguir em frente como sempre faço. É o que nós fazemos.

Por favor, lembre-se de que eu fiz isso porque amo você. Sinto sua falta. Eu vim pra casa.

Claro. Ela está indo para casa. Clint, Iowa, o lugar onde perdemos a nossa inocência, uma cidade fantasma, o lugar perfeito para se esconder.

– Me leve para a garagem – digo a Rex sem hesitação.

O armazém. Não importa quanto dinheiro tenhamos, sempre seremos fora da lei. Estamos sempre prontos para entregar as nossas vidas a qualquer momento. O plano era sempre fugirmos juntos se surgisse a necessidade, e é por isso que Jude pode estar se atrapalhando. Ela não tem Rex para ajudar a cobrir os seus rastros. Ela não tem a mim para liderar o grupo. Ela já se isolou.

O armazém, aquele para o qual atraí Mia na minha corrida, é uma propriedade minha. Nele, tenho vários veículos armazenados. Cada um com novos passaportes, dinheiro e telefones pré-pagos. Os veículos têm registros falsos. É exatamente o tipo de merda que você precisa para sumir do mapa.

– Você vai assim? – ele pergunta calmamente, me medindo com os olhos.

Eu abaixo o espelho retrovisor e espio o meu reflexo. As coisas aconteceram tão rápido que eu realmente não tive tempo de absorver a brutalidade de tudo. Apenas pequenas partes da minha camisa branca aparecem sob o vermelho-escuro. Meu rosto, mãos e pescoço estão todos manchados de vermelho. Meu cabelo está coberto de sangue seco.

Mia. Mia está morta.

Não tem como ela ter sobrevivido. E, se por algum milagre ela sobreviveu, jamais a verei novamente. Minha visão começa a escurecer, mas respiro profundamente algumas vezes para desligar o fluxo de emoções. Tenho que manter a minha mente concentrada em encontrar Jude. É a única coisa que posso controlar neste momento. É a única coisa que posso fazer por Mia. Mas eu não quero tirar a camisa. É tudo o que me sobrou dela.

– Sim. Vamos embora – digo.



– Ela pegou um dos carros – diz Rex, enquanto abrimos a porta da garagem.

– Não diga – falo, jogando o meu celular para ele para que o meu paradeiro não seja rastreável. – Você sabe o número do pré-pago. Agora, vá saber sobre Mia e me diga o que descobrir. Limpe a casa de Jude só por garantia. Nós não queremos que essa merda dê em outras coisas que fizemos. Entre em contato

com nossos advogados, você sabe o que dizer. Precisamos ganhar um tempo antes de falar com os policiais. – Estou no modo missão. Não posso pensar em Mia. Se eu pensar, vou enlouquecer.

– Deixa comigo, irmão. – Rex olha para mim com uma expressão triste. – Por favor… – ele diz.

Três horas e quarenta e cinco minutos. É esse o tempo de viagem que leva para ir de Milwaukee até Clint, Iowa. Eu liguei o som do carro o mais alto que consegui, tentando me distrair da intensa agonia. Continuo esperando que Mia esteja viva, mas sei que ela não sobreviverá. Vou viver com esse fardo. Ou talvez eu não viva. Se Mia se foi, não tenho motivo para viver. Se Mia se foi, farei com que Jude pague. Não a matando, mas fazendo com que assista enquanto eu me mato.

Não há preço maior para Jude pagar do que me perder depois de tentar tão desesperadamente me manter próximo dela.

Eu dirijo o mais rápido possível sem chamar a atenção, o crepúsculo me protege dos olhos curiosos de outros motoristas ou policiais na estrada.

A determinação feroz de chegar até Jude entorpece a devastação.

Rex me manda uma mensagem:

Tentando descobrir. Não posso ir ao hospital. Tiff me xingou quando liguei. Ela está histérica.

Só preciso aguentar pelas próximas horas. *Não pense em Mia. Não desmorone. Encontre Jude. Você prometeu que ia consertar as coisas.*

Não importa quantas vezes eu repita isso para mim mesmo, o desespero explode do meu peito em momentos aleatórios. Aí choro ou grito ou soco o volante. Só dura um instante, então eu empurro tudo pra dentro, como uma fera que momentaneamente escapou de uma jaula.

O céu passa dos tons laranja, vermelhos e azuis para índigo quando eu pego a saída para Clint. Faz oito anos que não venho aqui. Nunca pensei que viria aqui novamente. Eu varri do mapa este fim de mundo para que ninguém, incluindo eu, tivesse qualquer razão para vir para cá.

Pouco depois, estou dirigindo pela rua principal. As janelas tampadas com placas de madeira, vidros quebrados, placas de sinalização inclinadas e lixo são principalmente o que sobrou. É difícil acreditar que esta cidade já foi próspera, que as famílias levavam seus filhos à sorveteria, que desfiles marchavam por esta rua. Agora é um cadáver.

Viro em várias ruas e em direção à estrada que leva à floresta que um dia chamei de lar.

Lar.

Essa palavra proporciona à maioria das pessoas uma sensação de conforto, de pertencimento. Para mim, sempre foi um mau agouro. Um lugar de medo, isolamento e raiva. Um lugar que desejei esquecer. E, no entanto, encontro-me aqui novamente. Ele me atrai. Não importa quão longe eu vá, essa porra nunca me liberta. Ou talvez seja o contrário.

Eu pego o caminho que conduz à nossa antiga casa. As plantas cresceram além da conta devido aos anos de esquecimento, mas ainda dá para usar.

Meus pensamentos retornam para a noite em que Jude e eu corremos estrada abaixo com a caminhonete do nosso pai, tentando desesperadamente chegar ao encontro com Mia, completamente sem noção de que estávamos prestes a enfrentar nossa destruição.

Eu estaciono próximo ao trailer grandão coberto de ferrugem e caindo aos pedaços. Meu estômago queima. Todos esses anos se passaram, e esse lugar ainda me deixa desconfortável. Há uma luminosidade vindo do interior, irradiando na escuridão do vazio ao redor.

Eu checo o meu celular. Nada de Rex ainda. Isso deveria me dar esperança. Nenhuma notícia deve significar que ela está viva, mas não me permitirei sentir esperança. Eu estou condenado.

A porta produz um rangido alto conforme vou abrindo-a. O fedor de cigarro preenche o pequeno espaço.

Meus olhos direcionam-se para a única luz na casa.

Jude está sentada à mesa, um pequeno candeeiro descansando bem ao seu lado, um rastro de fumaça de cigarro serpenteando sobre sua cabeça.

Capítulo 45

Tax

RESISTO À VONTADE DE ARREBENTAR o rosto dela na mesa. Estou aqui para dar cabo à minha vida, e fazê-la vagar por esta terra em um estado de limbo.

– Encontrei esse velho maço de cigarros em uma lata. Velho pra cacete, mas imaginei que hoje é o melhor dos dias para começar a fumar de novo – diz ela, sem me olhar de volta. Acho que ela está em estado de choque.

Não digo uma palavra.

– Sei que isso é difícil, Tax. Mas posso sentir que você já está entendendo – ela se vira para me encarar, mas permaneço escondido nas sombras.

– Estou – digo através do maxilar cerrado.

– Você se lembra da última vez que estivemos aqui? – ela pergunta.

– Lembro – digo, dando alguns passos para a frente, mas parando pouco antes do brilho do pequeno candeeiro.

– Oito anos atrás. Nós voltamos por causa do papai. – Ela ri com saudade. – Você malhou tanto para ficar grande e forte para que pudesse enfrentá-lo. E, quando chegamos aqui, o que encontramos foi um bêbado fraco e alquebrado que mal conseguia levantar a cabeça do sofá.

Eu vejo a arma que ela usou para atirar em Mia pousada sobre a mesa. Minhas veias se dilatam com uma raiva tão intensa que eu começo a tremer. *Respire. Mantenha a calma.*

– Você o manteve no lugar, e nós o forçamos a comer uma lata atrás da outra de feijão. Ele vomitava e nós o fazíamos continuar. Isso é quem somos. É por isso que eu fiz tudo isso. Era apenas uma questão de tempo antes de Mia se virar contra você novamente. A vida dela tem sido fácil demais, ela jamais conseguiria entender o que pessoas como você e eu têm que fazer. Eu sabia que ela iria se virar contra você sem hesitação. Nós tínhamos que agir antes. Você estava indo embora – diz ela, levantando-se para me encarar. Ela engole em seco quando dá uma boa olhada em mim. Seus lábios tremem. Ela própria nunca puxou um gatilho, e está claro que, quando atirou em Mia, ela partiu antes mesmo que pudesse ver o estrago.

– Isso é da Mia – digo. – Ela está no meu corpo todo.

– Mas pensei que você não a tivesse visto.

– Eu a encontrei, Jude.

Jude dá um passo para trás.

– Não estou aqui para machucá-la. Menti porque queria te ver, só isso. Se eu tivesse dito na hora que eu sabia, achei que você poderia não me dar a chance.

– Você sabe se ela…

– Ainda não.

Ela assente com a cabeça.

– É melhor. Eu não queria matá-la. Só queria dar o troco. Queria que ela soubesse o que é ter a capacidade de conceber arrancada de você.

– O que aconteceu com você? – eu pergunto.

– O quê?

– O que aconteceu com a garotinha com quem costumava me sentar nesta mesa, que roubava a minha comida? Ria sobre a vida, não importava como as coisas estivessem ruins? Por todo esse tempo, continuei achando que, se eu fizesse com que todos os que nos feriram desaparecessem, eu iria recuperá-la. Como pude não ter visto essa menina morrer naquela noite no lago?

– É a mesma coisa que aconteceu com você, Tax. Nós nunca tivemos uma chance. Pensei que você tivesse dito que entendia.

– Entendo, Jude. Eu entendo agora mais do que jamais entendi.

Meu celular zumbe com um alerta.

Puxo o telefone do meu bolso.

Ela vai sobreviver! Isso é tudo que eu sei.

Essas palavras… elas me rasgam ao meio. E tudo o que tentei manter selado entra em erupção. As lágrimas escorrem pelo rosto manchado de sangue, lufadas de ar libertam-se do meu peito enquanto eu oculto sorrisos de alívio.

– O que foi? – Jude pergunta.

Olho para baixo por um instante. *Girando.*

– Ela está morta – choramingo.

– Vai ficar tudo bem.

– Eu sei – replico num misto de alegria e pesar.

– Vou ficar escondida, vou para algum lugar e assumir uma nova identidade. Você e Rex podem se encontrar comigo logo depois. Certo? Vocês podem dar um jeito de encobrir isso, não podem?

– Sim, nós podemos – confirmo.

– Então, podemos viajar o mundo, assim como planejávamos que faríamos. Finalmente nós vamos seguir em frente.

– Eu sei – digo, meu peito arquejando com a compreensão do que eu tenho que fazer. Mia não está morta. Mas, enquanto Jude estiver viva, ela nunca estará segura.

– Sei que as coisas parecem uma merda agora, mas tudo vai voltar ao normal. Prometo – diz Jude, segurando o meu rosto com as mãos.

– Você pode pegar a arma? Temos que nos livrar disso – alerto. – É a arma do crime.

– Claro, é por isso que não a deixei na cena – ela diz com orgulho, estendendo o braço para pegá-la. Ela a apanha e, assim que se vira para mim, seguro forte seu minúsculo corpo com um abraço.

Ela se enrijece a princípio pela pressão do abraço, mas então relaxa.

– Eu te amo – sussurro no ouvido dela.

– Eu também te amo, Tax. Faria qualquer coisa por você.

– Me perdoe, Jude.

Deslizo a mão para baixo, para aquela com que Jude segura a arma e agarro firme.

– Ai, Tax… o que você está fazendo? – ela questiona. Tenta se debater, mas sua resistência quase não me afeta. – Tax, o que você está fazendo? – Seus grandes olhos castanhos arregalam-se de medo.

Eu me inclino e sussurro em seu ouvido.

– Ela estava grávida. Você matou o meu bebê, mas não matou Mia. Eu disse que, se você a tocasse, eu iria matá-la. – Eu te adverti, caralho.

– Tax! – ela grita enquanto a empurro contra a mesa, segurando-a com o peso do meu corpo. Viro a arma para cima, debaixo do queixo dela. – Tax! – ela grita, com os olhos arregalados. – Oh, Deus. Um bebê? Eu não sabia… Se eu soubesse, nunca teria feito isso!

– Eu sei. Porque tudo gira em torno das suas necessidades.

Seus olhos se enchem de lágrimas.

– Por favor, eu te amo, Sil. Não deixe que ela faça isso… Eu não sabia. Eu teria amado essa criança…

– Jamais teria deixado você tocar no meu filho.

E então puxo o gatilho. Um grito gutural escapa do meu corpo enquanto o crânio da minha irmã explode no teto e na parede atrás dela. Deixo o seu corpo sem vida cair para trás e desabo no chão, encharcado do sangue das duas únicas mulheres que já amei.

Jude matou o meu filho. Ela quase matou a única outra mulher com a qual já me importei. Jude deixou de se preocupar com o certo e o errado muito tempo atrás. Enquanto Jude existisse, ela continuaria me arrastando de volta para aquela noite, indefinidamente. Jude estava em casa.

Eu fico ali sentado num silêncio atordoado, oprimido pelo enorme volume da perda. Quando me recomponho um pouco, aperto a mãozinha frouxa de Jude e lamento. Seguro-a até que fique fria.

Minha colega de útero, minha pequena irmãzinha, agora não passa de mais um cadáver no meu rastro.

Mas Jude está morta há anos, e nunca mais ficaria inteira. Eu não tive escolha. Ainda que nunca conhecesse o meu filho, tive que vingar a sua morte.

Agora estou livre. Mia está viva. Mas fiz uma promessa de que, se vivesse, eu não voltaria de maneira egoísta.

Destruí Mia.

Matei seu pai. Eu a atormentei. Coloquei-a no caminho de Jude. Sem o seu consentimento, dei-lhe um filho pelo qual ela terá de ficar de luto pelo resto dos seus dias.

Sempre seremos um lembrete da dor um do outro. Olhar para Mia sempre me recordará do fato de que matei a minha irmã. Mas Mia nunca pôde opinar sobre isso. Toda a dor que causei a Mia foi intencional.

Nunca me importei com fazer o que era certo, só queria o que era justo. É a porra do olho por olho.

Eu sabia que iria machucá-la, e eu continuava voltando para ela, porque sou egoísta. Ao menos uma vez, quero fazer o que é certo para Mia.

Comigo ela nunca terá a vida que merece. Ela sempre terá que mascarar a agonia à qual a submeti. As pessoas não esquecem a dor.

De todas as pessoas, eu mais do que ninguém deveria saber disso.



Mia

A primeira coisa que percebo é a dificuldade de engolir. Quando abro a boca para falar, nada sai. Minha visão turva foca-se na coleção de tubos que pairam à minha volta. Eu me torno extremamente consciente do bipe sonoro ao meu lado. *Meu bebê.* Eu quero perguntar sobre o meu bebê, mas estou presa. Tateio os tubos, agarrando-os, tentando arrancá-los de mim.

– Mia, acalme-se, meu amor, você está no hospital. Não puxe nada – Tiff diz, pegando na minha mão. Tento respirar, mas os tubos fazem com que me sinta como se não tivesse controle de meu próprio corpo. Meus olhos disparam pelo quarto à procura de Tax. As lembranças chegam para mim como ondas violentas, cada uma ameaçando me arrastar novamente: Jude me contando o que Tax fez. A discussão. O teste de gravidez. Jude aparecendo na minha casa e, depois de dizer apenas algumas palavras, rapidamente apontando uma arma para a minha barriga e disparando, deixando-me morrer lentamente enquanto eu implorava por ajuda.

Pensei em todas as coisas que eu nunca chegaria a dizer a Tax. Achei que morreria tendo apenas dito que eu tinha desistido dele, que tudo o que ele fez foi me machucar. Eu me senti ficando cada vez mais fraca, flutuando para um lugar sereno. E então ele estava lá. Meu cavaleiro das trevas.

E eu sabia que, se morresse, pelo menos pude contar a ele sobre a criança que concebemos, e que eu sentia muito. Mas o que obtive foi muito mais. Ele me disse coisas que eu nunca tive certeza de que ele sentia. Ele derramou suas palavras e emoções para mim. Doeu ver a sua dor, mas também me senti confortada por suas palavras. Eu sabia que, se morresse, pelo menos conseguira encontrar o que eu estava procurando, e pelo menos Tax sabia como era encontrar isso também. Pelo menos isso eu havia realizado.

Médicos e enfermeiras entram no meu quarto. Checando os sinais vitais, brilhando luzes nos meus olhos. Continuo tentando fazer perguntas, mas minha voz está obstruída.

– Mia, não tente falar. Você está entubada. Vamos retirar o tubo, e você vai se sentir desconfortável.

Eles puxam o longo tubo para fora da minha boca, uma forte sensação de sufocamento que me faz engasgar. E então estou livre. Tusso, tocando minha garganta, gesticulando em busca de água.

Uma enfermeira me entrega um pouco. Minha garganta quase parece desconhecida, enquanto tento ativar a minha voz.

– Bebê… – é tudo o que consigo dizer.

A enfermeira e o médico se entreolham desconfortavelmente.

– Senhora, preciso falar com ela em particular – ele se dirige a Tiff, que parece estar em um novo estado de choque.

– Não – intervenho.

– Está bem – o médico suspira. – Senhora Tibbett, você foi baleada duas vezes na região pélvica. Sua artéria uterina foi atingida de raspão, a força de uma das balas fraturou o seu ílio, um osso da sua região pélvica. A outra atingiu

diretamente um ovário. Conseguimos remover a bala e estancar o sangramento. Você perdeu muito sangue, tivemos que fazer uma transfusão de cinco bolsas de sangue. Acreditamos que o seu ílio vai se curar bem, devido à sua condição física e idade. Agora, com relação à artéria, não tinha como um feto conseguir resistir a esse tipo de trauma. Tivemos de operá-la rápido para salvar a sua vida. E sinto muito em lhe dizer que é altamente improvável que, com o trauma no seu útero e com a perda completa de um ovário, você seja capaz de conceber. Não vou dizer impossível, mas será difícil. Nós podemos encaminhá-la para um especialista em reprodução. Eles podem lhe dar uma ideia melhor das suas chances. Pode haver alternativas.

Desvio o olhar para Tiff, que aperta minha mão enquanto seus olhos se enchem de lágrimas. Duvido que ela sequer soubesse que eu estava grávida.

Luto para manter a cabeça no lugar, mas ver os olhos verdes de Tiff é como olhar para um espelho d'água refletindo a minha própria tristeza. As lágrimas escorrem pela lateral do meu rosto. Não me dou ao trabalho de enxugá-las, eu as deixo correrem, molhando o travesseiro logo ao lado das minhas orelhas.

– Onde está Tax? – pergunto a Tiff.

– Não sei – diz ela. Uma carranca de raiva surge. Sei que ela o culpa por tudo. – Rex ligou algumas vezes para saber como você estava, mas ele não responde a nenhuma das minhas perguntas. Não sei onde eles estão.

– Eles me salvaram – conto a ela.

Ela une os lábios, mordendo-os, mantendo a boca fechada desta vez, quando sei que tudo o que ela quer fazer é gritar. Ela olha para cima, uma lágrima e então outra escorregam por sua bochecha enquanto ela balança a cabeça. Ela tenta mover os lábios para dizer alguma coisa, mas eles tremem e ela para.

– O meu celular está aqui? Vou ligar pra ele.

– Acho que a polícia está com ele. Eles foram à sua casa.

– Ligue para Rex. Eu quero falar com Tax.

– Você acabou de acordar, querida.

– Só faça isso, por favor.

Ela hesitantemente pega o seu telefone, faz a ligação e coloca o telefone na orelha.

– Ela está acordada. Ela quer falar com Tax… Não, porra, você fala pra ela… Não vou fazer isso.

Ela sacode o telefone na minha direção. Eu o seguro contra a minha orelha.

– Alô?

– E aí, Mia. Como está se sentindo?

– Cadê o Tax? – pergunto.

– Posso te visitar?

Meu peito começa a ribombar enquanto luto contra as lágrimas. Eu preciso de Tax. Mas sei o que Rex não consegue se forçar a me contar.

– Eu tenho que te levar algumas coisas. Você já conversou com a polícia?

– Não.

– Não há nada que eles possam fazer. Tax deu um jeito. Eu preciso te levar uma coisa, mas até que você me isente de qualquer suspeita, eu não devo vê-la. Tanto Tax quanto eu somos suspeitos.

– Ele “deu um jeito”?

– Não há mais nada a fazer, Mia – diz Rex. Sua voz está rouca de emoção. – Apenas diga a eles que Jude fez isso. Todo o restante já foi arranjado.

– Eu quero ver Tax.

– Falaremos sobre isso quando eu te vir. Sinto muito por tudo isso. Você não merecia isso. – Então, silêncio.

Aperto o telefone contra o meu peito e choro.

Capítulo 46

Mia

– Senhora Tibbett. Sou o detetive Schuler e este é o detetive Bishop. Sei que é um momento muito difícil para a senhora, mas temos algumas perguntas sobre o que lhe aconteceu.

Conheço Tax, e eles já estão muito atrasados. Ele só confia em si mesmo para cuidar das coisas. Não sei o que isso significa no caso de Jude, mas vou deixar Tax fazer justiça ao seu modo. A verdade é que estou muito inconsolável para falar. Só quero ficar sozinha aqui em silêncio. Ficar o mais imóvel possível. Talvez, se eu fizer isso, a dor desaparecerá.

– Pergunte – digo, engolindo as lágrimas.

– Você pode nos dizer o que aconteceu na tarde do ataque?

– Saí do banheiro e vi a irmã do meu namorado esperando por mim. Ela disse que entrou por uma porta destrancada. Ela não gostava do meu relacionamento com o irmão.

– Seu namorado?

– Sim, Tax Draconi.

– E o nome de seu amigo?

– Rex. Não me lembro do sobrenome dele. Sempre o conheci apenas como Rex.

– Você poderia identificar esses homens? – ele me mostra fotos de Tax e Rex da vigilância hospitalar.

– São Tax e Rex.

– E você e Tax? As coisas estavam bem entre vocês?

– Sim. Ele salvou a minha vida. Sua irmã tinha problemas com o nosso relacionamento. Tax e eu estávamos bem.

– Você poderia nos explicar melhor?

– Eles eram gêmeos. Ela achava que eu estava me interpondo entre os dois, creio eu.

– Você falou com o seu namorado desde o incidente?

– Estou cansada – respondo. – Vocês sabem quem fez isso. Eu não quero falar mais.

Os detetives se entreolham ceticamente e suspiram.

– É importante que você nos diga tudo o que sabe. Estamos à procura de Judith. Ela lhe deu alguma indicação de para onde ela poderia estar indo? Mesmo uma pequena pista?

– Não. Ela só me disse que queria que eu desaparecesse. Ela não falou muito antes de atirar em mim. Ela só disse que achava que eu não merecia o irmão e, então, disparou tão rapidamente que eu nem tive tempo de gritar.

– E o seu namorado? Você acha que ele pode saber?

– Ele não a protegeria por fazer isso. Eu estava grávida de seu filho, mas estou certa de que vocês já sabem. Nós éramos felizes. Por que vocês não perguntam a ele? Agora, eu quero ficar sozinha.

– Senhora, é importante.

– Quero ficar sozinha – digo com firmeza.

– Estamos confiantes de que Judith será encontrada. Seu namorado é um homem muito poderoso – diz Bishop, indo em direção à porta. – Ele tem excelentes advogados. Ele está inflexível em nos ajudar a encontrá-la.

Eles podem sentir que estou escondendo algo. Eles não fazem a menor ideia da extensão disso tudo.

Poucos minutos depois que eles saem, Tiff retorna. Eu uso seu celular para ligar para Rex.

– Eu disse a eles que Jude fez isso, e que você e Tax me salvaram. Não vou falar com eles novamente. Vocês estão fora de suspeita. Não há como eles quererem ir atrás de vocês quando eu estou jurando a inocência dos dois. Agora me diga o que você tem para dizer.

– Estarei aí em breve.



Logo completam-se cinco dias desde o meu telefonema. Depois do meu primeiro dia de fisioterapia, eu me sento na minha cadeira de rodas, olhando por uma janela, me perguntando quando vou ver Tax. Eu fiz Tiff ir para casa e tomar um banho. Ela esteve aqui o tempo todo e precisa descansar.

– Mia – Rex chama com suavidade.

Eu me viro para encarar Rex. Normalmente sem preocupações e animado, agora parece triste. Ele também experimentou uma tremenda perda.

Vê-lo faz as emoções que eu vinha reprimindo a semana inteira rugirem de volta à superfície. Eu não tinha chorado desde o dia em que acordei. Eu me

dissolvi em um estado de entorpecimento. A dor era demasiada. Falta de Tax, perder o bebê, às vezes eu pensava que deixaria de respirar esmagada por tamanha tristeza. Se me desligasse de tudo, então talvez conseguisse sobreviver.

Mas Rex é minha única conexão com Tax, e vê-lo me lembra o quanto sinto falta dele. O quanto preciso dele.

– Ele não está com você? – pergunto.

Rex olha para baixo, suas mãos enfiadas nos bolsos.

– Não.

– Onde ele está?

– Eu não sei. Ele queria que eu desse isso a você.

– Ele puxa um envelope grosso de papel manilha escondido debaixo do braço. Retiro o seu conteúdo. No topo há uma carta de Tax escrita à mão.

Anos atrás, escrevi-lhe uma carta que você nunca chegou a ler. E, por muito tempo, pensei que você a tivesse lido e usado contra mim. Mas agora eu percebo que você nunca conheceu as palavras que mudaram o curso de nossas vidas. Eu acho que devo isso a você. Ainda me lembro da maior parte do que escrevi então, e tudo ainda soa verdadeiro.

Mia,

Tenho que admitir que escrever isso é uma das coisas mais assustadoras que já fiz, mas acho que dizer quão incrível eu acho que você é vale a pena.

Eu me sentei no fundo da sala de aula durante todo o ano imaginando se um cara como eu poderia ter uma chance com uma garota como você. Ainda não sei se tenho. Mas eu quero lhe dizer que ser seu amigo foi uma das melhores coisas que já aconteceram comigo. Você me faz sentir como se eu não fosse uma aberração. Você faz com que eu não me sinta deslocado.

Acho você uma pessoa incrível e que você merece o melhor. Sei que você pensa em mim como um amigo, mas vejo você como algo além. Talvez não seja eu, mas acho que merece alguém que a trate como uma rainha. Pode não ser da minha conta, mas você merece algo melhor do que o Tripp. Você merece o mundo. E, se eu tivesse a sorte de ser esse cara, eu a faria muito feliz. Mas, se não, espero que você encontre isso com alguém um dia.

Atenciosamente,

Sil

Eu estraguei tudo, Mia. Fodi com tudo. Ainda acho que você merece o mundo. Eu queria que eu fosse esse cara. Queria não destruir as coisas que amo. Mas amo você demais para continuar te machucando. E já fiz muita coisa errada para poder consertar as coisas.

Aposto, sentado aqui, que você acha que viu o poço imundo da minha alma, mas ainda há coisas que você não conhece. Sua gravidez foi obra minha. Eu me esgueirei na sua casa e substituí suas pílulas anticoncepcionais. Fiz isso porque pensei que carregar um filho meu iria apaziguar a raiva de Jude e mantê-la a salvo, mas não importa a razão. Mesmo quando eu tento ser bom, sou mau. Mesmo quando tento fazer bem a você, eu a machuco. Queria tudo, e agora você viverá com a dor de perder um filho, e quase morreu porque eu quebro as coisas. Eu quebro as pessoas. Mesmo quando tento criar, eu destruo.

Você estava certa sobre mim. Não posso ser salvo. Estou fodido. E não é justo pedir a você que passe por cima de todas as coisas que fiz. Mia, você é a coisa mais próxima de um anjo, mas não posso pedir que me perdoe. Não sou digno.

Você encontrará alguém que seja bom. Ainda quero partir a cara desse alguém, mas ele nunca vai machucá-la como eu.

Nunca encontrarei alguém tão bom quanto você.

Nunca amarei alguém como eu te amo. Nunca. Não há ninguém como você, Mia. Ninguém.

Mas não tenho certeza de que o que temos é para durar para sempre. É muito intenso. Essa é a razão pela qual as pessoas escrevem sobre isso, para capturar algo tão selvagem e fugaz. O que nós temos nos deixa loucos. Isso nos faz fazer coisas que nunca faríamos de outra forma. Posso viver com o fato de eu ser um monstro, mas não quero transformar você em um.

Nunca poderei compensar a dor que lhe causei. E vou chorar nosso filho até o dia em que eu morrer. Para mim, chega. Só você seria a mãe de um filho meu. Você teria sido uma mãe maravilhosa para o nosso bebê. Você seria a mãe que eu desejava enquanto me escondia do meu pai embriagado embaixo da mesa.

Eu tirei muito de você.

Mas estou lhe dando o que posso: uma nova vida e seu outro bebê.

Você é a melhor, querida.

Tax

Folheio as pilhas de papéis por baixo da carta, usando meus antebraços para limpar as lágrimas de meus olhos. É difícil ver o texto enquanto eu ofego. Ele não pode me deixar. Ele é tudo o que tenho. Ele continua dizendo que vou encontrar outra pessoa, mas não há mais ninguém. É ele.

Dou uma olhada nos documentos: minha casa foi totalmente quitada, a escritura de seu apartamento transferida para o meu nome, um documento declarando-me a nova proprietária da Alea pela soma de um dólar, uma nova conta bancária em meu nome. Eu desmancho a pilha de papéis e os atiro ao chão, soluçando o seu nome. De alguma forma, Tax pensa que seu valor na minha vida pode ser substituído por dólares. Mas ele não entende que o perdoei no segundo que essa bala atravessou o meu ventre. Represar o ódio foi o que nos levou a essa confusão. Nós estávamos apenas começando a corrigi-la. Ele não pode desistir de nós agora.

– Onde ele está? – grito para Rex, que me observa do canto do quarto. – Diga-lhe que eu o amo. Diga a ele que não me importo. Ele não está melhorando as coisas. Podemos começar de novo – eu choro.

Rex nem consegue olhar para mim.

– Sinto muito, Mia – ele diz, lutando para manter sua compostura. – Eu sinto muito.

– E quanto a você? Nunca mais voltarei a ver você?

Rex sorri um pouco.

– Você sabe que Tax sempre estará de olho em você. Sou os olhos dele.

– Não acho que tenho condições de seguir em frente… – digo, abraçando a carta, o último pedaço de Tax que me restou. – Sei que você sabe onde ele está. Apenas me diga… – imploro.

– Mia, não posso. Ele se foi. Eu me comunico com ele por meio de advogados. – Suas bochechas estão vermelhas por ele segurar as lágrimas. – Eu também vou sentir falta dele…

Rex se aproxima e senta-se na cama ao meu lado.

– Ele nunca vai se perdoar pelo que aconteceu com você. Nunca o vi como ele estava quando a trouxemos para o hospital. Ele está fazendo isso por você.

– Ele está fazendo isso por ele – eu soluço. – Eu o perdoo. Isso é tudo que deveria importar.

– Mia, ele tomou sua decisão.

– E quanto a mim? – Sinto que vou morrer. Não posso aguentar mais devastação. – Não posso continuar. Eu estou sozinha.

– Eu também – diz ele.

– O que aconteceu com Jude? – pergunto.

– Não posso… – Os lábios de Rex tremem enquanto ele força as palavras. – Obrigado por falar com a polícia. Eles viram as mensagens de Tax no seu celular, tentando protegê-la. Combinadas com o seu depoimento, parece que, por enquanto, de qualquer forma, eles acreditaram no que aconteceu. Durante algum tempo, eles estavam pressionando por algum tipo de conexão. Como se nós tivéssemos pressionado Jude a fazer o que fez ou algo assim.

– Eu apenas lhes disse a verdade. Obrigada por salvar a minha vida.

– Queria ter antecipado que isso poderia acontecer.

Encolho os ombros. Já aprendi que desejar que as coisas fossem diferentes é a maior forma de tortura.

– Então, somos você e eu? Os Draconi simplesmente entram e saem de nossas vidas. E nós somos deixados pra trás, em ruínas.

Rex acena com a cabeça, olhando para o chão.

– Nunca aceitarei isso. Não vou viver neste purgatório.

– Eu sei – diz Rex. – Tenho que ir. Mas, se você precisar de alguma coisa, é só me ligar. Prometi a Tax que cuidaria de você.

Mal consigo acenar com a cabeça. Todo esse tempo, tentei fazer com que Tax se abrisse, torná-lo o homem que eu sabia que ele poderia se tornar. Ele melhorou em tudo que eu já sabia que ele poderia melhorar.

E, agora, a cruel ironia é que não posso ficar com ele.

Epílogo

Mia

TUDO PARECE NORMAL DO LADO DE FORA. É como se eu sempre operasse com perdas. Não permita que as pessoas vejam a dor. Não incomode os outros com a sua tristeza.

Quando minha mãe faleceu, voltei para a escola uma semana depois, toda sorrisos. Ninguém viu como chorei para dormir durante três meses.

Quando meu pai morreu, o serviço fúnebre ocorreu em um fim de semana, e eu estava de volta ao trabalho na segunda-feira, enterrando-me no trabalho e na companhia dos outros, para que não tivesse de pensar na perda.

E este ano, assim que consegui ficar de pé, e indo contra os conselhos do meu médico, voltei para a Alea. Meu outro bebê. Trabalhei até tão tarde todos os dias que as pessoas juravam que eu nunca saía do escritório. Não podia parar. Se o fizesse, achava que mergulharia no vazio.

Não voltei a falar com Rex desde que ele me entregou o envelope no hospital. Estou certa de que ele me monitora, mas não olho em volta procurando por ele. Ele é um lembrete de Tax, e não posso suportar isso. Lembrar dói.

Se não fosse por Tiff, não sei como eu teria conseguido me aguentar. Ela não sabe que Tax matou o meu pai, nem que ele tinha planos de me matar. Não quero lhe contar e depois fazê-la guardar tamanho segredo. Isso é um fardo pesado demais para pedir que alguém carregue, ainda mais quando ela já fez tanto por mim.

Praticamente estou curada no quesito físico. Posso correr de novo. E estou consultando um especialista para ver se há alguma esperança de eu ter filhos. Mas não importa, porque Tax não está aqui. Isso era para ter sido uma coisa nossa.

Eu tentei. Deus sabe o quanto tentei. Saí com alguns caras, só para sabotar os encontros e voltar para o apartamento de Tax e soluçar.

Todas as manhãs, olho para a cicatriz da cirurgia na minha pelve e lembro-me do vazio. A desolação.

Depois que Tax me deixou, passei por todos os estágios do sofrimento. Fiquei brava por um tempo. Às vezes, ficava tão irritada que ia para o apartamento dele

e socava os seus travesseiros, ou atirava os seus livros pela sala. Essas coisas eram tudo o que me restara dele. Não tive o privilégio de um confronto cara a cara.

Às vezes, depois desses meus ataques de raiva, depois que os livros, travesseiros e almofadas do sofá estavam espalhadas por todos os cantos, eu desabava e agarrava a coisa mais próxima e a abraçava. Eu a apertava bem forte e fechava os olhos, fazendo de conta que, de alguma forma, aquela extensão dele significava a proximidade de sua presença. As lágrimas afloravam por meio das minhas pálpebras apertadas, e eu as deixava cair sobre o objeto em minhas mãos. Uma parte de mim juntando-se a uma parte dele uma vez mais. Estava cercada de vestígios de Tax: seus móveis, seus livros, seus lençóis, suas obras de arte, e ainda assim não conseguia tocá-lo. Sem Tax, a cobertura que ele me doara estava vazia. Ele me deixara. Ele me deixara pra valer.

Mas ele o fez por uma razão e é justo, por essa razão, que eu o ame para sempre. É a razão pela qual realmente posso perdoá-lo.

Pouco depois que Rex me entregou o envelope de Tax, os policiais encontraram Jude. Ela voltou para Clint e cometeu suicídio. Sei que ela não fez isso. Pude ver pela dor nos olhos de Rex quando ele foi me visitar no hospital que ele sabia que ela já estava morta. Sei o que Tax fez por mim. E sei que esse é outro motivo pelo qual ele não vai querer me ver. Ele amava a irmã. Ver-me sempre será uma lembrança do que ele teve de fazer. A história de Jude também é uma tragédia. Lembro-me da garota franzina de cabelos escuros que seguia o irmão e o fitava com admiração. Tanta coisa foi tirada dela, incluindo sua alma. Gostaria que Tax não a tivesse matado. Nunca pediria a ele que fizesse algo tão doloroso por mim ou pelo nosso bebê. Entretanto, Tax é assim. Ele é um bom homem, mas ainda é mau.

Ele é claridade e escuridão, perdão e vingança, beleza e feiura. Ele é tudo isso. Meu belo selvagem. E até mesmo os selvagens protegem seus filhos.

Hoje, decidi ligar para Rex e pedir-lhe um favor. Apenas um. Porque não posso continuar a viver esta mentira. Indo para o trabalho, tendo todo esse dinheiro, as casas, quando o que faço é morrer por dentro um pouco mais todos os dias.

Não há ninguém como Tax. E posso sair com outros caras todos os dias, vasculhar o mundo em busca de outro homem. Mas eles não chegarão nem aos pés dele. Tentei honrar seus desejos e seguir em frente. Mas ele está errado. Ele está tão malditamente errado.

Nós desafiamos o destino, que se intrometeu há muito tempo e fez tudo ao seu

alcance para nos separar. Como dois cometas em rota de colisão, nossa trajetória não poderia ser interrompida. Continuamos a buscar uma forma de nos encontrarmos.

Toda escolha, todo beijo, todo impulso sutil foi destinado ao nosso inevitável impacto. O destino pensou que estava nos separando, quando o tempo todo estava estabelecendo o caminho para um acidente espetacular. Uma erupção, uma nova, um big bang, uma constelação. É o que somos. Nós somos a beleza criada a partir da catástrofe. Nós somos uma luz brilhante, forjada de uma coleção impossível de coincidências.

Não permitirei que toda essa morte e destruição sejam por nada. Não vou deixar que sejamos uma catástrofe sem sentido. Seremos o redemoinho de estrelas que nascem do desastre.

Minha campainha toca.

– Tão bom ver você – diz Rex, me dando um grande abraço. Seu cabelo não está mais tingido de preto, e sim com o seu louro avermelhado natural, com uma barba leve da mesma cor.

– Tenho certeza de que você me viu mais do que eu vi você – digo com um sorriso.

Rex me dá uma piscadela.

– Você parece muito bem, Mia.

– Obrigada, você também. Adorei o seu cabelo – assim que digo isso, me ocorre que ele tingia os cabelos para ficar mais parecido com os Draconi. Agora Rex assumiu sua própria personalidade.

– Obrigado – ele sorri. – Então, o que há? – ele pergunta.

– Preciso que você faça algo por mim.

– Qualquer coisa.

– Dê isso a Tax – falo, entregando-lhe um envelope.

Ele olha para baixo e suspira.

– Mia…

– Apenas faça isso por mim. Por favor. Segure as pontas. Não estou pedindo para vê-lo. Apenas entregue isso a ele.

– Ok. – Ele acena com a cabeça. Ele se dirige para a porta e então se vira.

– Mia, ele nunca se esqueceu de você. Eu sei que parece que ele seguiu em frente. Mas você é tudo com que ele se importa.

– Eu sei.



Tax

Ray LaMontagne – “Empty”

Rex me visita aqui em Miami uma vez por mês. Nós tentamos conversar como se nada houvesse mudado, mas nada é como antes. Ele e eu somos tudo o que nos restou e, no entanto, nós mal estamos segurando as pontas. Eu tento viver como fazia antes de Mia chegar, naquele estado de dormência confortável, mas Mia me abriu em dois. Não consigo me desligar.

Rex e eu não falamos sobre o que aconteceu com Jude. Ele sabia que tinha que ser feito. E eu nem conseguiria colocar em palavras o que houve naquela noite.

Tudo o que peço é que, uma vez por mês, ele me diga pessoalmente se Mia está bem. Apenas uma ou duas frases sobre como ela vai. É tudo o que consigo ouvir sobre ela.

Qualquer coisa mais, e minha força de vontade pode romper.

Então, esta manhã, quando ele aparece na minha casa com uma carta dela na mão, não fico feliz.

– O que é isso?

– Irmão, ela não aceitaria um não como resposta.

Eu quase rio comigo mesmo, me sentindo nostálgico. Sei exatamente o que ele quer dizer. Mia é persistente pra caralho. Tão rápido quanto, eu me obrigo a parar de me lembrar dela: esqueço o seu beicinho quando eu lhe dizia não, sua risada, o gosto de suas lágrimas nos meus lábios, a sensação de sua pele na ponta dos meus dedos.

É assim que sobrevivo.

Eu sobrevivo, tentando esquecer: o estremecimento de remorso na voz da minha irmã quando ela percebeu que havia matado sua sobrinha ou sobrinho. O sangue. O sangue de Mia escorrendo pelo dreno. Não importa quantas vezes eu esfregue, eu o acharia escondido em algum lugar. A maldição dos Draconi: tanto Jude quanto eu nunca teremos filhos. Porque Mia era a única com quem eu poderia imaginar tê-los.

Mas eu não consigo esquecer.

Meus sonhos estão fora do meu controle. E Mia me visita neles. Eu sinto o seu sutil perfume floral, sinto as curvas de seu corpo contra o meu, o sopro de seus gemidos na minha orelha.

Muitas vezes peguei o telefone e olhei para ele, sendo que bastaria apertar um

botão para chamá-la. Não sei dizer quantos celulares eu quebrei, atirando-os longe para me deter.

Eu queria não amá-la. Porque seria tão fácil voltar para ela. Mas eu não posso encará-la sabendo o que fiz. Vê-la sempre me lembrará do que fiz com ela. Ela está seguindo em frente. Rex me disse que ela vai a Alea todos os dias, que a empresa está crescendo com incrível velocidade. Ela não está com ninguém, mas sei que pelo menos tentou. E sei que ainda sou um idiota egoísta, porque a ideia de ela ir jantar com outra pessoa me faz querer quebrar tudo. Ou melhor, a mandíbula da porra do cara.

Enfim, ela finalmente floresce sem mim. Ela está superando-me como eu sabia que faria. Eu era uma nuvem escura e não a deixava enxergar qualquer outra possibilidade para si mesma. Ao cair fora, dei-lhe espaço para ver além de mim e um futuro sem sofrimento. Porque partes de mim mudaram, mas outras nunca vão mudar.

Sempre serei o homem que a faz implorar, que inflige dor para dar prazer. Sou pirado e devasso. Não acho que Mia deva receber mais isso, sabendo que a primeira vez que fodemos não foi a representação de uma fantasia. Foi real para mim. Eu ia matá-la.

Mas, então, chega esta carta. Está olhando para mim. Eu poderia jogá-la fora. Mas um pedaço de Mia está lá. O certo é destruí-la. Não deixá-la entrar na minha cabeça. É por isso que tive que ir embora como fiz. Se eu a visse, ela teria me puxado de volta. A única maneira de deixar Mia é cortando de vez

Mas abrir esta carta pode ser como ter um pedaço dela, mesmo que por escrito. Talvez seja ela dizendo adeus, ou que decidiu seguir em frente, ou me dizendo que vá para o inferno. Então, eu poderei ter paz de espírito.

Resmungo enquanto pego o abridor de cartas, rasgando o envelope de cor creme e indo para a varanda para ler a carta.

Prezado Tax,

Não sei por que escolhi o dia de hoje para escrever esta carta. Faz 330 dias desde a última vez que vi você. Eu poderia ter, pelo menos, esperado para completar um ano inteiro. Mas já esperei muito.

Eu vivi uma vida encantada salpicada com alguns dias terríveis: o dia em que a minha mãe morreu, o dia em que fui baleada. Inferno, o dia em que eu o enfrentei pela primeira vez na sala de conferências. Então, houve o dia em que descobrimos que tínhamos perdido o nosso bebê.

Mas, sem dúvida, o pior dia da minha vida foi o dia em que eu li a carta que dizia que você não voltaria mais para mim. Porque foi quando perdi toda esperança. Toda essa dor e tragédia tinham que ser por alguma coisa. Mas então tudo acabou. É como se um tornado tivesse atravessado a minha vida, virando tudo de pernas para o ar, e depois eu fosse largada sozinha no silêncio. Todas as manhãs, eu acordava e tentava juntar os pedaços do meu eu despedaçado. Você deveria me arrebatar junto com você, mas você me deixou para trás.

Aposto que Rex o mantém informado e diz que tudo está bem. Tenho certeza de que sim. Eu me tornei mestra na arte de me esconder à vista de todos.

Mas Rex não sabe sobre as noites em que eu me deito na sua cama agarrada com uma camiseta sua e choro até dormir. Ele não sabe como eu corro o dedo sobre a cicatriz que o tiro me deixou e desejo que você estivesse aqui para ajudar a fazer a indescritível dor desaparecer. Ele não sabe como sonho com você vindo para a cama e me envolvendo em seus braços, eu virando-me para ver a sua tatuagem e sabendo que estou segura ao seu lado. Só que, quando eu estendo os braços para tocá-lo, você desaparece.

Às vezes, vou para casa e deixo as luzes apagadas, esperando que você saia das sombras como costumava fazer. Meu cavaleiro das trevas. Meu anjo da escuridão.

As coisas não ficaram mais fáceis, Tax. Nunca ficarão. Você disse que não me deixaria. Mas aqui estou eu, sozinha.

Eu nunca tive a chance de lhe dizer que, depois de você ir embora quando eu lhe disse todas aquelas coisas, eu fiz o teste de gravidez e descobri que tinha um pedacinho seu dentro de mim. Eu estava indo ligar para você para lhe dizer que queria fazer as coisas funcionarem. Que poderia te perdoar, porque o meu pai fez uma escolha terrível e má. Mas nunca consegui dizer essas coisas. Claro, nos despedimos no carro a caminho do hospital, mas eu quis você de volta antes mesmo de pensar que minha vida estava chegando ao fim.

Então, todos os dias eu me pergunto se foram aquelas minhas palavras que o fizeram partir e nunca mais voltar. Que, embora eu tenha lhe dito que não as falei a sério, você tenha pensado que eram apenas as últimas palavras de uma mulher moribunda.

Bem, ainda estou aqui, e estou repetindo o que lhe disse no carro.

Ouvi a promessa que você fez. Sobre ir embora se eu sobrevivesse, sobre me deixar ter uma vida normal. Sei que você pensa que é uma espécie de penitência, que você está se castigando pelo mal que fez. Eu sei que você está tentando pagar pelos erros. Mas por que eu tenho que pagar? Viver sem o nosso filho já é

dor suficiente, porque além disso eu também tenho que viver com a dor de ser abandonada pelo homem que eu amo?

Minha vida é uma linha plana, eu passo pelos pontos de controle todos os dias: acorde, corra, tome café da manhã, vá trabalhar até não conseguir manter os olhos abertos, volte para casa. Tome banho. Repita.

Não há cor, nem perfume, nem gosto.

Sinto falta da sua selvageria e da sua ternura. Você entendeu o que eu precisava, e espero ter feito o mesmo por você.

Às vezes, a dor é tão forte que não consigo respirar. Mesmo na Alea, às vezes preciso me trancar num cubículo do banheiro só para me recuperar.

Não choro apenas por nosso bebê todos os dias, também choro por você. Perdi vocês dois muito rapidamente. Nunca consegui dizer as coisas que eu queria dizer. É como se você tivesse morrido junto com o nosso filho.

Nada do passado importa mais, porque eu amo você e nunca vou deixar de te amar.

Você me deixou com dinheiro e bens, como se tais coisas pudessem substituí-lo. Você não pode ser substituído, nunca.

Eu imploro a você, por favor, volte, por favor, me abrace, por favor, me foda, por favor, me ame outra vez.

Posso te perdoar por tudo, mas não posso te perdoar por nunca voltar.

Não há ninguém como você. Ninguém.

Mia

Parte da tinta na página está manchada com as lágrimas dela. Eu nunca deveria ter aberto esta maldita carta. Estou fazendo o que é certo, mas então por que eu me sinto tão mal? Quase um ano inteiro se passou e eu ainda sinto um mal-estar por ter deixado Mia.

Ando de um lado para o outro na varanda e soco a parede de estuque com tanta força que meus dedos gotejam sangue.

Porra, ela tinha que implorar…



Mia

Alicia Keys – “Try Sleeping with a Broken Heart”

Outra semana termina na Alea. O trabalho que costumava me trazer tanta alegria agora é outro lembrete do vazio. As memórias de Tax estão por toda parte. Não posso escapar dele. Ele está impresso em todas as partes da minha vida. Sei que é estranho eu continuar vivendo na casa onde fui baleada, mas também há muitas boas lembranças aqui. Tenho medo de que, se eu me mudar, vá perder algumas delas.

Entro na minha casa, tirando meus sapatos chutando-os, mas deixo a luz apagada como um desejo não proferido.

Hoje foi um dia muito difícil. É o aniversário de um ano em que fui baleada, o dia em que fiquei sabendo que estava grávida e perdi o bebê, e o último dia em que vi Tax.

Usei até a última partícula de força que tinha para manter a cabeça no lugar durante o trabalho, mas na segurança das paredes da minha casa eu me permito desmoronar.

Vou para o meu quarto ainda vestida com as minhas roupas de trabalho, deito na cama e choro. A angústia é tão fresca como no primeiro dia. Em algum ponto na escuridão e em prantos, eu caio no sono.

Na neblina tranquila do sono é onde estou mais viva. É onde eu vejo Tax, e às vezes até o nosso filho.

Tax me envolve com seus braços. Seu calor, a rigidez de seus músculos e seu cheiro me cobrem. Minha tristeza é repelida quando ele preenche o vazio que criou quando partiu. Ele afasta os cabelos do meu rosto, e depois enxuga as minhas lágrimas.

– Sinto muito, querida – ele diz, a suave brisa de seu sussurro acariciando a concha da minha orelha. – Sinto muito.

Essa é a primeira vez que ele fala em um sonho desde que se foi. Eu quase havia me esquecido de como era a voz dele: grave e envolvente.

– Eu sinto tanto a sua falta – digo a ele.

– Estou aqui, Mia.

Ele brinca com a mecha roxa do meu cabelo. Eu a mantive, esperando que um dia ele voltasse e a enrolasse novamente em seus dedos.

– Pensei que estivesse fazendo a coisa certa por você. Mas não sei lhe dizer não. Simplesmente não sei como fazer o que é certo por você. Eu não quero continuar a magoá-la.

– Só fique aqui. É tudo o que você precisa fazer – eu digo.

– Você sempre acaba conseguindo o que quer, não é? – Sinto seu sorriso contra o meu ombro, depois um beijo.

– Por favor, não me deixe novamente. Não consigo aguentar mais. Não consigo continuar sem você – eu imploro.

– Não vou deixá-la – ele assegura, sua voz de barítono cantarolando contra a minha têmpora. – E eu nunca a deixei.

Essa é a parte em que o sonho termina.

Sempre rezo para que não termine, para que, quando eu me virar e alcançar seu rosto para beijá-lo, não acorde em uma cama vazia com apenas o meu choro para preencher o silêncio. Talvez um dia o sonho se torne a minha vida, para que eu possa parar de viver neste pesadelo.

Eu me viro para encarar Tax, o leve brilho do luar e a luz de um poste de iluminação da rua me permitem ver o emaranhado de cobras em seu pescoço. Antes de me aproximar, olho para a barba espetada em seu maxilar quadrado, seus lábios carnudos, seus olhos castanhos e calorosos e seus cabelos espessos farfalhando contra o meu travesseiro. Eu inalo seu cheiro, excitante e reconfortante a um só tempo.

Olho bem fundo em seus olhos cor de cacau, absorvendo sua imagem mais uma vez antes de acordar sozinha, antes de retornar ao meu pesadelo em vigília.

Estendo as mãos para o seu rosto.

Sua barba espetada pinica a minha mão. Seus lábios carnudos pressionam-se contra os meus, úmidos de lágrimas. Sua língua desliza suavemente contra a minha, acendendo as chamas que haviam se apagado desde o dia em que ele partiu. O sabor de seu beijo provoca as minhas papilas gustativas. Sua mão forte escorrega pela minha blusa e aperta o meu quadril enquanto seu polegar resvala delicadamente para cima e para baixo sobre a minha cicatriz.

Abro os olhos.

Ele ainda está aqui.